

SRUBI DE Sangue



da mesma autora de "Os Mistérios de Warthia"

DENISE FLAUBERT



DENISE FLAIBAM

Rubi de Sangue

Copyright © 2015 by Denise Flaibam

Registrado no Escritório de Direitos Autorais
Primeira edição

ILUSTRAÇÃO Mirella Santana
MODELO Miranda Hedman
CAPA Thais Lopes
DIAGRAMAÇÃO Denise Flaibam
REVISÃO Eduarda Henker

*Texto de acordo com as normas do Novo Acordo Ortográfico
da Língua Portuguesa (Decreto Legislativo nº 54, de 1995)*

*Para Eduarda,
pelos puxões de orelha
e por fazer este livro acontecer.*

*“Quando se quer muito alguma coisa, sempre tem um preço a ser pago no
final.”*

(Piratas do Caribe)



AGRADECIMENTOS:

Ahoy mates! A jornada para a publicação deste livro que enfim chegou até vocês foi tão longa e cheia de desafios quanto a que Moira vai enfrentar para chegar até o tesouro esquecido pelos deuses. Na verdade, ousou dizer que foi ainda mais complicada, porque, como diz a nossa querida protagonista, nos livros é tudo mais fácil. A vida real, ela é mais assustadora.

A verdade é que todo o meu empenho em apresentar, divulgar e preparar Rubi de Sangue foi para dar a vocês, futuros marujos do Espírito de Gelo, uma obra apaixonante, verossímil à sua fantasia e com um toque delicado de realidade. Quero que vocês caiam de amores pelos personagens e suas histórias, quero que riam e chorem junto a eles, que embarquem na caça ao tesouro com todo o seu coração, porque foi o que eu fiz. Este livro é tudo o que havia em meu coração, todo o meu amor pela era de ouro da pirataria e pelas histórias que enriquecem nosso passado e a ficção envolvendo os famosos navegantes dos oceanos.

Meu sonho se realizou com todo o amor que vocês dedicaram à história, todo o apoio e paciência para ver Rubi de Sangue chegar às suas mãos. Enfim, depois de tanto tempo, aqui estamos.

Primeiramente, e curiosamente, meus agradecimentos ao saudoso e eterno capitão Jack Sparrow. Muito pequenininha eu me apaixonei por ele, e ainda hoje tenho em meu coração um espaço para o atrapalhado e carismático pirata. Foi graças a Sparrow que eu mergulhei nessa admiração pelos piratas, e, graças a ele, Rubi de Sangue está aqui. Não só a ele, mas também graças ao Capitão Gancho, outro querido e marcante criminoso dos sete mares e da Terra do Nunca. Duas personagens que arrebataram o meu coração e me ajudaram a construir a história que está chegando até vocês.

Agradeço à minha família, mas especialmente meus pais e minha irmã, que são o melhor apoio emocional que uma pessoa já teve. Eu só estou aqui porque vocês acreditaram e continuam acreditando em mim. Obrigada por isso.

Eduarda Henker, a minha querida, persistente e absolutamente crítica leitora beta que fez este livro acontecer. Nós nos conhecemos há muito tempo, na época das fanfics de Piratas do Caribe, e nos reencontramos depois ainda apaixonadas por piratas. Quando contei sobre Rubi de Sangue, que tinha elementos de uma antiga fanfic minha, ela leu doze capítulos numa tacada só e puxou minhas

orelhas até que eu finalizasse o livro. Três meses, foi o que eu demorei a escrever “fim”, tudo graças à sua orientação. Obrigada por entender as personagens desta história melhor do que eu mesma.

Bianca, que leu em seguida, e se apaixonou tanto e queria me matar por algumas situações que aconteciam. Que criou um amor lindo por determinado casal da história; obrigada por sempre estar ali no Chat Eterno quando eu preciso. Você é a melhor fangirl de todos os tempos.

Carol Bizo, outra das primeiras leitoras. Seu suporte é sempre importantíssimo para mim, obrigada por se fazer presente sempre. Marcelo, Jorge, Robson, Mari, seus nomes estão aqui, juntos, porque vocês são absurdamente importantes para mim, cada um a sua maneira. Cada um me entende de um jeito e corresponde de outro, e nem todo ouro do mundo poderia pagar pelo significado da sua amizade.

Aos warthianos que agora se tornam marujos do Espírito de Gelo, obrigada por aceitarem embarcar em mais uma aventura comigo! Que bons ventos soprem a nosso favor. Obrigada aos blogueiros e blogueiras que divulgam tão assiduamente minhas obras! Espero que esta viagem lhes agrade.

Mirella Santana, obrigada pela arte de capa maravilhosa! Nem nos meus sonhos a capa de Rubi tinha ficado tão fiel à história quanto à imagem que você fez. Obrigada por emprestar seu talento a esta obra! E, Thais Lopes, obrigada pela paciência, pela criatividade e pela montagem final.

Deus, querido e paciente, que sempre ilumina a minha cabeça quando eu canso de batê-la no teclado porque nenhuma ideia aparece para que eu escreva. Obrigada por estar sempre por aí.

A todos os novos leitores e leitoras, recebam as minhas boas-vindas à tripulação do capitão Stark. Preparem os seus corações, marujos, e deixem que um rubi de sangue e um mapa encantado os guiem até a maior aventura de suas vidas. Bem-vindos à busca pelo tesouro esquecido pelos deuses.

PRÓLOGO

– Preparar para abordar! – O comando reverberou em meio aos gritos da tripulação e dos estouros dos canhões. O navio cujos dizeres Espírito de Gelo podiam ser vistos em seu casco bateu contra outra embarcação, maior e mais assustadora, de velas escuras e madeira quase negra. A tripulação de lá corria desnorteada pelo convés, buscando se preparar para responder ao ataque repentino.

Em frente ao timão do Espírito de Gelo, o capitão exibia uma expressão satisfeita mesclada ao seu sorriso peculiar e ligeiramente insano. Os olhos faiscavam para cima do navio inimigo, enquanto seus marujos seguiam as ordens. O pirata girou o leme uma vez mais, lançando o aríete[1] do Espírito contra o casco da embarcação perseguida. O baque reverberou por ambos os conveses, lançando piratas despreparados ao chão.

– Tamina! – O capitão gritou. Havia emparelhado o Espírito de Gelo ao Tormenta das Águas, nome do titã que preparavam para atacar. Os canhões do atacante estavam prontos para bombardear.

– Fogo! – A voz feminina veio do convés. O estouro das balas colidindo contra a madeira seguiu-se à sua ordem, e a primeira imediata correu pelas escadas para alcançar seu capitão, encarando-o com desconfiança. – Stark, é melhor a sua loucura resultar em algo bom!

– Confie em mim. – O pirata piscou-lhe um olho. Tamina relaxou a postura o suficiente para expulsar de seu rosto a ansiedade. Os olhos amendoados recaíram sobre os elétricos de seu capitão.

– Quais as ordens?

– Assuma o comando. Prepare os canhões para mais disparos. Eu preciso de tempo. – Ele se distanciou. Tamina segurou seu braço antes que fosse longe demais, e aproximou o corpo do dele.

– Volte inteiro ou farei com que se arrependa. – O ultimato dela trouxe um sorriso ao rosto de Stark.

– Aye[2], *milady*. – Sorriu languidamente e correu escada abaixo.

Seus piratas já haviam saltado da amurada para o convés inimigo, embrenhando-se numa luta descoordenada e caótica contra os tripulantes do

Tormenta das Águas.

Antes de se lançar de encontro ao outro navio, os olhos do capitão recaíram sobre íris assustadas e determinadas de um menino. *Maldição, Tobias*. Pensou o homem. O garoto trazia em mãos uma pistola engatilhada, mas os dedos tremiam segurando a arma.

– Ei, garoto! – ele voltou-se para seu capitão. Ao seu redor, o inferno explodia em tiros e gritos e no tilintar de lâminas afiadas. – Essa batalha não é lugar para você.

– Mas eu quero ajudar.

– Vai ajudar se ficar em segurança. – o pirata piscou um olho e exibiu um sorriso confiante. – Seja corajoso e fique de olho na nossa Tamina, lá em cima, *aye?* Cuide dela por mim. – Dito isso, empurrou o menino na direção do tombadilho, bagunçando seu cabelo no processo.

Não ficou para trás para ver se Tobias cumprira o exigido. Sabia que ele o tinha feito – *é um bom rapaz*, pensou o pirata. A batalha era lugar para adultos, demônios e piratas, que combinavam um pouco das duas definições, não para crianças inocentes.

Era madrugada e a escuridão se fazia muito presente, vez ou outra destronada pelo lampejo que os canhões produziam ao explodir.

Como tais estalos repentinos, o ataque do Espírito de Gelo ao navio inimigo havia ocorrido de maneira inesperada. Prova disso eram os oponentes despreparados e débeis por conta das bebidas e do sono. Homens mergulhados em assombro e choque pela emboscada após zarparem da Ilha Spada. Estavam perturbados pela ousadia que Sebastian Stark demonstrava ao atacar o navio de Blackburn.

Stark disparou com suas pistolas em dois homens que ousaram cruzar seu caminho. Sem perder mais tempo, e aproveitando que sua retaguarda estava sendo defendida por seus marujos, o capitão localizou o alvo de sua procura e correu até lá, escancarando a porta da cabine com a espada em punho.

Lá dentro, deixou-se consumir pela fúria. Seus olhos passearam pelo cômodo escuro, encontrando silhuetas de móveis e artefatos provenientes de pilhagens. Chutou cadeiras e derrubou baús, espalhando o caos pela cabine bem arrumada.

Queria que Blackburn fosse devastado pela ira e pela indignação ao ver seu navio arruinado pelo inimigo. Queria ver seu rival destruído, ainda que destruir um pirata como Blackburn não fosse nada fácil. Sebastian sabia que poderia atingi-lo abalando a sua imponência, e que melhor maneira de fazer isso que senão um ataque surpresa unido a um roubo bastante audacioso?

Sebastian não se demorou muito mais; contornou a mesa, alcançando o casaco gigantesco e amedrontador que construía a figura demoníaca de

Blackburn – no bolso interno, como ele bem previra, estava o mapa. Desgastada, em um pergaminho velho e amassado, estava marcada a trilha para uma das riquezas mais perigosas e desejadas por aqueles conheciam a lenda.

O tesouro esquecido pelos deuses.

Aquele ciclo havia se iniciando anos atrás, quando Blackburn roubara o mapa do próprio Stark. Roubara também uma das razões pela qual Sebastian continuava aquela caça ao tesouro – por causa daquele incidente, o assunto se tornara pessoal.

Sebastian queria alcançar as riquezas antes do maldito demônio. Queria causar em Blackburn o ódio que corroía seu coração. Queria que ele pagasse pelo horror que havia acometido a sua vida. Mas a vingança, quando rápida, não tinha tanta graça, e Stark era paciente...

Roubar o mapa era uma pequena parte dela.

O capitão guardou o pergaminho dentro do próprio casaco e voltou-se para a saída no instante em que uma explosão sacudiu o navio. Deixou a cabine a passos trôpegos, apenas para encontrar um empecilho entre ele e o convés.

Um adversário, mais precisamente.

Os olhos azuis do capitão faiscaram furiosos sobre íris verdejantes bem humoradas. O pirata à sua frente trazia uma espada em cada mão. Ele estava parado sob a sombra do tombadilho, mas parte da luz de um lampião aceso ali perto incidia sobre seu rosto, contornando o sorriso divertido que o enfeitava.

– *Ahoy*[\[3\]](#), Stark.

– James. – O capitão meneou a cabeça com falso respeito. A espada que carregava foi lançada contra as duas do oponente, e o som agudo das lâminas se encontrando ecoou ao seu redor. James manteve as espadas cruzadas, impedindo que Sebastian o alcançasse. – Cuidando do navio? Esperava encontrar seu capitão por aqui.

– Não, não esperava. Você não é idiota, Stark. Não queria encontrar Blackburn. – Com um empurrão, James lançou Sebastian para trás. O pirata cambaleou e correu para longe, recompondo-se enquanto o oponente tentava acertá-lo com uma série de golpes bastante precisos.

Sebastian aparou um ataque, mas não foi capaz de se desviar da sequência dele. Uma das espadas de James acertou o seu ombro com tamanha força e precisão que disparou dor pela extensão do seu braço. Com um grito esgarrado, o capitão do Espírito de Gelo caiu de joelhos e esquivou-se para longe, fugindo de outro golpe.

– Da última vez que nos encontramos, eu quase perdi uma perna por sua culpa, galês maldito! – James esbravejou, mas o rival conseguiu se recompor para bloquear o ataque. James se perdeu pelo ódio cego e acabou ficando

vulnerável frente ao braço ferido do adversário. Ele estava machucado, mas não estava impotente.

Sebastian sacou um punhal do cinto. James notou o movimento e escapou. O capitão aproveitou o desvio dele para atacar com a espada, usando golpes rápidos. A dor em seu ombro era insuportável, mas a adrenalina corria solta por suas veias, bloqueando o domínio da agonia. Já que não podia enfrentar Blackburn, então descontaria sua raiva no contramestre dele.

James aparou os golpes com destreza e os repetiu em seguida, assumindo o papel de atacante, aproveitando a desvantagem de Sebastian. A dança que se seguiu entre lâminas foi fascinante, principalmente pelos olhares determinados e sanguinários que enfeitavam os rostos dos piratas. Ambos estavam atentos e concentrados aos passos do outro, uma dança macabra em direção à morte; um segundo de distração e a luta estaria perdida para um deles.

Stark e James eram velhos conhecidos em duelos. Suas técnicas de combate não eram segredo, por isso se saíam tão bem. A rixa entre eles vinha de tempos atrás.

Um segundo bastou para a guarda de James baixar, algo ínfimo e tolo, e então Stark o lançou contra o chão, colocando a ponta da espada sob seu queixo. James ergueu para ele um olhar raivoso, mas a lâmina espetou sua carne, deixando que uma linha de sangue escorresse por seu pescoço.

– Meus pêsames. – Sebastian zombou, dando uma boa olhada na destruição infringida ao Tormenta das Águas. James cingiu as sobrancelhas com força, mas ficou clara em sua expressão a perturbação que aquela frase causou.

Sebastian o encarou com bom humor, quase zombeteiro. Poderia rir de satisfação ao assistir James se tornando o perdedor mais uma vez, e ria mais ainda ao pensar no que o futuro reservava para aquele pobre coitado – imaginava o que Blackburn faria com ele ao descobrir que James deixara Stark escapar. *Com o mapa.*

– Me surpreende que você ainda tente lutar contra mim, James. Já ficou bastante claro quem, entre nós, é o melhor. – Sebastian comentou, avaliando-o com curiosidade. – Até onde vai a tolice e a coragem de um contramestre? Lutar contra um *capitão*? – O marujo de Blackburn relaxou as feições num sorriso, surpreendendo Sebastian.

– Um capitão sem um navio nem pode se chamar de capitão, companheiro. – James gesticulou para trás. Sebastian amaldiçoou a cena que seus olhos capturaram: o Espírito de Gelo havia recebido duas sequências de tiros do navio inimigo. Tamina, no timão, gritava e tentava instaurar a ordem, mas não haveria um navio a ser comandado se o Tormenta disparasse outra vez.

Não haveria navio para lutar contra o Tormenta das Águas em um futuro

próximo caso Sebastian não abandonasse a luta.

O capitão lançou a James um olhar irado e embainhou sua espada. Chutou o rosto do homem com força suficiente para quebrar-lhe o nariz e sorriu ao ouvi-lo gritar. O sorriso sumiu no momento em que lhe deu as costas.

Com a mandíbula travada, Sebastian deixou a fúria afogar seus pensamentos. Gritou aos marujos restantes que o seguissem e alcançou a amurada, agarrando-se a uma corda para lançar-se ao convés do próprio navio.

O estrago no Tormenta não fora forte o suficiente para abalar Blackburn, Stark sabia disso, mas o fato de ter roubado o mapa de volta serviu para manter seu ânimo. A vingança viria com lentidão, mas seria gratificante.

Sebastian destruiria Blackburn pouco a pouco.

Mandaria a alma daquele maldito homem ao baú de Davy Jones.

Faria com que Blackburn se arrependesse de ter entrado em seu caminho.

x x x

James continuava no chão, ouvindo as maldições disparadas pelos piratas enquanto o Espírito de Gelo zarpava para longe. Massageou o nariz atingido pelo chute, grunhindo pela dor que se espalhou por seu rosto.

Foi quando a tripulação se silenciou.

Ele não precisou se virar para saber quem havia aparecido aos olhos dos marujos. Não precisou encarar seu capitão para saber que ele havia deixado as sombras.

A silhueta *dele* pairou sobre a sua. James ergueu os olhos lentamente, fixando-os no rosto escondido debaixo do chapéu largo, mas sem nada encontrar. As feições do capitão estavam sempre encobertas pela escuridão. Não havia um homem que o houvesse visto e vivido para contar a história.

A tripulação não ousava respirar em sua presença, quanto mais falar ou responder a ele. Eram sempre respeitosos, como um servo a um imperador. Como se Blackburn fosse o próprio demônio.

A voz do capitão era uma rouca representação de terror:

– Bom trabalho, marujo. – Blackburn sussurrou.

James deixou um sorriso ambicioso crescer em seu rosto.

Nem mesmo os deuses poderão te ajudar agora, Sebastian Stark.

CAPÍTULO I

*Cidade Esperança, Ilha dos Portos, Colônia Britânica.
Início do século XVIII.*

A garota estava sentada à beira mar, observando com fascínio a maneira com que as ondas quebravam contra as pedras. O olhar capturava cada movimento do oceano, cada espuma que escorria pelas superfícies rochosas encravadas na paisagem paradisíaca. Abraçada aos próprios joelhos, com a mente vagando longe do mundo real, ela permitia-se lembrar de uma história que lera há pouco tempo. Uma história que levava sua heroína a enfrentar uma sereia, em um dos livros que sua mente devorara com tanta avidez.

Sereias, de acordo com a narrativa, eram criaturas míticas incrivelmente belas e muito perigosas. E mesmo assim, a garota desejava poder encontrar uma.

Deixou a mente criar um universo onde, sentada sobre as pedras, a sereia a observaria com a mesma curiosidade com que a menina a imaginava. Com sua cauda reluzente ao sol e seus longos cabelos sedosos, a sereia cantaria uma linda canção; mortal aos ouvidos masculinos, mas a mais bela das sinfonias para a inocente menina.

A imaginação, contudo, foi estilhaçada.

Ela direcionou os olhos até então vidrados para o relicário que pinicava sobre sua pele. A peça prateada emitia um forte brilho avermelhado, e o rubi cravado nela cintilava. O calor da peça queimou a pele da menina durante ínfimos segundos, mas acabou tão rápido quanto começou. Ela arregalou os olhos pelo acontecimento: *o que era aquilo?*

Tocou a peça, mas a temperatura havia voltado ao normal.

Curiosa, ela levantou-se e desistiu de continuar na praia; talvez fosse uma fantasia criada por sua mente avoada, um sinal de que estava ficando tarde e logo seu pai iria ralhar pela fuga. Deveria estar tendo aulas de etiqueta com a

senhora Lucy León, mas a vontade de correr por aí falou mais alto – precisava, agora, atravessar o pequeno bosque para chegar até a rua calçada do outro lado. Sorrateira como um gato, alcançaria sua casa antes que o pai voltasse da ferraria.

Contudo, um grito a impediu de seguir em frente.

Voltou-se depressa na direção dele e enxergou uma figura correndo em sua direção, as mãos balançando exasperadamente; quando se aproximou, a menina identificou um rapazinho.

Antes que qualquer pergunta formulada em sua mente tomasse forma em seus lábios, ela viu-se empurrada. Tombou ao chão junto ao menino, embrenhando-se num arbusto que havia no pequeno bosque, e arregalou os olhos quando, instantes depois, botas pesadas de diversos pés passaram marchando ao seu lado.

O silêncio reinou após a marcha e as duas crianças ficaram sozinhas.

– Quem é você? – A voz estridente da menina foi suficiente para assustar o rapaz. Ele tinha em torno de dez anos, talvez um pouco menos, e grandes olhos da cor do mar. Pelas roupas que usava, só podia ser nobre; *ou estaria disfarçado, pois na verdade tratava-se do filho de um pirata*, pensou a mente criativa da menina.

- Peço desculpas por meu comportamento inapropriado – Definitivamente nobre, decepcionou-se a pequena. O tom acentuado na voz dele mostrava anos de treinamento em etiqueta, e havia um inegável sotaque inglês em suas palavras. Ela sabia daquilo porque a senhora Lucy falava da mesma maneira.

Demorou a notar que o menino estendia a mão para ajudá-la, e, antes de ficar de pé, recusou a oferta. Ergueu-se com uma expressão rabugenta, franzindo as sobrancelhas para ele.

– Quem é você? – Repetiu a pergunta.

– Me chamo Armand. Armand Aragon – Ele curvou-se respeitosamente em frente à dama, mas ela não respondeu ao cumprimento.

– E por que estava fugindo daqueles homens, senhor Aragon?

– Porque... – ele respirou fundo. – queria passar a minha última semana nessa cidade longe de meu pai. Queria explorar a praia e ver se encontrava algo interessante. Fugi quando vi os soldados me procurando.

– Seu pai tem soldados?

– Ele é o futuro Comodoro. – Não havia qualquer sinal de engrandecimento naquela fala. Armand não estava feliz.

– Então... Você só queria se aventurar? – a rabugice da menina desapareceu quase que imediatamente e Armand ficou surpreso com aquilo. – Queria conhecer a cidade?

– Sim. Longe dos olhos ou da proteção de soldados – Armand coçou a nuca. – Desculpe por tê-la derrubado.

– Venha comigo – sem querer, a menina estendeu a mão para ele. Armand corou imediatamente, o rosto alvo fervendo com a cor vermelha. – Não tenha vergonha.

– Não tenho – ele inflou de indignação e estufou o peito magro. Aceitou a mão que lhe era estendida e deixou-se guiar pelo bosque. – Ah, aliás, eu não perguntei seu nome! – Exclamou logo que alcançaram a rua. A menina olhou pelos dois lados e não pareceu encontrar rostos conhecidos, então sorriu para Armand.

Oito anos depois.

– *Moira Black!* – ela saltou de susto ao ouvir o berro. Sua testa por pouco não acertou o candelabro baixo que pendia do teto. – Apresse-se!

Com um resmungo resignado, a jovem jogou as pernas para fora da cama, colocando-se de pé num pulo ágil. Quase tropeçou na pilha de livros que sempre deixava ali no chão, mais por falta de espaço do que por preguiça de guardá-los, e dirigiu-se até a bacia cheia de água.

Despiu as vestes com rapidez e mergulhou na água cheirosa pelos saís; a porta do seu quarto se abriu subitamente e logo a expressão nada gentil da senhora Lucy foi vislumbrada – Moira encolheu-se na banheira.

Era uma época importante aquela. Ela iria até a cidade com sua educadora buscar seu mais novo vestido – vestido esse que custara ao pai quase os olhos da cara – e depois marcharia para uma longa aula de etiqueta. No fim daquela semana, compareceria à festa de noivado de uma de suas companheiras de estudos, Irene, e assistiria a todos os protocolos seguidos para apresentar o futuro casal à sociedade de Esperança. Tedioso e desinteressante, mas Moira teria a pele arrancada caso faltasse. *Lucy deixara aquilo bem claro.*

Moira não era da nobreza, mas sua família tinha respeito ali na ilha, de modo que um convite ou outro para eventos formais chegava até sua casa. Lucy não a deixaria desperdiçar tamanha oportunidade.

– Por Deus, Moira, assim nunca chegaremos a tempo! – *ela fala como se a costureira estivesse prestes a fechar*, resmungou Moira para si mesma. – Seu pai entregou-me a bolsa de dinheiro mais cedo por precaução, caso *vossa senhoria* demorasse a tirar o traseiro daquela cama.

– Desculpe. – Moira pediu com sinceridade. Lucy agarrou a esponja dura das mãos da menina e pôs-se a esfregar as costas dela. Moira e seu pai não tinham empregados, então cabia à educadora ajudar a garota no que podia. – Fui dormir tarde ontem.

– Ficou lendo aqueles romances outra vez, não ficou? – Lucy soltou um

suspiro exasperado. – Moira, quantas vezes já lhe disse para não...

– *Não fugir da realidade*, sei disso. – Os olhos acinzentados da garota reviraram-se em suas órbitas.

– Sua cabeça vive no mundo da lua – Lucy despejou um balde de água fria sobre a garota e então se pôs a pentear seus cabelos escuros com a escova. Moira estremeceu pelo frio. – Se tivesse acordado antes, a água estaria quente.

Depois do demorado banho, sua pele ficou pinicando e adquiriu uma coloração extremamente avermelhada, mas Moira não teve tempo de reclamar, pois Lucy já estava apertando seu espartilho com força suficiente para partir suas costelas; o vestido esfarrapado, cuja bainha da saia desgastada apontava a idade da peça, foi colocado por cima de seu corpo e ajustou-se à suas curvas delicadas.

Com os cabelos comportados num coque simples, Moira foi arrastada por Lucy para fora de casa. As duas então marcharam em passos ritmados até o estabelecimento da costureira.

As ruas, com o calçamento de pedra desgastado por conta das carruagens que por ali passavam, estavam repletas de pessoas. Mulheres ricas, carregando sombrinhas e crianças, passeavam com seus longos e adornados vestidos coloridos. Seus acompanhantes, homens nobres e de porte aristocrático, vestiam ternos, cartolas e expressões frias.

Moira agarrou a saia do seu vestido velho e desviou o olhar daqueles rostos tão cheios de si. Enojava-se quando ia para o centro da cidade, visto que apenas as famílias mais ricas frequentavam aquelas ruas. Preferia mil vezes o seu bairro, onde as crianças brincavam na calçada e os vizinhos se cumprimentavam com sorrisos amigáveis e *sinceros*.

Ao avistar a placa ornamentada indicando *Madame Prince*, Moira e a senhora Lucy dirigiram-se até lá. Havia outra mulher dentro do estabelecimento, um espaço apertado cheirando a perfume francês e poeira, e então Moira aproveitou para passear.

Era um local pequeno, mas nada modesto. Havia uma mesa redonda de madeira antiga sustentando um vaso ornamentado, e um lustre de cristais pendia do teto. Revirando os olhos para tanto luxo, Moira encarou um dos vestidos expostos – a peça possuía uma saia pesada e um largo decote reto. Seu busto pequeno jamais sustentaria aquilo, pensou ressentida. Era alta e esguia, com quadril estreito e seios pequenos. O único detalhe em todo o seu corpo que realmente a fazia sentir bem era a cor de seus grandes olhos expressivos; cinza do mais puro.

Seu pai dizia serem iguais aos olhos da mãe. *A mãe de quem pouco se recordava*.

O relicário pendurado em seu pescoço era sua única lembrança dela, a única

memória de uma pessoa tão importante do seu passado.

Quando se sentia perdida, tocava-o para voltar à realidade. E assim o fez ao ver-se mergulhada demais em devaneios, encontrando o rosto de Lucy muito próximo ao seu:

– Sua vez, querida. – Ela apontou para os fundos da loja, onde Madame Prince aguardava Moira. Depois de despir o vestido velho, colocou com facilidade aquele novo feito sob medida.

Era justo até a cintura e depois despencava em uma saia enfeitada por camadas. De cor avermelhada, com um sutil decote arredondado na altura do busto, tinha os ombros estufados e mangas justas até os cotovelos. Com o penteado certo, pensou Moira, ela talvez ficasse apresentável. Haveria diversos rapazes solteiros na festa de noivado. A senhora Lucy desejava que Moira se portasse como uma refinada dama, de modo a conseguir um pretendente.

Moira refutaria qualquer tentativa de aproximação. Não queria noivar. Não queria ficar presa a um homem que não amava.

– Está linda. – Lucy sorriu com alegria. Ela acertou o pagamento com Madame Prince e ajudou Moira a se livrar do vestido, guardando-o numa caixa para a caminhada de volta; foram interceptadas, porém, por uma velha conhecida da educadora de Moira.

– Lucy querida! – a mulher usava um penteado alto demais para seu rosto fino e os seios grandes quase pulavam para fora do vestido. Moira deu alguns passos para o lado, evitando olhar demais para aquele rosto carregado de pó de arroz. – Soube da novidade?

– Que novidade?

– O Comodoro pretende vir à festa de noivado dos Jones! – os ouvidos da jovem imediatamente se apuraram. – Quer que o filho procure uma pretendente pelas redondezas. Soube que o rapaz é muito refinado.

– Será o mesmo filho que me veio à cabeça? O querido Aragon?

– O próprio! – o leque espalhafatoso da recém-chegada balançou teatralmente em frente ao seu rosto borrado de maquiagem, mas isso não mais incomodava Moira. Seu coração palpitava em emoção ao saber que *Armand* estava para chegar. – Imagine a fila de moças correndo atrás desse rapaz.

– E com razão. – Lucy soltou uma risadinha. – Menino de família, bonito, rico... O que mais poderiam querer? – *ora, que me ame!* Exclamou Moira mentalmente, porém limitou-se a lançar um olhar abismado para Lucy.

– Filha, venha aqui! – Uma jovem aproximou-se do trio. Moira examinou-a de cima abaixo com rapidez. Era pequena e magra, notava-se pela maneira com que o espartilho abraçava seu tronco. Seu cabelo estava preso num coque alto e sobre o pescoço adornavam-se cachos soltos. Moira só se enfeitaria daquela

maneira para comparecer a um baile formal, visto que o vestido possuía mangas bufantes e uma saia cheia de renda. – Lembra-se de Jasmine, Moira querida? Vocês frequentavam juntas as aulas de etiqueta, até que minha menina não precisou mais delas.

Lucy e Moira franziram os lábios ao mesmo tempo. A primeira, pela dispensa da família rica, e a segunda por ter sido claramente insultada. Afinal de contas, depois de mais de oito anos, ainda recebia aulas de Lucy. O que não fazia dela mal educada e muito menos selvagem. O fato é que Lucy tinha em Moira a filha que jamais chegou a ter. Era uma velha viúva que gostava de dedicar suas horas a cuidar da garota. Não eram apenas aluna e professora, mas amigas, quase familiares.

Depois que se despediram de Jasmine e de sua mãe, elas caminharam de volta para casa. Lucy foi para a sua própria mansão horas depois, despedindo-se de Moira com um doce sorriso. Era fim de tarde quando o pai da menina apareceu na porta com sua típica expressão ranzinza. Ele dirigiu-se até o andar de cima sem dar uma palavra para a filha e só desceu meia hora depois. Parecia exausto.

– Dia difícil? – Moira serviu um pouco de ensopado para ele.

– Muito. – John resmungou ao se sentar. Os joelhos estalaram, assim como o pescoço, e ele bufou. – Estou ficando velho demais para tantas horas de trabalho. Meu aprendiz não faz mais do que esfriar as armas na água.

– Arranje outro então. – Moira replicou.

– Sabe que não há outro rapaz interessado nisso. – John massageou as têmporas.

– Se me deixasse ajudá-lo...

– Já tivemos essa conversa. – O tom soou zangado, mas a garota não se importou.

– Papai, eu poderia muito bem ir até lá e...

– Você é uma donzela, Moira, e vai agir como tal. Por que acha que eu pago as aulas da senhora León? – John retrucou, o que pesou no coração da garota. Talvez Moira arranjar um marido fizesse bem para o velho John. Ver a filha constituindo família, ter que parar de sustentá-la... – Como foi seu dia?

– Agradável, papai. – Ela respondeu de maneira sucinta. John arqueou a sobrancelha, surpreso pela falta do longo diálogo, mas acabou dando de ombros e pondo-se a comer. Quando terminou, rumou até seu quarto, dando um beijo de boa noite na testa da garota. Moira permaneceu mais um tempo para arrumar a cozinha e então apagou as velas.

No quarto, pela primeira vez em toda a sua vida, olhou para a pilha de livros e sentiu-se indisposta a abrir qualquer um deles. Não queria se aventurar ao lado da capitã Snow e sua destemida tripulação.

Trocou a roupa e vestiu a camisola para dormir. Manteve o relicário em seu pescoço, certa de que a presença dele a faria sentir melhor. Deitou-se de costas para os livros, temendo sentir-se mal por deixá-los de lado também – lembrou-se das palavras de Lucy, que sempre mandava Moira colocar os pés no chão, e resolveu tentar.

Deixaria as páginas cheias de fantasia e romance para trás e procuraria agir como uma garota responsável. Iria se portar como uma filha exemplar dali para frente; sem sonhos impossíveis ou devaneios constantes. Encontraria um rapaz rico e de boa família para se casar e então ajudaria o pai a ter uma vida melhor...

Precisava deixar as aventuras imaginárias para trás.

X X X

Longe dali, um bêbado solitário caminhava trôpego pelas ruas da pequena cidade portuária. Carregando uma garrafa de rum em mãos e cantarolando com a língua enrolada, tamanho o nível de álcool em seu organismo, ele não notou a aproximação de um titã nas águas ao fundo. Estava mergulhado demais em sua bebedeira para vislumbrar as velas negras que se estendiam sobre a embarcação gigantesca, e só viu o navio quando era tarde demais.

Os canhões dispararam contra as casas, destruindo tudo em seu caminho.

Exterminaram todos os desafortunados que não esperavam pelo ataque.

O próprio bêbado foi pego de surpresa quando os botes se aproximaram da praia, trazendo dentro deles o terror de um ataque surpresa. A bordo do navio, o contramestre tinha um sorriso mortífero no rosto, seus olhos verdes cintilando aos estouros dos canhões, satisfeito por estar cumprindo as ordens sem maiores contratempos.

Os piratas arremessaram suas espadas contra os inocentes naquela noite, e sangue foi derramado num dos portos próximo à Cidade Esperança.

X X X

Moira sonhou com sangue.

Sonhou com corpos mutilados e com olhares de terror.

Sonhou com um navio de velas sombrias cujo capitão podia ser comparado às trevas.

Mas não tinha ideia de que seu sonho tinha ligação com o ataque à cidade costeira. *Não fazia ideia de que o pesadelo estava apenas começando.*

CAPÍTULO II

No dia anterior ao baile para o qual fora convidada, Moira ouviu uma terrível notícia vinda de longe. Contudo, não de tão longe quanto gostaria. Ela estava na cozinha naquele fim de tarde quando o pai recebeu um visitante. O padeiro, que partira naquela manhã para uma cidade próxima a capital, retornara sem a coragem de viajar até lá outra vez. Impedida de ouvir a conversa entre eles, já que o John acompanhou o conhecido até seu escritório, Moira encostou sua orelha à porta e tentou entender o decorrer do diálogo. A voz do pai soava cansada e a do padeiro desesperada.

– Estou lhe dizendo, John! – exclamou o visitante. – *Piratas*. – Embasbacada, Moira acabou perdendo o fio da meada e demorou a entender sobre o que discutiram em seguida.

Era surpreendente demais! Ouvira falar tanto sobre piratas, e agora estavam próximos assim?

– A marinha britânica já foi alertada. – disse o padeiro. – O Comodoro não quer que avisem às pessoas, mas eu acho melhor fazê-lo... Esperança pode ser outra parada do navio e não quero estar aqui quando aqueles canhões forem apontados para o porto! O massacre foi horrendo.

Moira engoliu em seco ao lembrar-se das atrocidades cometidas por piratas em seus livros. Seriam piores na vida real? Seriam capazes de destruir tudo de maneira tão cruel como fizeram os personagens das páginas amareladas que havia lido? Ou seriam como Arabella, sua grande heroína? Corajosos, destemidos, caçadores dos maiores tesouros já escondidos da humanidade? Moira desejou que a segunda opção fosse a verdadeira, ainda que soubesse e entendesse o choque entre a fantasia e a realidade.

Quando John retornou à cozinha, encontrou a filha guardando a louça limpa. Seus olhos escuros pesaram sobre a garota de maneira sufocante. Ela não se lembrava de alguma vez ter visto tanta angústia no rosto cansado do velho homem.

– Moira, quero que me prometa uma coisa.

– O que? – Ela arqueou as sobrancelhas.

– Se eu mandar que fuja, vai fugir.

– Mas, papai...

– Prometa. – O tom foi duro e sucinto, encerrando a conversa por ali.

Moira estranhou a reação do homem, mas assentiu. Prometeu que fugiria caso fosse necessário; *mas por que*, perguntou-se, *seria necessário?*

X X X

– Eu não acho adequado falar sobre isso – Moira estava sentada em frente à penteadeira antiga da casa de Lucy, o olhar passeando pelo espelho que refletia sua imagem; uma garota pálida cujos grandes olhos denotavam ansiedade. As maçãs do rosto estavam um pouco avermelhadas graças à maquiagem recém-aplicada e as sobrancelhas finas naturalmente arqueadas davam-lhe uma expressão de natural curiosidade. Esperava sua educadora terminar o coque complicado que inventou de fazer em seus cabelos para continuar as perguntas.

Lucy sabia algumas coisas sobre os ataques.

– Por favor, Lucy – os olhos da menina brilharam pidões. – Diga-me o que sabe sobre esse navio.

– Oh, está bem! – depois de tanta insistência, Lucy acabou cedendo. Sentou seu quadril largo sobre a cama atrás da penteadeira e lançou à garota um olhar zangado antes de prosseguir: – O nome do navio é Tormenta das Águas, mas pouco se sabe sobre a sua tripulação. Homens cruéis e desalmados passeiam por aquele convés, foi o que ouvi falar. Do seu capitão, só se conhece o sobrenome: *Blackburn*. – a pronúncia acabou soando mais forte do que o pretendido e, não surpreendentemente, Moira sentiu seus braços se arrepiando. Parecia a reação esperada ao se pronunciar o nome de um demônio. Talvez ele fosse algo do tipo. *Um capitão tão mal quanto o próprio anjo caído*.

– E esse capitão já foi visto? – A curiosidade da garota excedia limites.

– Claro que não! É muito cauteloso, não deixa seu navio quando portos são atacados. – Lucy estremeceu de medo. – Seus homens é que saem da embarcação para espalhar o caos pelas cidades. Ouvi dizer que a última a ser atacada não deixou sobreviventes.

– Que horror! – Moira levou as mãos à boca.

– Sim. Horror é a única coisa que esses malditos piratas trazem à nossa civilização. – Lucy ergueu-se novamente, pegando a escova para pentear os próprios cabelos. Moira ficou livre com seus próprios pensamentos, mas acabou retrucando à afirmação de Lucy silenciosamente.

Seriam todos os piratas homens cruéis como o tal Blackburn? Será que haviam buscado pela própria liberdade apenas para destruir a dos outros?

Aquela história certamente renderia um livro, pensou a garota. Um livro com

aventuras cheias de sangue, paixões arrebatadoras e vilões mortíferos. Como as histórias de sua heroína favorita, Arabella Snow, onde existiam príncipes e sereias, capitães amaldiçoados e a caça a um tesouro valioso. Onde a crueldade era combatida e onde os traiçoeiros homens do mar não espalhavam o terror pelas terras do rei; os seus piratas eram homens e mulheres livres, de almas libertinas, mas personagens com quem ela podia se relacionar. Blackburn parecia... Errado.

Moira gostava de se perder naquele tipo de ficção, imaginando como seria sua vida se fizesse parte daquelas narrativas. Lucy, por outro lado, detestava quando via sua aluna mergulhada em devaneios. Naquele instante mesmo, a velha mulher cruzava os braços para Moira, esperando que a garota notasse sua expressão azeda – quando o fez, sorriu encabulada.

– Preciso terminar esse penteado ou comparecerá àquela festa parecendo um espantalho. – Moira esperou pacientemente que seu coque fosse finalizado e depois franziu os lábios em direção ao espelho; não era adornado, mas os fios estavam repuxados de tal modo que sentia seu couro cabeludo vibrando de dor. – Esse espartilho está solto demais. – Lucy resmungou, pedindo que a garota se levantasse para que a peça fosse apertada.

Moira prendeu a respiração e teve dificuldades para soltá-la depois.

Olhou seu reflexo uma última vez para admirar o resultado de tanto esforço. O vestido avermelhado combinava perfeitamente com o relicário que pendia sobre o vale entre seus seios. A saia não era pesada demais e os babados não atrapalhavam seu caminhar. Por mais que os saltos dos sapatos incomodassem, Moira tinha se acostumado a eles.

Estava, para sua surpresa, muito bonita.

– A carruagem chegou milady. – avisou a serviçal de Lucy. A mulher fez um aceno displicente e demorou mais quinze minutos ajeitando o próprio cabelo num penteado arrumado. Moira estava brincando com a renda de seu vestido quando Lucy a chamou para partirem.

O veículo que as transportaria até a mansão dos Jones não era lá chamativo, mas tinha seu conforto. Os bancos estofados de veludo preto eram belíssimos aos olhos de Moira, que andara em carruagens poucas vezes em toda a sua vida, e os adornos prateados nas laterais das portas pareciam mais belos à luz da lua. Lucy ralhou um pouco com o cocheiro, pedindo que se apressasse – por mais que a culpa de seu atraso fosse sua – e bateu a porta quando entrou.

Aos solavancos, seguiram pela estrada até a colina onde a chamativa construção os aguardava. Moira espiou pela janela, puxando a cortina para vislumbrar os contornos da imponente construção, e soltou um suspiro – quem dera pudesse ser dona de uma daquelas um dia.

Que tolice pensar daquela maneira, pensou em seguida. Jamais encontraria um marido tão rico, visto que não tinha nada a oferecer. Não via em si beleza o suficiente para conquistar qualquer jovem de sua idade e repudiava a ideia de encontrar candidatos muito mais velhos.

Esperava que o pai não se cansasse e fosse ele mesmo encontrar um esposo para a filha. Rezava para que John a deixasse resolver os próprios problemas.

Quando a porta abriu-se repentinamente, Moira arfou pelo susto.

Lucy puxou a garota distraída para fora da carruagem, seguindo por um caminho enfeitado por diversas estátuas. Mais á frente via-se as altas portas de entrada onde dois mordomos, vestidos impecavelmente, aguardavam para receber os convites.

Depois de passarem por eles e seguirem pelo majestoso hall de entrada, Moira não conteve a exclamação abismada ao olhar para o salão de festas.

O teto alto sustentava diversos candelabros enfeitados por cristais cintilantes, do tipo que refletia a luz das velas por todas as paredes; paredes estas cobertas por tons de bege e dourado. Por toda a extensão do aposento viam-se sofás de veludo, onde pessoas vestindo trajes chamativos e coloridos espalhavam-se com expressões de pura diversão.

O deleite nos olhos de Moira parecia inadequado entre os membros da elite. Por isso a garota armou sua melhor máscara impassível e tentou ignorar os detalhes que piscavam sob seu olhar. As pinturas fantásticas, as esculturas cujos detalhes lembravam feições reais ou mesmo as vestimentas variadas que os convidados usavam.

– Senhora León! – Moira e Lucy voltaram-se para a voz estridente que exclamara aquilo. Havia uma garota caminhando na direção delas com o mais largo dos sorrisos no rosto redondo. – Que ótimo recebê-la aqui! – Era a noiva e futura senhora Jones, e logo atrás vinha seu noivo, um rapaz de expressão solene e barba cortada rente ao queixo quadrado.

Moira estava distraída, mas sentiu quando a joia em seu pescoço ficou quente. Tentando não parecer louca, ela ergueu a mão coberta pela luva e cobriu o relicário com ela, afastando-o da pele do pescoço. Não tinha sido queimada, pois a ardência durou breves instantes, mas foi suficiente para despertar-lhe a inquietação.

Lembrava-se da última vez que a joia havia agido daquela maneira...

Enquanto Lucy parabenizava o casal, Moira vagou seu olhar por entre os presentes, tentando encontrar entre os rostos variados *um* conhecido. Quando o fez, não pode deixar de arregalar os olhos. Como oito anos antes, seu relicário havia esquentado pouco antes de Moira avistá-lo.

Que tipo de sinal era aquele?

Parado ao lado de uma jovem, que logo reconheceu como sendo Jasmine, estava um rapaz de seus aparentes vinte anos – talvez um pouco menos. A postura rígida e a maneira como dialogava calmamente combinavam com seu porte aristocrático, mas havia algo no modo com que seus olhos se desviavam para a multidão... *Algo familiar.*

E Moira reconheceria aquele brilho travesso em qualquer lugar.

Ele havia mudado muito com o passar dos anos. O rosto antes infantil apresentava agora malares acentuados e lábios volumosos. O cabelo castanho claro estava perfeitamente penteado para trás e as sobrancelhas elevavam-se em uma curiosidade contida enquanto ouvia qualquer coisa surpreendente – *era Armand.* O menino que, durante uma semana na infância de Moira, se tornara seu melhor amigo.

Ela não o via desde aquela época. *Quando o colar ficara quente pela primeira vez.*

Desejou que Armand a reconhecesse. Que desviasse o olhar da conversa e a encontrasse parada ali, há apenas alguns metros de distância. Queria que a reconhecesse *imediatamente*, da mesma maneira como havia feito com ele.

Mas ele não o fez.

– Querida? – ela piscou para voltar a si, sorrindo envergonhada para os noivos. – Estes são Irene e Peter.

– Parabéns por seu noivado. – Moira disse, cortês e educada. – Desejo toda a felicidade do mundo. – O casal agradeceu com sorrisos e acenos.

– Ah, ali está ele! – Peter exclamou de repente. Moira apertou os punhos com força ao ver que o rapaz gesticulava na direção de Armand. O mesmo ergueu seus olhos cristalinos para o quarteto e afastou-se da jovem com quem conversava. Marchou até parar bem ao lado de Moira, tão próximo que ela era capaz de sentir o perfume suave emanando de seu terno impecável. – Armand Aragon, deve ter ouvido falar da famosa educadora de nossa cidade, senhora Lucy León.

– Ah, de fato ouvi – O sorriso dele foi dos mais encantadores possíveis. Moira encolheu-se quando o jovem pegou a mão de sua acompanhante e depositou ali um beijo respeitoso. Precisou conter a exclamação quando se viu alvo de seu olhar intenso. Encarou Lucy em choque, para depois voltar sua atenção ao rapaz: – E a senhorita é...?

– Moira. Moira Black. – Ela repetiu as mesmas palavras usadas tantos anos antes, e algo se acendeu nos olhos dele. A sombra de um sorriso passeou por seus lábios. *Ele se lembrava.* – Muito prazer. – Curvou-se numa rápida medida.

– O prazer é todo meu. – Ele segurou sua mão e, mesmo estando coberta por uma luva, Moira sentiu um estranho calafrio subir por seu braço. Depois que a

beijou, o rapaz afastou-se para conversar com Peter. Moira foi puxada por Lucy até um canto e recebeu da mulher o mais espantado dos olhares.

– O que houve? – A garota indagou confusa.

– Não percebeu? O jovem Aragon está encantado com você! – Lucy sussurrou com animação. Moira espiou por cima do ombro apenas para constatar que, de fato, o jovem a encarava de volta. Surpreendentemente constrangida, ela virou o rosto para sua acompanhante.

– O que eu faço? – Pediu num fio de voz.

– Nada, por enquanto. Espere que ele venha até você...

– E se ele não vier?

– Acredite em meu instinto, querida. Sei reconhecer olhares interessados. – Lucy piscou um olho e se afastou, deixando a atordoada garota sozinha.

Moira cruzou os braços para conter a tremedeira repentina, tamanho seu nervosismo. Ficou parada observando os convidados irem e virem, tentando tirar aquela insana esperança de sua cabeça – *ele não está interessado, ele apenas a reconheceu!* Se viesse falar consigo, significava que queria rever uma velha amiga e nada mais.

– Atrapalho? – Como que num passe de mágica, Armand estava ao seu lado. Trazia uma taça de vinho nas mãos e oferecia para a garota.

– Não posso.

– Um pouquinho não lhe fará mal. Nunca deixe um cavalheiro beber sozinho, traz azar. – Ele sorriu suavemente e Moira obrigou-se a aceitar a bebida.

– Quem diz isso?

– Meu avô. – ele soltou uma risada suave. – Minha avó nunca o deixava, pois ele sempre acabava perdendo as estribeiras.

– Lucy me matará se vir essa bebida em minhas mãos. – Moira confessou, fingindo medo. Armand abriu um sorriso cúmplice.

– Então que tal fugir dos olhos dela?

– O que quer dizer?

– Você fugia quando criança, por que seria diferente agora? – *Ele realmente se lembrava.* Olhou em volta alguns instantes e depois gesticulou para que ela o acompanhasse até os jardins. Havia serviçais passeando por ali, além de alguns casais perdidos, mas Moira ignorou a todos.

Sem conseguir se conter, ela encarou o rapaz enquanto caminhava. Observou os detalhes que enfeitavam aquele belo rosto tão familiar e a maneira como o brilho pálido do luar refletia sobre seus olhos cristalinos. Corou fortemente quando Armand a olhou de soslaio, notando sua indiscrição.

– O que houve? – O rapaz exibiu um sorriso divertido.

– Nada. – Moira mentiu. – Só estava pensando.

– Você costumava devanear muito quando éramos pequenos. – Armand se lembrou. – Perdia-se no meio de uma frase para mergulhar em seus próprios pensamentos. – Eles haviam parado de caminhar e agora encaravam uma grande fonte. A água caía sobre os três andares de pedra branca, jorrando das mãos de um anjo de pedra.

– Lucy diz que sou muito avoada. – Moira sorriu sem graça.

– Gosto de garotas que pensam. – Ele sentou-se na beirada da fonte e encarou Moira com um olhar indecifrável. Ela sentiu-se estranhamente nervosa e desviou a atenção para o canteiro de flores. – Confesso que nunca considerei voltar a vê-la.

– Por falta de vontade?

– Por falta de oportunidade. – ele a corrigiu com pesar. – Passo tanto tempo viajando da capital para casa que mal consigo respirar.

– Pretende se tornar Comodoro algum dia, como seu pai? – Moira sentou-se ao seu lado, ligeiramente atordoada pela melancolia na voz do rapaz.

– Não. – suaves rugas formaram-se nos cantos de seus olhos. – Não tenciono chegar tão longe. Gostaria de comandar algum navio da marinha, se me permitirem. – Ele sorriu novamente.

– É um ótimo futuro. – Moira comentou pensativa. Adoraria poder se tornar capitã também, mas servir à marinha parecia-lhe sufocante demais. Conseguia entender porque os piratas não usavam bandeira alguma; a sensação de liberdade devia ser indescritível.

– Não me parece ótimo enquanto não tiver alguém com quem compartilhar. – Armand murmurou de repente, tirando Moira de seus pensamentos.

– O que quer dizer com isso? – Ela perguntou com inocência.

– *Moira...* – A maneira como seu nome foi sussurrado soou diferente aos seus ouvidos. Foi confortável.

A garota notou, com uma crescente surpresa, que a distância entre seus corpos era mínima. Ergueu o olhar para o rosto dele e encarou aquelas íris azuis tão chamativas. Ele exibia encanto e alegria. Os olhos dela não podiam estar mais arregalados.

Para sua infelicidade, o momento foi interrompido com brusquidão. Um estrondo foi ouvido ao longe.

Armand saltou de onde estava e correu até a beirada do jardim, encarando qualquer coisa na praia lá embaixo. Moira seguiu os passos do rapaz, certa de que o bambejar em suas pernas não havia sido causado pelo susto, e arregalou os olhos ao vislumbrar os contornos de um navio em alto mar.

– Estamos sendo atacados! – Ouviu um dos convidados gritar. Armand agarrou a mão de Moira e puxou-a para si, correndo até a mansão logo em

seguida. A sensação de segurança que o corpo dele passou ao seu não foi suficiente para apagar o medo do que estava por vir.

– Fique aqui, por favor. – Os olhos de Armand suplicaram sobre os dela, e Moira viu-se assentindo em seguida. O rapaz desapareceu entre a multidão desesperada, acenando para que os guardas que ladeavam as saídas o acompanhassem.

– Moira! – ela voltou-se exasperada para Lucy, que marchava em sua direção com a mais apavorada das expressões. – Moira!

– Estou bem! – A garota gritou de volta.

– Por Deus e pelos anjos, achava que eles não iriam vir para cá! – Lucy exaltou com a mão no peito. – Seu pai acreditava que não atacariam Esperança, mas suas suposições estavam equivocadas...

– Papai. – O sussurro escapou dos lábios de Moira. Lucy logo soube que havia cometido um erro. A garota agarrou as barras do vestido e disparou pelos convidados, costurando entre os corpos frenéticos que tentavam fugir dali.

Não se importou com qualquer coisa enquanto corria. Ignorou a dor que disparou em seu ombro quando bateu ele contra um pilar de pedra, ignorou a ardência em seus pulmões pela corrida. Tirou os sapatos e ignorou a dor lancinante que as pedras provocavam ao cortar a sola de seus pés.

Tudo o que importava naquele momento era alcançar sua casa. *Precisava salvar o pai.*

x x x

O caos cobria as ruas de Esperança. Moira sentia o suor gélido escorrendo por suas costas enquanto corria desesperadamente pelo centro da cidade. Os canhões do navio haviam disparado contra diversos estabelecimentos, deixando poeira e destruição por onde suas balas passavam.

Era como nos seus livros, exatamente como nas cenas de batalha que lera com tanta avidez. Diferente deles, no entanto, era real. Assustadoramente real. Moira sentia a realidade congelando seus ossos, o medo abraçando seu coração; era só uma menina perdida em um mundo repentinamente horrendo. Queria ter a coragem de Arabella Snow, e por isso forçou-se a continuar correndo. *Sua heroína não desistiria.*

Havia corpos pelo chão; civis que, pegos de surpresa pelo ataque, não conseguiram fugir e agora se espalhavam pelas calçadas, alguns tão mutilados que tornava impossível seu reconhecimento.

O pânico cresceu no coração da garota quando avistou, ao longe, botes vindo para a praia. Cortou caminho por algumas ruelas, escalou dois muros para saltar

em becos, um deles próximo à sua casa – por sorte ou por azar, os sons de ataque estavam longe dali onde morava. Os moradores do bairro ainda não haviam descoberto sobre o ataque.

Arfando compulsivamente, Moira sabia que seu vestido estava arruinado e o penteado se desfizera depois de alguns metros de corrida. Espiou a saída do beco para encontrá-lo deserto e então avançou até a porta de casa.

– Papai! – gritou em plenos pulmões. – Estamos sendo atacados!

Bastou aquilo para que rostos confusos começassem a aparecer nas janelas. Moira gritou a eles que corressem e salvassem suas vidas e, no mesmo instante em que a porta foi aberta e o rosto de John surgiu à sua frente, gritos desesperados foram ouvidos a alguns quarteirões dali.

Os moradores fugiram de suas casas, esgueirando-se na direção errada – o medo produzia gritos, e os gritos impediam que Moira os avisasse sobre o ataque na praia. Naquele momento, os piratas já deviam ter descido de seus botes. Quem fugisse para lá encontraria a morte.

Moira tentou impedir seus vizinhos, dando alguns passos na direção deles, mas John a puxou de volta. O olhar vidrado no rosto do pai a surpreendeu, principalmente depois que ele fechou a porta com tanta violência.

– Papai, o que houve?

– Sem perguntas. – ele rosnou de volta. Havia pegado uma sacola de couro debaixo do assoalho da escada e jogado para a garota. Segurando aquele peso em mãos, Moira encarou John como quem encara um estranho. – Lembra-se da promessa que me fez?

– Sim, mas...

– Corra. Vá até Terence, ele saberá o que fazer.

– Mas, papai, e o senhor? – Os olhos da garota embaçaram pelas lágrimas. John não reparou, ocupado carregando sua espingarda com pólvora.

– Eu vou ficar e lutar. Você vai fugir *agora*! – Ergueu os olhos apenas para lançar um olhar incisivo.

- Não posso deixá-lo.

- Por favor, *por favor*, cumpra o que me prometeu. Vá até Terence e espere o amanhecer; confie em tudo o que ele disser e nunca se separe dele, me entendeu?

Moira assentiu, engolindo o choro, e abriu a porta. Avançou até a calçada em passos desajeitados, tamanha a dor em seus pés, e pegou o atalho para chegar até a casa de Terence – encoberta pela sombra de uma casa abandonada, a menina espiou o pai uma última vez. Sabia que ele ficaria bem. Johnatan era um excelente atirador.

Correu como se a vida de todos os moradores daquela cidade dependesse disso. Ofegando, deixou para trás o fogo e a destruição, rumando pelo bosque na

direção da colina sul – *Terence morava lá*. E, aparentemente, ele saberia o que fazer.

CAPÍTULO III

Moira sentou-se no velho banco que Terence lhe ofereceu e encarou o homem com um pouco de curiosidade. Ele não parecia perigoso, claro, visto que a conhecia desde que ela era um bebê. Tinha sido muito próximo de sua mãe, John contara à menina certa vez. Terence era como um avô para Moira, pois havia sido como um pai para Isobel.

O homem de seus cinquenta anos vestia uma camisa de mangas largas enfiada pelo cóis da calça larga. Seu rosto magro e de feições severas contava com olhos da cor de azeitona e barba esbranquiçada ao redor do queixo quadrado. O cabelo longo tinha, antigamente, uma incrível coloração negra, mas no momento marcava-se por fios prateados, todos repuxados num rabo de cavalo.

– O que vamos fazer? – Moira indagou amedrontada.

– Por enquanto? Esperar. – Terence fechou a porta com um baque e cambaleou na direção da mesa, onde sobre o tampo repousava um bule de chá. – Não podemos sair daqui até que o navio parta.

Moira assentiu com um aceno. Levantou-se e pôs-se a espiar pela janela velha da sala, empurrando as cortinas com cheiro de mofo para longe do rosto.

A casa toda cheirava a mofo, na verdade, e também um pouco de rum. A garota não tinha se sentido tão bem ao adentrar aquele lugar, preferindo o ar fresco de fora, mas Terence exigiu que ela se escondesse – os piratas podiam não saber da cabana, mas ele não arriscaria denunciar sua posição.

– E então... – Moira cruzou as mãos em frente ao corpo e virou-se para o velho. Terence estava servindo um pouco de chá em duas canecas sem encarar a menina, mas pediu que prosseguisse. – O que é que o senhor sabe, afinal? Por que meu pai me mandou aqui?

– Tudo há seu tempo. – Ela detestou aquilo. Quanto mais demorava a descobrir, mais demorava a se inteirar e entender o que estava acontecendo.

Soltou um longo suspiro e sentou-se novamente no banco que rangia, tomando cuidado para não soltar muito o peso – sabia Deus quanto tempo tinha aquela mobília.

Pegou a sacola que havia largado no chão e pôs-se a examinar o conteúdo dentro dela. Com exceção de algumas roupas e um pedaço de pergaminho velho,

não encontrou mais nada.

As roupas, Moira reparou com assombro, eram minimamente femininas. Havia calças largas, um par de botas, um colete preto e duas camisas de mangas compridas. Nada de vestidos, espartilhos ou sapatos de salto – uma parte dela sentiu-se feliz com aquilo e a outra ficou ainda mais curiosa sobre o porquê de ter de usá-las.

O pedaço de pergaminho, envelhecido e roído nos cantos, continha três linhas cheias de números que não faziam o menor sentido. Não eram datas e muito menos sequências numéricas para palavras – simples algarismos soltos ao vento. Não havia sequer uma explicação sobre eles no verso da folha. Moira sentiu-se frustrada.

– O que você tem aí? – Terence se pronunciou.

– Não sei. – ela lhe estendeu o pergaminho. – São números e não parecem fazer sentido.

Terence não respondeu. Seus olhos correram pelo pedaço de papel como se ali estivesse a maior descoberta da humanidade. Um estranho brilho preencheu os olhos escuros do homem e Moira viu-se franzindo as sobrancelhas na direção dele. Esperava que ele lhe dissesse qualquer coisa, mas tudo o que conseguiu foi um sorriso.

– Melhor ir dormir.

– Por quê? – Ela soou desanimada.

– Vá dormir – Terence repetiu um pouco mais rudemente. – Pela manhã vamos atrás do seu pai e ele explicará tudo o que precisa saber.

– Acha que ele vai ficar bem? – Seus olhos voltaram a lacrimejar, mas Moira forçou-se a ficar firme.

– Você sabe que ele ficará bem.

O homem postou-se sentado à porta da casa com uma pistola em mãos e baixou o chapéu de três abas sobre o rosto, caindo no sono logo depois. A garota arrumou-se da melhor maneira que pode naquela rede maltrapilha e deixou que a exaustão tomasse conta de seu corpo. Rezou como nunca antes havia rezado para que Lucy, seu pai e Armand ficassem bem.

Não sentiu quando as lágrimas chegaram, mas o impacto delas em seu coração foi forte o suficiente para que os soluços prosseguissem por horas, madrugada adentro.

x x x

Foi sacudida por Terence e abriu os olhos no mesmo instante. O homem estava parado ao lado da rede e não exibia a mais gentil das expressões.

– Precisamos ir até a cidade. – o tom dele era urgente e um tanto preocupado. Moira empertigou-se e colocou os pés para fora. – Troque de roupa, vista aquelas que seu pai lhe deu. Vou lhe emprestar meu chapéu.

– Por quê?

– Nada de perguntas, só obedeça. – Ela se lembrou da promessa feita ao pai e, relutante, assentiu. Deveria confiar plenamente em Terence, então o faria.

Num dos aposentos da casa, usado apenas para guardar móveis quebrados, Moira despiu seu vestido com facilidade, visto que havia afrouxado o espalhão antes de dormir, e experimentou as roupas inusitadas.

A calça encaixou-se perfeitamente às suas pernas magras, mas as botas ficaram um pouco largas. A camisa cor de vinho de mangas compridas caía pelo seu tronco alguns centímetros maior, de modo que Moira teve que dobrar a barra das mangas para que não cobrissem suas mãos. Fechou os botões na altura do peito e vestiu o colete preto por cima – a peça ficava justa quando abotoada e sua bainha acabava um pouco abaixo dos seios da garota.

Moira sentiu-se bem vestida daquele jeito. Quase como uma pirata.

Quando saiu do quarto, assistiu Terence tirar do bolso uma bandana preta e amarrar sobre a própria testa. Depois, o velho homem pegou o chapéu velho de três abas e colocou-o sobre a cabeça de Moira, sombreando seu rosto. Ela havia prendido as madeixas num coque simples, de modo que agora seu cabelo estava escondido.

– Perfeito.

X X X

O caos não havia abandonado Esperança da noite para o dia. Quando Moira avistou o estrago deixado pelos piratas, não pode deixar de ofegar. Seguiu Terence pela estrada de pedra e caminhou entre pessoas e corpos e sangue e desespero.

Náusea a abateu, mas tentou manter-se firme enquanto prosseguia seu caminhar – Terence não pararia por nada. Estava determinado a alcançar a casa de John. Sua mão direita apertava com força o pergaminho encontrado por Moira na noite anterior, as juntas de seus dedos ficando esbranquiçadas, tamanha pressão exercida sobre elas.

As sobancelhas finas de Moira arquearam-se quando reparou naquele detalhe. Por que Terence estava tão ansioso? O que havia naquele bendito pedaço de pergaminho que tanto havia mexido com o velho homem?

Terence desceu pelo outro lado da colina onde morava, de modo que agora atravessavam a rua principal de Esperança. Embasbacada por estar diante de

uma cena infernal, Moira baixou o rosto e usou a sombra do chapéu para esconder o horror de seus olhos. Terence soltou alguns palavrões quando foram obrigados a parar por uma dupla de soldados que bloqueava o caminho até o bairro de Moira.

A menina cutucou Terence e apontou para um dos becos que usava como atalho. O homem não pareceu muito feliz em seguir por aquele caminho, mas estava certo de que era a única maneira.

Depois do muro, os dois prosseguiram pelo caminho mais curto, encontrando tanta destruição por aquele bairro quanto havia nos outros. Tentando ignorar a ardência do desespero tomando seu peito, Moira manteve os passos firmes enquanto os olhos vasculhavam as casas destruídas por um incêndio criminoso – as chamas haviam sido contidas por baldes de água em algumas residências, mas outras ainda ardiam.

Olhando ao redor e notando que ninguém os observava, ocupados demais em apagar o fogo, Moira irrompeu pela porta destroçada de sua casa e tossiu alto – o interior apresentava móveis chamuscados, mas não estava tão arruinado quanto ela imaginou. A garota examinou toda a área por alguns instantes e sentiu um grande alívio, pois não havia qualquer corpo carbonizado ali.

Seu pai estava vivo!

– Moira – Terence estava ao seu lado como uma sombra. – Melhor irmos. – Terence ordenou com sua voz retumbante.

– O que quer dizer? – a garota virou-se com assombro. – Precisamos encontrar meu pai!

– Ele não está aqui.

O homem marchou até a saída e desapareceu pela porta. Moira respirou fundo algumas vezes antes de dar-se por vencida e correr atrás do homem.

X X X

Estavam caminhando pelo centro, ignorando a falta de humanidade inferida àquele lugar outrora repleto de vida, quando Moira ouviu uma voz extremamente familiar. Ergueu seus olhos acinzentados na direção da dona dela e encontrou a senhora Lucy chorando desesperada – deu alguns passos em sua direção antes de ser interceptada por Terence.

– Está tudo bem, é a Lucy! – Exaltou indignada.

– Não podem saber que você está aqui. – Os olhos da garota arregalaram-se.

– Quer que eu finja que parti? – ele puxou-a para um canto para prosseguir com a conversa, lançando um olhar intimidador. Moira estava tão mergulhada em assombro que nem se incomodou. – Por quê?

– Porque *vamos* partir da cidade. Não podemos ter impedimentos ou vínculos. Deixe que chorem por sua suposta morte. Será melhor. – Algo no olhar dele dizia que Terence não se importava nem um pouco com o sofrimento dos outros.

– Por que está agindo assim? Onde está o herói da marinha de quem meu pai tanto falava? Como pode querer que as pessoas sofram? – Seu coração doía quando pensava em deixar todos para trás.

– Eu não quero! – ele massageou a ponte do nariz. O homem olhou em volta alguns instantes e ajeitou a bandana na cabeça. – Fique aqui. Preciso averiguar algo. – Terence pareceu se mover em câmera lenta até um dos moradores, mas seu retorno foi mais rápido do que Moira desejava.

– O que foi? – Ela indagou ao entender o seu olhar.

Estava abismado.

Inconsolável.

– Os piratas. Eles levaram seu pai.

X X X

Moira não reagiu durante as horas seguintes. Não reagiu nem mesmo quando soube que Armand estava vivo – ele comandava grupos de busca e reparo pela cidade, como um verdadeiro líder. Teria ficado orgulhosa dele se não estivesse tão desesperada. Teria enchido Terence de perguntas sobre seu destino se não estivesse tão perdida em pensamentos agonizantes. Moira nem reparou quando foi guiada até o cais, onde aguardaram pela saída de um pequeno navio cargueiro – *para onde iria?* Ela não queria saber.

Tudo o que queria era o pai de volta.

Três horas depois, quando a embarcação já se encontrava longe da praia de Esperança, Moira estava debruçada na amurada, sentindo o estômago se revirar pelo primeiro contato com o mar. A menina desviou os olhos amuados para Terence e encontrou as palavras necessárias para a pergunta:

– Para onde vamos?

O homem soltou um longo suspiro e ficou de pé ao lado da garota. Puxou do bolso interno do casaco um pequeno cantil de prata e sorveu o líquido que havia dentro dele. Ofereceu à Moira, que franziu o nariz em réplica.

– Para um lugar seguro. É uma longa história e não a explicarei com detalhes aqui. – ele encarou os tripulantes do navio como se encarasse bandidos. Alguns responderam ao olhar, outros ignoraram. Moira agradeceu por estar vestida como um homem. Sabia Deus o que ocorreria caso os marinheiros ali descobrissem sua real identidade.

– Por que estamos em alto mar? – Ela indagou num fio de voz.

– Porque seu pai queria que você deixasse Esperança. – Terence bebeu novamente do cantil. – Quando os ataques começaram, ele me procurou e me fez prometer que tiraria você dali caso a cidade fosse atacada; por quê? Tem algo a ver com isso. – Ele ergueu o pergaminho cuidadosamente guardado no bolso externo do casaco.

– O que, afinal, é isso?

– Não faço a menor ideia. – Outro gole do cantil. Algo na voz dele, porém, não era sincero.

– Brilhante. – Moira afundou o rosto nas mãos. Buscou o relicário pendurado em seu peito e segurou-o com força, forçando-se a ficar calma. Sentiu palmadas consoladoras em seu ombro direito e espiou o rosto de Terence. – E o que faremos para descobrir?

– Eu esperava que seu pai pudesse nos ajudar. – o homem apoiou as costas na amurada. O sol estava alto naquele momento, jogando sobre seus corpos um calor infernal. – Mas, por sorte, conheço outro alguém que pode.

– Como sabe de alguém que pode ajudar se não faz ideia sobre o que estamos pesquisando? – Moira franziu as sobrancelhas. Terence abriu um sorriso travesso.

– Porque ele sabe de tudo relacionado a tesouros.

– Tesouros? – ela repetiu em voz baixa. – Terence, você me disse que não sabia de nada!

– Um homem tem que mentir. – ele sorriu antes de beber mais um longo gole. – Não posso contar tudo para você agora, Moira, mas tem que cumprir a promessa que fez a seu pai. *Confie em mim*. Sei o que estou fazendo.

– Acha que essas pistas podem levar até meu pai?

– Talvez – ele coçou o queixo. – Talvez John as tenha deixado para um propósito maior.

– Como o que?

– Ora, Moira, de quem você acha que é a letra no pergaminho? – ele parou alguns instantes. Tempo suficiente para que a resposta chegasse até a garota. De maneira súbita e surpreendente. – Pois é. Isso é coisa da sua mãe.

– Minha mãe me deixou um pergaminho?

– E muito mais – ele lançou um olhar esquisito sobre a joia que repousava no pescoço da garota e ela a agarrou novamente. Estaria o relicário ligado àqueles números estranhos? O mesmo relicário que possuía alguma propriedade mágica, visto que ficara quente na presença de Armand... O que seus pais pretendiam deixando aquilo para ela?

CAPÍTULO IV

A garota baixou a aba do chapéu até que suas feições fossem cobertas pela sombra deste. Por mais que a noite estivesse começando, Terence a havia proibido de mostrar o rosto. Ele não queria, de jeito nenhum, que descobrissem se tratar de uma mulher debaixo de todos aqueles panos – segundo ele, as mulheres naquela ilha ou aceitavam o descaramento dos homens ou respondiam com facadas. Moira não era, absolutamente, do tipo perigoso ou atrevido, então preferiu seguir a sugestão.

Era alta e bastante magra, afinal de contas, e as roupas largas serviam para enganar perfeitamente. Quando o cargueiro aportou na misteriosa e até então desconhecida Ilha Spada, Moira soube que estava pisando num terreno perigoso.

Estava na amurada, observando a chegada da embarcação ao porto. Não havia muitos andarilhos por ali, mas ela avistou bêbados caídos em diversos pontos da praia.

Seguiu Terence por um caminho repleto de pedregulhos e logo identificou as luzes da civilização.

Ilha Spada era uma cidade escondida dos olhos da marinha. Ou talvez os oficiais que a conhecessem não quisessem arranjar mais problemas do que já tinham, pensou Moira sagazmente. Os piratas que vinham ali permaneciam por alguns dias e depois desapareciam em alto mar – não havia conflitos. Ficavam escondidos debaixo de garrafas de rum e das saias de mulheres e o mundo prosseguia como se eles não existissem.

Como Nassau ou Tortuga, segundo os livros de sua querida capitã Snow, Spada oferecia aos viajantes do mar conforto e prazeres dos mais diversos. Havia comércio, tavernas e bordéis por toda a extensão da pequena ilha.

A cidade era intrigante, na opinião de Moira. Risadas altas dançavam em direção aos seus ouvidos, além de gritos e discussões; as hospedagens ficavam sobre as tavernas, em sua maioria. Você tinha que passar pelo bar para alcançar uma cama.

Claro que, se o viajante estivesse interessado, os bordéis ofereciam recintos confortáveis para que passassem a noite – mas Moira sabia que dormir era a última coisa que os homens faziam naqueles lugares.

Pensar naquilo a deixava envergonhada. Sentia pena das mulheres que vendiam o corpo, por mais que sorrisos largos e atraentes enfeitassem seus rostos cobertos por maquiagem. Paradas às portas de seus respectivos locais de trabalho, as prostitutas acenavam convidativamente em direção aos que passavam por ali – algumas, mais ousadas, abraçavam os homens e os puxavam para dentro do bordel. Os mais bêbados tropeçavam ansiosos, os sóbrios acabavam declinando ao convite. Que pirata ou ladrão, em sã consciência, cruzaria com aquelas beldades e recusaria a uma noite de prazer?

Moira engoliu em seco quando passou por um dos bordéis.

Terence, parecendo muito mais à vontade que a garota – *à vontade até demais*, ela pensou embasbacada – cumprimentou as mulheres calorosamente. Uma delas ousou se aproximar, mas ele recusou com um aceno.

Moira lançou a Terence um olhar abismado no tempo em que chegaram ao local procurado. Era uma taverna antiga, cuja pintura interior deteriorava-se visivelmente. Não havia, contudo, bagunça como nos outros locais de bebedeira. As mesas redondas espalhadas pelo recinto estavam quase todas ocupadas por homens atarracados e de expressões amedrontadoras. Em suas mãos, canecas carregando os mais variados tipos de bebidas alcoólicas. Moira franziu o nariz ao sentir o cheiro que impregnava o local; suor, rum, maresia, nada atraente como os livros faziam parecer.

Perguntou-se quanto daquele mundo Arabella havia vivenciado, se de fato tivesse existido. Quanto da boemia e das bebedeiras a grande pirata havia aproveitado, quanto dos prazeres daquela ilha haviam sido desfrutados por ela. Perguntou-se, principalmente, se era aquela parte da pirataria que atraía sua heroína – a vida debaixo das próprias leis.

– Não acredito no que meus olhos veem! – Moira saltou de susto quando uma voz próxima exaltou aquilo. Seu coração retumbou violentamente em seu peito e ela temeu pelo seu fim. Com alívio, porém, reparou que o grito havia sido para Terence. – Sor Terence?!

– Peixe Morto! – um rosnado veio do estranho, mas ele havia recebido Terence num abraço forte. – Há quantos anos não vejo esse seu rosto arrebitado! – Com uma espiada discreta, Moira o avistou. Alto e com uma barriga proeminente, trajava roupas sujas de lama e cheirava a peixe. O nome era bastante sugestivo. Tinha grandes olhos expressivos e bochechas marcadas por cicatrizes. Não tinha cabelo algum na cabeça, mas o peito exposto pela camisa aberta estava cheio de pelos brancos.

– O que faz aqui, seu miserável? – O tom animado retornou.

– Vim tratar de negócios com um conhecido. – Terence explicou rapidamente.

– Ora vamos, sente e converse com seu velho amigo! – Peixe Morto puxou o homem para a mesa que dividia com mais alguns piratas. Havia prostitutas com eles, Moira percebeu. Pareciam ansiosas para sair dali e cumprir o trabalho pelo qual eram pagas. – E quem é o moleque? – A garota congelou onde estava.

– Um garoto que encontrei por aí. – Terence jogou as palavras como se não tivessem importância. – É mudo, o pobre bastardo. Perdeu a língua.

– Mas certamente sabe gesticular por uma cerveja. – Peixe Morto replicou com diversão. Terence não pareceu gostar daquilo. – Vá buscar uma caneca para este homem antes que eu desembainhe minha espada!

Os homens na mesa gargalharam. Moira engoliu em seco.

Ela marchou até o bar com os ombros baixos e pediu para o dono, sem erguer o rosto demais, por uma caneca de bebida.

Enquanto esperava, avaliou os bêbados debruçados sobre a bancada e encarou um em particular – estava de costas, usando um longo casaco escuro, e o chapéu de aba larga, enfeitado por duas penas, cobria-lhe a cabeça. O homem não estava caído como os outros, ocupado demais flertando com uma prostituta. Ele sussurrava qualquer coisa contra o pescoço da mulher, de maneira vergonhosamente íntima. Moira corou ao ver uma das mãos dele, os dedos longos enfeitados por anéis dos mais variados, se embrenhando para dentro da saia da desconhecida. A garota não ficou ali para assistir o resto. Pegou a bebida e correu para longe.

Terence recebeu a caneca e virou-a num só gole, pousando-a com um baque no tampo de madeira.

– E então... Que negócios têm a tratar?

– Onde encontro Stark? – Foi estranho, mas pareceu a Moira que toda a taberna ficou silenciosa por alguns instantes.

– Não se encontra Stark. Ele encontra você. – Peixe Morto replicou com bom humor. Terence revirou os olhos preguiçosamente e esperou. – Está querendo encrenca, Terence? Por que iria procurar aquele diabo?

– Negócios a tratar.

– Você não quer encontrar Stark, acredite. O diabo ficou pior com o passar dos anos. – Peixe Morto cuspiu no chão em seguida. – Um louco obcecado não atrai boa sorte, só infortúnios. Esse é o reinado daquele capitão.

– Responda logo.

– Soube que o galês está na ilha. – Outro homem comentou.

– Eu também. – Terence disse sarcástico. – É por isso que vim até aqui.

– Vai ser difícil, Thorn. – Moira empertigou-se ao ouvir o sobrenome do companheiro de viagem. Outro homem havia se pronunciado. Estava sentado mais para o fundo, apoiado nas pernas traseiras da cadeira. Era robusto e de meia

idade; tinha um olhar ameaçador. – Stark vai partir amanhã, pelo que ouvi. Sabe que ele não fica a vista quando pretende zarpar.

– Imaginei que não. – Terence resmungou. – O navio dele... Continua no mesmo lugar de antes?

– Stark é cauteloso, mas nem tanto. – Peixe Morto gargalhou. – Não há, porém, um louco o suficiente para ir até lá.

– De fato. – Terence assentiu pensativo. Ergueu-se com rapidez e deu as costas para os homens da mesa. Moira tencionou segui-lo, mas um pigarreio os fez parar.

– Acha mesmo que me esqueci, Thorn? – Peixe Morto soltou uma ruidosa gargalhada. – Ora, homem, não sou idiota. Você me deve dinheiro. – Moira encarou Terence com assombro, mas o rosto do homem era uma máscara de raiva.

– Achei que havíamos deixado essa história para trás.

– Ah, é? Pois achou errado então. – Peixe Morto avançou contra Terence e o mesmo desviou-se agilmente. O pirata, porém, estava tão determinado que voltou a atacar. Da segunda vez, conseguiu derrubar Terence e os pontapés e socos começaram a ser trocados.

Isso foi suficiente para iniciar um intrincado de brigas e rosnados e tiroteios. Todos os tiros, porém, eram disparados com pouca habilidade. Os presentes estavam bêbados demais para acertar qualquer alvo em movimento.

Moira não soube como proceder. Caiu de quatro no chão quando alguém a empurrou e começou a se arrastar pelos corpos embrenhados em lutas, ansiosa por alcançar a saída. Estava quase lá quando seus braços foram puxados para cima; bateu a testa contra o queixo de alguém, com força suficiente para que ele a libertasse – o homem, a menina notou, soltou seus braços para massagear o local ferido. Ela lançou um olhar raivoso na direção dele e ignorou a dor na cabeça. Teve plena certeza de que recebeu um xingamento, mas não ficou para descobrir; também não viu o rosto do indivíduo, pois ele o cobria com o chapéu. Um chapéu largo com duas penas no alto.

Finalmente livre para fugir, saltou contra a porta vai-e-vem e caiu de bruços no chão de terra.

Ergueu-se trôpega e escondeu-se no beco da taverna, espiando o mar de corpos que começava a marchar para longe dali. Ao avistar Terence, com um olho roxo e um corte fundo no lábio inferior, correu até ele.

– O que foi aquilo? – Moira exaltou assombrada.

– Piratas.

– Como sabe que é aquele? – Moira indagou num sussurro. Estavam do outro lado da ilha naquele momento, tendo acabado de atravessar a parte florestada, e observavam um navio solitário atracado próximo à praia. Vários botes estavam presos por cordas à areia, indicando que os tripulantes da embarcação haviam vindo a terra.

– Eu o reconheço. – O estranho murmurou com convicção.

Terence rosou.

Estava de péssimo humor desde o incidente no bar.

Terence havia ameaçado um dos piratas com uma faca e ele lhe dissera onde encontrar um guia. Agora vinha a parte suicida do plano: *embarcar sem serem vistos*. Moira relutou em aceitar, mas Terence garantiu que tinha tudo planejado.

Ela não conseguiu, contudo, ignorar a sensação de estarem sendo seguidos enquanto caminhava mata adentro.

Terence a havia deixado sozinha por quase uma hora na hospedagem acima de uma taverna vazia, indo buscar ajuda. Moira aproveitou sua solidão para lavar-se numa banheira velha de madeira, tremendo pela água gelada que havia conseguido arranjar.

Então o velho homem retornou. Ele estava com um sorriso no rosto, uma espada nova embainhada no cinto e um acompanhante – um garoto magrelo e de expressão cadavérica que sorria para a pequena bolsa de dinheiro em sua mão. Terence explicou a Moira que aquele estranho sabia onde estavam instalados os tripulantes de Stark e garantiu que seria seguro vasculhar o navio – mesmo desconfiada, Moira acreditou em suas palavras. O magrelo chamado Leonard os levaria até o navio. Já tinha sido tripulante.

Moira engoliu em seco ao se aproximar de um dos botes, visto que nunca se sentia bem ao usar embarcações tão frágeis – um navio parecia seguro aos seus olhos, um escalor não. Suas mãos agarraram-se às laterais de madeira quando Terence e Leonard a empurraram para o mar e só se soltaram quando o bote encostou-se ao gigantesco navio.

Era uma embarcação majestosa, Moira admitiu. De coloração escura e com uma carranca em forma de sereia à sua frente, tinha o nome entalhado na parte inferior – *ESPÍRITO DE GELO*. Interessante para um navio pirata.

As gigantescas velas brancas estavam içadas, mas lá no topo da torre da gávea, Moira avistou uma bandeira negra tremulando, uma *jolly roger* branca cintilando em meio ao ébano do pano esvoaçante.

O navio de Arabella, segundo as descrições, era de igual majestade. Havia desbravado oceanos desconhecidos e bombardeado inimigos em guerra pelo ouro. Moira quase podia ver sua heroína no tombadilho, ditando ordens com a

voz poderosa.

Terence subiu pela escada lateral com muita precaução, seguido de Leonard, e Moira imitou seus movimentos. Ao alcançarem o convés, suspiraram aliviados por não encontrarem qualquer alma viva. Leonard espiou atrás de barris e de canhões, procurando marujos bêbados ou adormecidos, mas o convés estava limpo. Gesticulou para os invasores avançarem – ele ficaria de vigia e, se nada acontecesse, receberia mais ouro.

Os piratas que guardavam a embarcação deviam estar no refeitório, Leonard comentou. A dupla teria tempo. Terence parecia saber exatamente o que estava fazendo, por isso Moira não se importou. Era até emocionante, pensou a garota, estar se aventurando àquele ponto!

Moira não tinha ideia do que fariam em seguida, mas seguiu Terence mesmo assim – ele não queria se demorar e pretendia passar o mínimo de tempo como invasor.

A garota então descobriu que deveria ajudá-lo a encontrar um mapa. Eles não precisariam de Stark se tivessem aquele pergaminho, foi isso que Terence lhe explicou rapidamente. As respostas estavam no mapa.

Trêmula de nervosismo, Moira passou o olhar pelo convés encoberto pela escuridão. Os barris empilhados num canto, canhões fora de uso, cordas amarradas por todas as partes; era inacreditável estar pisando num navio pirata! Repentinamente eufórica, a jovem deixou-se sorrir.

Fantástico demais para ser verdade.

Terence a tirou do devaneio com um puxão no braço e ela baixou o rosto ao ver seu olhar zangado. Não podiam demorar.

– Você vai até a cabine. – Terence sussurrou. – Espie pela fechadura e veja se não há ninguém. Entre lá e procure o pergaminho; vou vasculhar o andar inferior.

– Eu nem sei como ele é... – Contrapôs hesitante.

– Vai saber quando encontrá-lo.

– Mas, Terence... – Moira murmurou com assombro, porém foi empurrada na direção da cabine. Terence tirou uma arma do cinto; Moira nem sabia que ele carregava uma, visto que já tinha a espada. Embasbacada, a garota acabou caminhando até a tal porta e espiando pela tal fechadura.

O cômodo estava envolto em breu e solidão.

Sua mão suave ao encostar à maçaneta. Girá-la pareceu levar séculos. Moira fechou a porta atrás de si e limpou as mãos na calça. Sentiu-se engolindo um novelo de lã no instante seguinte, mas ignorou o medo e prosseguiu pelo aposento.

Permitiu-se observar, por breves instantes, a decoração exótica do lugar. A

janela ao fundo dava visão para o oceano atrás do navio e bem à frente dela estava uma larga escrivaninha, seu tampo forrado por pergaminhos dos mais variados. A cadeira parecia extremamente confortável, e havia um casaco pendurado nela – Moira achou curioso encontrar a vestimenta, visto que o seu dono estava longe dali. Era uma peça muito bonita, de couro escuro, e devia ficar muito bem no homem que a vestia.

Sem maiores devaneios, Moira aproximou-se da mesa e resistiu à vontade de olhar cada um dos documentos ali espalhados; ignorou também a curiosidade de olhar para os baús distribuídos pelo aposento. *Tinha que achar o mapa!*

Com cautela, aproveitou a luz da lua vinda da janela para vasculhar entre os diversos pergaminhos. Desenrolou alguns e tirou outros de certas pilhas, rezando para que não caíssem no chão. Alcançou o último, preso por uma fita vermelha, e preparou-se para abri-lo.

Não conseguiu, contudo, finalizar a ação.

Algo gélido e afiado tocou a pele de seu pescoço e sua postura enrijeceu. Moira ofegou quando a lâmina roçou sua garganta. Calafrios desceram por sua espinha e seus batimentos cardíacos aceleraram a ponto de ecoarem pelo silêncio do recinto.

Um corpo forte colou-se contra o seu, o abraço ao redor de sua cintura mantendo-a presa, e ela finalmente notou a respiração de alguém contra a lateral do seu rosto.

– Ora, ora, ora... – A voz era grave, com sotaque acentuado e cheio de charme. Junto a ela vinha o cheiro de almíscar e maresia, do tipo mais exótico e inebriante que Moira já sentira. – O que temos aqui? – Ele usou da zombaria.

A mão livre do estranho fez com que Moira se virasse. A lâmina ficou contra sua nuca, seu rosto a centímetros do recém-chegado.

Ela foi atraída pelos olhos dele. Intensos e vibrantes, contornados por linhas pretas, eram claros como raios de uma tempestade.

O homem tinha pele bronzeada e uma pequena argola prateada pendurada na orelha direita; barba rala ao redor do queixo e cabelos negros como o ébano, como as penas de um corvo, curtos e bagunçados. Seu rosto possuía feições fortes e sedutoras.

O sorriso foi o que surpreendeu a garota. Atraente, mordaz e absolutamente insano.

Ele ostentava o tipo de beleza mais arrebatadora que a garota já sonhara encontrar. Era dono de um olhar poderoso, mortífero e absolutamente sedutor, perigoso como o oceano.

– Não sabia que estava tão bem acompanhado, Thorn. – O homem exaltou. Moira reparou na porta, agora escancarada por dois brutamontes. Eles traziam

Terence pelos braços, mas ele não estava ferido ou desacordado. Os piratas apenas o escoltavam.

– Largue o moleque, Stark, viemos conversar.

– Moleque? – as sobrancelhas expressivas de Stark arquearam-se. – Não minta para mim, Thorn. Reconheço a beleza feminina quando vejo uma. – Ele retirou o chapéu de Moira, jogando-o ao chão. Os cabelos escuros da garota cascadearam por seus ombros.

Aqueles vibrantes olhos azuis passaram pelo rosto dela de maneira tão descarada que Moira viu-se constrangida. Houve inquietação por trás das orbes elétricas, e reconhecimento. Quase como se Sebastian estivesse vendo um fantasma, e não Moira.

– Muito bem, agora que já descobriu sobre ela, deixe-me explicar essa invasão!

Mas Stark não estava mais prestando atenção. Seus olhos haviam se fixado abaixo do pescoço de Moira, onde o relicário pendia. Assombro e incredulidade passaram pelo rosto do pirata. Ele então encarou Moira como se finalmente a notasse e sussurrou:

– Onde conseguiu *isso*? – Ela não respondeu, não imediatamente.

– É sobre isso que quero lhe falar, Sebastian. – o pirata voltou-se para Terence com uma ansiedade surpreendente. – A menina tem parte da chave. Viemos fazer um acordo com você.

CAPÍTULO V

Sebastian Stark aceitou ouvir a proposta de Terence, portanto, ordenou a seus homens que se retirassem. Logo que se viu livre, Moira se afastou apressadamente do pirata, exibindo seu olhar mais amedrontado ao encará-lo – não queria se passar por covarde, mas não conseguiu se conter. Seu coração batia tão forte em seu peito que se tornava impossível ignorar o assombro.

A garota inspecionou detalhadamente o recinto quando os capangas de Sebastian se retiraram. Deixou os olhos acinzentados delinearem os baús que transbordavam de objetos valiosos dos mais variados, alguns parecendo tão frágeis quanto cristal. Havia vasos altos e grandes, cujos interiores guardavam pedaços de panos coloridos e vários tipos de roupas – Moira tinha certeza de que eram lembranças das diversas viagens pelas quais o navio havia passado. Restos de pilhagens feitas por aquele pirata misterioso. Havia também joias intrincadas por pedras coloridas, todas jogadas sobre a única prateleira do recinto. Ela surpreendeu-se ao avistar alguns livros, mas tinha plena certeza de que não conhecia as línguas em que foram escritos.

Esperou que Sebastian se dirigisse a sua cadeira para confrontar Terence com seu olhar apavorado. *O que diabos estava acontecendo ali?* Por que o pirata os havia encontrado? O informante não havia garantido que o capitão estaria longe de seu navio naquela noite?

Não se encontra Stark. Ele encontra você. A voz do homem no bar ecoou pela mente dela.

Terence pediu que Moira mantivesse a calma, mal movendo os lábios para formar as palavras. Ela anuiu, mas não impediu a inquietação.

– Confesso que quando o vi na taverna mais cedo, Thorn, imaginei que trouxesse problemas consigo. – Sebastian estava confortavelmente sentado atrás da mesa agora, as botas de couro cruzadas sobre o tampo de madeira. Ele havia jogado o chapéu adornado por duas penas sobre os pergaminhos, e Moira lembrou-se do homem que a havia agarrado durante a confusão. *Era Stark!*

Arregalou os olhos ao constatar que havia dado uma cabeçada no queixo do perigoso pirata. Ele a encarou com diversão, contornando a mandíbula com os dedos enfeitados por anéis, e Moira logo soube que ele a identificara.

– Nosso encontro mais cedo foi muito rude, amor. Acho que me deve desculpas. – Indignada e perturbada, ela cruzou os braços e se aproximou de Terence um pouco mais, buscando a proteção dele ao retrucar:

– Foi você quem me agarrou. – Sebastian gargalhou.

– Aye. E não me desculpo por isso. – piscou o olho para ela, trazendo rubor as bochechas magras da menina. – Agora, Terence, loucura sua trazer uma dama para essas redondezas, não? Insano, eu diria. No mínimo arriscado.

– Ela é importante para a viagem. – Terence retrucou rabugento. Sebastian encarava Moira com aquele olhar sombrio, o rosto ligeiramente baixo.

– Imagino que seja. – Sebastian colocou o cotovelo no apoio da cadeira e o queixo sobre a mão. O sorriso de canto jamais deixando o rosto. – Talvez queira falar sobre essa joia. – Gesticulou na direção do relicário.

– É aquilo que você estava procurando. – Terence garantiu.

– E a prova de que fala a verdade? – O pirata replicou entediado.

O mais velho pareceu ponderar um pouco e lançou um rápido olhar para Moira. A jovem, sem entender nada, arqueou as sobrancelhas para ele.

– Olhe para a menina, Stark. Ela é obviamente filha de *Black*. – A menção ao nome bastou para tirar o sorriso torto do rosto de Sebastian. E, diferente do exigido por Terence, o pirata não a encarou. Como se a gota d'água tivesse transbordado uma taça, Moira perdeu a compostura:

– Mas o que meu sobrenome tem a ver com tudo isso? E por que meu colar interessa tanto a *ele*? – E quando disse aquilo, fez questão de encher a palavra final com desgosto. Sebastian pareceu notar, mas não fez menção a se importar.

– Ora, *cariad*[\[4\]](#), tudo. – o pirata respondeu com humor. Moira cingiu as sobrancelhas pela pronúncia galesa. – Prefere que eu te chame de *amor*? – Ele pareceu notar sua confusão. O rosto dela se avermelhou pela ousadia.

– Por favor, explique-se. – Ela continuou a ignorá-lo, mantendo a atenção sobre Terence. Ele acabou dando-se por vencido:

– Sua mãe lhe deixou esse colar mais do que como uma lembrança, Moira – o homem explicou. Tinha a calma que Moira desejava recuperar. Sentia-se desequilibrada quando perdia a paciência, fora de si o suficiente para agir sem pensar. – Ele tem a ver com uma antiga lenda dos sete mares... Uma lenda não. Uma história, porque é real. Ela pesquisou muito sobre isso. Falava sobre um tesouro.

– Minha mãe sabia dessa lenda? – Ela perguntou mais para si mesma, mas Terence acabou assentindo.

– E seu pai.

Sebastian assistia ao diálogo em silêncio, mas sua presença continuava tão marcante que ficava difícil não encará-lo. Moira o fez e se arrependeu, pois ele

sorriu em retorno.

– Sua mãe se foi sem deixar explícito o *que* conhecia sobre o tesouro, mas pelo fato de ela ter encontrado a joia... Bem, devia saber bastante. Tudo o que recebi dela foram instruções. Disse-me para ajudar você quando chegasse à hora. Ela me garantiu que você ajudaria a alcançar as riquezas.

– Como? – Moira piscou repetidas vezes, confusa com as informações.

– Você tem parte da chave. – Terence apontou para o relicário e Moira instintivamente o escondeu com a mão. Doía-lhe o coração pensar que a mãe havia deixado todo um rumo para sua vida dando-lhe aquela joia, mas a curiosidade em descobrir mais sobre o tesouro foi maior.

– Por favor, me conte sobre a lenda.

– Não é uma lenda – Sebastian desencostou-se da cadeira e cruzou as mãos sobre a mesa. – *Há* um tesouro.

Moira relutou em virar-se para ele, mas acabou desistindo.

– Uma cidade foi amaldiçoada pelos deuses, há muito tempo. Não se sabe qual a razão do castigo, mas o fizeram severamente. Lançaram a imortalidade para que as almas jamais deixassem esse mundo e os trancafiaram numa prisão sem grades. Tinham todas as riquezas que o homem pode desejar, mas faltava-lhes a liberdade. A vida eterna os enlouqueceu. As divindades esconderam a ilha de tudo e todos... – Sebastian fez uma pausa e arqueou a sobrancelha para a garota, mas ela pediu que prosseguisse. Tinha suficiente entendimento quando se tratava de histórias fantasiosas. – Pois bem... A cidade desaparecia por um século numa dimensão e emergia na outra durante alguns anos, por piedade de uma deusa, e então o ciclo recomeçava. Quando a lenda se espalhou, muitos acreditaram se tratar de uma fantasia absurda. Em determinado momento, anos depois, a maldição enfraqueceu. Foi o suficiente para que uma das prisioneiras fugisse e viesse buscar auxílio em terra... Um pirata a encontrou. James era seu nome. Uma das grandes figuras da pilhagem resgatou a pobre fugitiva e a acolheu sem saber que se tratava de uma moradora da cidade mística. A mulher caiu de amores por esse pirata e confidenciou-lhe o segredo sobre sua antiga morada, sem imaginar que James ficaria tomado pelo desejo. As riquezas que a cidade escondia atrás de seus muros colossais trariam mais poder do que ele sequer podia imaginar; com sua tripulação, usando de uma artimanha para enganar a mulher e fazê-la acreditar que tinha boas intenções, conseguiu passar pelos perigos que guarneciam as redondezas e massacrou tantos quanto pode, roubando o máximo que conseguiu sem, contudo, encontrar o objeto que mais desejava... As histórias nunca disseram qual era, mas acredita-se que tenha algo a ver com a fonte de toda a imortalidade. James então desapareceu, levando consigo um mapa para retornar caso achasse necessário. Os deuses não ficaram

satisfeitos e lançaram sobre ele um castigo por invadir o território escondido; *nada se sabe sobre essa maldição*. A mulher também sofreu um castigo horrível. Sua alma ficou presa à chave que usara para levar James até a cidade. Ela tornou-se um espectro da criatura outrora imortal.

Moira estava boquiaberta demais para fazer qualquer comentário.

– Temerosa pelos boatos que se espalharam, a tal mulher fez uso de uma magia antiga para partir a chave em três pedaços. Escondeu-as em lugares distintos e então morreu.

– E como sabe que meu colar é uma das chaves? – A voz da garota soou incrédula ao ponto de fazer Sebastian rir.

– Como sei? – ele tinha se levantado e agora caminhava na direção de Moira. Ela deu dois passos para trás no mesmo instante, estacando contra Terence. – Porque procuro por esse tesouro desde os meus dezoito anos, *amor*. Conversei com xamãs e videntes. Naveguei pelo mundo em busca de respostas. Apenas *uma* mística conseguiu descobrir parte do enigma, e o fez com grande esforço – ele abriu aquele sorriso perturbado e Moira estremeceu. – E tudo isso graças a mim.

– Eu quero propor um acordo, Stark. – Terence finalmente se pronunciou. Sebastian arrastou os olhos até ele. – A menina tem parte da chave. Você tem as informações. Precisamos do mapa e dos outros dois pedaços. Podemos tentar encontrá-los.

– Você acha? – O pirata zombou.

Terence não respondeu. Em um piscar de olhos trazia a pistola engatilhada numa das mãos e o pergaminho deixado pelo pai de Moira na outra. A garota hesitou, tencionando pegar a folha e fugir, mas tinha certeza de que os capangas de Sebastian estavam logo ali fora.

– Black deixou isso pouco antes de ser levado pelo Tormenta. – Sebastian não parecia amedrontado com a arma apontada para o seu peito, mas a menção ao navio de Blackburn o deixou desconfiado. – Não sei o que diabos aquele homem tinha em mente, mas está mais do que claro que Moira tem uma grande ligação com esse tesouro. Sua mãe lhe deixou a chave e seu pai os códigos... Há algo de incomum em sua história. – Ele agora falava diretamente com a jovem.

Como podia aquilo sequer fazer sentido? Como seus pais ousavam ter lhe deixado nada mais do que um pergaminho cheio de números e uma droga de colar? Queriam que ingressasse naquela jornada sem a certeza de que se tratava de algo verídico?

E, ainda por cima, queriam que confiasse num pirata? Terence era um velho conhecido da família, Moira podia aceitar suas suposições, *mas Stark*? Quem era aquele homem, afinal? Ele não era como a capitã Snow, de seus livros. Sebastian

parecia mau.

– Não quero tesouro algum – Moira interrompeu a discussão calorosa entre os dois. Stark arqueou uma sobrancelha com curiosidade, enquanto Terence tencionava falar. – Eu só quero meu pai de volta. E isso é um absurdo! Não vou viajar por aí no barco de um estranho só porque você acha que eu recebi sinais.

– Primeiro: Não é um barco, é um *navio* – Sebastian soou absolutamente ofendido. – Segundo: eu estava prestes a expulsá-la daqui porque este *navio* não é lugar para crianças. E essa viagem muito menos.

– Não sou criança. – Retrucou embaraçada.

– Moira. – Terence puxou a garota pelo braço e fez com que ficasse de costas para Sebastian. Contudo, estava plenamente consciente dos olhos dele na conversa. – Deixe-me falar com Stark. Deixe-me convencê-lo de que você tem que viajar conosco.

– Só não entendo porque você quer tanto ir! – ela puxou o braço de volta rudemente, lançando um olhar intenso. – Não podemos simplesmente voltar para casa?

– Fiz uma promessa de que a protegeria.

– Proteger *do que*?

– Do Tormenta. – Sebastian respondeu por ele. Moira não se deu ao trabalho de virar. – O navio que vem atacando todas aquelas cidades? Seu capitão quer a chave tanto quanto eu.

– Quem é esse tal capitão, afinal?

– Blackburn. – Sebastian havia baixado um pouco a cabeça e a sombra formada sobre seus olhos cristalinos trouxe um arrepio à espinha da garota. Ele parecia assustador.

– Eu já sabia o nome dele. – Moira crispou o retruco.

– Também já sabia que ele é o herdeiro de James? Que está em busca do tesouro que seu avô encontrou?

– Então significa que ele tem o mapa. – Terence concluiu.

– Oh, não. – o sorriso convencido alargou-se no rosto de Stark. – Eu roubei dele. Blackburn pode nunca ter sido visto por uma alma viva, mas tenho certeza de que deseja arrancar minha cabeça com suas próprias mãos – Ele não soava amedrontado, mas animado. Moira surpreendeu-se com sua coragem; *ou com sua tolice*, pensou em seguida.

x x x

A garota estava apoiada na amurada do navio, apavorada o suficiente para não olhar para os lados.

Sebastian e Terence haviam se retirado para conversar em particular, qualquer coisa sobre um acordo pirata a ser feito, e Moira fora proibida de participar. Sozinha e acuada, a garota escolheu um canto próximo à escada lateral do convés e encostou-se ali.

Os primeiros tripulantes a chegarem não notaram a invasora; alguns estavam trôpegos e bêbados o bastante para não permanecer muito tempo de pé. Sebastian deu-lhes um rápido sermão e exigiu que cuidassem dos preparativos para zarparem dali a duas horas. Outra voz assumiu comando quando ele se retirou, mas Moira estava distraída demais para reparar nela.

Stark havia designado um dos tripulantes para cuidar da garota pouco antes de desaparecer no corredor que levava à sua cabine – *cuidar* em termos, visto que o tripulante em questão era só uma criança. O capitão bagunçou o cabelo do rapazinho e apontou para Moira, dizendo-lhe qualquer coisa com um sorriso divertido no rosto. Ela observou a cena com curiosidade.

O menino que apareceu para cuidar de Moira devia ter em torno de doze anos. Era alto e muito pálido, tão magro que chegava a assustar – o rosto de feições infantis contava com grandes olhos verdes. O cabelo curto era castanho e possuía um corte parecido com o do capitão. As roupas eram largas demais para seu tipo físico, mas ele parecia à vontade com aqueles trajes.

– Senhorita – ele tocou a ponta do chapéu ao avistá-la. – Fico honrado em poder servi-la.

– Mas você não é meu servo – ela retrucou no mesmo instante, arrependendo-se logo depois. O olhar do menino murchou. – *Hã...* Qual seu nome?

– Chamo-me Tobias, senhorita. – Moira assentiu e apresentou-se em seguida, num tom mais cordial e educado que o anterior. Tobias sentou-se na escada, mantendo os olhos nela o tempo todo, mas não falou mais. Frustrada, Moira apoiou os cotovelos na amurada e o queixo sobre as mãos, deixando o olhar vagar até a praia.

Acompanhada do som de passos por todos os lados e da chegada de mais outro bote ao navio, Moira mergulhou em seus próprios devaneios, tentando entender como sua vida podia ter mudado tanto em tão pouco tempo.

Dias antes, teria desacreditado se lhe confidenciassem seu futuro, e ali estava ela: *em um navio pirata*, esperando Terence retornar para lhe dizer o que havia sido combinado no acordo com o capitão Stark.

Queria entender como o herdeiro de James havia descoberto sobre sua posse de parte da chave. Isso significava que ele não desistiria, certo? Seria esse o motivo de Terence tê-la tirado da cidade? Era a única explicação razoável para a fuga inesperada.

Terence havia prometido que a manteria a salvo – teriam seus pais previsto

que, deixando a chave e aquele pergaminho para a menina, estariam colocando sua vida em risco?

Moira cruzou as mãos e rezou a Deus para que tudo aquilo fosse apenas uma alucinação sua. Que logo despertasse em sua cama, na cidade de Esperança, longe de incertezas e crises. Longe de um maldito tesouro pirata.

Irônico pensar que até pouco tempo antes desejava ingressar numa aventura. Que sonhava em se tornar capitã de um navio para velejar em busca de riquezas imensuráveis. Que desejava ardentemente ser como Arabella Snow.

Agora se acovardava.

A vida real não é como nos livros. É mais assustadora.

Encarou o relicário pendurado em seu peito num misto de curiosidade e indignação.

Mal notou a aproximação de alguém de tão afundada em pensamentos que estava. Terence tocou seu ombro de maneira afetiva e encostou as costas à amurada, colocando-se de frente para a garota. Moira refutou seu olhar durante alguns instantes, considerando culpá-lo por toda aquela maluquice que vinha acontecendo, mas achou burrice fazê-lo. Terence estava, afinal de contas, ajudando-a a ficar viva.

Não sabia ao certo quanto tempo conseguiria durar numa viagem daquelas; diabos, nem sabia ao certo se queria ingressar naquela insanidade! Mas o que podia fazer? Tentar retomar uma vida normal? Como, se agora sabia que o tal capitão Blackburn a procurava?

– Tudo bem? – Terence indagou preocupado. Moira acenou positivamente. – Imagino que a falta de informações a frustrasse, Moira, mas eu vou tentar explicar o máximo que conseguir. Pode me fazer qualquer pergunta, mas peço que seja paciente quanto às respostas. Muitas delas nem eu mesmo sei.

– Eu quero saber uma coisa – ela parou um instante. – Como vai ser daqui para frente?

– Stark aceitou que viajemos com ele para visitar a tal xamã que o ajudou.

– Como pode confiar tanto naquele homem? – Moira indagou repentinamente. O acesso de fúria surpreendeu Terence, mas ele manteve o tom controlado. Moira estava se contendo, temendo perder o controle de sua razão.

– Porque já salvamos a vida um do outro. – as sobrancelhas da garota tocaram o céu, tamanha sua incredulidade. – Nunca fui o oficial da marinha de quem tanto ouviu falar, minha querida. Há muito em meu passado que até eu desejo esquecer.

– Você já foi um pirata?

– Você nunca deixa de ser um pirata. – a sombra do sorriso dele foi um dos mais animados que Moira já vira enfeitando seu rosto. – Só nega esse fato

quando deseja se esconder do mundo.

– E como aconteceu?

– O que?

– Como ele salvou sua vida?

– Isso é história para mais tarde – O segredo estava ali a apenas alguns centímetros e Moira não pode alcançá-lo. Frustrada, a garota assentiu e voltou os olhos para o mar.

– Então é isso? Vamos partir em viagem e torcer para que uma vidente nos explique esse futuro suicida? – Terence assentiu com uma risada bem humorada. Moira não via nada de graça na situação. – E se ela disser que eu devo ajudar a procurar o tesouro?

– Aí fica por sua conta. Algo nessa história está relacionado aos seus pais, algo que você certamente poderá descobrir. Mas está livre para decidir se quer ou não.

Moira engoliu em seco. No fundo, já sabia qual seria sua resposta.

CAPÍTULO VI

Moira não se sentia tão confortável no mar quanto sempre supôs que se sentiria. Na realidade, a garota implorava por um pedaço de terra. Vergonhoso pensar assim, mas que Deus a ajudasse, o oceano e sua instabilidade a perturbavam.

Fazia apenas quatro dias desde sua partida de Ilha Spada e o enjoo não a abandonou em momento algum. Contudo, não ousava reclamar isso para qualquer marujo, nem mesmo para Tobias, o seu compreensivo acompanhante. Sempre que sentia seu estômago embrulhar, corria até a amurada e ficava parada ali pelo tempo necessário. Tinha vomitado apenas uma vez desde a partida – e parecia uma boa notícia do seu ponto de vista – e só Tobias havia visto a cena. O menino prometeu não contar a ninguém, e até ajudou, trazendo uma jarra cheia de água para que lavasse a boca.

Acontecia que Moira estava odiando a viagem. Odiando por causa dos murmúrios.

Todos ali percebiam que a garota nunca tinha velejado, que não passava de uma dama da cidade, e não perdiam a chance de falar sobre ela. Irritada por ser alvo de tantos olhares, desejava passar àqueles piratas salafrários a impressão contrária – de que era uma *mulher* forte.

Mas desde que se encontrara com a primeira imediata de Stark, Moira sentira suas esperanças escorrendo pelo convés. Perto dela, Moira era uma criança.

O tolo que algum dia comentou sobre mulheres a bordo de navios trazerem azar jamais conhecera Tamina Queen. A pirata era bela como uma rosa e perigosa como seus espinhos. Era uma mistura de sensualidade e adrenalina.

Baixa e dona de um corpo curvilíneo, Tamina tinha em torno de vinte e cinco anos, Moira julgou. Os olhos amendoados circundavam-se por contornos pretos, tornando a intensidade das grandes íris ainda mais chamativa. O cabelo castanho liso caía por sobre os ombros como uma cascata. Uma bandana verde enfeitava sua testa, da mesma cor e tecido que o colete cobrindo o seu tronco. As calças pretas e as botas pareciam velhas, mas o casaco tinha aparência de recém-adquirido. Recém-roubado, provavelmente.

Moira encarou a pirata por tempo demais e acabou envergonhada quando a

mulher lhe direcionou um olhar raivoso. Ela tinha um gênio difícil, dissera-lhe Tobias, e eram poucos os tripulantes que gostavam dela. Muitos adorariam vê-la andando na prancha – Tobias não, no entanto. Ele dissera gostar muito de Tamina, principalmente quando ela não estava no timão. O menino explicou que a pressão para uma mulher comandar tantos homens a sufocava, e ela tinha que demonstrar autoridade por meio da intimidação.

Em muito Tamina lembrava Moira da Capitã Snow. Era destemida. Sua presença, arrebatadora. Por isso, talvez, apesar de admirar a pirata, Moira amedrontou-se quando recebeu uma bronca dela.

Terence e a garota estavam conversando, sentados na escada lateral esquerda, quando a sombra de Tamina curvou-se sobre seu rosto.

– Se não vai trabalhar, não atrapalhe, *pirralha*. – Moira encolheu-se com a grosseria, principalmente com a frieza na voz dela, e deu-lhe passagem. Passou o resto dos dias de pé sempre que subia ao convés.

Moira estava dormindo num aposento nada admirável, um lugar usado como depósito, então se encontravam barris e mais barris e rum ao lado do amontoado de panos que usava como travesseiro. Era isso ou dormir com a tripulação, como Tamina fazia. A primeira imediata não se importava nem um pouco, pois repousava com a mão suspensa sobre uma faca afiadíssima – qualquer um que tentasse alguma coisa acabaria perdendo o olho. *Ou outra coisa*.

Moira não ousou reclamar da “hospitalidade” cedida pelos piratas, até porque não teve coragem para fazê-lo. Nos dias que se seguiram, a jovem dividia-se entre passear pelas bordas do convés e admirar o oceano ao seu redor ou permanecer no quarto abafado cheirando a rum. Vez ou outra tinha que optar por aquilo, pois se sentia perseguida por muitos olhares indesejados. Os homens daquele navio eram tão sutis quanto higiênicos. Cheiravam a maresia, mas não de maneira atraente como o capitão... Ah, *definitivamente não*.

Pensar nele causava um misto de curiosidade e ansiedade em Moira. Não o via havia várias horas, quando Stark deixara sua cabine para subir as escadas e postar-se atrás do timão – com Tamina ao seu lado, quieta como uma sombra, Sebastian gritara as ordens aos seus homens e eles moveram-se com rapidez para cumpri-las. O efeito da bebedeira não parecia permanecer por muito tempo em seus organismos, visto que estavam surpreendentemente sóbrios uma hora após a chegada.

Moira estava sentada na escada quando Stark aparecera e imediatamente se prostrou de pé. O pirata, porém, seguiu pelos outros degraus e lançou um sorriso torto. Ligeiramente irritada, Moira voltou a se sentar e observou enquanto ele ditava as ordens.

A maneira natural com que ele comandava parecia vir do seu âmago. Ela não

se surpreendeu por achá-lo indestrutível naqueles momentos.

Quando terminou, Sebastian sussurrou qualquer coisa a Tamina e ela acenou positivamente.

Moira acompanhou o gesto com curiosidade envergonhada; os lábios do capitão roçaram na orelha da pirata, de maneira quase íntima, e ficou claro que aqueles dois tinham uma ligação. Compartilhavam o mesmo tipo de sorriso quando Stark se afastou.

O capitão permaneceu mais um tempo lá em cima, as mãos enfeitadas por diversos anéis agarradas ao timão do navio.

Moira delineou a figura de Sebastian com sutileza. Antes, estivera com a mente imersa num turbilhão de informações, de modo que não gravou bem os detalhes compondo o físico do capitão: o jeito firme e determinado com que andava, sem nunca baixar a cabeça; a curvatura natural dos lábios; o jeito com que o colete negro que encobria seu tronco, marcando os músculos fortes; como o casaco escuro longo ficava bem nele...

Sebastian Stark seria o perfeito anti-herói em seus livros, um personagem marcante e intenso, regado a mistérios e sensualidade.

Maldição, Moira. Reclamou consigo mesma, virando o rosto a tempo. Stark acabara desviando seu caminho e descendo pela escada ocupada pela garota. Quando passou ao seu lado, o cheiro de almíscar impregnou o ar, e Moira viu-se contendo um suspiro. Encarou o exótico homem com um pouco de desconfiança e grunhiu quando ele piscou um olho em sua direção, absolutamente divertido.

Sentiu-se idiota ao ver o sorriso de Sebastian – cheio de humor, zombando escandalosamente dela. Baixou o rosto e ignorou a presença dele pelos segundos seguintes. Depois, o capitão desapareceu para dentro de sua cabine, não dando as caras pelas horas que se seguiram.

X X X

Estava apoiada num canhão, bastante próxima às escadas para o tombadilho, deixando que os olhos curiosos passeassem pelas dezenas de marujos que corriam pelo convés. Era início de tarde, o calor estava insuportável, e tudo que Moira podia fazer para se distrair era observar.

Só notou a sede que sentia quando alguém se aproximou com um cantil – Moira sorriu para Tobias, cujo rosto avermelhou-se em timidez. Agradecendo pela água, sorveu metade do líquido em poucos segundos.

– A senhorita está melhor?

– Pode me chamar de Moira. – respondeu com simpatia. – E sim, muito melhor, obrigada.

– O capitão disse que eu deveria cuidar para que você se sentisse bem-vinda, então... Se precisar de qualquer outra coisa, não hesite em pedir. – Moira encarou Sebastian lá no timão.

– Sou grata pela sua hospitalidade, Tobias. – Ela respondeu.

– Ei, garoto! – Os dois se voltaram para Tamina. A primeira imediata subia as escadas para o tombadilho. Em seu rosto havia uma expressão séria equilibrada a um sorriso de diversão. Ela acenou, chamando pelo menino.

– Com licença. – Tobias deixou o cantil nas mãos de Moira e disparou na direção do timão. Discretamente, os olhos acinzentados da observadora capturaram a cena que se seguiu.

Tobias alcançou Tamina com uma expressão mesclando curiosidade e temor. Como a máscara de uma criança que estava para receber uma bronca, mas que se divertia por isso. Sebastian, perto deles, os observou com carinho.

Tamina discursou qualquer coisa sobre cordas soltas e a falta de habilidade motora do menino. Com as mãos apoiadas no quadril e as feições cingidas numa careta descontente, ela parecia amedrontadora – Tobias, no entanto, riu ao fim. Tamina lançou a Stark um olhar beirando a indignação, mas o capitão apenas deu de ombros, piscando um olho para o menino.

– Isso é um motim! – A primeira imediata exclamou. Tobias caiu na risada e escapou quando ela tentou agarrá-lo pelo colarinho. Ele foi se esconder do lado oposto, colocando Sebastian como seu muro de proteção. O pirata se esquivou, deixando o timão para não se meter entre os dois. Tobias trombou contra o comando do navio, abaixando-se quando Tamina tentou lhe dar um tapa na cabeça.

– Deixe o garoto, Tamina. Ele só estava se divertindo.

– *Uma hora*, foi o tempo que os marujos levaram para desamarrar aqueles nós mal feitos. Quantas vezes eu vou ter que falar...

– Duas voltas e um laço, sei disso. – Tobias bufou.

– Não faça careta para mim, mocinho.

– O capitão vive fazendo caretas para você. Só que o faz mais discretamente.

– Ah, é? – Tamina cruzou os braços para Sebastian, cujo sorriso largo e espontâneo surpreendeu Moira; havia tanta alegria e regozijo ali... Nada semelhante aos gestos cheios de escárnio e frieza que ele lhe dirigia. – Duas crianças, é o que vocês são. Se esse navio acabar no baú de Jones qualquer dia desses, não ficarei surpresa.

Sebastian bagunçou o cabelo de Tobias, parecendo orgulhoso por ele ter levado a bronca.

– As suas “crianças” são ótimas comandantes. Você deveria se orgulhar.

– E eu deveria colocá-lo na torre da gávea em seu próximo turno, garoto. –

Tamina, no entanto, sorria extasiada. Moira escondeu o choque por ver tamanha genuinidade e felicidade em seus gestos, que tão comumente demonstravam ira.

– Mas agora o turno dele está com a nossa convidada. – Sebastian empurrou o garoto na direção das escadas com suavidade, gesticulando na direção de Moira. Ela baixou o rosto, escondendo o rubor por observá-los por tanto tempo. – Vá trabalhar, *bachgen*[\[5\]](#).

– Aye, capitão.

x x x

– Moira? – ela não se virou para Terence. Estava passando mal novamente, o tronco esticado sobre a amurada e os braços pendendo fora do navio. Era noite e havia poucos piratas caminhando pelo convés. Cansada de ficar embrulhada em seus aposentos, Moira arrastou-se para fora e agora descansava o corpo contra o apoio. Terence deu tapinhas confortantes em seu ombro e parou ao seu lado. – Ainda se sentindo mal?

– O senhor não faz ideia. – Moira retrucou num fio de voz. Estava suando frio e tinha certeza de que, se tivesse comido nas últimas horas, estaria colocando tudo para fora naquele instante.

– Sua mãe costumava reclamar de navios quando era mais nova. O pai era marinheiro e levava a família quando fazia viagens muito demoradas. – Terence comentou casualmente, mas foi o suficiente para tirar Moira do torpor de agonia. Ela ergueu o rosto. – Isobel era muito parecida com você. – Moira suspirou.

– Por que ela não me deixou um aviso? Um simples alerta de que esse relicário era mais do que uma joia... – Indagou com angústia.

– Querida... – Terence segurou suas mãos pequenas entre as grandes e calejadas dele. – Sei que tudo soa absurdo aos seus ouvidos e compreendo perfeitamente seu desespero, mas não tenho as respostas para as atitudes de sua mãe. Só sei que John tinha conhecimento da ligação deste colar com o tesouro, senão não a teria mandado fugir durante o ataque.

– E aqueles piratas...? Estão atacando todas as cidades a procura de mim?

– A informação que Stark tinha era que o rubi estava escondido numa cidade próxima à Ilha Spada. Considerando o território, as mais propícias seriam as portuárias. Blackburn deve ter pesquisado sobre as possíveis localizações.

– E Stark não?

– Ele tinha desistido de procurar esse tesouro.

– Então ele realmente acreditou nessa joia? Que é a parte que procurava com tanto afinco? – Moira exibiu sua surpresa.

– Ah, acreditou. Aquele pirata sabe tudo sobre essa história. O tanto que ele e

a esposa pesquisaram...

– Esposa? – Moira franziu as sobrancelhas, mas Terence havia se calado. – Quem é ela? – *Tamina, talvez? Isso explicaria muita coisa.*

– Quem *era* ela. Morreu. – ele replicou num tom rude, parecendo arrependido por ter falado sobre aquilo. – Sem perguntas. – Moira acabou assentindo pela exaustão. O ritmo com que o navio balançava trazia cansaço aos seus membros, principalmente pelo vento forte soprando contra as velas largas. A garota desistiu da amurada e resolveu aventurar-se em seu quarto novamente. No meio do caminho, mudou de ideia.

Avistou outra porta a sua frente, uma assustadoramente conhecida, entreaberta. Luz amarela pingava da fresta deixada, tão clara em meio à escuridão do pequeno corredor que chegou a machucar os olhos de Moira. Mordendo o lábio inferior, com a curiosidade correndo solta por suas veias, ela caminhou a passos largos até o local.

Parou a alguns centímetros da porta e esperou por algum ruído, mas não conseguiu ouvir nada. Tomada pela impulsividade que tanto detestava, Moira acabou espiando o interior do aposento – Stark não estava, mas estivera até pouco tempo.

Havia uma garrafa de vidro vazia sobre a mesa e diversos mapas estendidos por seu tampo. Moira apressou-se para examiná-los, mas não tinha qualquer experiência naquele ramo de leitura. Qualquer coisa ali indicava uma região bem no centro do mar do Caribe. Era apenas uma marcação no meio do vasto oceano. A garota não sabia se localizar o suficiente para entender onde aquele círculo indicava.

Estava compenetrada na observação, mas congelou quando uma gargalhada ruidosa chegou até seus ouvidos. Ela virou o rosto para encarar Sebastian, que trazia nas mãos uma nova garrafa de rum. O ombro dele estava apoiado contra o batente da porta e, com vergonha, Moira reparou que a camisa do pirata estava desabotoada.

Seus olhos acompanharam os músculos cobertos por pele bronzeada. Pendurado sobre o peitoral forte estava um colar, uma corrente de prata contendo um crucifixo e um anel. Havia tatuagens das mais diversas espalhadas por seu tronco, símbolos e frases e uma jolly roger fascinante. Moira rendeu-se a observá-lo pelos segundos que se passaram e a pele pálida tingiu-se de vermelho pela ousadia.

– Precisamos parar de nos encontrar assim, amor. – ele disse bem humorado. Seus olhos azuis eram um contraste à sua expressão perturbada. Pareciam afogados em emoções sombrias. Por isso ela se afastou quando Stark se aproximou. – Você está sempre invadindo meus aposentos. Não gosto de coisas

repetitivas.

– Sinto muito – ela pediu em seguida. – Não queria... Invadir sua cabine. Só vi a luz e pensei que... – *pensou o que?* Ralhou consigo mesma. *Curiosidade em demasiado pode ser perigosa, Moira.* Recitou mentalmente o ditado de Lucy. Ao notar que o capitão aguardava sua resposta, soltou um longo suspiro. – Desculpe, não vai se repetir.

Sebastian fez um aceno positivo e deu passagem para ela, mas no último instante parou. Moira estacou contra seu corpo e conteve um ofego pelo susto.

– O que houve?

– Nada. – ele examinou-a minuciosamente, como antes. Avaliou-a como faria ao avistar uma obra de arte peculiar; havia uma faísca de encanto num mar de sombras curiosas.

Sebastian se afastou com brusquidão depois disso, e foi até a mesa. Colocou a garrafa cheia de bebida ao lado da vazia e se inclinou sobre o tampo, apoiando as mãos nas beiradas do móvel. Moira se afastou, aproveitando o silêncio repentino, mas parou no último instante. Encarou o pirata, sem saber ao certo o que falar.

– Algum problema, amor? – ele indagou de costas.

Moira não respondeu. Ainda não sabia o que havia dado nela.

Fechou a porta atrás de si, fingindo ignorar o último olhar do capitão.

x x x

– Ela não gosta de receber muitos visitantes, então iremos apenas nós cinco. – Stark avisou a sua primeira imediata. Moira estava parada, enrolando uma mecha de cabelo entre os dedos.

Haviam finalmente alcançado a tão falada ilha onde morava a xamã e usariam um bote para chegar até a praia. A casa dela ficava em meio ao bosque, mas não demorariam a encontrá-la.

Tobias confidenciou a Moira que a vidente era maluca, mas Sebastian ouviu e lançou ao garoto um olhar reprovador. Ele se encolheu e ficou quieto o resto do tempo.

Moira encarou o pirata discretamente, tentando identificar qualquer coisa em sua expressão impassível, mas frustrou-se por não conseguir. Havia algo de fraternal no rosto do capitão ao encarar Tobias, de fato, como o olhar reprovador de um pai para cima do filho.

Sebastian, Moira, Tobias, Terence e um pirata carrancudo e de aparência perigosa, chamado Dock, entraram no escaler. Moira tropeçou quando desceu das escadas do navio para o bote, mas foi sustentada por Sebastian – que ergueu

seu sorriso de canto ao fazê-lo. Desvencilhou-se dele com rapidez e postou-se no banco mais distante, ignorando o sorrisinho divertido que persistiu naquele belo rosto.

Terence observava a praia com um que de desconfiança. Moira não enxergava nada graças à escuridão, mas tinha plena certeza de que não gostaria de se embrenhar no bosque àquela hora da noite. Por mais que os piratas carregassem armas, Moira não se sentia segura.

Quando o escaler foi arrastado pela praia, Moira saltou para fora dele. Suas botas afundaram na areia fofa ao mesmo tempo em que seus olhos percorriam a mata fechada que os aguardava. Terence já havia desembainhado a espada e Dock caminhava com duas facas em mãos. O capitão, contudo, limitou-se a acender a tocha que trouxeram consigo e direcionar-se para uma trilha específica entre as árvores.

Moira prostrou-se logo atrás de Terence, com Tobias e Dock seguindo-os. Um tapa olho cobria a falta da orbe direita de Dock e sua boca larga estava sempre curvada numa careta assustadora. Ainda assim, Moira considerou prudente deixar o mais ameaçador deles por último – qualquer coisa que viesse a atacá-los deveria passar pelo homem de quase dois metros de altura.

Sebastian marchava pelo bosque como se conhecesse perfeitamente cada detalhe dele, zanzando entre as árvores e optando por desvios que Moira jamais teria considerado fazer – como não seguir por uma clareira aparentemente segura e sim por uma parte escura e cheia de teias de aranha.

A garota estava sem fôlego quando avistou um sinal de que estavam próximos da casa da vidente. Havia um estranho símbolo desenhado com tinta vermelha no tronco de uma árvore.

Sebastian abriu um sorriso satisfeito; *deve ser um bom sinal*, pensou Moira. Então um uivo soou ao longe. E todos pararam onde estavam; até mesmo o confiante Stark.

– O que foi isso? – Moira sussurrou amedrontada. O uivo se repetiu em diversos cantos, indicando que estavam cercados.

– Maldição, Stark, para onde nos trouxe...?

Sebastian não respondeu. Apenas entregou a tocha a Terence e deixou seus companheiros para trás, atravessando a trilha em passos rápidos. Desapareceu facilmente na escuridão à sua frente. Os outros assistiram atônitos a cena, principalmente Moira.

Os uivos cessaram tão repentinamente quanto haviam começado. Um feixe de luz foi enxergado pelo mesmo caminho usado por Sebastian e logo uma nova tocha destronava as trevas que serpenteavam ao seu redor. O capitão do navio vinha caminhando displicente ao lado de uma mulher. Junto a ela estava uma

espécie de cão gigante – *lobo*, corrigiu-se Moira. Como um lobo viera parar naquela região, ela não fazia a menor ideia, mas sua fisionomia ameaçadora fez a jovem cambalear para trás.

– Não tem o que temer. – A mulher exaltou com sua voz rouca. Moira reparou que seus olhos eram brancos, pálidos e apagados. Ela apoiava uma das mãos no braço de Sebastian e se guiava por ele. Era cega. – Espírito não irá machucá-la, a não ser que eu ordene.

– Essa é a vidente de quem lhes falei. – Sebastian anunciou.

– Sou mais que uma vidente, querido.

– Iolanda aceitou afastar os outros espíritos, agora que sabe que somos nós. – Sebastian sorria com orgulho.

– Outros espíritos? – Moira não pode deixar de indagar.

– Ah, claro, minha criança – a tal Iolanda murmurou com um sorriso singelo.

– Os demais habitantes dessa ilha estão tão vivos quanto um cadáver conseguiria estar. Espíritos de lobos guardam a trilha para minha casa. Qualquer um que cruzá-la sem permissão receberá um castigo amedrontador.

Moira arregalou os olhos ao encarar o lobo novamente. A chama brilhava sobre sua pelagem acinzentada e foi difícil distinguir, mas ali estava – o brilho translúcido fraco de que o animal não passava de um *fantasma*. Parecendo satisfeita consigo mesma, talvez por ter assombrado os presentes, com exceção de Tobias e Sebastian, Iolanda acenou para que eles a seguissem.

Tropeçando em seus próprios pés, Moira deixou-se ficar por último na fila. Tinha medo do bosque atrás de si, mas temia ainda mais a proximidade com a controladora de espíritos – *como aquilo podia ser possível?! Fantasma de lobos não existiam!*

Mas ali estava ela, caminhando próxima a uma velha cega que se comunicava com animais mortos.

X X X

A clareira que abrigava a choupana de Iolanda era agradável aos olhos de Moira. Havia um pequeno lago ali perto, cujas águas refletiam o brilho de algumas tochas espalhadas pelo espaço.

A cabana em si era surpreendentemente espaçosa. Havia um grande jardim repleto de ervas, algumas com cheiro tão forte que fizeram Moira cobrir o nariz com a manga da camisa – as flores eram também as mais exóticas imagináveis.

Adoraria ter permanecido mais tempo do lado de fora, mas Iolanda já cruzara a soleira da porta, de modo que a garota teve que segui-la. O lobo ficou parado no quintal.

O interior da choupana era quente e abafado. As paredes de madeira estavam repletas de quadros estranhos e prateleiras contendo potes cheios de ervas. Havia uma gaiola mais ao fundo do aposento onde um corvo estava preso. Ele grasnou quando os estranhos passaram pela porta e Moira arrepiou-se.

Iolanda sentou-se atrás de uma mesa de mogno escuro e coçou o queixo. Moira avaliou sua figura com curiosidade – a pele era negra e o couro cabeludo não tinha cabelo, mas alguns desenhos rústicos feitos em tinta escura. Usava uma túnica escura sobre o corpo pequeno e magro. Moira não saberia dizer a idade exata de Iolanda. Por mais que seu corpo fosse jovem, seus olhos eram anciãos, repletos de uma sabedoria infinita.

– E então, meu querido Sebastian... Conte-me tudo. – Iolanda esperou que todos se familiarizassem com o recinto para dizer aquilo. Moira cruzou os braços com força, sentindo calafrios correndo por sua espinha de vez em quando. Olhou ao redor, mas não havia qualquer estranho ali. – Está perturbada, criança? – Espantou-se quando a mulher perguntou aquilo. Como ela conseguia notar tudo?

– Estou... Bem.

– Não minta para mim. – O tom foi incisivo, porém preocupado.

– Não me sinto bem aqui – Moira confessou. Terence encarou a garota com assombro, como se pedisse que ela controlasse a língua, mas ela deixou as palavras fluírem: - Não me sinto bem nessa viagem. O alto mar, agora vejo que não é território para mim... Não sei o que fazer.

– Entendo. – Iolanda coçou o queixo novamente e fez um gesto para que Moira chegasse mais perto. Incerta, a garota se aproximou. – Dê-me suas mãos.

Moira hesitou e encarou Terence. O homem assentiu com um pouco de incerteza. Sebastian observava tudo de um canto, com os braços cruzados casualmente à frente do corpo.

Moira queria ser capaz de ignorar aquele olhar penetrante.

– Interessante... – Iolanda anunciou enquanto as examinava. Seus dedos pequenos corriam pela pele macia de Moira, contornando as linhas das palmas de suas mãos. – Muito interessante.

– O que é interessante? – Moira não se aguentou.

– Seu passado. Presente. E futuro – a mulher replicou pausadamente. Quando terminou de examiná-las, virou o rosto para Sebastian sem, contudo, vislumbrá-lo. O pirata empertigou-se e descruzou os braços, aguardando pela fala seguinte. – Encontrou uma menina especial, querido Stark. E a peça que lhe falei está com ela.

– Como a senhora sabe sobre minha joia? – Moira indagou desconfiada. – Sebastian disse que a senhora lhe revelou sobre a chave, mas como descobriu?

– Os espíritos me contaram. – Iolanda explicou com suavidade. – Encontrei

pistas em visões relacionadas à mesma mulher que partiu a chave e soube sobre o rubi. A segunda parte havia sido roubada por Bela... Estava no túmulo do próprio James. – *quem era Bela?* Moira pensou.

– Pode examinar a joia que a garota carrega? – Sebastian soou impaciente e um tanto descontrolado. Seus olhos azuis faiscavam.

– Certamente que não. – todos ali se surpreenderam com a resposta. – Ninguém deve tocar nessa joia com exceção de sua dona.

– E por que não? – Terence intrometeu-se. Iolanda franziu o cenho, como se pesasse a presença dele ali pela primeira vez, e então prosseguiu.

– Porque é uma pedra encantada. Veio da cidade perdida, de fato, mas sua magia continua intacta. Por mais que a fragmentação da chave tenha lhe causado danos, ela está conectada as outras partes. – Iolanda sorriu para Moira. – Teve algum sonho estranho recentemente, criança?

Moira engoliu em seco quando os olhos dos presentes fixaram-se nela.

– Que tipo de sonho poderia ser considerado estranho? – Dias atrás, ela havia sonhado com sangue e tormenta, com navios e uma guerra em alto mar.

– Algo ruim. Um pesadelo de que não consegue se lembrar...

– Eu tive um. Envolvia sangue e corpos mutilados... Aconteceu antes do ataque a minha cidade.

– Curioso.

– O que esses sonhos têm a ver com meu relicário? – Moira perguntou.

– Tudo. – Iolanda voltou a sorrir, frustrando a garota. – Essa joia carrega consigo muito poder, minha querida. Você avistou seu inimigo. Blackburn também está conectado ao tesouro, por conta do passado de seu ancestral. O herdeiro de James quer recuperar o tesouro. Se o rubi está compartilhando visões com você significa que sua participação nessa viagem é importante.

– Mas... Eu não sei se quero.

– Quer descobrir por que a joia foi deixada para você? – Iolanda rebateu sagazmente. – As respostas virão conforme embrenhar-se nessa jornada. Não garanto que serão animadoras, mas se deseja desvendar esses segredos, deve prosseguir.

Moira mordeu o lábio inferior, encarando o rosto da índia com desconfiança. O que havia considerado antes voltou a reverberar por sua mente: *queria entender tudo aquilo. Queria continuar viajando.* Não se importava com o maldito tesouro, mas com as respostas que ele traria. Queria seu pai de volta, mais do que tudo.

– Iolanda, eu preciso do mapa. – Sebastian estilhaçou o silêncio. Moira ergueu o rosto para o pirata, que olhava Iolanda com ansiedade. Ela meneou a cabeça positivamente e dirigiu-se até os fundos da choupana, onde uma porta

coberta por uma cortina de contas levava até um aposento reservado.

– O que? Não achou que eu guardaria o mapa comigo, não é, amor? – ela crispou os lábios em sua direção. – E então? – O capitão indagou.

– Então o que?

– O que decidiu?

– Vai aceitar uma “criança” no seu navio? – Ela rebateu mordazmente. Sebastian acabou sorrindo.

– *Aye, milady*. O acordo continua de pé? – Ele voltou-se para Terence.

– Se você cumprir o combinado com exatidão.

– Está bem – Sebastian estendeu sua mão direita para Moira e aguardou. Ela encarou os anéis que adornavam os dedos longos dele e respirou fundo. Aceitou o cumprimento sem olhá-lo nos olhos. – Bem-vinda a bordo, maruja.

– Talvez queiram saber que o mapa não indica com precisão onde está a terceira parte da chave. – Iolanda exaltou de repente, fazendo Moira soltar a mão que ainda segurava a sua. Sebastian franziu as sobrancelhas. – É isso mesmo, meu querido capitão. Vai precisar da garota para chegar até a última parte.

– De mim? – Moira exclamou.

– *Um irá guardar, outro irá roubar e um último irá alcançar aquilo que nenhum outro pode enxergar*. Moira, a guardiã do rubi. Sebastian, que ajudou Bela a roubar o medalhão, e... O nosso terceiro indivíduo misterioso. – Iolanda proferiu num sussurro rouco. – A lenda desse tesouro é como uma névoa. Perigosa, traiçoeira e cheia de segredos... Precisa-se ter cuidado quando começar a desbravá-la ou pode-se acabar perdido para sempre.

CAPÍTULO VII

– Como assim o rubi vai mostrar o caminho? – Moira exaltou. Iolanda estava parada, as mãos cruzadas em frente ao peito. Sua expressão relaxada, especialmente depois de ter comentado algo tão sem sentido, enlouquecia Moira. – Por favor, explique-se.

– Primeiro, quero que Sebastian examine o mapa. – Iolanda não deu ouvidos à garota. Moira escancarou o queixo e virou-se ultrajada para Terence. Ele ergueu as mãos em sinal de paciência.

Sebastian caminhou até a mesa onde o velho pergaminho fora colocado e estendeu-o sobre o tampo. Moira espiou discretamente os contornos rabiscados contra a sua superfície. Encafifada, caminhou até estar ao lado do pirata, examinando o mapa com a mesma atenção com que ele o fazia – notou que Terence trouxera outro pedaço de papel até a mesa, e constatou ser o mesmo contendo aqueles números desordenados. Sebastian, contudo, parecia ver ordem em meio ao caos – pediu que Iolanda lhe entregasse uma pena e um tinteiro e ela o fez com uma rapidez surpreendente.

Antes que tivesse chance de ver o resultado daquilo, Moira foi puxada para longe. Abismada por ter sido privada das informações, ficou observando enquanto Sebastian anotava coisas no mapa – *sempre olhando para os números*. Iolanda sorria docemente para o nada, mirando os olhos brancos na direção de Moira.

Sentiu-se estranha sob aqueles olhos cegos e refutou-os, encarando Terence.

– Por que entregou o pergaminho a ele? – Indagou num sussurro.

– Porque os números nos levarão a uma localização. – Terence respondeu no tom de voz normal. – Sebastian vinha procurando por essas sequências há muito tempo, ele me disse, mas precisava do mapa para desvendá-las.

– E por meu pai tinha esses números?

– Sua mãe provavelmente os descobriu enquanto estudava a lenda do tesouro. Quando James visitou a cidade perdida, criou um código estelar para encontrar a entrada, caso resolvesse voltar... Não o fez, é claro, porque o tesouro que tanto ansiava nunca foi encontrado, e sua pilhagem havia sido farta para toda a vida. Cada número nas anotações representa uma estrela de uma determina

constelação. Só quem leu as histórias consegue entender esse mapa.

– Sebastian sabe mesmo o que está fazendo?

– Me magoa saber que duvida de mim, amor. – Moira pulou de susto com a proximidade do pirata. Sebastian, silencioso como uma sombra, postou-se atrás dela com um sorriso animado. – Só não sei por que Iolanda queria que eu fizesse aquilo. Poderia tê-lo feito no navio, tomaria menos tempo.

– Oh, mas é mais simples do que parece. – Iolanda havia se levantado e agora buscava por qualquer coisa numa das diversas prateleiras da choupana. Acenou para que os presentes se aproximassem e estendeu-lhes um pequeno frasco cheio de um líquido vermelho espesso.

Sangue.

Moira levou as mãos à boca. Iolanda direcionou a ela um sorriso compreensível.

– Não se preocupe criança. É o sangue do morto.

– Que morto?

– James – o nome sussurrado naquela voz rouca foi suficiente para Moira estremecer. Terence arqueou as sobrancelhas, absolutamente perplexo, enquanto que Sebastian permanecia com sua máscara impassível. – A amante desafortunada dele conseguiu extrair durante uma noite, pouco antes de ser abandonada. Por ironia do destino, James escolheu a minha ilha para fazê-lo. Ela me entregou o frasco e pediu que guardasse até chegar a hora de usá-lo. Foi seguindo essa história que Sebastian me encontrou.

– E como sabe que a hora é essa? – Moira perguntou.

– Porque o mapa e duas partes da chave estão reunidos. Precisamos da terceira peça. – Iolanda deu as costas a eles e caminhou até a mesa. Colocou o frasco com sangue ali e esticou as mãos na direção de Sebastian e Moira.

Moira tirou o colar do pescoço e sentiu uma estranha brisa gélida percorrer seu corpo. Como se, sem ele, estivesse nua em meio a uma nevasca. Abraçou seus próprios braços depois de colocar a joia sobre a mão direita da mulher, agora coberta por uma luva de pano, e voltou-se para Stark, que hesitava. Por fim, o capitão puxou um pequeno pacote do bolso interno de seu casaco.

Dentro dele havia um medalhão de ouro, onde Moira vislumbrou uma cavidade arredondada no centro da peça. Indagou-se para que serviria aquele espaço vazio, e logo obteve sua resposta.

Iolanda afastou-se quando recebeu o medalhão e colocou-o sobre o mapa. Examinou o relicário e sorriu ao encontrar a parte onde um rubi estava encravado – Moira arfou com a cena seguinte, onde a mulher arrancou a pedra preciosa com um puxão, a mão sempre coberta por um pedaço de tecido. Terence deteve a garota, que tentou recuperar o relicário quebrado.

– Você o quebrou! – A voz de Moira saiu chorosa.

– Não, não quebrei. – Iolanda continuava sorrindo, pouco se importando com a histeria da visitante. – O rubi é o fragmento da chave. O relicário apenas o escondia. Agora que o retirei, a magia deixou sua joia. Pode tê-la se quiser, mas o que sua mãe realmente lhe deixou foi essa pedra – esticou o rubi, e Moira surpreendeu-se com o tamanho dele. A maior parte havia ficado escondida dentro do relicário; era arredondado e perfeitamente polido, de modo que brilhou a luz da vela, lançando raios escarlates sobre o rosto da garota.

Iolanda afastou a mão e colocou a pedra sobre a cavidade vazia do medalhão. Pegou o frasco com o sangue e derramou algumas gotas sobre a superfície lisa do rubi. Moira assistiu enquanto elas escorregavam com lentidão, contornando toda a pedra para então deslizar até o medalhão, marcando o ouro com sua cor vermelha intensa. Formaram uma pequena poça ao redor do rubi, e uma única gota pingou no mapa.

Tanto Sebastian quanto Moira não respiraram naquele momento, cada qual mergulhado em sua própria ansiedade. A garota desejava intensamente saber o que o sangue tinha a ver com aquela história. Por que Iolanda o estava usando, fazendo com que manchasse o tão importante mapa?

Foi então que a gota começou a se arrastar pela superfície do pergaminho, deixando rastros de sangue por onde passava. Moira seguiu-a até que ela parou sobre um local. Embasbacada pelo acontecimento, ergueu o rosto para Iolanda.

– Por que o sangue se moveu?

– Está encantado, querida. – Iolanda explicou pacientemente. – O mapa foi enfeitiçado pela amante de James, Kitara. O rubi os levará até a terceira peça da chave.

– A joia está nos mostrando qual caminho seguir?

– Exato. É magia antiga. Joia e mapa foram encantados pela fugitiva. O rubi de sangue trilha o caminho, o pergaminho o mostra.

– Então esse traçado...

– Levará para onde está a terceira parte. – a mulher apontou para um dos traços. – Vocês já têm a localização do vórtice que os levará até a cidade amaldiçoada, graças aos códigos que seu pai lhe deixou. Falta-lhes a peça final.

– Mas por que a senhora está ajudando? – Moira perguntou com receio. – Por que está traindo a confiança daquela mulher? Qual foi o propósito dela deixando o sangue aqui?

– Kitara quis garantir que o sangue ficasse seguro. Eu lhe prometi que só ajudaria aquele que considerasse digno de chegar até a cidade. Confie em Sebastian. E agora, confio em você. O rubi a está guiando, Moira, então é seu destino fazer parte desta jornada. Sua missão é ajudar a proteger o que a ilha

guarda.

– O tesouro, a senhora diz? O que James procurou lá?

– *Poder imensurável.* – Iolanda suspirou pesadamente. – Kitara ficou presa aos pedaços da chave depois que morreu, e o mesmo pode-se dizer sobre James e sua linhagem de sangue. Para que essas maldições acabem, a cidade deve ser encontrada. Confio nos caminhos trilhados pelo rubi, e *não o perca*. Mantenha-o junto a seu coração e ele lhe mostrará o que precisa encontrar.

– Como?

– Imagino que essa pedra já tenha se manifestado antes. – O sorriso dela foi o mais enigmático possível. Terence encarou Moira com curiosidade, mas a garota estava embasbacada demais para falar.

Armand?

Seria ele o detentor do último fragmento?

Longe dali

– Meu senhor, seu pai acaba de desembarcar! – Armand ergueu o rosto, encarando o soldado fardado que invadia seu escritório. *Tinha um escritório agora*, pasmem.

Desde o maldito ataque à Cidade Esperança, Armand vinha sendo procurado pelos moradores da cidade como se fosse o próprio Governador. Melhor, como se fosse o Rei da Inglaterra. Não importava a eles que houvessem maiores autoridades ali presentes, oh, não. Mulheres, homens, idosos e jovens vinham ao seu encalço relatar sobre os acontecimentos das redondezas, reclamar sobre a demora a contatarem a capital ou mesmo esperando reforços da coroa.

No momento, a coroa tinha mais com que se preocupar.

Restava ao rapaz ficar sentado ao lado do responsável pela política de Esperança e ouvir suas palavras tranquilizadoras, cerrando os punhos para não perder a paciência.

Armand queria agir. Queria caçar aqueles malditos piratas e bombardear seu navio da mesma maneira como vinham fazendo com suas cidades.

Foi enfim que seu pai finalmente chegara, enviado até Esperança pelo próprio Governador. Afinal de contas, o Comodoro Aragon era conhecido por ser o mais temido caçador de piratas daquela época.

Qualquer fora da lei que se prezasse tremia diante do nome daquele homem. A força os livrava do tormento que era encontrar com o Comodoro.

Os oficiais temiam que o Tormenta das Águas aparecesse novamente no horizonte, mas Armand sabia que aquilo era impossível. O capitão Blackburn

não ousaria dar as caras por ali novamente. Seria loucura, e aquele tipo de pirata não gostava de assumir tais riscos – *ele nem ao menos mostrava o rosto*.

Contudo, Armand desejava que ele voltasse. Desejava imensamente duelar com o capitão e vingar-se pela mudança drástica que vinha enfrentando. Vingar-se, principalmente, por ele ter levado *sua* Moira embora.

O Comodoro estava enfrentando turbulências com a aparição do temido Blackburn, e, como bom apaixonado pela ordem, não deixaria que o caos se espalhasse tão facilmente.

Armand não sabia o que Blackburn pretendia com Moira, mas rezava a Deus para que ela estivesse a salvo. Assim que recebesse a autorização, caçaria aquele navio. Lançaria os destroços do Tormenta das Águas até o inferno se necessário.

Recobrando a postura firme, Armand marchou atrás do soldado até o lado de fora – estava no paco central de uma cidade ainda em ruínas. Durante a madrugada, no dia do ataque, aqueles piratas impiedosos destruíram tudo por onde andaram. Massacraram dezenas de cidadãos, estraçalharam casas e estabelecimentos comerciais, queimaram a igreja. O sangue do rapaz esquentava ao observar aquele cenário. Os moradores reconstruíam lentamente seu lar, mas jamais voltariam à normalidade. Aquele bombardeio os havia marcado.

E Armand queria revidar. Estava, pela primeira vez, compreendo a paixão do pai ao enviar piratas para a forca.

O rapaz ergueu os olhos claros quando a figura do Comodoro postou-se diante dele. Alfred Aragon era um homem amedrontador quando visto em momentos de crise. Tinha um porte aristocrático e feições elegantes. A peruca que indicava seu cargo de poder só abandonava a cabeça em momentos particulares. Agora, encobria os cabelos claros que começavam a rarear.

– Armand. – Ele cumprimentou o filho formalmente.

Armand meneou a cabeça e deu passagem, seguindo-o logo depois. Lá dentro, Alfred sentou-se na cadeira confortável atrás da escrivaninha antiga e ergueu os olhos escuros para o comandante. O homem fora ferido durante o ataque, o braço direito estava agora enrolado em bandagens.

– Quais as notícias? – Indagou Alfred.

– Nada relevante senhor. Estamos recebendo suprimentos de uma cidade próxima, mas informação nenhuma. Não sabemos onde o Tormenta das Águas está no momento, mas parece inativo. O maldito navio desapareceu depois do ataque. – o recém-chegado acenou positivamente, coçando o queixo. – O que pretende fazer?

– Envie dois navios para patrulhar o porto. Qualquer sinal que recebamos do inimigo deve ser enviado às demais cidades. Quero frotas preparadas para atacar caso ele se aproxime de qualquer território nosso. Blackburn desaparecerá em

alto mar se for sensato, ou então o enviaremos ao inferno.

CAPÍTULO VIII

– Iolanda continua com um parafuso a menos. – Tamina exaltou logo que a história foi contada. Moira estava se sentindo deslocada naquela cabine, ouvindo os adultos discutindo. Já havia se dado conta de que, entre eles, não passava de uma criança. Principalmente quando encarava os semblantes concentrados e sérios de todos e percebia que o seu não poderia estar mais confuso.

– Ela não está caduca, Tamina. – Sebastian, sentado displicentemente atrás de sua escrivaninha, replicou com humor. – A mulher sabe mais do que todos nós.

– Só por que fala com espíritos? – sua primeira imediata contrapôs. – Como pode ter certeza de tudo o tempo todo? – Tamina encarou Moira. – E *por que* a menina tem que continuar conosco?

Moira irritou-se ao ouvir o tom indignado da pirata, mas não replicou por medo de ser alvo de xingamentos. Tamina não tinha farpas na língua e poderia muito bem rebaixá-la no segundo seguinte a um retruco. Moira limitou-se a cerrar os punhos em seu colo e franzir os lábios, usando de uma careta brava. Tamina não notou, mas Sebastian sorriu para a garota.

– Moira é a capaz de receber os impulsos da joia. Se o rubi tem lhe mostrado lembranças, ela é importante. – *claro, porque seria menos importante sem um rubi mágico*, pensou Moira com amargura. – Nós temos a localização do vórtice, mas sem o terceiro fragmento de nada serve. O que foi que Iolanda lhe disse pouco antes de sair da cabana, amor? – Sebastian cruzou as mãos sobre a mesa e arqueou uma sobrancelha na direção de Moira, que engasgou com as próprias palavras.

Iolanda de fato havia lhe dito uma coisa antes de deixarem sua ilha.

Puxara a garota pelo braço para que Moira retornasse ao interior da choupana e lançara mão de uma de suas expressões cautelosas. Moira havia se amedrontado com aqueles olhos esfumaçados, mas fizera o possível para não demonstrar.

– O que foi?

– Não compartilhe seus sonhos com todos eles – Iolanda sussurrara precavida. – Há mais perigos por trás desse rubi do que você pode imaginar. – Apontara para a joia. Moira agora carregava o medalhão em seu pescoço. Por

mais surpreendente que parecesse, a peça de ouro era leve como uma pluma.

– O que quer dizer? Não devo confiar em Stark? – O nome dele fora o primeiro a aparecer em sua mente. Fosse pelo olhar insano ou pelos sorrisinhos cheios de humor, ela desconfiava plenamente do capitão.

– Não. Sebastian é confiável – Iolanda havia respondido afavelmente. – Sei que duvida, mas dê tempo ao tempo.

– Então a quem se refere?

– Há uma falha no seu futuro, criança – Iolanda murmurara com profundo pesar. Tomara as mãos de Moira entre as suas e soltara um longo suspiro. – Gostaria de enxergar mais coisas, mas sua aura é disforme a minha visão interior. Há fragmentos ilegíveis que nem mesmo os deuses poderiam interpretar corretamente.

– Está dizendo que eu tenho defeitos?

– Não é sua culpa o que virá a acontecer, mas do passado e do futuro. Não é, tampouco, culpa de seu coração.

– Eu não entendo...

– Não é para entender, minha querida. – Iolanda havia sorriso um sorriso triste. – O mundo lá fora é um lugar perigoso. Você precisa ser forte; precisa deixar a antiga Moira para trás. Cresça, se fortifique. Seja sua própria heroína. E, se achar necessário, confie em Sebastian.

E ali estava Moira, observando o homem em que Iolanda mandara depositar toda a sua confiança. A mulher não conhecia Terence, pois senão certamente o teria apontado para Moira. Mesmo Tamina parecia-lhe uma escolha menos incerta.

Agora, *Stark*? Contar sobre suas suposições e sobre seus sonhos para *ele*? Quando sua vida havia virado de cabeça para baixo?

– Ela me disse para confiar em meu coração. – Moira mentiu. Tamina revirou os olhos dramaticamente. Moira pigarreou para espantar o nervosismo e encarou Terence. Ainda que o aviso de Iolanda a assombrasse, tinha fé no velho homem. – Seguir a trilha de sangue é a melhor opção.

– É arriscado. – Tamina estava examinando o mapa. Ela se inclinava sobre a cadeira de Sebastian, segurando um dos ombros dele com a mão. O cabelo volumoso estava todo solto sobre os ombros e, à luz das velas, recebia uma aura dourada espetacular. Moira nunca sentira tanta inveja da beleza de alguém na vida. – Veja por onde teremos que passar, Sebastian. Tão próximos de todos esses portos... Sabe que nosso navio não é um dos mais queridos entre a marinha britânica. – A pirata ergueu o rosto para encarar seu capitão, mas Sebastian estava perdido em seus próprios pensamentos.

– Moira, venha cá. – Ele pediu.

Sentindo-se alvo de todos os olhares presentes na cabine, principalmente do profundo e irritadiço de Tamina – que não se mostrava satisfeita por estar sendo ignorada – Moira caminhou hesitante até a escrivaninha. Parou em frente à Stark e esperou que ele prosseguisse.

– Conhece esta região?

Ela olhou para o pergaminho. Seus olhos delinearam todo o espaço marcado pelos desenhos irregulares. O rastro deixado pela gota de sangue seguia especificamente pelo mar do Caribe, bastante próximo da Ilha dos Portos. Terminava num local qualquer, próximo de uma região que, na época de James, certamente ainda não havia sido encontrada.

Surpresa, Moira ergueu os olhos acinzentados para encontrar os azuis profundos de Sebastian. Esperou que ele dissesse alguma coisa.

– Reconhece?

– Sim. É bem próximo de Esperança – ao dizer isso, Terence empertigou-se atrás da garota, espiando ansiosamente o mapa. – Não me lembro do nome da cidade, mas é certamente conhecida. Papai costumava falar sobre uma igreja bem antiga que havia lá... – mordeu o lábio inferior. O pai de Armand havia se mudado para aquela região anos atrás. E o rubi havia ficado quente na presença do rapaz. Os sinais eram incontestáveis, mas devia contar isso aos piratas?

– Conhece alguém lá, Moira? – parecendo ler seus pensamentos, Sebastian indagou aquilo. – Alguém que poderia estar guardando o último fragmento? *Um último irá alcançar aquilo que nenhum outro pode enxergar.* – ele recitou ao fim, levando as mãos ao pescoço. – Maldição, as possibilidades são imensas.

– Talvez devêssemos fazer o que foi mandado. Prosseguir por esse caminho até que o maldito rubi brilhe, ou seja lá o que diabos vai fazer – Tamina resmungou. – Mas, se a marinha nos interceptar, tenha certeza de que eu irei atrás de você no inferno. – Ameaçou Sebastian, que se limitou a abrir aquele sorriso torto.

– Vai ser um prazer recebê-la por lá.

Tamina saiu da cabine logo depois, fazendo questão de começar a gritar ordens ali do corredor.

Moira começou a enrolar as pontas de seu cabelo, sem saber ao certo o que dizer. Estava num impasse: Terence tinha sua fé, mas Iolanda a mandara confiar unicamente com Sebastian.

– Algo a acrescentar, amor? – Foi tirada dos devaneios pelo capitão, que aguardava pacientemente. Era óbvio que Sebastian desconfiava dela.

– Talvez eu tenha. – Disse num tom indeciso.

– O que foi, Moira? – O tom condescendente de Terence foi suficiente para tirar-lhe as dúvidas.

– Eu acho que... – mas parou de falar no mesmo instante. Seus olhos se arregalaram ao fixarem-se no mapa. Os dois olharam na mesma direção que ela e foi evidente sua surpresa.

A linha de sangue que marcava o caminho até o último pedaço da chave estava *se movendo*, como antes. Desta vez, parou sobre um local específico. Moira certamente conhecia.

– É a Ilha dos Portos. – exclamou estupefata. – Mas por quê? – As suposições de que talvez Armand estivesse envolvido sofreram um pequeno abalo.

– Logo nós descobriremos. – Sebastian disse com convicção, erguendo-se no mesmo instante. – Agora que temos um destino específico, tudo fica mais simples.

– Mas é perigoso! – Moira argumentou. – Aquela cidade é muito movimentada.

– Não vamos atracar. Há uma hora dali há um porto fantasma. Até onde eu sei, a marinha desconhece a sua existência. – Sebastian coçou o queixo coberto pela barba rala. – Se o fragmento está nos Portos, vamos encontrá-lo.

x x x

Moira deveria ficar agradecida pelo sonho que tivera, mas não conseguia. Fora vívido demais dessa vez, suficiente para deixar suas pernas trêmulas.

Fazia quase uma semana que haviam partido da ilha de Iolanda e restavam algumas horas para alcançarem o tal porto fantasma. Antes disso, Moira determinou-se a avisar o capitão.

Alcançou a cabine com esforço, pois as pernas ainda tremiam, e bateu repetidas vezes na porta. Quando Sebastian apareceu, Moira não sabia se ficava aliviada ou constrangida – ele tinha, certamente, acabado de acordar, e vestia apenas a calça de suas roupas usuais. O tronco de músculos rígidos exibia cicatrizes, como a larga linha branca que cruzava seu ombro, e as tatuagens que haviam atraído a atenção de Moira antes.

Ela engoliu em seco, com a sensação de que uma bolha de ar estivesse dificultando sua audição. Não devia ficar tão abalada ao se aproximar dele. *Não devia sequer se importar*. Estaria Sebastian notando sua hesitação? Estaria ele notando quão vermelhas estavam as bochechas da pálida garota?

– O que houve? – Ele franziu o cenho, inquieto.

– Sei onde está a última parte da chave. – Moira anunciou. Seus olhos buscavam frenéticos por algo a ser observado que não o rosto ou o corpo do capitão. A expressão surpresa dele serviu para acalmar seus ânimos.

Moira havia sonhado com um baile.

Nele, usava um vestido maravilhoso e dançava ao som dos violinos, como se flutuasse sobre o chão. Estava acompanhada de ninguém menos que Armand.

Uma voz suave e melódica ecoou ao seu redor, acompanhando o arranhar delicado dos violinos. Era a voz de uma mulher, e a silhueta dela estava parada ao fundo do salão, esbranquiçada contra uma névoa repentina que havia coberto o local. Ao acordar, a garota podia apostar como se tratava de Kitara, a fugitiva da ilha.

– *O tempo está correndo. Precisa encontrar Armand. Precisa unir os fragmentos.*

Se aquilo não era um sinal, Moira não fazia ideia do que poderia ser. Quando terminou de relatar, observou o semblante concentrado do capitão e aguardou ansiosa por alguma palavra dele. As mãos da jovem estavam cruzadas e ela fazia o possível para afastar a tremedeira.

– Conhece esse rapaz? – ela assentiu imediatamente. – Acha que conseguiria contatá-lo? – Sebastian contornou o queixo com a mão.

– Se eu o encontrar... – O mapa apontava para a Ilha dos Portos, mas e se Armand ainda estivesse em Esperança?

– Forneça-me informações mais concretas, amor. Vou enviar alguns homens para buscar qualquer coisa relacionada ao tal Armand...

– Aragon. Ele é filho do Comodoro.

– *Filho do Comodoro?* – O tom de deboche, então um sorriso enviesado. Em seguida, Sebastian riu amargamente. – Excelente.

– O que houve?

– Vai tornar tudo mais divertido.

– O que quer dizer? – Moira não gostava da maneira evasiva com que ele respondia as suas perguntas.

– Acha mesmo que vou trazê-lo a bordo? Esse tal de Armand? Ele é filho do homem que quer minha cabeça na corda da forca. Temos que roubar o que quer que seja esse fragmento e zarpar dali.

– Mas... Armand também faz parte disso. Alguém deve ter lhe dado o fragmento da chave, talvez ele queira descobrir o porquê. – Moira replicou.

– Não me importo. Vamos roubar sua parte e desaparecer antes que a marinha se dê conta de nossa presença. – Sebastian ergueu a mão quando Moira abriu a boca para falar. – Sem mais uma palavra.

– Isso não é justo! – Ela exaltou estridentemente.

– A vida não é justa, amor. E pare de me retrucar com tanta grosseria ou vai acabar dormindo com a tripulação. – a ameaça fez o rosto da garota ferver no mais forte tom de vermelho. – Agora, se me dá licença – Ele gesticulou na direção da porta. Moira armou sua máscara de fúria e saiu dali pisando com

força, fazendo seus passos ecoarem pelo recinto. Ouviu Stark resmungar qualquer coisa em galês, mas não lhe deu importância.

Era *naquele* homem que Iolanda a mandara depositar sua confiança?

Ah, mas não importava. Se Armand quisesse ingressar naquela viagem, Moira o traria ao navio. Havia um motivo maior para nobre rapaz estar envolvido em toda aquela história. E Moira descobriria qual.

CAPÍTULO IX

A capital da Ilha dos Portos, batizada pelos britânicos de Baía da Neblina, recebia esse nome em homenagem à densa névoa que dificilmente abandonava sua paisagem durante as manhãs.

Era uma grande cidade aquela, usada para fins comerciais e políticos, além dos puramente sociais – a aristocracia que por ali vivia adorava organizar festas, convidando mundos e fundos para comparecer aos seus requintados eventos. Moira já ouvira falar, e muito, sobre os diversos bailes realizados pela nobreza. As madames usavam de suas roupas caríssimas e de suas máscaras frívolas para passear enquanto órfãos de rua imploravam por um pouco de comida. Aqueles que conseguiam escapar da miséria o faziam pela esperteza. Havia muitos ladrões escondidos pelos becos da grande Baía da Neblina; *e piratas*. Os portos daquela ilha eram famosos por receberem visitas de grandes navios ilegais, e dizia-se que o Governador dali tinha acordos com vários nomes procurados pela marinha britânica. Ouro em troca de abrigo quando os caçadores não estavam por ali.

Quando Sebastian comentou aquilo, Moira não esboçou surpresa. Estava se acostumando a conviver com eles de tal maneira que já não temia mais entrar numa cidade na companhia dos bandidos. Não que fossem bandidos sanguinários. Podiam ser salafrários, podiam roubar e aproveitar a vida à margem da lei, mas, com o passar dos dias, Moira aprendera que muitos ali foram vítimas das circunstâncias.

Da mesma maneira que o filho de um nobre cresceria um nobre, o filho de um pirata cresceria um pirata. Moira tinha aprendido tudo sobre bons modos, educação e ética com Lucy e John. Tobias havia aprendido tudo sobre roubos e pilhagens com o pai. O menino tinha no pai, e agora em Sebastian, seus exemplos de vida. Moira jamais o culparia por desejar se tornar um pirata; estava no sangue dele. E no coração. Ela já havia passado por isso, afinal. Já ansiara desbravar os sete mares, deleitando-se em liberdade.

Contanto que não soubesse das atrocidades cometidas por eles – pois Moira tinha plena consciência de que não havia ali almas inteiramente nobres – poderia aceitá-los. Dos poucos que conheceu, sendo que havia muitos piratas a bordo,

apenas algumas histórias se sobrepujaram em sua mente. A de Tamina foi uma delas.

Estavam Moira e Tobias sentados no convés, a garota ajudando o menino a esfregar o chão – estava cansada de ficar sem fazer nada – e ele contou brevemente a história de cada marujo; falou sobre Jenkins e seu olho de vidro, pois o natural havia sido perdido por uma facada; falou de Job e Morgan, surdo e mudo, respectivamente, sendo que o último teve sua língua arrancada por ladrões durante uma sessão de tortura; e falou sobre tantos outros – com exceção de Stark, é claro.

De Sebastian, pouco se sabia até sobre sua sombra.

Foi então que Moira surgiu com a dúvida:

– E Tamina? Qual a história dela? – Havia olhado para a pirata ao indagar aquilo, vislumbrando sua figura lá no timão. Tobias hesitou, mas acabou respondendo.

A jovem Queen fugira do bordel onde trabalhava e procurara por Sebastian, muito anos atrás. Tobias já estava a bordo do navio na época. Disse que Sebastian a acolheu como a uma familiar e não mencionou com seus tripulantes o que a fizera se tornar maruja – só disse que deveriam tratá-la bem ou seriam jogados aos tubarões. Tamina, aliás, impôs respeito desde o momento em que pisou naquele convés. Tobias se lembrava de seu primeiro dia como pirata, já vestindo roupas masculinas e usando de seu olhar mortífero – nenhum homem ousou se aproximar dela com segundas intenções. Foi feita primeira imediata quando o anterior morreu.

E Moira só conseguiu descobrir aquilo.

Qualquer outra pergunta foi refutada pelo menino, que se limitou a lançar um olhar estranho e prosseguir com outras histórias. Moira ficou extremamente curiosa em relação à fuga de Tamina daquele bordel, mas certamente jamais perguntaria a pirata. Prezava por sua vida, acima de tudo, e tinha plena consciência de que receberia um tiro caso ousasse questionar a mulher.

O resto da viagem passou com rapidez e eles logo estavam alcançando o tal porto fantasma. Ficava, de fato, à uma hora da capital. Sebastian ordenou que Tamina permanecesse a bordo e só aceitou levar Moira consigo pelo fato de que apenas ela conseguiria reconhecer Armand, caso o visse. Exigiu total comprometimento da garota e a fez prometer que não desobedeceria as suas ordens – se ele a mandasse correr, correria. Se a mandasse calar a boca, calaria. Moira prometeu tudo aquilo com uma carranca de desgosto.

Ainda tinha em mente de que falaria a Armand tudo sobre a viagem. Não omitiria qualquer informação. Compartilharia tudo o que ele quisesse saber. Estava disposta a mostrar o rubi, pois sabia que a joia esquentaria em sua

presença. Provaria a Armand que estava falando a verdade.

Precisava saber por que o rapaz estava ligado àquele tesouro. O porquê de ele ter a parte final da chave. E a única maneira de fazê-lo era trazendo-o a bordo. *Arrastando-o consigo para aquela jornada insana.*

Sabia o quanto Sebastian iria odiá-la por estar planejando aquilo, mas não deixaria que o capitão soubesse até que fosse impossível de esconder. Stark teria que aceitar a presença do rapaz naquele navio ou ficaria sem o rubi, e ponto.

De onde vinha toda aquela coragem? Ela não fazia ideia. Estava apenas seguindo seu coração, como bem mandara Iolanda.

X X X

Moira estava na companhia de Terence numa das hospedarias da Baía da Neblina havia quase duas horas e cansara-se de perder no jogo de cartas, por isso, pôs-se a observar a praia pela janela do quarto. Sebastian havia se retirado para a região perigosa da cidade, lugar onde apenas os criminosos frequentavam, para buscar informações com um velho conhecido.

Podia ser inexperiente, mas Moira sabia que procurar por “*velhos conhecidos*” não acabava bem. Terence ainda não tinha sarado da briga no bar, mas Moira ainda ficava surpresa ao se lembrar da fúria com que ele lutara contra o tal Peixe Morto – com esse pensamento em mente, voltou-se para o homem, que agora se ocupava em esticar as costas na cama dura do quarto.

– Como foi que conheceu Peixe Morto?

– Por que essa pergunta? – Ele abriu os olhos subitamente.

– Fiquei curiosa.

– Você é a criatura mais curiosa que já conheci – Terence comentou num tom divertido, o que acabou fazendo-a rir. – Pois bem, Peixe Morto? Conheci aquele desgraçado quando navegava. Ele era mercenário e acabou fazendo um acordo comigo para que eu o deixasse embarcar no navio em que servia. Consegui convencer o capitão e Peixe Morto me deu ouro em troca. Acontece que ele havia sido contratado para me matar e pretendia recuperar o dinheiro dado depois que o fizesse, além de receber o pagamento pelo serviço.

Moira deixou seu queixo cair de encontro ao chão. Terence soltou uma gargalhada ruidosa.

– Um rapaz que servia em meu navio veio a descobrir tal fato e impediu que Peixe Morto chegasse até mim. O pilantra foi jogado ao mar num escaler, mas sobreviveu. – ele franziu os lábios numa careta. – Ele disse que eu lhe devia dinheiro, lembra-se? Era o maldito ouro que havia me pagado e o que deixou de receber por não conseguir me matar. Maldito seja por me cobrar aquilo. – Ele

gargalhou e puxou seu cantil de prata do casaco.

– Esse rapaz que o salvou... Era Stark?

– Aye. – Terence sorriu. – Dali para frente só cresceu como pirata. Ganhou prestígio no mundo do crime, se é que isso vale de alguma coisa. Conheceu a esposa e começou a procurar pelo tesouro.

– A tal Bela... – Moira incentivou, mas recebeu aquele olhar incisivo de Terence. Ele não ia ceder tão facilmente.

– Não vou contar sobre o passado de Sebastian, Moira. – Terence esticou as costas quando se sentou e massageou o pescoço. – Aquele é um homem complicado para se lidar. Não incentivo a investigá-lo. – Quanto mais se falava em manter segredo, mais ela queria descobrir. *Teria Stark um passado tão ruim assim? E o que houvera com Bela?*

Queria entender tudo pelo fato de que a tal mulher também havia caçado o tesouro. Para ter tido tamanha influência na vida de Sebastian, certamente havia sido muito importante.

No instante em que pensou sobre ele a porta abriu-se, assustando Moira e Terence. Sebastian, três homens e Tamina, que deveria estar no navio, entraram por ali. Moira empertigou-se onde estava, franzindo as sobrancelhas na direção deles.

– E então?

– A garota estava certa. – Tamina não se dirigiu a ela, mas o tom soou ligeiramente amargurado. – O tal Aragon está na cidade; chegou faz alguns dias. Uma semana, mais precisamente – aqueles que haviam visto o mapa sabiam o que queria dizer. Era o tempo exato desde que a linha de sangue havia se movido. – Veio para cá no lugar do pai.

– Por quê? – Moira intrometeu-se, usando um tom cauteloso, mesmo ciente de que Tamina a estava evitando. A pirata foi forçada a se virar para responder, e o fez com o mais frio dos olhares:

– Porque vai haver um baile para receber o Governador. Ele estava viajando pela ilha, mas retorna para cuidar da cidade. Depois de todos esses ataques, a coroa o quer aqui. É uma cidade grande e precisa de maior proteção, visto que o Tormenta ainda está por aí. – Moira abraçou os próprios braços, tentando esconder a tremedeira repentina. Pensar naquele navio traiçoeiro trazia-lhe o mais profundo pavor. – O Comodoro está navegando por essas águas, por isso precisamos tomar cuidado. Seu filho está hospedado na mansão do próprio Governador.

– Como sabe de tudo isso? – Terence indagou desconfiado.

– Este é nosso informante. Um ladrão – Sebastian gesticulou para um dos homens que o acompanhava. Era pequeno e robusto e possuía um queixo largo. –

Costuma pegar joias de senhoras desavisadas lá no centro da cidade e viu quando Armand e sua tropa chegaram. O rapaz raramente é visto na cidade, mas muito se comenta sobre ele. – o coração de Moira pulou numa euforia até então desconhecida; *Armand estava ali!* Ela viu-se sorrindo bobamente.

– Sonhando acordada, amor? – Moira voltou à realidade com a voz de Sebastian, que a encarava com aquele sorriso zombeteiro. Controlou-se para não retrucar ao sentir suas bochechas ficando vermelhas. – Quão perto tem que chegar do rapaz?

– O suficiente para que eu possa falar com ele. – Moira respondeu.

Sebastian e Tamina trocaram um olhar cúmplice. A pirata parecia indecisa. Seu capitão sorria um sorriso discreto, quase imperceptível, mas que Moira capturou com uma destreza surpreendente. Ele mandou que os três outros homens retirassem-se do aposento e então se voltou para os restantes:

– Muito bem, companheiros. – Sebastian exaltou com uma estranha animação. – Eis o plano.

X X X

Moira se arrependeu profundamente ao deixar que Tamina apertasse seu espartilho. Estava com as mãos apoiadas na beirada da janela e o rosto baixo, encarando o chão, enquanto a pirata puxava as cordas com força, arrancando o fôlego de Moira no momento seguinte em que ela o tomava.

O plano de Sebastian tinha tudo para dar errado, mas ela não podia fazer nada. O capitão o explicou para todos os presentes e depois pediu que seus marujos fossem até o Espírito de Gelo trazer mais dois homens. Dias antes do baile formal, que seria realizado dali três semanas, haveria um jantar requintado na casa de uma família rica da cidade – *Armand estaria lá*. O tal jantar ocorreria na noite seguinte, na mansão do Governador – a mesma que abrigaria o outro evento.

Moira se surpreendeu com a quantidade de informações que aquele ladrão conseguira juntar. Ele falara para Sebastian sobre o local e o tipo de convidados, de modo que Moira teria de passar despercebida por eles. A grande sorte era que havia convites para o jantar, lacrados em envelopes destinados a pessoas específicas.

O tal ladrão também contou a Sebastian que sua melhor chance seria colocando Moira sozinha no evento. Terence hesitou, temendo pela segurança da garota, mas Sebastian garantiu que ficaria escondido ao redor da casa junto a seus homens.

Por isso Moira estava ali, sendo torturada por Tamina, para parecer

apresentável no jantar – sabia Deus como, mas o ladrão e seus capangas haviam conseguido interceptar um dos convites enviados. Moira seria apresentada como filha da duquesa McMillian caso algo desse errado. Não pretendia ficar lá por tempo suficiente para que as pessoas do jantar desconfiassem ou mesmo a reconhecessem. Tinha apenas que levar Armand até o lado de fora e confidenciar-lhe tudo.

Sebastian e seus piratas estariam por perto e, caso Armand não falasse, o levariam até outro lugar para que contasse sobre a peça. Moira rezou a Deus para que a ajudasse em sua persuasão.

Outro puxão no espartilho fez Moira soltar o ar restante e ela então ergueu as mãos, pedindo que Tamina parasse.

– Deixe de ser criança. – A pirata resmungou.

– *Ahoy*, senhoritas. – Moira soltou um guincho agudo quando Sebastian irrompeu pela porta, tão descontraído quanto sorridente. Ele passeou os olhos pelo corpo da garota, que no momento estava coberto apenas pelas roupas de baixo, e abriu um largo sorriso. – Não se preocupe amor. Já vi muitas mulheres usando muito menos roupas do que isso. Não se sinta acanhada.

– Saia daqui! – Moira ralhrou, cruzando os braços em frente ao busto. Seu rosto estava roxo de vergonha, mas Sebastian não parecia se importar. O pirata entregou um embrulho para Tamina e jogou-se na cama, cruzando as mãos atrás da cabeça.

Moira permaneceu paralisada, tentando controlar seu coração descompassado. Sebastian não iria sair dali, então não seria ela a perder o controle. Era apenas um pirata salafrário sem educação, ela não tinha porque ficar com vergonha. Com dificuldade, descruzou os braços e endireitou a postura, fingindo usar uma armadura invisível – algo que a impedisse de desabar em constrangimento. A maneira como ele a olhava, arrastando calor por seu corpo, fazia Moira se sentir completamente despida.

– Pare com isso! – Ela pediu em tom vergonhoso. Stark gargalhou e voltou os olhos para o rosto dela. Era aquele olhar penetrante, o mesmo que conseguia tirar seu fôlego de uma só vez.

– Venha cá. – Tamina ordenou sem paciência, puxando Moira pelo braço.

A garota deixou que a mulher a ajudasse com o pesado vestido, que acabou se encaixando perfeitamente em seu corpo. Desejou ter um espelho para vislumbrar o efeito da saia rodada ou mesmo como a cor chumbo ficava contra sua pele, mas contentou-se em olhá-lo de cima.

As mangas justas acabavam um pouco acima dos cotovelos e o decote reto favorecia seus seios pequenos. Moira queria saber onde Sebastian arranjava aquelas vestes, mas não perguntou. Estava brava por ele ter invadido o aposento

e pego-a seminua.

– Já sabe o que tem que fazer, certo?

Ela assentiu. *Convencer Armand a embarcar naquela loucura.*

X X X

Moira suava frio. Apavorada, tremia dos pés a cabeça. Foi guiada por Tamina até o local onde encontrariam uma carruagem para levá-la até o jantar. Moira não via Sebastian desde a manhã, por isso imaginava que eles já estavam escondidos, esperando que Armand ficasse a vista.

Com todo aquele tempo livre, Moira já havia memorizado as palavras exatas a serem usadas quando encontrasse Armand. Iria pedir que o rapaz a acompanhasse até um passeio aos jardins, alegando precisar explicar os acontecimentos desde o seu sumiço, e então exporia *tudo* o que realmente havia acontecido desde sua fuga lá de Esperança. Não deixaria detalhe algum de fora, nem mesmo sobre os piratas, Iolanda ou o mapa encantado.

Confiava plenamente em Armand, sabia que encontraria nele a mente sensata e curiosa do menino que havia conhecido no passado. Estava certa de que ele acreditaria. Não seria necessária violência ou tortura para extrair a verdade dele.

Quando alcançou a mansão do Governador, Moira sentiu-se ainda mais nervosa.

Balançou o leque em frente ao rosto para espantar o suor. Tamina a havia deixado sozinha na carruagem e agora retornava para cuidar do navio. Enquanto isso, Sebastian e alguns escolhidos se esconderiam na festa.

Moira viu todos os acontecimentos passando como borrões em frente aos seus olhos desde o momento em que um guarda ricamente uniformizado a ajudou a descer da carruagem. Ele examinou sua postura e depois seu convite, e então sorriu e indicou o caminho de pedras que ela deveria seguir.

O jantar aconteceria no salão de festas, mas por sorte ela não teve que ir tão longe. Havia um pequeno grupo de homens reunido ali fora, discutindo sobre qualquer coisa que os deixava extremamente ultrajados. Havia gesticulações e vozes altas em meio à roda, mas bastou um olhar e o rubi esquentando em seu peito para que Moira vislumbrasse Armand.

Gemendo de dor, ela afastou a peça de onde estivera e avistou uma marca avermelhada da recente queimadura. A dor veio em seguida, mas Moira conseguiu ignorá-la ao marchar até Armand.

Havia soldados caminhando por toda a extensão daquela enorme propriedade, parados com suas máscaras de seriedade. Moira fez o possível para parecer inocente enquanto avançava até o grupo, que se encontrava próximo a um

canteiro cheio de flores silvestres. Foi então que Armand a viu.

E, por estar mais desconexo dentre todos ali, pediu licença com rapidez e correu até ela com o mais abismado dos olhares. Moira afastou-se quando ele chegou perto e ficou parada debaixo da sombra de uma grande árvore. Ter visto o vulto de um dos piratas passeando ali a fez vagar até o local. *Como eles teriam cruzado toda aquela segurança?*

– Moira? – o coração da garota descompassou com o tom desesperado dele. Armand irradiava desolação e repentina esperança, os olhos acalentados ao observá-la. – Pensei que eles a tivessem levado! – Armand não teve pudores em seguida. Enlaçou o rosto dela com suas mãos e puxou-a para si, arrancando dos lábios de Moira um primeiro e faminto beijo.

Toda a racionalidade da garota desapareceu. Todas as palavras memorizadas, os argumentos escolhidos, tudo se dissipou ao encostar de seus lábios. O universo reduziu-se a Armand e ao calor confortante que ele transmitia.

Trêmula, Moira envolveu os ombros dele com suas mãos e deixou seus dedos percorrerem os fios sedosos do cabelo do rapaz. Quando a língua dele explorou sua boca, Moira ouviu-se soltando um longo suspiro. Armand era todo cuidado e carinho, delicadeza e ansiedade, irradiando um amor tão puro quanto o coração que batia acelerado em seu peito.

Então ele se afastou, chocado com a própria atitude. Permaneceu abraçado ao corpo magro e frágil da abobalhada garota, no que Moira acariciava a própria boca, sentindo o gosto de Armand nela. Era suave e inesquecível, de causar reviravoltas aconchegantes em seu estômago. Se não estivesse apoiada no rapaz, certamente teria caído.

– Temi tanto por você. – ele confidenciou, os lábios apertados carinhosamente contra a testa dela. – Onde esteve? Como... Como veio parar aqui? – Ele finalmente caiu em si, segurando-a pelos ombros para poder olhar em seus olhos.

– Armand, eu preciso falar com você – a voz de Moira saiu rouca e desafinada, por isso ela pigarreou. – É muito importante.

– Claro, vamos lá para dentro e...

– Não, ninguém pode saber. – Engoliu em seco, olhando em volta com hesitação. Se seguisse as palavras de Sebastian, levaria Armand até os jardins inferiores da propriedade, onde os piratas estariam aguardando, mas não o fez. Em vez de obedecer ao capitão, Moira segurou a mão de Armand e guiou-o até o jardim próximo dali, como havia planejado.

– O que houve? – Armand colocou um cacho do cabelo dela atrás da orelha, sorrindo com doçura. Parecia encantado por tê-la de volta; os olhos claros cintilando em doçura.

– Armand, eu... – Moira mordeu o lábio inferior. – Eu não vim aqui para dizer

que estou viva e bem, na verdade. Nem para encontrá-lo. Quero dizer... Eu vim para encontrá-lo, mas não pelos motivos que pensa que eu vim. – ela deu um tapa na própria testa. – Deixe-me recomeçar, sim?

– Que tal assim, amor? – Moira ergueu o rosto com os olhos arregalados, voltando-se para a figura que saía das sombras. Os soldados que por ali passeavam tinham desaparecido. – Você fez um acordo com piratas, navegou com piratas e agora veio negociar a favor de piratas.

– Sebastian, vá embora daqui! – Moira grunhiu com raiva, colocando-se de costas para Armand.

– O conhece? – A voz do rapaz saiu desconfiada. Ele havia desembainhado a espada que trazia presa a sua cintura e agora a apontava na direção do recém-chegado. Sebastian encarou a lâmina prateada e depois seu possível oponente e caiu na risada.

– Não vai querer lutar comigo, rapaz. Faz ideia de quem eu sou? – Sebastian jogou a pergunta com humor.

– Alguém que certamente deve acertar-se com a coroa. – Armand retrucou com coragem, afastando Moira para que se aproximasse daquele desconhecido.

– Seu pai já ouviu falar muito de mim. Aposto como você também. – abriu um sorriso perverso. – Meu nome é Sebastian Stark. Capitão Stark para você. – Piscou um olho marotamente. Armand empertigou-se com a informação e arrumou sua face numa expressão insultada.

Sebastian arqueou uma sobrancelha, surpreso pela postura ofensiva do rapaz. Então deu de ombros e puxou a própria espada, colocando-a na direção de Armand. Moira estava congelada, sem saber como se portar. Se os dois comesçassem a lutar, um deles sairia terrivelmente ferido; os guardas poderiam aparecer e então seus planos iriam para os ares.

– Parem! – exclamou, colocando o corpo entre eles. Sebastian permaneceu impassível, os olhos azuis furiosos sobre os do nobre. Armand, por sua vez, desviou a atenção até a garota. – Não podem lutar! Armand, eu vim aqui pedir sua ajuda. Não quero que se junte aos piratas, mas que se junte a mim. Há um tesouro e...

– Você realmente se uniu a ele? – Armand exaltou indignado. Moira perdeu a compostura.

– Sim, eu... Mas só para conseguir informações sobre minha mãe! Blackburn está com meu pai, Armand, eles são minha melhor chance. – a garota engoliu em seco, ciente de que agora Sebastian também a encarava. – Por favor, me deixe explicar. Dê-me a chance de provar que digo a verdade.

– A verdade? Não há verdade em histórias de piratas.

– Não é uma simples *história*, moleque. – Sebastian replicou ultrajado.

– Esse colar é parte de uma chave. – Moira mostrou o rubi para Armand, que o encarou a contragosto. – Há três fragmentos dela. Se as juntarmos poderemos zarpar até onde está o tal tesouro. Não me importo com ele, mas há indícios de que minha mãe esteve envolvida. Se conseguisse...

– E por que está me contando tudo isso?

– Porque o rubi indicou que você tinha a última parte dessa chave – Moira parou bem a frente da ponta da espada, ignorando o pavor de ficar a poucos centímetros daquela arma mortífera. – Vamos, Armand, qualquer coisa que se lembre. Uma joia deixada por sua mãe, um...

– Não há nada assim. – Foi surpreendente notar a sinceridade nas palavras dele.

– Talvez... Talvez seu pai saiba. – Moira hesitou.

– Todas as joias que minha mãe possuía foram leiloadas. – Moira arregalou os olhos. – Mas acredite Moira, nenhuma delas tinha qualquer ligação com esse tesouro.

– O rubi mentiu? – Ela encarou o pirata. Sebastian ergueu os ombros e abriu um sorriso cansado.

– Não faço ideia, amor, mas acho que isso já passou dos limites.

– O que?

– Homens! – ele exaltou. Das sombras, os piratas que o acompanhavam surgiram, dois deles trazendo amordaçados e algemados os soldados que antes patrulhavam a propriedade. – Hora de ir.

– Armand, se você pudesse... – Moira tentou argumentar mais uma vez, mas seu braço foi puxado e ela estacou contra o corpo forte de Stark. Armand largou a espada e puxou do cinto a pistola que também carregava, engatilhando-a a uma distância nada segura da testa do pirata. Moira engoliu em seco, apavorada com a pressão que a lâmina da espada fazia contra a sua pele. Mais alguns centímetros e Sebastian a degolaria.

– Vai nos deixar partir ou eu a mato.

– *Sebastian!* – Ela guinchou.

– Nada pessoal, amor, mas já que eu não terei o tesouro, ao menos desejo minha pele intacta. – os lábios dele roçaram atrás da sua orelha, arrastando um calafrio pelo corpo dela. – *Foi um prazer fazer negócios com você.*

No segundo seguinte, Moira foi jogada contra o corpo de Armand e um peso sumiu de seu pescoço. Como que feitos de fumaça, os piratas desapareceram em meio à mata fechada, deixando para trás o eco de suas risadas, os soldados amarrados e dois jovens abismados.

Armand largou a pistola e ajudou Moira a se recompor. Ele não a recriminou com o olhar ou qualquer coisa do tipo, mas a abandonou para perseguir os

piratas, gritando aos guardas mais afastados que o acompanhassem.

Moirá ficou para trás, os olhos arregalados encarando o chão.

Estava só, desamparada, e seu rubi acabara de ser roubado. Lágrimas quentes começaram a escorrer por suas bochechas, mas ela tinha plena certeza de que eram únicas e exclusivamente moldadas pela raiva.

CAPÍTULO X

– Senhorita, o senhor Aragon pediu que viesse chamá-la para o café da manhã. – Moira ergueu o rosto marcado para a serviçal, que colocara a cabeça pelo vão da porta. Ela tinha um olhar preocupado e simpático, mas Moira não conseguiria confiar em alguém tão cedo. Sebastian havia, afinal de contas, quebrado sua promessa. Ele retornou ao navio com seus homens e zarpou para o oceano, deixando Moira para trás. A mesma Moira que se sentira parte daquela aventura; a garota tola que se deixara enganar por um maldito fora da lei.

A garota chegou a informar Armand sobre a localização do porto fantasma, mas, quando ele e seus homens chegaram lá, encontraram uma baía solitária.

Moira desejou que uma tempestade afundasse o maldito Espírito de Gelo e levasse seus homens até a mais profunda vala do inferno. *Até mesmo Terence!* Onde estivera ele para impedir que deixassem a garota ali sozinha?

Uma semana se passou desde então, em que a garota inconformada com a traição permaneceu enfiada no quarto cedido pela governanta do Governador. O importante homem possuía uma mansão absolutamente rica, cheia de quartos e aposentos vazios. Havia uma sala usada exclusivamente para comportar um grande piano de cauda e outra com poltronas aconchegantes, recheada de estantes com livros.

Nem isso fora suficiente para tirar Moira da tristeza.

Como pudera ser tão... Idiota? Inocente? Estúpida? Tantas palavras podiam ser usadas para definir suas últimas escolhas. Mas que opção tivera? Durante todo o tempo, sua vida estivera ameaçada. Sempre fugindo dos malditos capangas de Blackburn que tanto queriam sua joia.

Bom, que perseguissem Sebastian então.

Ela não tinha mais nada a oferecer para aquela jornada. Largada para trás com nada mais que suas lembranças, Moira acabou mergulhando num torpor de arrependimento. Preferia ter ficado em Esperança, nem que significasse ter perdido o rubi para os tripulantes do Tormenta das Águas.

Ao menos eles não a haviam feito acreditar em mentiras. Ao menos eles não a haviam iludido com palavras tranquilizadoras, fingindo que dali para frente faria parte daquela aventura.

Ao menos nenhum deles era Sebastian Stark!

x x x

Ao adentrar a sala usada para as refeições, Moira sentiu seu estômago despencar e a fome desaparecer como uma brisa em meio a uma ventania. Armand estava sentado confortavelmente na ponta da larga mesa de mogno escuro e exibia uma máscara séria ao encarar a garota.

Moira sentiu-se ainda pior ao ver o desapontamento nos olhos cristalinos do rapaz. Afinal de contas, não trocava palavras com ele desde a derradeira noite em que Sebastian fugira com seu rubi. Havia evitado Armand e qualquer outra pessoa que lhe dirigisse a palavra, preferindo a solidão oferecida pelo quarto.

Agora percebia quão tolas eram suas atitudes.

Armand era um grande amigo – *ou talvez até mais do que isso, ela não sabia dizer* – e só usava daquele olhar porque estava preocupado com ela. Moira havia se unido a piratas e partido sem deixar vestígios de sua sobrevivência. Havia deixado Armand e a senhora Lucy para trás sem qualquer sinal de que estava tudo bem e de que algum dia ela talvez voltasse a encontrá-lo. Quando parava para pensar, Moira notava quão insensível havia sido.

– Bom dia. – Murmurou com hesitação. O mordomo puxou uma cadeira ao lado daquela onde Armand se sentava e Moira acomodou-se um pouco acanhada. Depois de alguns instantes de silêncio, ergueu seus olhos acinzentados para os azuis dele e suspirou.

Eram olhos tão diferentes dos de Sebastian. Possuíam um cálido brilho acolhedor. Quando o encarava, Moira sentia-se mergulhando numa lagoa límpida e calma, ao contrário do turbilhão elétrico que era Sebastian.

– Fiquei preocupado com você – Armand confidenciou. – Uma semana trancada naquele quarto sem dizer sequer uma palavra... Achei que a tivesse magoado.

– Não! Absolutamente não. – Moira exclamou surpresa. – Não foi você quem me magoou, longe disso. Estou certa de que fui eu quem feriu seu coração agindo de maneira tão absurda. Peço desculpas.

– Não há porque se desculpar – a expressão dele suavizou e seu olhar passou para a calmaria. – Imagino que foi vítima de alguma persuasão para ingressar naquele navio. Deus do céu, Moira, não faz ideia da sorte que tem! Piratas não são nada confiáveis, especialmente Stark. Meu pai o caça há anos e tem preparadas dezenas de forcas a espera do pescoço daquele salafrário. Foi sorte ele ter levado apenas a joia. Não sei o que faria sem tê-la ao meu lado novamente.

Moira corou fortemente e desviou o olhar para seu prato.

– Sinto-me tão tola. – a garota confidenciou, finalmente voltando sua atenção para o rapaz. Armand arqueou uma sobrancelha, parecendo intrigado, e ela prosseguiu: - Por ter acreditado em Terence. – e explicou rapidamente quem era ele. – Por ter ingressado nessa viagem arriscada confiando unicamente na palavra de homens sanguinários. E agora as únicas lembranças restantes de meus pais ficaram com eles.

– Não deveria se sentir assim. Você passou por tanta coisa, Moira... – Armand demonstrou compaixão. – Esteve confusa e atordoada por tantas mudanças, ter confiado em Terence pareceu-lhe a escolha adequada.

Mas e quanto ao mapa? Iolanda? Toda aquela história que, por mais absurda, havia sido real aos olhos de Moira. Não conseguiria deixar para trás aqueles acontecimentos. Pelo menos não tão facilmente.

Odiou Sebastian ainda mais por tê-la largado ali.

Talvez ele fosse sádico o suficiente para saber que a garota passaria o resto de seus dias remoendo-se com o que teria acontecido caso prosseguisse viagem. Moira voltou a desejar que o Espírito de Gelo afundasse na mais funda vala do oceano e que levasse seus amotinados tripulantes com ele.

x x x

Relutou em aceitar o convite de Armand. Fez o possível para se esquivar das iniciativas dele, desviando olhares e rumando para outros tipos de conversa. Contudo, depois de quase cinco dias cercada pela aura ansiosa que ele emanava, Moira acabou concordando e sorrindo alegre para o rapaz – um sorriso falso, é claro, pois ela não sentia a mais pura animação.

Haveria aquele baile de máscaras de que tinha tanto ouvido falar antes de ser abandonada pelos piratas. Seria realizado ali na mansão no fim da próxima semana e receberia o próprio Governador – que, depois de ajeitar as coisas em suas viagens, rumaria para a capital a fim de apaziguar os ânimos. O baile só aconteceria para que os nobres se acalmassem e percebessem que estava tudo sob controle – ainda que o Tormenta das Águas continuasse livre, os ataques haviam cessado. O Comodoro Aragon também viria para recepcionar a festa, mas Moira imaginava que sua presença se devesse a outro fato... Piratas haviam estado ali, afinal. Sebastian Stark havia pisado naquele lugar.

Moira ficava atenta sempre que Armand iniciava um diálogo importante com os lordes agora hospedados na mansão, pois, desde a sua chegada, eles não pareciam se importar com a presença da garota. Moira era quase invisível aos olhos deles.

Os lordes certamente não se importavam com ela por acreditarem não se tratar de uma jovem curiosa. Para eles, Moira era como qualquer outra dama daquele círculo social – recatada, que sabia se colocar em seu devido lugar. Oh, mas estavam errados. Cada palavra que deixava suas bocas era capturada pelos ouvidos atentos de Moira, que passava as horas seguintes pensando nelas, encaixando-as nos acontecimentos à sua volta.

E então Armand procurou por Moira e implorou para que ela o acompanhasse até aquele tão falado baile de máscaras, e a garota aceitou, colocando-se assim a total disposição de duas costureiras enérgicas e de uma dama de companhia sorridente – e surpreendentemente compreensiva.

Uma das costureiras era velha com o próprio tempo e muitas vezes fisgava o corpo de Moira com suas agulhas. Um coque muito firme prendia suas madeixas esbranquiçadas e rugas caíam por seu rosto como babados num vestido.

A outra era um pouco mais jovem, mas tinha certa maleficência no olhar que fez Moira desgostar de sua presença. Seu sorriso era firme e ela costumava apertar o espartilho de Moira com força demais.

A dama de companhia era agradável e tinha um jeito tímido de se portar. Mostrava-se compreensiva quando via no rosto de Moira aquele olhar vago de quem estava pensando em outro universo – Mary dizia que seu passatempo favorito consistia em divagações.

Moira estava, *e muito*, fazendo o possível para manter a compostura e não deixar suas costureiras falando sozinhas. Só sabiam comentar sobre homens, trabalhos de casa e sobre a sociedade. Ela costumava encarar Mary com tédio, perguntando-se de onde ela tirava tanta paciência para conviver com as fofoqueiras. Moira não se sentia confortável em meio a elas.

Malditos fossem aqueles piratas por terem-na abandonado!

X X X

Estava observando o oceano pelas janelas de seus aposentos. Perdera o sono há quase uma hora e finalmente havia desistido de voltar a dormir. Não sentia vontade de descer até a cozinha em busca de um chá ou algo do tipo...

Não, preferia olhar para o mar.

Por mais que seus dias viajando a bordo do Espírito de Gelo houvessem sido conturbados e Moira tivesse passado mal diversas vezes, não podia negar o quanto à sensação de liberdade a havia agradado.

Frustrava-se por devanear em relação a aquilo, mas que escolha tinha? Havia sido uma aventura e tanto... Mesmo remoendo-se de ódio daqueles que a impuseram a tal viagem, Moira havia gostado.

E observar as águas cálidas daquele manto azul infinito trazia paz à mente ansiosa da garota. Desde que se separara do rubi, não havia pesadelos assombrando sua mente, só pensamentos banais. Ver outra parte daquela história afastada dela trazia um aperto ao seu coração. Por que tudo não podia passar de um sonho onde ela acordaria em Esperança e se esqueceria do que havia enfrentado?

Não é sua culpa o que virá a acontecer, mas do passado e do futuro. Estivera Iolanda falando sobre aquilo? Sobre o abandono? Ela havia enfatizado quão disforme eram as linhas nas palmas de suas mãos. De fato, não era culpa sua ter depositado a confiança nas pessoas erradas. Talvez seu futuro fosse tão estranho à estranha vidente por ter sido desviado do rumo daquela aventura.

Moira examinou o quarto, desejando poder ver ali algo que a ajudasse a superar tudo aquilo.

Talvez Armand estivesse ao seu lado por isso. Ele era seu porto seguro. Talvez o *destino* o tivesse colocado em seu caminho. Por mais que o rapaz não tivesse ligação com a cidade perdida, tinha uma ligação com Moira.

CAPÍTULO XI

Moira acordou com raios de sol incidindo sobre seu rosto. O desconforto a fez resmungar baixinho e finalmente abrir os olhos, contemplando a janela recém-aberta – Mary estava ali. Ela puxou as cortinas que faltavam para o ambiente ficar coberto pela luz do dia. Moira encarou o céu anil lá fora, com algumas nuvens de chuva a vagar pela imensidão azul, e pôs-se a sorrir – não deixou qualquer pensamento negativo invadir sua mente. Nada que a lembrasse de Stark ou dos tantos outros malditos que a haviam deixado para trás.

Aquilo estava no passado.

Faltava apenas um dia para o tão esperado baile e a mansão do Governador estava inundada por nobres e damas da corte, todos ansiosos para enfeitar o salão de festas com suas máscaras chamativas e suas vestes ricamente trabalhadas. Moira exibiu a sua máscara muito antes da tal festa, pois, ao ser forçada a encarar todos aqueles membros da alta sociedade, sentiu vontade de voltar para seus aposentos.

Não podia, porém, abandonar Armand em meio àqueles rostos sôfregos por atenção. Fingiu diálogos o melhor que pode e só permaneceu tanto tempo sentada à mesa graças à companhia de seu querido... *O que?* Como Moira classificava Armand?

Mordendo o lábio inferior com força, a garota observara o semblante tranquilo do rapaz Aragon, indagando-se em que grau de comprometimento se encontrava.

Armand era de toda uma tranquilidade e carinho e dedicação. Em suas horas livres, conduzia Moira a passeios agradáveis, contava-lhe sobre as viagens das quais já havia participado e parecia cada vez mais fascinado ao dirigir-lhe sorrisos tímidos. Armand apresentou-lhe a biblioteca da casa, onde Moira passou incontáveis horas dos dias mergulhada nas páginas ricas em histórias encantadoras; sentia saudade das narrativas fantásticas envolvendo Arabella Snow, mas estava grata por ter se afastado.

Pensar no universo pirata, depois de tê-lo vivenciado, machucava.

Armand também a guiou até a sala do piano, onde tocou-lhe músicas doces. Moira ficou hipnotizada pela maneira veloz e perfeita com que Armand

dedilhava o teclado daquele gigantesco piano, tirando dele sinfonias tão adoráveis; ao fim do dia, ele a conduzia até a porta de seu quarto e beijava sua mão, dirigindo-lhe olhares arrebatados. Uma ou duas vezes chegaram perto de se beijar, mas Armand era um jovem respeitável e sabia até onde podia chegar.

Moira sempre esperava o beijo, é claro. Ansiava por sentir os lábios dele novamente, por sentir seu gosto – canela e açúcar e carinho – mas não tinha ousadia suficiente para jogar-se em seus braços. Mary a tranquilizara, certo dia, dizendo que estava óbvia a adoração que o rapaz Aragon tinha por Moira.

x x x

Moira recebeu ajuda de Mary para amarrar o espartilho e agradeceu pela suavidade com que sua dama de companhia o fazia, lembrando-se da agressividade com que Tamina a havia tratado... *Não!* Repreendeu-se.

Nada de lembrar-se de Tamina ou de qualquer outro pirata.

Foi durante o próprio sermão que notou o olhar estranho enfeitando o rosto de Mary. Encarou-a pelo espelho, identificando claramente uma discussão interna. Mary estava inquieta, além de hesitar um bocado. O que quer que a perturbasse, não passou despercebido por Moira.

– O que aconteceu? – a garota indagou sutilmente. Mary ergueu os olhos assustados e fingiu o sorriso doce, não tão bem quanto minutos antes. – Ora vamos, Mary, não precisa fingir. Eu me abri com você, não foi? Posso ajudá-la caso precise também.

– O problema não é comigo, na verdade. – Mary balbuciou com a voz frágil. Moira franziu as sobrancelhas em sua direção, esperando por mais palavras, mas nada recebeu. Soltoou um suspiro e se virou, impedindo que Mary continuasse a apertar seu espartilho.

– Aconteceu alguma coisa com seus familiares? Problemas com um amigo? Com um rapaz? – Moira sentiu-se estranha ao perguntar a última coisa, visto que tinha tanta experiência em dar conselhos amorosos quanto para dar um tiro certo.

– Moira... – a dama de companhia olhou em volta, como se temesse encontrar mais alguém a ouvir sua conversa, e então seu rosto tomou uma expressão cautelosa. – Tenho uma coisa para lhe contar.

– O que?

– Eu não deveria estar comentando isso, veja bem. É perigoso para você e mais perigoso para mim, caso meu pai venha a descobrir – Mary levou as mãos ao coração, como se a cada segundo se desesperasse mais. Moira abalou-se pelas palavras. – Aquele pirata... O que a senhorita me contou a história... Ele está na

cidade.

– O que? – o grito de Moira foi mais do que agudo. Mary sobressaltou-se e então pediu que Moira baixasse o tom, pois tinha medo que alguém aparecesse no momento inoportuno. – Está me dizendo que... Stark. Sebastian Stark está na cidade? Nesta cidade?

– Está, mas não sei por que ou por quanto tempo. – Mary puxou as mãos de Moira, que agora tremiam de raiva, para as suas. – Senhorita Black, por favor, me escute. Meu pai o está hospedando e só me contou isso por temer que ele a procure. O Comodoro está para chegar, é a chance de ele capturar o maldito pirata.

– Não! – Moira exaltou, repentinamente tomada por uma ideia insana. – Não fale nada a ele.

– Mas... Senhorita Black, é perigoso! E se o pirata veio para raptá-la?

– Ele vai ter uma grande surpresa quanto a isso. – Moira retrucou.

Oh céus, não adiantava voltar atrás. Toda a determinação, toda aquela terapia interna para esquecer o passado, tudo desapareceu como fumaça ao vento.

A garota iria atrás de sua vingança.

x x x

Se Moira se importava com o tamanho da burrice que estava cometendo? Não, ela não se importava. Sua raiva levou a tamanha ousadia que a garota convenceu Mary a ajudá-la na realização do plano mirabolante. Seu ódio a cegou para os perigos que viriam quando pusesse sua ideia em prática.

Tudo o que a garota queria era recuperar seu rubi e dar uma lição em Stark. Se, para isso, precisasse se embrenhar na parte mais sinistra da cidade, onde ladrões, assassinos e prostitutas viviam, ela o faria.

Moira nunca tinha ficado com tanta raiva de alguém, por isso não sabia como lidar com suas emoções. Agora se dirigia disfarçada, como semanas antes, ao antro de almas condenadas. Precisava alcançar o maldito traidor.

Aquele era um bairro muito movimentado, porém menos caótico do que a Ilha Spada. Havia ladrões e piratas passeando sorrateiros pelas ruas. O Comodoro estava chegando, o que significava que foras da lei estavam em maior risco.

Moira já passara por aquelas ruas, mas fora tão vaga na primeira observação que se surpreendeu com os detalhes que escaparam aos seus olhos – como, por exemplo, a maneira rústica e decaída com que as casas foram construídas, ou mesmo a lama, adquirida pela chuva forte de dois dias antes, que agora encobria toda a estrada.

Mary, que visitava o pai quase toda a semana, foi quem guiou Moira sem erro até a hospedaria. Não era a mesma que a garota havia usado da última vez, mas parecia tão pobre quanto – a arquitetura de dois andares possuía um telhado pendente, que só permanecia de pé graças às vigas de madeira da varanda.

Hesitante desde o início daquela loucura, Mary encarou Moira por breves instantes. A morena exibiu uma máscara de frieza em resposta.

Enquanto Moira esperava num canto da hospedaria, olhando para todos os lugares com atenção, sua dama de companhia seguiu até a bancada para informar-se com o pai sobre o que haviam confirmado – segundo ele, Stark estava em seus aposentos naquele momento. O sangue de Moira ferveu com as palavras. Ela ansiava por subir até lá e dar-lhe um belo tiro com a pistola que roubara da mansão do Governador, mas, nos três dias que Stark estivera ali, ele só repousara durante umas poucas horas. Segundo o pai de Mary, Sebastian Stark estava ocupado com os negócios que tinha a tratar.

Na cozinha, que foi para onde Mary arrastou Moira, houve uma discussão acalorada.

– Eu vou até lá, dane-se ele. – Moira resmungou, ignorando a tolice em suas palavras.

– Senhorita Black, use a razão! – Mary não podia ser culpada por desconhecer toda a raiva que Moira sentia do pirata; para a dama de companhia, Moira havia apenas sido raptada e ludibriada. Obviamente que Mary não sabia sobre o tesouro amaldiçoado ou sobre o rubi que pertencia exclusivamente a Moira; a joia tão valiosa que só oferecia visões à sua dona. A relíquia deixada por sua amada mãe. – Eles vão matá-la se for até lá.

Matariam? Moira perguntou-se. *Sebastian permitiria que seus marujos tirassem sua vida, sabendo quão valiosa Moira era para aquela expedição?*

Porque claro, a garota não tinha ilusões de que o pirata a deixaria viva por simplesmente se importar com sua vida. Oh, não, ele não se importava com nada além dele mesmo. Prova disso era o abandono de Moira. E o roubo do rubi.

Oh, como Moira o odiava.

X X X

Ficou estabelecido que ela só subiria àquele quarto quando os piratas se retirassem, e esperar por aquele momento pareceu levar um século. Moira permaneceu do lado de fora da hospedaria, sentada num barril num beco escuro, na companhia de Mary e de um velho amigo do pai dela – duas jovens, ainda que disfarçadas de homem, corriam perigo num local como aquele.

Moira rezou para que Sebastian deixasse o rubi no quarto. Rezou para que ele

se embebedasse a ponto de desmaiar na taverna. Rezou, principalmente, para que conseguisse pegar a joia e fugir dali antes que ele retornasse. O resto não importava.

Ele certamente descobriria no mesmo instante quem havia furtado a joia, mas Moira não temia as consequências. Estando segura com Armand, relataria a ele sobre os piratas e sobre sua visita até o covil. Dali para frente, que o destino decidisse o futuro de Stark.

Ela só queria sua maldita joia roubada de volta.

Foi quando ergueu seus olhos cansados e ansiosos para a porta da hospedaria que sua ansiedade voltou; observou todos com clareza e discrição – Tamina, Tobias e Terence... *Ah, Terence*. Doía-lhe o coração ver aquele grande amigo continuar a traí-la. Sem notar a carranca fixa no rosto dele, Moira o classificou como um semblante a ser esquecido para sempre.

E então Sebastian saiu, e o turbilhão de emoções conflitantes cresceu no peito de Moira, acelerando seu coração de tal modo que ela temeu ouvir o eco reverberando pelas paredes do beco.

Stark usava as roupas despojadas de sempre, e a maneira com que o casaco caía sobre seu corpo continuava atraente. Seu rosto irradiava beleza e sensualidade. Mas ele ainda era um canalha traidor e Moira ainda queria socar seu rosto com toda a força que tinha.

Esperaram cinco minutos depois da saída dos piratas e então rumaram para a hospedaria; o pai de Mary estava longe da bancada, na cozinha provavelmente, e foi fácil passar despercebida.

Moira acenou para a dama de companhia – elas haviam combinado que a garota permaneceria cinco minutos no quarto, nem mais e nem menos – e então disparou pelos degraus. Adrenalina corria em suas veias e um sorriso enfeitava seu rosto ao pensar na loucura que estava para cometer – uma loucura grandiosa.

Quando alcançou o aposento em que os piratas estavam hospedados, Moira girou a chave reserva e empurrou a porta com cautela; estava um breu lá dentro, com exceção da fraca luz de uma vela – era um cômodo grande e suficientemente confortável, ao contrário da imagem moribunda que a hospedaria passava aos que a olhavam por fora.

Havia três camas de solteiro num dos cantos e uma rede pendurada no outro. Moira passou os olhos com rapidez demais e se esqueceu de certificar-se se estava sozinha. Sua atenção foi rapidamente capturada por um objeto colocado sobre uma mesinha de centro. Ali estava o rubi e o medalhão de ouro.

Teria que roubá-lo também, mas quem se importava?

Sebastian é quem havia começado aquela guerra.

A coragem que a consumia era tanta que Moira arriscou-se um pouco mais.

Parou bem a frente da mesa e examinou o pergaminho estendido debaixo do rubi. Era o mapa! Sebastian havia sido tolo e largara o precioso mapa ali na hospedaria.

Ele nem sequer imaginaria que Moira estava para roubá-lo.

A luz avermelhada da joia dançava de modo sobrenatural sobre as inscrições em latim no pergaminho. Moira reconhecia os lugares marcados pelas linhas de sangue, mas havia um detalhe novo – uma ilha surgira em meio ao mar do Caribe. Havia a representação de uma névoa ao redor do desenho e Moira piscou repetidas vezes ao ver que a tal fumaça se movia sobre o papel.

Foi então que um movimento à sua direita chamou a atenção. Moira agarrou o rubi e desviou quando dois braços flácidos tentaram agarrá-la; na escuridão, a silhueta pareceu-lhe fantasmagórica.

Refutando ouvir o que a pessoa tentou lhe dizer, Moira a empurrou e correu porta afora, colidindo contra o recém-chegado. Raiva escureceu os campos de sua visão.

– Ahoy, *cariad*.

– Seu canalha! – ela grunhiu furiosa. Seu punho deslocou-se até o queixo dele e Sebastian chocou-se contra a parede, tamanha a surpresa pelo golpe que recebeu. Ainda que a dor em seus dedos fosse abismal, Moira aproveitou para chutar o tornozelo do pirata. – Isso foi por ter me abandonado! – E correu escada abaixo.

Tinha começado a chover quando Moira saiu da hospedaria. Suas botas escorregaram na lama, mas ela manteve-se de pé. O chapéu que encobria seus cabelos caiu, mas não teve tempo de recuperá-lo.

Foi quando ouviu Sebastian praguejando logo atrás de si que Moira temeu por sua vida. Seu golpe não tinha sido o suficiente para atrasá-lo. Não era tola, sabia que o pirata a alcançaria com facilidade.

Usando do raciocínio, Moira optou por um caminho diferente do combinado com Mary e acabou desviando por uma ruela, parando na travessa que conduzia a uma taverna. Lá de dentro vinha música alta e gargalhadas – e sua consciência a recordou da última experiência envolvendo locais como aquele – mas Moira estava sem saída. Preferiu encarar os desconhecidos a um Sebastian enfurecido.

Esquivou-se com habilidade de um trio bêbado que passava por ela e desapareceu em meio à multidão que se aglomerava no bar, costurando entre o mar de corpos desengonçados. Por sorte, todos estavam todos bêbados demais para notá-la, ou certamente teriam puxado Moira para si.

Com astúcia, a morena derrubou uma mesa ao passar, aproveitando para criar uma grande distração. Os piratas começaram a discutir pela bagunça, abobalhados pelo álcool. Socos e pontapés começaram a distribuídos por toda

taverna, criando uma balbúrdia sem fim. Contanto que continuasse distante de Sebastian, que estava na entrada do estabelecimento, olhando frustrado em busca da fugitiva, Moira estaria bem.

Abaixou-se atrás do bar e permaneceu ali, segurando o medalhão com força contra o peito.

Então um tiro estourou para o alto, silenciando todos os envolvidos na algazarra. Moira fechou os olhos pelo susto e mordeu o lábio inferior, temendo o que viria a seguir.

– Companheiros, sem briga, por favor! – a voz grave e carregada de sotaque de Sebastian chegou aos seus ouvidos como uma maldição. Moira estremeceu ao notar quão próximo ele estava. – Nós viemos aqui nos divertir! – Ela podia imaginar o rosto dele confiante, ostentando aquele sorriso perverso.

– *Aye!* – Todos gritaram em resposta. A tensão se abrandou, mas Sebastian não terminara de falar. Moira começou a se arrastar para a direita, direção que levava até a entrada da taverna.

– Contudo, meus caros amigos, vim por um motivo maior... Estou à procura de alguém. Puros negócios, nada que vá atrapalhar sua diversão. – Moira ouvia as botas dele batendo contra o chão de madeira, tamanho silêncio que fora instaurado. Estava agora parada no lado oposto da bancada, esperando algum momento para desaparecer pela porta; ali estava sua saída, há tão poucos metros, e Moira não podia se mexer.

– O que procura?

– Uma donzela. – A voz dele estava distante agora. Moira tencionou se mover, mas uma sombra acima de sua cabeça a fez pensar novamente. Um homem encostara-se ao bar, sua cabeça virada na direção do pirata que discursava.

Maldição! Praguejou a garota.

Os piratas soltaram risinhos e comentários desnecessários quando Sebastian disse aquilo. Ele não pareceu se importar. Se Moira estava certa, pela proximidade de seus passos, Sebastian retornava. Não tinha tempo a perder.

Usando o corpanzil do homem parado em frente ao bar como escudo, Moira levantou-se e o acertou com toda a força que tinha, lançando a jarra em sua cabeça. O objeto estilhaçou contra o homem, que caiu duro no chão, atrapalhando a passagem de Stark. Moira correu à porta, esperançosa até o último fio de cabelo, mas dois piratas altos e robustos – capangas de Sebastian, ela bem se lembrava – ergueram-se, bloqueando-a.

Numa atitude impensada, Moira arrancou a espada do cinto de um deles, voltando-se para frente no instante em que Sebastian parara.

Os dois trocaram olhares intensos, o dele beirando a diversão.

– Quer lutar, amor?
– Fique longe de mim, traidor.
– Acho que a garota não quer nada com você, Stark – um dos bêbados gritou lá do fundo. – Talvez deva deixá-la em nossas mãos; cuidaremos bem dessa princesa.

– Cale a boca antes que você fique eunuco por conta de sua língua insolente.
– o bar reverberou em gargalhadas. Sebastian exibia um singelo sorriso. O sangue de Moira borbulhou em ódio. – Vamos lá, não adianta tentar lutar comigo.

Ultrajada, ela avançou com a espada em riste. Num segundo, Sebastian desembainhou a sua e uniu as lâminas, produzindo um tilintar alto; o movimento foi tão rápido que pegou a garota desprevenida. Seu próximo golpe executou-se errado e ela viu-se desarmada.

– Rende-se? – A ponta da espada dele inclinava-se sobre seu pescoço, separada de sua pele por milímetros. Moira franziu os lábios.

– Nunca.

– Gosto desse tipo de atitude. – o sorrisinho dele foi malicioso. – Que tal um acordo, amor? Eu lhe explico o porquê de meu retorno e você devolve a joia.

– Não.

– Seja razoável, Moira. Está claro que a desvantagem aqui é sua. – Ele passou a ponta da espada pela pele dela, aventurando-se na direção do busto. Moira o ignorou.

– Não faço acordo com homens da sua laia.

– Ah, faz sim. – Os olhos claros de Sebastian arderam em chamas de impaciência. Pela primeira vez naquela noite, Moira hesitou. Mas então se lembrou por tudo o que havia passado e empinou o queixo, fingindo que suas mãos não tremiam.

Sebastian demorou-se mais alguns instantes, parecendo surpreso pela não rendição. Um misto de incredulidade e falso orgulho faiscaram em seus olhos elétricos. *E algo mais...* Algo que Moira não conseguiu identificar. Uma emoção sombria, quase melancólica.

Então o capitão balançou a cabeça e os capangas agarraram os braços da garota, puxando-a em direção à chuva e ao vento frio que cortavam a noite. Moira grunhiu e se debateu, mas os dois não a largaram até chegarem à hospedaria.

Moira ficou encharcada, a camisa larga, usada propositalmente para esconder as curvas femininas, agora grudada contra sua pele. Teria desmaiado de vergonha se não fosse à ansiedade para fugir dali. Seu olhar recaiu sobre Sebastian como o de um predador desejoso a esfaquear sua presa; o do pirata

não poderia estar mais relaxado.

Ele espantou os capangas com um aceno e agarrou o braço de Moira, puxando-a até o beco escuro. Quando a garota sentiu a parede as suas costas, estremeceu de medo. Livrou-se do aperto de Sebastian o suficiente para que ficassem distantes.

– Assustada agora?

– O que quer? – Ela cobriu o medalhão com as mãos.

– Quero você de volta, Moira. – a tremedeira que a abateu dessa vez não foi causada pelo medo ou mesmo pela raiva. Moira perdeu a compostura com a rouquidão da voz dele, engolindo em seco pela sombra que pairava naqueles olhos tão belos. – Precisamos de você nessa jornada.

– Ah, você percebeu isso *agora*? – irritadiça pela frase dele, Moira grunhiu de volta. – Tarde demais.

– Pare de bancar a criança – Sebastian apertou a ponte do nariz.

– Bancar a criança?! – Moira explodiu. – Você me traiu, me abandonou e roubou a única coisa valiosa que eu possuía! – ela bateu com o punho fechado sobre o peito dele, e foi a vez de Sebastian ficar contra a parede. – Fugiu com o mapa e o rubi para sabe Deus onde e voltou achando que eu iria aceitar ingressar na maldita viagem novamente?! Depois de *tudo* o que fez? Depois de me fazer acreditar em toda a maluquice do maldito tesouro? Só pode estar fora de si! – Sebastian riu pela reação dela, parecendo satisfeito.

– Talvez queira saber que eu só parti porque precisava buscar alguém. – Moira não respondeu; estava imersa em raiva demais para dizer algo. – Iolanda está aqui, no quarto. – ela tentou ignorar, mas acabou surpresa pelo comentário. Sebastian abriu um sorriso torto. – Satisfeita? Eu só a deixei aqui porque seria seguro enquanto buscávamos a vidente. Terence ficou abismado, mas concordou com meus termos.

– Seguro? Por que haveria perigo?

– No dia em que fomos atrás da terceira peça, Tamina me alertou de que o Tormenta das Águas estava buscando por nosso navio. Quando me vi em um beco sem saída, pois o seu querido Armand Aragon desconhecia sobre a parte da chave, resolvi deixá-la para buscar Iolanda. – Moira franziu as sobrancelhas. – Uma semana depois que partimos, fomos atacados. O Espírito de Gelo sofreu um bocado, mas conseguiu chegar até a ilha, onde recebeu os reparos necessários. Então Iolanda, com o auxílio do rubi e do mapa, desvendou a terceira parte da chave e percebi que o regresso até esta ilha era inevitável. Convenci a índia de que precisava tê-la em meu navio para ter *você* de volta.

– Maldito seja – Moira grunhiu, exibindo seu olhar mais medonho. Colocou-se de costas para ele. Levou as mãos ao cabelo e puxou com força, frustrada pela

sinceridade nas palavras do pirata. – Maldito seja!

– Já entendi o amor que sente por mim, agora, por favor? – ele fez um sinal para a hospedaria. – Iolanda quer falar com você. Temos um plano para pegar a última peça.

– Escute aqui, Stark. – Moira bateu o dedo indicador contra o peito dele, voltando a colocá-lo contra a parede. Sebastian ergueu um sorriso perverso quando viu a proximidade em que se encontravam. Ela não se importou. – Vou ouvir o que Iolanda tem a dizer e vou considerar antes de aceitar qualquer acordo. – nesse instante, Sebastian esticou a mão, segurando a dela. Moira sentia os dedos latejando pelo soco mal direcionado contra o rosto dele, mas não tinha dado nenhuma atenção à dor até aquele momento. O toque de Sebastian foi quase anestésico contra a sua pele dormente. – Pare de me tocar! – ela esbravejou confusa. Stark arqueou uma sobrancelha, afastando a mão, rendido. – Fique avisado de que nunca mais vou tirar os olhos de você. – A garota ralhou.

– Eu enlouqueceria se você o fizesse. – Piscou e então aguardou, gesticulando para que Moira seguisse em frente.

A única coisa que passava pela cabeça da garota naquele momento era a certeza de que tudo estava para mudar; mais uma vez.

CAPÍTULO XII

O clarão do décimo raio estalou em meio às nuvens e o estrondo do trovão veio logo em seguida. Moira estremeceu com a fúria da natureza que se alastrava lá fora, mas o medo que dominava seu coração era maior pelo que estava prestes a acontecer ali dentro. Seus olhos acinzentados correram pelas figuras espalhafatosas que coloriam o baile de máscaras.

Moira respirou profundamente, movendo o leque para afastar o calor – apesar da chuva, o clima estava abafado e insuportavelmente quente. As camadas de tecido que a cobriam estavam mais do que incômodas.

Estava parada próxima ao centro do baile, onde casais dançavam ao som de piano e violinos. Como combinado, usava o medalhão com o rubi ao redor do pescoço, e, como Sebastian garantia, ele esquentaria na presença de Armand; *por quê?* Moira havia lhe perguntado. *Tudo há seu tempo*, ele havia lhe dito.

Estaria Armand mentindo? Teria ele posse de alguma joia antiga, ou algo que o ligasse ao tesouro, e preferira esconder isso de Moira? Ou ele simplesmente não sabia que o tinha?

Mais cedo, ela havia encontrado com o rapaz. E, junto a ele, havia uma companhia nada agradável.

O Comodoro chegara de viagem. Moira congelou quando o senhor Aragon lhe fora formalmente apresentado pelo filho. Armand exibia um olhar orgulhoso e temeroso na direção de Moira, mas a garota conseguiu falsear um sorriso educado, e recebera os elogios do Comodoro de maneira sucinta.

– Então esta é a corajosa senhorita Black. – ele havia dito. – Armand me contou sobre seu infortúnio ao cruzar o caminho de Stark.

– Ah, sim. – ela engolira em seco, ciente de que, em algum lugar naquele baile, Sebastian os observava. Conseguira imaginar o sorriso divertido e o olhar entretido que o pirata cultivava para a cena. – Foi... Realmente horrível. Mas ficou no passado.

– Somos todos agradecidos por isso. – O tom do Comodoro fora frio e condescendente, mas nada agradável. Em nada lembrava a Moira de Armand; em nada o rapaz puxara ao pai, com exceção da postura decidida. – Divirta-se neste baile, senhorita Black. Espero que voltemos a nos ver. – Ele havia

segurado a sua mão e depositara um beijo mecânico e pouco caloroso nas costas desta, retirando-se para o interior da mansão logo depois.

Armand lançara a Moira um olhar de desculpas, mas ela havia sorrido com compreensão. Ele então desaparecera na multidão, com um soldado guiando-o na direção que o pai se fora.

Moira virou o resto da taça de vinho que segurava. Nesse instante, sentiu alguém parando atrás de si, e ofegou quando um braço forte enlaçou sua cintura descaradamente.

– Está encantadora nesse vestido. – o tom rouco e sedutor de Sebastian direcionou arrepios por sua pele, mas Moira não demonstrou. – Contudo, se continuar sorvendo vinho com tanta avidez, vai acabar se livrando dele antes do fim da noite. – ele brincou, tirando a taça de sua mão. Moira não protestou; estava, de fato, descontando a frustração na bebida, aproveitando que ninguém ali dava a mínima para o quanto bebia. – Eu a vi conversando com seu novo amigo mais cedo.

– Amigo?

– O Comodoro. – Moira crispou os lábios.

– Uma pedra parece melhor amizade do que aquele homem. – o corpo do pirata ressoou com sua risada. – Como conseguiu entrar aqui, afinal? – Ela indagou num sibilo. Tentou se afastar, livrar-se do aperto possessivo ao redor de seu corpo, mas só serviu para aproximá-lo mais.

– Segredo de pirata.

– E o resto do plano?

– Tudo está correndo perfeitamente bem. – Sebastian segurou a mão da garota, encoberta por uma luva de renda, e girou-a, de modo que Moira bateu contra o seu peito. Os olhos dela se arregalaram ao vislumbrar as vestes formais do homem.

Stark roubara de algum nobre, obviamente. A calça negra combinava com as botas lustradas. A camiseta branca caía com perfeição sobre seu tronco, e por cima dela, um casaco de veludo vermelho com detalhes em dourado marcava seus braços fortes. A máscara que encobria seus olhos era preta, com espirais douradas, e tais cores destacaram o azul de suas íris de uma maneira quase mortal; Moira sentiu seu coração descompassar ao mergulhar naquela eletricidade fascinante. Abriu a boca para retrucar a pergunta dele, mas não encontrou nenhuma palavra.

– Me dá a honra desta dança? – Estendeu a mão para ela, e Moira a aceitou relutante. Sebastian, no entanto, a guiou com suavidade até a multidão. A valsa conduzida com harmonia pelos violinistas colocou o casal a poucos centímetros de distância. Stark ergueu sua mão e Moira fez o mesmo, acompanhando os

passos dele num giro lento. Ficou abismada com a classe com que ele a liderava, mais experiente do que os nobres ao seu redor. Sebastian tinha graça e elegância.

O toque era incendiário; os olhos, faíscas de intensidade. Moira se sentiu perdida dentro deles.

Seu corpo respondeu aos movimentos dele de maneira exemplar. Moira costumava ser elogiada como dançarina, mas, ao lado de Stark, se mostrava lindamente preparada. Mesmo os casais ao seu redor tiraram alguns instantes para observá-los, notando a sintonia que compartilhavam.

Quando os violinos silenciaram-se, a garota piscou repetidas vezes, assombrada pela rapidez com que a dança havia acabado. Stark aplaudia os músicos, mas notava-se um sorriso sutil no canto de seus lábios. Os olhos continuavam cravados em Moira. Ele segurou sua mão para agradecer a dança e aproveitou para avaliá-la com sutileza, parecendo satisfeito.

Moira usava um vestido escarlate, de decote reto bem marcado. O contorno de seus seios ficava visível sobre ele, e foi ali que os olhos de Stark demoraram-se mais. As mangas bufantes das vestes caíam de seus ombros até os cotovelos, e luvas de renda encobriam suas mãos delicadas. A saia do vestido era enfeitada por lindos desenhos discretos; flores, em sua maioria. A máscara em seu rosto era dourada, sem entalhes. Seu cabelo estava preso num coque adornado por grampos e fios dourados.

– *Linda.* – Stark murmurou. Os olhos, até então intensos e centrados, perderam-se num momento de fraqueza. Aquela mesma sombra melancólica de antes recaiu sobre ele. Moira surpreendeu-se com aquilo, principalmente por sua proximidade com o pirata. A respiração quente dele deslizava por sua pele, atraindo-a a experimentar o toque dos lábios por onde ela saía.

– O que? – Ela fez a tolice de indagar. Sebastian saiu do torpor hipnotizado em que se encontrava e se afastou imediatamente, assumindo uma postura rígida.

– Falei que você está linda, amor. – ele replicou, como se não fosse grande coisa. Moira não se deixou enganar; a maneira com que ele dissera aquilo fora profunda demais para ser ignorada. – Ah, aí vem Tamina. – ele indicou a pirata, que atravessava a multidão em seu vestido azul belíssimo. – Aguarde aqui até meu retorno. – Fez um aceno para a garota e se retirou, sumindo entre as pessoas que conversavam.

Moira inspirou profundamente. Seus olhos vagaram até Tamina, que havia parado do lado oposto ao seu, e um olhar de concordância foi trocado entre elas; estavam prontas.

Tudo estava bem. Moira tinha avistado Armand, os piratas estavam perfeitamente camuflados entre os convidados, o plano seguia o que haviam combinado; então, o caos instaurou-se no salão.

Começou com um homem esquisito usando uma máscara que cobria metade do seu rosto. Ele se aproximou sorrateiramente de Tamina, com a leveza de um felino. Moira acreditou tratar-se de algum dos marujos de Stark, por isso não deu muita atenção; subitamente, a pirata havia sumido.

Moira procurou por ela na multidão, tentando não deixar seu posto, mas não havia sinal algum. Confusa, a garota sinalizou para Sebastian, avisando que algo estava acontecendo, mas o capitão estava longe demais para vê-la.

Ela resolveu se aventurar entre as pessoas que dançavam, ignorando o insistente alerta em sua mente que dizia que algo iria acabar mal. Buscou por Tamina mais uma vez, mas teve sua visão impedida quando um homem alto parou à sua frente.

Ele era forte, o casaco preto que abraçava seu corpo marcava os braços musculosos. Dono de um rosto anguloso, os olhos que encararam Moira eram num tom de verde brilhante e instigante, quase hipnotizante. O queixo dele apresentava barba rala, dourada, e os cabelos de mesma cor estavam arrumados, mas o corte era bagunçado, bastante rebelde. O sorriso era largo e sedutor, do tipo que apenas um homem cheio de ego conseguia ostentar; não tão perturbador quanto o de Sebastian, porém marcante.

– Olá. – Moira balbuciou, momentaneamente perdida no olhar do desconhecido. Ele fez uma reverência respeitosa e ela respondeu educadamente.

– Moira, estou certo? – a menina hesitou. A voz dele era delineada por um curioso sotaque, certas palavras mais arrastadas do que outras. Moira já ouvira alguns mercadores falando daquele jeito; *italiano*. – Muito bela, realmente.

– Eu o conheço? – Buscou por Sebastian com o olhar, mas o homem a impedia.

– Não. Mas já ouvi falar da senhorita. – o sorriso voltou ao rosto dele; maldoso. – Uma pena que nosso encontro comece de maneira tão mal, mas... Ordens são ordens. – Ela deu um passo para trás ao ouvir aquilo. A música ao seu redor pareceu ficar mais baixa. Semicerrou os olhos quando o homem buscou algo no cinto, alguma coisa escondida pelo casaco, e então uma faca ficou ao alcance de seu olhar.

Moira não pensou duas vezes. Disparou pela multidão atrás de si, derrubando casais que dançavam e serviçais que carregavam taças de vinho. A confusão causada foi suficiente para colocar entre ela e o loiro uma distância segura, mas não tão segura a ponto dela parar de correr. Só o fez quando estacou contra Sebastian, cujo olhar já havia se desviado para o tumulto.

– O que houve? – ele indagou. – O plano... – então seus olhos caíram sobre o homem loiro que se aproximava e uma expressão escureceu sua expressão. – James. – O nome foi rosnado com raiva.

– O conhece? – Moira indagou ansiosa.

– Conheço – ele agarrou seu braço e começou a arrastá-la para longe dali. – E se ele está aqui, então o Tormenta... – de repente, os olhos de Sebastian arregalaram-se. – Abaixem-se! – Cobriu o corpo de Moira com o seu quando uma explosão arrebentou a lateral da construção em que se encontravam, lançando cacos e tijolos para todos os lados. Gritos ergueram-se na multidão e, como ocorrera sob o olhar de Moira semanas antes, pessoas usando roupas elegantes abandonaram as máscaras artificiais para exhibir desespero enquanto fugiam do caos.

A garota se afastou de Sebastian, checando se estava tudo bem, e foi nesse instante que seus olhos recaíram sobre a figura de Armand, que a encarava com assombro. Os braços de Stark ao redor do seu corpo, a máscara que já não mais cobria o rosto dele – *o pirata estava de volta*. E tudo o que Armand parecia notar nesse fato é que ele voltara pela garota.

O assassino loiro havia desaparecido, mas, no lugar dele, dezenas de homens surgiram entre os mascarados. Tripulantes do Tormenta das Águas, provavelmente.

– Stark! – Os dois voltaram-se para Tamina, que vinha carregando duas espadas e um olhar enfurecido. O canto direito de seu rosto estava machucado mas Moira sabia que, quem quer que tivesse causado aquilo à pirata, tinha recebido castigo pior.

Outro estrondo estourou do lado de fora, e Moira baixou a cabeça, com medo que o edifício ruísse. Sebastian puxou-a para si, o aperto possessivo e estranhamente protetor ao redor de sua cintura. O pirata desembainhou a espada em seguida.

– Hora de ir. – Ele murmurou. Ao fundo do salão, o rosto do Comodoro Aragon ficou visível para eles. Stark armou uma expressão ligeiramente humorada, ainda que tivesse sido pego de surpresa.

– Mas, Armand...

– Eu tenho você, amor. Seu príncipe vai segui-la. E o pai dele também... – Sebastian piscou um olho e então começou a correr, obrigando-a a acelerar o passo.

Saíram pelo lado destruído do salão, alcançando os jardins laterais. Continuava a chover muito e a tempestade chacoalhava o oceano; Moira avistou, com assombro, a silhueta do gigantesco navio do capitão Blackburn contornando o porto, disparando com seus canhões contra tudo que alcançasse.

– O que vamos fazer? – Moira indagou, atenta para não cair enquanto corria pelas ruas da capital. Tamina seguia a frente; livrara-se das espadas e trazia duas pistolas em mãos, antes perfeitamente escondidas debaixo do vestido bufante que usava. Corria com graciosidade, diferente dos tropeções vergonhosos pelos quais Moira passava.

– Acredito que eu não tenha as melhores notícias para você, amor. – Stark gritou de volta. – O seu querido Aragon está correndo para o porto com seus soldados. O pai provavelmente vai nos alcançar, se meu plano der errado. O Tormenta está perto de nosso ancoradouro. Uma fuga não será possível.

– Não gosto do seu tom, Stark. – Moira o repreendeu, o coração descompassado. Um sorriso insano ergueu-se no rosto dele.

– Você está prestes a participar de uma batalha.

CAÍTULO XIII

O Espírito de Gelo apareceu no horizonte, imponente, sacudindo junto à fúria do oceano. Moira foi empurrada por Tamina até o escaler, colidindo contra o interior encharcado da pequena embarcação. Ela observou enquanto Stark e seus subordinados empurravam o barco até o mar e começavam a remar contra a fúria do oceano. Pareceu levar uma eternidade até alcançarem o Espírito, mas quando o fizeram, Moira achou ter sido uma má ideia.

O navio não parecia pronto para enfrentar uma batalha contra dois inimigos poderosos; um brigue contra uma nau da marinha britânica e um navio monstruoso controlado por um capitão demoníaco. As chances não estavam a favor de Sebastian Stark, mas nada disso pareceu importar a ele.

Stark alcançou uma corda e subiu na amurada do navio, no rosto um olhar determinado e um sorriso perverso, e então gritou aos seus tripulantes:

– Movam-se, ratos do mar, eu quero este navio a toda velocidade! Aproveitem o vento, levem-nos para longe deste porto! Precisamos colocar uma distância segura entre nós e o Tormenta das Águas se quisermos sobreviver! – A voz dele era impactante, Moira admirou-se. Sebastian usava de uma postura firme, transpassando coragem aos seus homens, ao mesmo tempo em que o olhar lembrava o de um jovem prestes a participar de uma brincadeira perigosa.

– Moira! – ela não conseguiu se esquivar quando Terence a afogou num abraço. Ainda irritada pelo abandono dele, exibiu seu olhar frio quando se separaram. – Fiquei preocupado! Stark... Ele lhe explicou o plano todo, certo? – ela assentiu inconformada. O navio sacudiu quando uma onda acertou sua lateral. – Agora não é hora para conversas, vá para a cabine do capitão!

– Você não vai me dar ordens. – ela retrucou enfurecida. Terence arregalou os olhos com seu tom. – Eu ficarei aqui no convés, vou ajudar como puder. – E, dito isso, afastou-se na direção de Tobias, que se enroscava com um amontoado de cordas. Arrancando as luvas de renda, Moira ajudou o garotinho a carregar aquele item até um dos cantos do navio, sorrindo quando ele ergueu o rosto e a reconheceu. Fez esforço para esticar a corda e amarrá-la com firmeza numa das argolas indicadas, seguindo as instruções de Tobias; dois laços e um nó, ela se lembrava da fala dele de semanas atrás. Terence parou ao seu lado, orgulho

irradiando de seus olhos, e a auxiliou na tarefa seguinte.

O vento açoitava o navio e as ondas o chacoalhavam com fúria. A chuva estava mais fraca, mas continuava incessante sobre seus corpos. Moira ergueu o rosto na direção de Sebastian, que girava o timão enquanto seu olhar perdia-se no horizonte; qual era a ideia dele, afinal? Por quando tempo conseguiriam deixar seus perseguidores para trás?

– Capitão! – um marujo gritou. – O Tormenta das Águas está se aproximando a bombordo! – Aquilo ergueu um novo sorriso no rosto de Stark. *Que homem louco deve ser ele*, Moira pensou, *para abraçar a morte com tamanha alegria*.

– Capitão! – segundos depois, outro pirata berrou. – Outro navio vem em nossa direção! Está no encalço do Tormenta! São cores britânicas, senhor!

Moira correu até a beirada do Espírito de Gelo, debruçando-se sobre a amurada; seus olhos vislumbraram uma embarcação de bandeira azul e vermelha navegando com rapidez. Seu coração acelerou no mesmo instante em que o rubi esquentou sobre sua pele; *Armand*, pensou angustiada. *Por favor, fique bem*.

– Homens! – ela voltou-se na direção de Sebastian. – Preparem-se para a batalha! – quando ninguém se moveu, Stark desembainhou a espada e rugiu: - Quero aqueles canhões carregados antes que eu os mande para a prancha! Todos aos seus postos, mantenham o navio em movimento e aguardem o meu comando! – ele desceu as escadas com rapidez e elegância, saltando os últimos degraus para aterrissar ao lado de Moira. – Impressionada?

– Assustada seria a palavra exata. – Ela rebateu.

– Não parecia com medo ali na frente, ajudando os marujos. – ele piscou um olho no que pareceu uma expressão de rápido orgulho. – Sugiro que vá para baixo, amor. Isso vai ficar muito perigoso. – O tom incisivo foi contido, mas Moira sentiu a ordem por trás de suas palavras.

– Eu quero ajudar. – Ela resmungou, ainda que soubesse que sua utilidade ali era mínima.

– Ajudará se ficar a salvo. – Sebastian contrapôs num tom profundo, os olhos queimando sobre os dela. Ele virou-se na direção do Tormenta das Águas, cuja estrutura ficava cada vez mais próxima. – Aqueles piratas vieram buscá-la, Moira. Se ficar aqui, não garantirei sua segurança.

Ela suspirou pesadamente, concordando. Avistou Tobias sendo empurrado por Tamina na direção da cabine e logo soube que o destino dele seria igual ao seu.

x x x

– Você não precisa voltar. Os britânicos estão cuidando do Tormenta! – Tamina vociferou. Seus olhos varreram a lateral do barco, onde os canhões

preparados aguardavam novas ordens; o Tormenta das Águas estava lado a lado com a nau britânica, recebendo saraivadas de tiros dos canhões daquele gigantesco *man o' war*[6]. Stark, no entanto, só tinha atenção para o navio de Blackburn, fúria queimando seu olhar conforme se afastava da batalha. – Stark...

– Capitão? – Outro marujo indagou, chamando sua atenção. Sebastian balançou a cabeça, livrando-se de lembranças e pensamentos distrativos, e fixou seus olhos em sua primeira imediata.

Notava-se a preocupação da tripulação no aguardo de suas ordens. Sebastian havia mandado que se preparassem para erguer as velas, num claro sinal de loucura, pelos olhos de todos ali. Com os inimigos se enfrentando lá atrás, não havia porque retornar. Stark arrumou a gola do casaco que usava e seguiu na direção das escadas.

– Baixe a âncora do lado esquerdo. – Ele ordenou convicto.

– Mas... Capitão?

– Obedeça logo, homem. – Retrucou.

Tamina parou ao lado de Sebastian, investigando sua expressão determinada. Os olhos da mulher se acenderam em raiva quando ela compreendeu o que se passava naquela mente perturbada, e uma interrogação ficou visível em seu olhar.

– Por que está fazendo isso? – Ela indagou.

Tamina encarou os dois titãs que se atracavam e observou seus homens preparando-se para baixar a âncora; se o plano falhasse, eles estariam num beco sem saída. Se o plano falhasse, o Espírito de Gelo estaria condenado, e seus tripulantes também.

– Sebastian! – ela repetiu.

– Blackburn é meu. – os olhos elétricos do pirata faiscaram como labaredas, e Tamina não tentou retrucar. Ela ergueu a mão para o convés, e a âncora tombou, atingindo o oceano agitado pelas ondas. Sebastian soltou o timão, deixando o navio seguir o curso do peso solto, e todos se seguraram quando o Espírito de Gelo, num solavanco, virou cento e oitenta graus na direção dos inimigos, colocando-se de frente para eles. A corrente da âncora se soltou, deixando-os livres para disparar pelo mar.

Os tripulantes ficaram apreensivos, observando enquanto o Espírito navegava em direção aos seus perseguidores. Stark manteve o curso, mirando o navio britânico, ainda que seus olhos desviassem para o Tormenta vez ou outra; *vamos lá, Blackburn, você sabe o que eu estou fazendo.*

E assim Blackburn o fez, talvez tomado por insanidade ou por uma tolice mesclada ao desespero. Sebastian sorriu ao ver o Tormenta cessando os disparos e diminuindo a velocidade, provavelmente baixando a âncora, de modo que

finalmente se estabilizou ao lado do navio britânico. Num outro momento, aquela manobra seria suicida, mas agora... O reforço tinha chegado. O Espírito de Gelo, mais veloz, colocou-se ao lado esquerdo dos ingleses, e Sebastian quase podia ver a expressão aturdida do Comodoro Aragon conforme entendia o plano dos piratas. Ainda que inimigos, ambos os navios colocaram os ingleses num corredor da morte. *O inimigo do meu inimigo é meu amigo*, Sebastian pensou.

– Capitão? – Tamina indagou.

– Fogo. – Sebastian abriu um sorriso medonho, os olhos faiscando na direção da embarcação pirata inimiga; os britânicos eram apenas um contratempo. Blackburn era seu e só seu para destruir.

O Tormenta das Águas fez a primeira leva de disparos pesados, arrancando madeira e gritos dos ingleses. Sebastian conhecia aquele navio, conhecia seu poder de fogo; até agora, Blackburn não tinha causado arranhões na nau britânica porque não queria. Os canhões do Espírito de Gelo retumbaram ao dispararem contra a lateral da embarcação, enquanto o Tormento descarregava fogo e tripulantes ansiosos por sangue, que se embrenharam numa luta ansiosa para matar os ingleses.

– Tamina? – Stark a chamou. – Assuma o comando. Preciso recuperar a última peça do tesouro. – Ele soou extremamente animado. Arremessou-se contra o convés do navio atacado enquanto seus homens recarregavam os canhões.

Caos e fogo e sangue espalhavam-se pelo chão de madeira daquela triste embarcação destruída. Sebastian não deu atenção ao mar de corpos e misturou-se facilmente aos invasores, usando as sombras da noite para esquivar-se das lutas. Seus olhos já haviam localizado o alvo de sua busca, lá no convés superior, dando ordens para tentar conter o pandemônio.

– Ei, Aragon! – Armand virou o rosto furioso para ele; apesar de jovem, Stark tinha que admitir que o rapaz lutava muito bem. Um pirata caiu morto aos pés do nobre, o coração transpassado por uma espada afiada. – Onde está o seu pai?

– Não é de seu interesse! – Sebastian sorriu.

– Pensei que ele tivesse mais coragem, mas deixar o filho sozinho para lidar com dois navios piratas? – ele balançou a cabeça. – Vou ajudá-lo com isso, agora vamos embora daqui!

– Por quê? – O tom dele não poderia ser mais abismado. Stark desembainhou a pistola de seu cinto e disparou-a contra um homem que acabara de ser erguer atrás do jovem. Armand arregalou os olhos.

– Porque eu salvei sua vida. *E* porque tenho a sua Moira em meu navio. – fez um sinal para a prancha que seus homens haviam colocado entre o navio britânico e o Espírito de Gelo e deixou que sua expressão mostrasse impaciência.

– Você tem alguns minutos antes que o Tormenta dispare. *Vamos!*

Armand relutou em descer as escadas e seguir aquele bandido. Manteve a espada em mãos o tempo todo, ainda que fosse óbvio que ser morto não estava nos planos de Stark; e Armand precisava encontrar Moira. Fora atrás dela que ele viera, afinal de contas.

– Primeiro as damas. – Sebastian brincou, apontando para a prancha.

– Aonde pensa que vai, Stark? – Os dois voltaram-se para o dono da voz. James, com um corte fundo acima da sobrancelha esquerda, os encarava com diversão. Tinha duas pistolas em mãos, ambas engatilhadas e prontas para descarregar contra seus alvos.

– Merda, James, você sempre aparece nos piores momentos. – Sebastian ergueu a espada. Longe dos olhos do pirata, puxou uma faca com a outra mão, lançando-a na direção do oponente. O loiro se esquivou, mas o movimento foi suficiente para que perdesse a mira; a espada de seu rival acertou uma de suas mãos, ferindo-a de modo que James foi obrigado a deixar a arma cair. Armand aproveitou para entrar na briga, colocando o loiro debaixo de sua mira.

Sebastian se distraiu, arregalando os olhos para algo atrás de James. Seu olhar recaiu furioso no pirata inimigo.

– Se quiser salvar seu traseiro inútil, sugiro que venha conosco. – Stark empurrou Armand pela prancha, forçando-o a correr. James, ao ver o motivo do susto, pareceu achar a ideia de Sebastian sensata, pois passou por ele e adiantou-se na direção do Espírito de Gelo. Blackburn não se dera ao trabalho de esperá-lo antes de estraçalhar o navio britânico.

Sebastian estava na metade do caminho quando o navio explodiu atrás de si, a pólvora dos canhões causando a reação destrutiva.

Os homens do Tormenta, já a salvo em seu convés, vibraram.

A carcaça da nau continuou impedindo-os de alcançar o Espírito de Gelo, e Tamina não perdeu tempo antes de ordenar que soltassem as velas. Graças à força do vento, o navio de Stark começou a deixar o seu inimigo para trás.

James e Sebastian caíram de bruços no convés. O invasor erguer os olhos e encontrou uma lâmina afiada apontada na direção de seu pescoço. Atrás dela, o rosto de uma bela e perigosa pirata.

Tamina encarou James com desconfiança e raiva, enquanto que o loiro sorriu em sua direção.

– Mova um músculo e você está morto.

– Eu não sonharia em desobedecê-la, bela.

Sebastian ficou de pé na amurada de sua embarcação, os olhos semicerrados enquanto observava o Tormenta impassível a sua fuga; algo na atitude do capitão Blackburn não o conformava. *Por que não vinha para a luta? Por que ele o*

deixara pegar o garoto e partir?

O capitão virou-se para sua tripulação, mas qual foi sua surpresa quando seus olhos pararam numa pistola engatilhada, apontada diretamente para o seu rosto. Ele abriu um sorriso cheio de humor, encarando o rapaz que o ameaçava:

– Agora, pirata, me diga onde Moira está ou arrebento os seus miolos.

CAPÍTULO XIV

Os tripulantes do Espírito de Gelo caíram na gargalhada frente à cena que testemunharam. Um rapaz acabava de ameaçar a vida de Sebastian Stark, parecendo corajoso e tolo o suficiente para continuar com aquela pose rígida enquanto o pirata cruzava os braços e iniciava um caminhar vagaroso ao seu redor.

Armand Aragon estava tenso, notava-se pela tremedeira nas mãos e pela maneira rígida com que seus ombros tencionavam-se debaixo da roupa encharcada. O rosto, no entanto, demonstrava uma fúria recheada de bravura, os olhos claros brilhando enquanto seguiam os passos descontraídos de Stark; *aquele maldito pirata*. Apesar de ter salvado sua vida, Sebastian não tinha sua simpatia e muito menos sua gratidão – ele era, nada mais nada menos, do que um bandido a ser preso e executado pelos crimes contra a coroa. Stark era um foragido e precisava ser detido. O Comodoro ficaria orgulhoso se visse Armand agora.

Até lá, no entanto, o rapaz poderia se contentar com algumas explicações. Entre elas, o porquê de Sebastian tê-lo trazido a bordo, em vez de simplesmente deixá-lo para morrer; e, principalmente, onde estava – como o próprio pirata havia colocado – a *sua* Moira.

Desespero evidenciou-se no rosto do rapaz conforme o silêncio reinou. Então passos ribombaram pelo convés e a figura encharcada e descabelada de Moira ficou ao alcance dos olhos do nobre.

Sebastian voltou-se para ela com um pouco de decepção, pois sua presença havia estragado a cena divertida que se sucedia, mas Moira não se importou; ela correu na direção de Armand, que havia recolhido a arma ao seu cinto, e jogou-se em seus braços.

Armand respirou fundo contra o pescoço da garota, escondendo o rosto ali. Ele segurou o rosto da menina entre as mãos, pouco se importando com a plateia, e beijou seus lábios doces com ansiedade. Moira respondeu timidamente, mantendo o abraço apertado ao redor dele.

Como ocorrera dias antes, o alívio por tê-la de volta expurgou qualquer sentimento ruim, ainda que os sentidos do rapaz estivessem atentos aos piratas a

sua volta.

Sebastian observou os dois jovens com notável desconforto. Seus olhos cálidos passearam pela máscara de alívio que inundava o rosto de Moira e pela maneira com que os lábios avermelhados dela sorriam involuntariamente debaixo do beijo.

Ao ver que toda a sua tripulação assistia ao reencontro romântico, Stark ralhou com eles:

– Vão trabalhar, seus ratos imundos, o navio precisa manter velocidade se vocês quiserem ver o sol nascer! Voltem aos seus postos! – Moira e Armand se separaram; a garota, absolutamente corada pelo espetáculo exibido. Ela ergueu seus olhos tempestuosos para Stark, cuja expressão não podia ser mais sombria.

O capitão aproximou-se de Tamina, que ainda mantinha James aos seus pés, perfeitamente dominado e inofensivo, e sussurrou-lhe alguma coisa.

– Você está bem? Eles a machucaram? – Armand segurou o rosto de Moira entre suas mãos novamente, exibindo um olhar extremamente cauteloso. – Por que eles a levaram novamente? O que ele quer com você?

– Acalme-se, Armand. – Moira pediu, cobrindo as mãos dele com as suas. Seus olhos recaíram sobre Sebastian, que caminhava em sua direção. – Lembra-se da história do rubi? – Armand franziu as sobrancelhas. A história não parecia tê-lo tocado como deveria, a garota pensou, pois nem em sua memória ela estava mais; Iolanda, até então parada nas sombras do corredor, veio ao seu encontro. Ela trazia o medalhão sobre a mão coberta por luvas escuras. O rubi no centro dele se acendeu quando ficou próximo de Armand. Os olhos do rapaz acompanharam a reação sobrenatural, mas ele não pareceu tão impressionado quanto deveria.

– Armand... É verdade. Tudo o que eu lhe disse! Sebastian sabe qual é a última peça desse enigma, e também que você a tem. – Moira exclamou animada, deixando a voz ligeiramente desconfiada ao fim, os olhos acinzentados brilhando sobre os elétricos.

– Moira, não. – o tom de Armand foi cortante. A garota estranhou sua reação. – Não quero... Comprometer-me com nada antinatural, nenhuma história fantasiosa. Precisamos sair desse navio e voltar para o porto agora mesmo. Acho que podemos fazer um acordo, Stark.

– Ora, rapaz, você e a bela moça aqui não irão a lugar nenhum. – o capitão retrucou com diversão. – São meus convidados. Prisioneiros. Chame como quiser.

– Como disse? – Armand arqueou as sobrancelhas.

– Exatamente o que ouviu. – Stark rebateu com igual intensidade. Moira colocou-se entre os dois. Só uma mente feminina poderia imperar com a

delicadeza e a força necessária para impedir aqueles dois de se matarem.

– Vocês estão no caminho certo para o tesouro, sabe? – todos se viraram na direção de James, que estava ajoelhado no chão sob a mira de Tamina. A pirata aproximou a espada de sua garganta, a ponta afiada tocando a pele bronzeada do homem. A voz dele saiu mais cautelosa em seguida. – Eu ouvi Blackburn em sua cabine, várias vezes. Ele não parava de falar sozinho sobre esse assunto...

– Vá direto ao ponto! – Tamina exigiu, a lâmina apertando mais a pele dele.

– Certo, certo, se acalme. – ele ergueu as mãos em rendição. – Tínhamos ordens para capturar a sua adorável prisioneira, Moira, e de encontrar o rapaz Aragon. Acho que Blackburn conhecia suficientemente bem do mapa para não se preocupar em recuperá-lo. – James bateu os ombros.

– Nós imaginávamos tudo isso. – Sebastian resmungou. – O que mais?

– Não sei se havia algo mais. – Um sorriso maroto ergueu-se nos lábios de James. Ele mirou Moira e piscou um olho para ela, para logo depois receber um soco de Tamina. No chão, James continuou sorrindo, com sangue manchando os seus lábios.

Tamina encarou seu capitão, esperando novas ordens.

– Prenda o desgraçado no porão. Mais tarde arrancaremos as informações dele. – Sebastian anunciou, a postura denotando impaciência. – Agora... Queiram seguir-me? – E saiu na direção da própria cabine, convencido de que não seria necessário olhar para trás para ver os dois jovens em seu encalço.

x x x

Armand observou o mapa com assombro no olhar. Moira estava logo ao seu lado, revivendo a própria experiência ao ser apresentada à toda aquela história sobrenatural, semanas atrás. Observou as expressões do jovem rapaz enquanto Iolanda e Sebastian contavam a história da cidade amaldiçoada e da chave para alcançá-la. A linha de sangue que antes apontava para a capital mirava agora o local calculado por Sebastian – o tal vórtice que os levaria até o tesouro.

– Acredita agora? – Sebastian cruzou as pernas sobre o tampo da mesa, mania com que Moira já havia se acostumado. Ele trazia uma garrafa de rum numa das mãos e sorveu um longo gole dali enquanto passeava seus olhos sobre os rostos do novo viajante. Iolanda, por outro lado, mantinha no rosto uma expressão contida.

– Talvez. – Armand reuniu voz para retrucar aquilo, chocado demais para prosseguir sua sentença. Moira sabia o que o rapaz estava sentindo e cobriu a mão dele, entrelaçando seus dedos em sinal de apoio; Sebastian seguiu o gesto com uma das sobranceiras arqueadas.

O que há de errado com ele? Moira pensou intrigada.

– Que outras provas você quer, rapaz? Viu o rubi, ouviu a história e sua garota garante que isso é verdade. Que homem de pouca fé. – Sebastian revirou os olhos.

– Primeiro: ela não é *minha* garota. Não trate uma dama assim. – Armand ralhou indignado. Stark sorriu divertido. – Segundo: não pense que essa sua lenda pirata vai me fazer deixar a civilização para trás. Eu sairei deste navio com Moira nem que precise enfrentar toda a sua tripulação.

– Armand... – Moira buscou seu olhar, encontrando uma determinação cega. – Eu não vou sair daqui.

– O que? – O rapaz gaguejou.

– Essa história não é mentira. O tesouro existe e ele me levará a descobrir coisas sobre minha mãe, fatos que estou desesperada para desvendar. Talvez... Consiga resgatar meu pai em meio aos caos que se segue. Blackburn o tem, afinal. Preciso que confie em mim e deixe Stark lhe explicar sua parte nesta viagem. Você é importante, Armand. – ela apertou sua mão. – Eu preciso de você aqui comigo. – O silêncio que se seguiu àquelas palavras pareceu constrangedor a todos ali na cabine; Sebastian voltou a beber, dessa vez com mais sofreguidão, enquanto que Armand mergulhava seu olhar em profundas emoções.

– Está bem. Digamos que eu acredite nisso tudo. Qual seria a minha parte nesta história?

– Você, meu querido jovem nobre, é a terceira peça da chave.

– Iolanda, acho que não entendi muito bem. – Moira arregalou os olhos na direção da índia. – Você disse...

– Sim, Moira. O rapaz é a peça. O sangue dele é o que nos ajudará a chegar à cidade amaldiçoada. – Sebastian explicou calmamente. Moira continuou encarando Iolanda como se ela tivesse enlouquecido, enquanto Armand tentava formular alguma resposta.

– Meu sangue? Mas o que ele tem de especial?

– O passado. – Iolanda ergueu a mão, pedindo o medalhão de volta para Sebastian. O pirata o entregou, mantendo o olhar em cima de Moira; a garota continuava abismada com a revelação. Esperava algo drástico vindo da revelação, mas o *sangue* dele? Armand teria que morrer antes de chegarem até a cidade? Ele seria um sacrifício para alcançarem o tesouro? – Acalme seu coração, criança. – Moira virou o rosto num susto, encarando Iolanda com assombro. – Não há tragédia no futuro deste rapaz, apenas conhecimento e novas revelações.

– Por que o sangue dele é a peça final?

– Porque Armand tem uma poderosa ligação com a cidade perdida. Não sei por que os deuses resolveram abençoar este rapaz e por isso não posso dizer mais do que me foi mostrado: *um rubi há de abrir as portas que com sangue foram seladas*. – sua voz assumiu um tom rouco ligeiramente assombroso. Moira e Armand recuaram quando os olhos de Iolanda ficaram ainda mais pálidos.

– Armand... Herdou uma benção dos deuses? Por isso minha visão o mostrou e me mandou procurá-lo?

– Os espíritos só me mostram névoa e enigmas intrincados, minha querida, mas sim. O que quer que haja em seu passado, rapaz Aragon, irá guiá-lo na direção da cidade. Tudo o que houve em sua vida até agora, todos os caminhos que você percorreu, foram obra de um destino maior. Por que acha que Moira foi posta em sua vida? Por que Sebastian resolveu atracar na ilha dos piratas exatamente quando a menina mais precisava? Por que Blackburn ataca no exato momento em que vocês precisam se encontrar?

– Coincidência. – Armand retrucou irritado. Iolanda sorriu.

– Destino.

A índia se afastou dele após proferir aquilo, caminhando para a porta da cabine.

– Agora, Stark, se não for de grande incômodo, vou descansar. Foi um dia agitado este que vivemos. – Ela saiu rindo sozinha, deixando os três a trocar olhares estranhos, ainda que Sebastian ostentasse um sorrisinho ao encarar Moira.

– Seu cretino! Por que não me contou antes?

– Falei que teria as respostas na hora certa. De que adiantaria te revelar isso sem a “peça” ao seu lado, de qualquer maneira? – ele bateu os ombros, levantando-se para esticar os músculos descansados. – Lembre-me de investigar o quanto Blackburn já sabe sobre essa história. O contramestre dele vai ter que nos contar algo.

– Como conheceu o tal James? – Moira indagou curiosa.

– Envolve um duelo, tiros e ofensas em galês. Longa história, amor. – Armand confrontou Sebastian com fúria pelo apelido direcionado a Moira, mas o pirata não parecia se importar. Stark se debruçou sobre o mapa e ergueu os olhos para os jovens.

– Sabem que lugar é esse?

– É um cemitério de navios. – Armand respondeu após alguns instantes de análise. Moira cingiu as sobrancelhas, confusa. – A área é muito perigosa, cheia de tempestades e naufrágios. Só os loucos se aventuram para lá.

– Esse seu comentário final foi bastante pertinente, meu caro Aragon. – Sebastian ergueu a garrafa de rum que segurava, cujo conteúdo fora esvaziado

pela metade em menos de dez minutos, e gesticulou para o rapaz. – Pois é para lá que nós vamos.

X X X

Tamina mandou que os piratas largassem James no chão do porão. O homem caiu sentado ainda com um sorriso no rosto, como se ter levado dois socos dos capangas grandalhões de Stark não o tivesse afetado – ainda que um de seus olhos estivesse começando a inchar. Ele observou com curiosidade e interesse enquanto a primeira imediata de Sebastian buscava duas algemas e prendia suas mãos nela, para depois ligá-las a correntes de ferro que saíam do chão.

James pouco se importava com sua prisão, na verdade. Quando trabalhava para Blackburn, era tratado tão bem quanto um cão faminto em frente a uma casa de carnes. Ali no navio de Stark, pelo menos, estaria livre para tirar algumas horas de sono. Aproveitaria para pensar sobre falar ou não sobre o que sabia de seu antigo capitão e a ligação dele com o tesouro da cidade perdida.

No momento, sua atenção estava toda voltada para a pirata.

Tamina era fascinante aos olhos de quem nunca a vira, e mais fascinante ainda quando conhecida. Os cabelos longos e volumosos caíam ao redor de seu rosto como uma cascata de bronze. Os olhos delineados faiscavam com poder e força, detalhes que o atraíam nas mulheres.

Sua pele bronzeada estava úmida graças ao chuveiro que caía lá fora, e James observou, sem pudor algum, quando uma gota escorreu do queixo fino dela para o decote de sua camisa larga. *Interessante*, o pirata pensou ao desenhar o contorno daqueles seios fartos com o olhar.

Isso pareceu atrair a mulher, pois, no mesmo instante, uma bofetada acertou o lado direito do rosto dele. James caiu na gargalhada, sentindo o gosto marcante de sangue escorrer pelo lábio inferior.

– Estava apreciando a boa vista. – as algemas em suas mãos tilintaram quando ele as ergueu para sinalizar a brincadeira. Tamina o encarou com fúria, escondendo a chave das algemas dentro do decote. – Ah, *bela*, assim me obriga a tentar me soltar.

– Mais uma gracinha dessas e eu arranco a sua língua. – Ela apontou o dedo em sua direção.

– Pode tentar, se quiser. – Ele piscou um olho marotamente.

Tamina bufou, voltando-se para os capangas de Stark.

– Não tirem os olhos deste bastardo. – cuspiu no chão em direção a ele. – Homens da laia dele não são confiáveis.

– Ah é, e qual seria a minha laia? – James ergueu a voz quando Tamina se

afastou em passos rápidos. A pirata parou de costas para ele e virou apenas o rosto em sua direção.

– Piratas que ganham a vida destruindo a dos outros. – James não retrucou, pois surpresa cruzou o seu olhar. *Ela achava aquilo dele?* Ele não era Blackburn. Não era o seu capitão. James era um libertino, um amante da liberdade, ele não... Destruía por prazer.

Antes que tivesse a chance de retrucar, Tamina bateu a porta atrás de si, deixando-o sozinho com pensamentos tortuosos em meio à escuridão.

CAPÍTULO XV

Moira saiu sorrateira durante a madrugada. Deixou Iolanda em meio ao seu sono pesado e aproveitou as sombras que rondavam o navio para embrenhar-se até o porão. Sebastian não havia descido para conversar com James; Moira queria descobrir quais as informações que o pirata tinha a respeito do capitão Blackburn e, quem sabe, do seu pai. Era uma tola esperança, quase estúpida, Moira sabia disso, mas aceitava o risco. Se dependesse dela descobrir as respostas para as próprias perguntas, então o faria.

Espiou o porão lá do alto da escada. Sabia que James estava numa cela, vigiado por dois capangas de Sebastian, e sabia que teria pouco tempo para conversar com ele antes que os piratas notassem a mentira que estava para contar; ainda assim, ergueu o queixo e prosseguiu seu caminho.

– Onde a senhorita pensa que vai? – Ela congelou no primeiro degrau. Tobias, o pequeno pirata, a encarava com desconfiança. Moira suspirou, grata por ser ele e não Stark.

– Preciso falar com James. – Sussurrou de volta, aproximando-se para não fazer muito barulho.

– Ele é muito perigoso, Moira.

– Não, ele não é, e eu não me importo. Ele tem respostas que eu preciso ouvir. – Seu tom foi incisivo, e ela puxou Tobias pelo colarinho, aproximando seus rostos. Os olhos do menino se arregalaram pelo movimento súbito, assim como pela maneira com que a expressão de Moira pareceu assustadora na escuridão. – E você vai me ajudar a passar pelos guardas.

Os dois grandalhões que vigiavam a porta empertigaram-se frente à presença dos inusitados visitantes. Moira arrumou a postura e manteve o olhar firme, não se deixando abalar pela hesitação que a abateu; *deixe disso*, disse para si mesma, *seja forte, seu pai precisa de você*. Olhou para Tobias pelo canto dos olhos e acenou discretamente, incitando-o a seguir o plano. Os capangas de Stark confiavam mais no membro da tripulação do que na viajante inesperada, isso era fato, e ela tentaria usar desta artimanha.

– O que houve? – Um deles indagou a Tobias, o olhar desconfiado pairando sobre o rosto de Moira.

– Stark a mandou aqui. – a garota não lhe deu muita atenção. Manteve os ombros rígidos e seguiu na direção da porta. – Ele quer que Moira converse com o prisioneiro.

– Quer? – Os piratas se entreolharam, desacreditados. Moira arqueou uma sobrancelha em sua direção.

– Se não acreditam, os senhores fiquem a vontade para questionar seu capitão. – isso pareceu amedrontá-los o suficiente, mas ela sabia que eles o fariam. Esperava que Tobias pudesse atrasá-los o suficiente. – Agora, se me dão licença? – Num rompante, empurrou a porta da cela e fechou-a atrás de si, mergulhando na densa escuridão. Moira respirou fundo, tentando encontrar coragem no ar que puxava para si, e então uma risadinha cortou o silêncio.

– Facilmente enganáveis aqueles senhores lá fora. – Com a vista ajustada ao escuro, Moira avistou uma silhueta presa ao chão. James ergueu o rosto para ela, os olhos claros cintilando em meio ao ébano. Havia uma única janela lá atrás, e por ela vinha o cheiro de maresia e a fraca luz das estrelas. Com a chuva deixada para trás, eles haviam adentrado o oceano aberto, encontrando o céu límpido à sua espera.

– Vamos direto ao ponto, James. – Moira gostaria de conhecer o sobrenome dele, quem sabe assim tivesse mais impacto ao falar com o pirata. Ela o viu arrumar a postura, encarando-a com curiosidade. – O que Blackburn sabe sobre o tesouro? O que ele contou a vocês?

– Imagino que não tenha táticas de tortura em mente, querida? – Moira surpreendeu-se com a resposta.

– Quando vocês atacaram a Ilha dos Portos semanas atrás, fizeram prisioneiros. Um deles era meu pai. Um homem alto, robusto, de seus cinquenta anos, com cabelos escuros e barba por fazer? – o desespero em sua voz foi aumentando. – Foi ele quem me deixou o rubi, ele sabia sobre o tesouro. Por que o pegaram? Por que não o mataram, simplesmente?

– Não me recordo de ninguém assim... – James sorriu cínico.

Moira adiantou-se para dar-lhe um tapa na cara, mas conteve-se no último instante, a mão em riste. Exausta, a garota deixou-se cair sentada em frente ao pirata, ignorando os riscos que aquilo podia trazer.

– Eu só... Preciso de ajuda. – ela disse com sinceridade. O rosto de James assumiu surpresa. – Eu quero entender porque meus pais têm tanto a ver com essa maldita caça ao tesouro e ninguém sabe me informar. Pensei que você, como primeiro imediato de Blackburn, poderia me dizer algo relevante... Por que ele me queria? Foi meu pai quem contou sobre eu ter a posse do rubi? Onde minha mãe se encaixa nisso tudo? – passou as mãos pelo cabelo em um gesto frustrado. – Ela sabia sobre a lenda, sabia sobre o tesouro, mas por que me

deixou uma herança tão maldita?

Silêncio instaurou-se na cela.

– Muito bem, preste atenção. – Moira ergueu o rosto para o loiro, encontrando nele indecisão e surpreendente conforto. – Eu não me importo com Stark ou com sua tripulação. Por mim, ele pode guiar esse navio de encontro à morte certa. Mas você é só uma menina que está longe de casa e não merece enfrentar essa jornada sem saber os perigos que vêm pela frente. Vou lhe contar o pouco que sei, mas só contarei a você, está bem? – ela assentiu ansiosa. – Blackburn estava atrás de você desde o princípio. Ele conhecia seu pai de algum lugar, não me pergunte de onde, mas sabia que o velho homem tinha ligação com o tesouro por sua causa. Blackburn sempre soube que o rubi estava em sua posse, mas não imagino o que se passou pela mente daquele louco quando nos mandou a terra durante o ataque. *Capturem o pai e certifiquem-se de que a garota esteja a salvo.* – James parou um instante. – Ele conhecia sua aparência, descreveu seu rosto para nós.

– Como...?

– Blackburn é uma lenda, um homem temível. Acredite em mim, senhorita Black... Ele não é humano. Há sombras ao redor dele. Nunca tive a oportunidade de ver seu rosto, e agradeço aos deuses por isso.

– Ele... Ele quis *prender* meu pai? – Não importava a ela que Blackburn fosse um demônio, importava que seu pai tivesse sido perseguido para cair em cativeiro.

– Sim. Talvez um acerto de contas por causa do passado turbulento?

– Meu pai não foi pirata. – Moira retrucou ofendida.

– Ei, a pirataria não é tão ruim – foi à vez de James soar indignado. – Ser livre para fazer o que quiser, sabe? Sua sociedade elitista é uma desgraça na maioria das vezes.

– Como sabe tanto sobre isso? Você não parece o tipo de homem que aparece a bailes formais, a não ser que queira sequestrar alguém. – James ergueu um sorriso divertido pela referência sarcástica.

– Me pergunte isso outra hora e terei o prazer em lhe contar um pouco sobre mim. – Piscou para Moira.

– E quanto ao meu pai? Você o viu?

– Estava trancado em nosso calabouço, sendo alimentado e bem cuidado, acredite. Mas não falou uma única palavra desde que foi levado à cabine do capitão, na noite em que saqueamos sua cidade.

– Ele *viu* Blackburn? – Choque estampou a pergunta dela.

– Acho que sim. Os homens que o tiraram de lá disseram que sua expressão era a de quem viu um fantasma. Eu mesmo nunca olhei no rosto daquele homem,

não diretamente, sem que ele estivesse usando um capuz ou um chapéu, e sempre senti a morte próxima a mim... O trauma do seu pai deve ter sido tamanho para calá-lo pelo resto da vida. – James pareceu verdadeiramente pesaroso ao contar aquilo. Moira, no entanto, estava aliviada por saber que John vivia, ainda que em condições bastante sérias.

– Blackburn tinha planos para matá-lo?

– Não enquanto não a levássemos para o navio.

– Como ele conseguiu me rastrear, afinal de contas?

– Não me pergunte sobre as magias ocultas praticadas por aquele homem.

Vocês têm ajuda da sua bruxa, Blackburn não precisa de uma. – James replicou.

– E sobre o tesouro? O que eles lhe informou?

– Aquela baboseira sobre a cidade desaparecida e a mulher que fugiu do homem que a traiu pelas riquezas de seu povo. – James bateu os ombros. – O que realmente importa é o que está no seu mapa, o mapa que Blackburn roubou de Sebastian e depois foi roubado de volta.

– Mas o mapa só nos mostra uma localização, não tem nada demais ali.

– Nada demais *ainda*. O mapa é encantado, foi tocado por magia quando James o tinha. Há nele respostas para as perguntas que os caçadores desse tesouro fazem há dezenas de anos. Desde James, mais nenhum pirata conseguiu cruzar as armadilhas que protegem a cidade perdida.

– Armadilhas?

– Não achou que os deuses facilitariam sua chegada até lá, achou? – o pirata abriu um sorriso travesso. – Três armadilhas, segundo Blackburn e suas pesquisas. Não é brincadeira de criança, essa viagem. Só os loucos se aventuram para lá. – Moira recordou-se da fala de Sebastian ao apontar o cemitério de navios no mapa e sentiu arrepios cruzarem sua espinha.

– Alguma ideia do que essas armadilhas nos reservam?

– Ainda não sei. Blackburn tinha teorias das quais estou tentando me recordar. Ele era insanamente obcecado a respeito desse tesouro e sua lenda. Recontou a história da maldição lançada sobre os herdeiros de James, e consequentemente nele, dezenas de vezes.

– Ele sabia do que se tratava a maldição?

– Algo envolvendo o sangue do traidor ser proibido de pisar na cidade sem sofrer consequências terríveis. – James disse aquilo sem parecer atormentado pelas próprias palavras. Moira ficou chocada.

– Mas... Blackburn quer chegar a uma cidade em que não pode colocar os pés? Qual o sentido nisso?

– É aí que está: ninguém acha sentido no que aquele pirata faz. Ele fica escondido em sua cabine o tempo todo. Aparece debaixo de seu chapéu e de um

casaco enorme, encoberto por sombras, ditando ordens com sua voz rouca e sua presença fantasmagórica. – o pirata loiro arqueou as sobrancelhas. – Mas ele é genial, acredite. Tudo o que Blackburn faz tem uma razão, você só precisa investigar para descobrir seus motivos.

Moira não respondeu. Tentou encontrar alguma ligação entre o sequestro do pai, a perseguição feita contra si e o tesouro, mas nada se encaixava em sua mente. O que quer que Blackburn tivesse em mente era complexo ou insano demais para ser desvendado.

– Quão distantes estamos do destino final? – James perguntou.

– O que quer dizer?

– O mapa? O que diz o mapa? – Moira hesitou, encarando-o com desconfiança. De que adiantava esconder a informação? Não parecia provável que James escapasse para contar aquilo a Blackburn e, se ele tentasse fazê-lo, Moira sabia que Tamina explodiria seus miolos antes de pisar fora do navio.

– Stark disse que estamos indo para uma área perigosa.

– Claro. – o pirata acenou positivamente, perdido em pensamentos. – Não é muito bom, sabe?

– Para Sebastian e Armand classificarem como um lugar aonde “só os loucos vão” imagino o tamanho do problema que vamos enfrentar. – Moira retrucou, causando um sorriso no loiro.

– Gosto do seu jeito, garota. E tem razão sobre o problema, mas minha pergunta era em relação à distância que estamos do cemitério.

– Stark acha que alcançaremos o local indicado em pouco mais de uma semana, se não menos, dependendo do vento ao nosso favor.

– Interessante.

– O que é interessante?

– Blackburn tinha uma teoria sobre isso... A primeira armadilha não está depois do cemitério. Ela é...

James teve seu discurso interrompido quando a porta da cela abriu-se. Tamina trazia o olhar furioso e Sebastian segurava Tobias pelo ombro, a expressão severa. Moira teve seu olhar capturado pelo do pirata quase que imediatamente, e uma sensação esquisita pareceu esfriar sua barriga; a morena engoliu em seco.

James arqueou as sobrancelhas e ergueu o sorriso para a primeira imediata do Espírito de Gelo.

– Boa noite, *bela*.

– Cale a boca.

– Não se pode ser gentil hoje em dia. – Ele replicou.

– Stark, eu... – Moira havia se colocado de pé, os olhos hesitantes sobre os enigmáticos de Sebastian. Quis se desculpar, sem entender o porquê de sua

ansiedade. O capitão soltou Tobias sem usar de brusquidão e deu passagem para a garota.

– Fora daqui.

– Não! – Moira exaltou. – Eu estava conversando com ele, consegui informações importantes.

– Ah, agora você acredita em histórias de piratas? – Sebastian indagou com falsa curiosidade, a voz demonstrando sarcasmo.

– Quando não há outra saída, sim, eu acredito. – Moira esquivou-se quando Sebastian se aproximou, fugindo do olhar intenso daquele homem.

– Ele não contou metade das coisas que sabe de verdade. – Sebastian retrucou em um fio de voz, os olhos queimando sobre os de James, que o encarava com igual intensidade. – Tamina, se quiser fazer as honras?

– Pare com isso e me escute! James disse que a primeira armadilha para alcançarmos a cidade é o cemitério de navios para onde estamos indo.

– A armadilha é o lugar? – Tamina soou incrédula. – Não achei que haveria alguma armadilha antes de cruzarmos aquela região. – Ela olhou seu capitão em busca de alguma confirmação, mas Sebastian observava James com curiosidade.

– Blackburn acredita nisso?

– Ele estava investigando sobre o que seria cada um dos obstáculos. – James respondeu com cautela, os olhos fixos no rosto de Moira. – Disse que nos contaria tudo quando capturássemos a garota. E imagino que ele não vá desistir tão fácil assim. – um sorriso amargo cruzou o rosto de Sebastian. – Ei, Stark? Sabe que Blackburn vai seguir o seu navio até o inferno, não sabe?

– É o que eu espero. Ainda tenho contas a acertar com aquele bastardo. – voltou-se para Moira. – Agora vá para sua cabine antes que eu a amarre lá.

– Vocês não vão torturá-lo, vão? – Moira não impediu a própria preocupação. Sebastian cingiu as sobancelhas. James, atrás dele, encarou Moira com satisfeita surpresa, como se a jovem tivesse despertado algo curioso nele.

– Isso não é da sua conta.

– Mas...

– Crianças não são permitidas em uma conversa de adultos. – Tamina empurrou Moira para fora, junto de Tobias, e fechou a porta com força.

A garota arregalou os olhos, enfurecida com a atitude ofensiva da pirata, mas nada pôde fazer contra. Encarou Tobias, cujos ombros estavam baixados em uma pose ligeiramente assustada, e suspirou, passando a mão pelo cabelo desganhado do menino.

– Obrigada pela ajuda, pirata. – Piscou o olho para ele e seguiu pelo corredor. Mais tarde se acertaria com Sebastian.

CAPÍTULO XVI

A garota acabara de relatar todo o acontecimento da madrugada para Terence e Armand quando Stark saiu do corredor. Moira arregalou os olhos em sua direção, pois nunca tinha visto o capitão tão perdido quanto naquele momento. Ela buscou por Terence, mas o homem encarava o pirata com desconfiança. Armand havia cruzado os braços, exibindo crescente irritação. Stark desviou dos três e subiu até o tombadilho, parando em frente ao timão. Amanhecia no horizonte e a maioria da tripulação já cumpria suas tarefas; aguardavam, agora, uma ordem do capitão, caso fosse necessária.

Tamina veio logo atrás de Stark, o rosto tomado por uma máscara de frustração. A pirata avistou Moira e seu olhar escureceu, irritação pairando sobre as íris amendoadas.

– O que houve? – Moira indagou num sussurro. Sua mente desejava perguntar “o que foi que eu fiz?” visto que Tamina passou por ela como um furacão de ira.

– Vou tentar descobrir. – Terence disse logo que Tamina seguiu para o timão, reunindo-se com Sebastian. Os dois trocaram alguns olhares profundos, quase como se o diálogo não fosse necessário. Moira observou aquilo em silêncio, invejando a capacidade de Tamina permanecer firme frente àqueles olhos elétricos tão profundos. Invejou a proximidade dela ao corpo do capitão, seus braços se tocando no que parecia íntimo e comum a eles. Lembrou-se da noite passada, quando fugiu do olhar de Stark ao ser pega interrogando James, e sentiu-se covarde.

Terence alcançou Tamina antes que ela desaparecesse pelo navio novamente e uma discussão decorreu entre eles. Moira, no entanto, mantinha os olhos fixos ao capitão do Espírito de Gelo. Stark parecia alterado, a calma sempre presente em sua figura desaparecida por completo. O olhar exibia exaustão, como se o interrogatório de James não tivesse surtido em nada positivo; *talvez ele não tenha falado nada*. Moira pensou astutamente, e ficou surpresa por alegrar-se com aquilo.

Espiou Tamina e Terence novamente e ficou aliviada por eles ainda conversarem.

– Armand? – ela o chamou com delicadeza. O rapaz ergueu o olhar curioso em sua direção, mas notava-se a tensão em seu corpo. Ele não estava nada à vontade ali, em meio a tantos criminosos. – Importa-se se eu sumir um pouco? Volto logo. – Ele anuiu, mantendo os braços cruzados enquanto Moira disparava na direção das escadas, descendo até o nível inferior. Tencionava alcançar o porão.

Não precisou, no entanto, chegar até lá. Dois capangas de Sebastian traziam o prisioneiro pelos braços, suas correntes arrastando atrás dele. James ergueu o rosto para Moira e seus lábios tremularam num sorriso; o rosto do homem estava estilhaçado. O nariz tinha a ponte arroxeadada e sangue seco indicava que havia sido muito espancado ali. Um dos olhos estava insanamente inchado e o outro apresentava um largo corte no supercílio.

Moira espremeu-se contra a parede quando eles passaram, os olhos ainda arregalados em choque. *Como eles puderam?* Pensou com raiva. Ainda que James fosse um subordinado de Blackburn, ainda que ele não quisesse dar informações, ainda que fosse um pirata, Moira sabia que ele não merecia aquilo. Não havia em seu olhar a maldade que ela vira em outros homens. James não era desumano, mas o que fizeram com ele se encaixava naquela descrição.

Tomada por coragem repentina, Moira marchou para fora e subiu ao timão, os olhos alcançando James amarrado ao mastro principal, com a cabeça tombando para frente.

Terence e Tamina estavam ali, ao lado de Sebastian, e foram os únicos que viraram o rosto para a garota enfurecida. Stark, no entanto, a ignorou, continuando com o olhar fixo no horizonte.

– Por que fez aquilo?

– Tenha mais respeito com o seu capitão, garota. – Tamina retrucou.

– Não estou falando com você! E ele não é o *meu* capitão! – esbravejou, surpreendendo a pirata. As mãos de Sebastian apertaram com mais força a madeira do timão, mas seus olhos continuavam determinados a ignorar Moira. – Aquilo é tortura! Que tipo de ser humano é você?

– Moira, mantenha a calma. – Terence a afastou de Sebastian com delicadeza, ainda que sua voz tivesse ansiedade. – Não fale assim com o capitão, pode causar problemas para você.

– E o que ele vai fazer? Me torturar?

Aquilo pareceu à gota d'água para Sebastian; ele mirou em Moira seu olhar mais perigoso e a garota enrijeceu a postura, mantendo os olhos firmes sob os dele, coragem ainda comandando suas atitudes. Pareceu a Moira que tudo ao seu redor havia evaporado, restando somente Sebastian e aquela expressão gélida que ele lhe direcionava. Ela o desafiou, surpreendentemente destemida.

Sebastian titubeou frente à pose da garota. Moira notou, chocada, que o pirata encontrava-se em luta consigo mesmo, onde os olhos irradiavam dor contida, como se encará-la o atormentasse.

– O prisioneiro não vai falar, a não ser que seja *você* a fazer as perguntas. – amargura reinava na voz dele. – Não importa o que façamos, ou quanto façamos, ele não fala.

– Por que isso é tão ruim? – Moira perguntou, dando de ombros. Seus olhos buscaram pelos hesitantes de Stark. *O que havia de errado com ele? Por que fugia dela?* – Vai ter suas respostas, de qualquer maneira. *Por que o torturou? Sabe que eu vou ajudar.*

– Ele é *meu* prisioneiro. Não é seguro. E não a deixarei se arriscar para conseguir respostas que *eu* estou procurando.

Toda essa crise por que ele não queria arriscá-la? Não, Moira pensou, era mais do que isso. Ele estava usando a sua segurança como faixada. Sebastian tinha perdido o controle da situação, e ele não parecia acostumado a sofrer aquilo.

– Sebastian, a menina tem razão. – Terence disse cauteloso. – Você pode usar a ajuda dela. Moira vai conseguir suas respostas.

Stark trincou o maxilar, os olhos delineando a figura de Moira como quem estuda um desconhecido. Moira continuou encarando-o de igual para igual, cansada de hesitar frente ao pirata, cansada de ser a garota frágil daquela viagem. Se Stark queria abalá-la, precisaria se esforçar mais.

– Mais tarde cuidaremos disso. – Ele encerrou bruscamente, se afastando dela, de volta ao timão. Terence empurrou Moira delicadamente para que ela descesse as escadas, mas a garota só o fez depois de avaliar Sebastian uma última vez, encontrando nele aquela hesitação defensiva, como se se esquivasse *dela*.

X X X

Moira estava encostada a amurada, os dedos passeando pela superfície da joia que descansava em seu peito e os olhos delineando a figura desfalecida de James. A cabeça do loiro pendia para frente, os braços estavam presos as laterais de seu corpo, o mesmo tendo sido amarrado contra o mastro principal.

A garota respirou fundo, o calor insuportável da tarde trazendo indícios de vertigens para a sua mente. Pegou o cantil de água que lhe fora dado e bebeu o suficiente para aliviar a necessidade.

Sua atenção voltou para James e uma piedade ansiosa a fez andar até ele, disposta a dividir sua bebida. Encarou o capitão lá no alto do convés, pensando

na possível represália por ajudar o prisioneiro, mas Sebastian estava distraído demais para notá-la. Por sorte, Armand não estava no convés agora. Ele havia ficado perturbado ao assistir a cena de sua briga, mais cedo, sem nem ao menos entender o que se passava. Moira não conseguia explicar o que sentia em relação a James, mas imaginou que Armand não compreenderia tão facilmente.

– Ei. – ela chamou James ao se aproximar. O pirata estava amarrado de pé, de modo que Moira teria de se esticar para alcançar seu rosto. – James?

– Seu capitão vai ficar bravo por causa disso.

– Stark não é *meu* capitão. E eu me acerto com ele depois, não se preocupe. – disse determinada. Moira estremeceu ao vislumbrar os ferimentos contra a pele dourada dele, mas tentou fingir que aquilo não a abalava. – Aqui, deve estar sedento. – ofereceu-lhe o cantil e observou-o server avidamente a água que foi oferecida. – Sebastian me disse que você só vai responder a mim? – Não era sua intenção, mas acabou soando como uma pergunta estupefata. James sorriu fracamente.

– Se Stark quer informações, então vai ter que me deixar conversar com você. – ele usou de falso galanteio, ainda que seu olhar tenha feito Moira enrubescer. A garota balançou a cabeça, abismada com aquilo. – Pode me considerar seu aliado.

– Por que confia em mim?

– Você é diferente deles. Suas intenções por trás desta viagem são nobres, então tem meu voto de confiança. – O pirata deu de ombros.

– Black! – ela voltou-se para a voz autoritária de Tamina. Nos últimos dias, o apelido “pirralha” havia sido esquecido, dando lugar ao seu sobrenome, pronunciado com menor zombaria, mas sem muito respeito. A pirata vinha marchando em sua direção com uma expressão amarga, as sobrancelhas cingidas. – O que faz aí?

– Achei que o prisioneiro só falasse comigo. – Moira replicou num rompante de irritação. Tamina parou à frente dela, direcionando o seu olhar mais perigoso. – Então, vim conversar.

– Já falou com ele o suficiente. – Tamina apontou para longe, enquanto a outra mão ficou apoiada em seu quadril numa pose impaciente.

Moira lançou um olhar de desculpas para James, mas não se afastou imediatamente.

– Obrigada. – tanto o pirata quanto Tamina arregalaram os olhos. Surpresa e choque misturavam-se em suas expressões. – Por... Confiar em mim. E por me ajudar. Sempre que precisar, não hesite em me chamar. Você me vê como sua aliada, então farei disso uma reciprocidade. – Um sorriso gentil ergueu-se no rosto da garota. Encarando Tamina com cuidado, acenou para

James e se retirou.

– Você – Tamina apontou para James, que exibiu um olhar superior; uma das sobrelhas dele arqueou-se numa máscara de desafio. Tamina semicerrou os olhos pela ousadia do prisioneiro. – Não abuse da sua sorte.

– Se minha sorte for equivalente à quantidade de dor que você me infligiu ontem, eu sou o homem mais sortudo deste mundo. – James piscou o olho bom na direção de Tamina, que se afastou, bufando pelo comentário inoportuno.

Enquanto se afastava, a primeira imediata do Espírito de Gelo lançou um olhar de soslaio para o prisioneiro, encontrando-o com um sorriso divertido no rosto mutilado, como se esperasse pelo gesto dela.

James observou Moira em seguida, delineando o corpo da garota com surpreendente recato. O sorriso antes humorado foi substituído por um sutil e involuntário ao lembrar-se das palavras doces de Moira, *de sua inesperada aliada*.

X X X

Era noite. O clima estava ameno, e uma brisa fresca soprava pelo convés do gigantesco navio. A maioria dos tripulantes já estava dormindo, com exceção de Tamina, que comandava o navio. Sebastian, Iolanda e Terence encontravam-se na cabine do capitão, discutindo sobre a primeira armadilha que viriam a encontrar.

Desde a informação dita por James, sobre o cemitério ser o obstáculo, tensão vinha se infiltrando nos três indivíduos, cada um demonstrando à sua maneira.

Moira deixou Armand depois de um longo tempo de conversa, onde explicou para o rapaz tudo envolvendo James e o acordo feito com ele – e teve que ouvi-lo dizer o quanto aquilo era arriscado e perigoso. Ainda que abismada pela falta de confiança do rapaz, ela compreendia o seu ponto; agradeceu a Armand por sua preocupação e prometeu-lhe que seria cuidadosa. James tinha sua confiança. Podia ser um pirata, um homem mandado de Blackburn, mas era mais sincero do que os outros que conhecia.

Por isso, Moira queria ajudá-lo. Uma espécie de retribuição por ele estar sendo honesto. A jovem roubou, mais cedo, algumas ervas e panos limpos para tratar dos ferimentos do pirata, e esperou a tripulação se dispersar para fazê-lo.

James estava desperto quando ela alcançou o convés. Os dois encararam Tamina, lá no timão, mas ela não lhes deu atenção. Moira aliviou-se, já que não queria arrumar briga com a primeira imediata.

– Boa noite. – James galanteou.

– Não posso demorar. – Moira sussurrou de volta. Arrumou as coisas no chão perto de si e ficou de pé para examinar o rosto dele. – Hm... Eu não sou experiente com curativos, nem nada do tipo. – mordeu o lábio inferior numa expressão indecisa. – Mas gostaria de tentar ajudar, se não se importar.

– Você é uma alma caridosa, sabe? Vá em frente. – Moira respondeu com um sorriso acanhado, negando o elogio com um aceno displicente. – Estava com Stark?

– Estava. – em seguida se corrigiu: - Não *com Stark*, se entende o que eu quero dizer... Estava na presença dele, na cabine. E havia mais gente. – balbuciou, embaraçada e confusa. James caiu na gargalhada. – Não ria. – Mas mesmo Moira teve que conter o próprio riso.

Sentiu-se curiosa naquele momento. Havia dias que não conseguia rir tão facilmente e por um motivo tão tolo. Encarou James com um interesse quase estudioso, para depois cumprir o que viera fazer ali. Pôs-se a cuidar do pirata da melhor maneira que pode, untando um pedaço de pano numa mistura pastosa e limpando os cortes dele.

– Estavam investigando o mapa? – James indagou com interesse. Moira assentiu. – Alguma novidade?

– Não. – a garota suspirou. – Sebastian está exausto, não há nada naquele velho pergaminho, só uma marcação sobre o nosso destino e a certeza de que estamos condenados à incerteza. – Moira brincou com sua própria preocupação. – Acho que isso está desgastando Stark. – comentou casualmente, a voz hesitante. Dizia aquilo para James, mas era a si mesma que tentava convencer. – Ele não para de procurar respostas, investigar livros, murmurar coisas sem sentido... Manter a mente mergulhada em algo grandioso demais, uma coisa tão poderosa quanto esse tesouro, vai acabar com sua sanidade. É muito a ser conquistado e muito a ser perdido, mas Stark não parece ciente das consequências.

– Ah, ele está. – James rebateu de repente, o olhar sombrio.

– Você fala... Da esposa dele? – Moira engoliu em seco.

– Sabe da história?

– Pouca coisa. – deu de ombros, como se pensar na antiga mulher dele não a incomodasse. Estranhamente, incomodava, mas ela temia entender o motivo.

– Ela foi brutalmente morta por Blackburn, pelo que me contaram. Stark mal conseguiu reconhecer o corpo, só soube que era ela por causa do anel de compromisso em seu dedo. – Moira recordou-se de um lindo anel que ficava pendurado no colar de Sebastian, juntamente da cruz. Sua esposa devia ter sido

realmente muito importante para ele não se livrar de uma lembrança tão horrenda. – É um homem de tragédias, esse Stark.

– Ele não procura por isso. Sebastian não é cruel, ele só... Viveu coisas demais, eu acho. – Moira suspirou. – Piratas vivem coisas demais. É culpa da liberdade. Se você não souber para onde direcionar as emoções ruins, pode acabar enlouquecendo.

– Rum existe para isso, doçura.

– Acho que, no fim, isso vai se resolver. O problema do mapa, eu digo. – ela explicou com cautela, tentando acreditar nas próprias palavras. – Vamos passar pela área dos naufrágios, de um jeito ou de outro.

– Moira... O que preocupa Stark, muito provavelmente, é que sem as pistas do mapa, ninguém passa pelo cemitério. Todos morrem lá.

CAPÍTULO XVII

Ficou claro que se aproximavam do seu destino quando a turbulência da viagem passou a atormentar os tripulantes do Espírito de Gelo. A outrora calmaria do oceano foi substituída por um balançar constante e irritante, até se tornar um chacoalho nauseante. Alguns dias assim e então o céu não ficou mais claro. Nuvens de chuva acinzentavam a paisagem anil acima de suas cabeças, transportando-os a um clima abafado e instável, com chuvas torrenciais despencando de vez em quando.

Moira estava no convés, apoiada na amurada por causa de seu enjoo, quando Tobias lhe avisou, afobado, que solicitavam sua presença na cabine do capitão. *O que Stark quer dessa vez?* Moira pensou exausta. Havia dias que o pirata não desgrudava daquele bendito mapa, esperançoso para que a magia do pergaminho lhe mostrasse algum sinal, qualquer resposta sobre o desconhecido que estavam para enfrentar. Mas não havia nada.

A jovem pediu licença na porta da cabine e adentrou o recinto. Encontrou ali Sebastian, a figura silenciosa e sinistra de Iolanda, além de Armand e Terence. Tamina estava cuidando do timão.

– Mandou me chamar?

– Não há motivo para estar aqui, na verdade. – Terence respondeu com um balançar de ombros. – Estamos em um beco sem saída, uma pessoa a mais ou uma a menos não fará a diferença. – Moira não gostou do tom dele. Ainda que soubesse a veracidade da fala de Terence, ser colocada como uma inútil frente aos outros soou ofensivo ao seu ponto de vista. Por isso se aproximou da mesa do capitão, os olhos divagando sobre o mapa, tentando encontrar algo digno para comentar.

Seu olhar encontrou, instintivamente, o de Sebastian, que a avaliou com curiosidade. Dias atrás, houvera aquele momento forte entre eles, onde Moira achou que Stark tivesse enfraquecido frente à sua presença, mas o pirata já reforçara o escudo por trás das emoções, impedindo-a de alcançá-lo novamente.

– O rubi. – Sebastian pediu.

– De novo? – Moira retirou o colar e colocou o medalhão sobre o mapa. Stark e Iolanda trocaram um olhar de concordância e então o capitão ordenou: –

Moira, deite-se.

– Que tipo de pedido é esse? – Corada, a garota retrucou num tom afiado. Sebastian sorriu bem humorado. Armand, ao fundo, empertigou-se.

– Tire o rubi do medalhão e encoste a pedra à sua pele. Tente relaxar. Acho que, com a proximidade do vórtice, a joia lhe trará alguma revelação. – Iolanda explicou com calma, o tom suave tirando o constrangimento da garota. Moira recebeu o medalhão de volta e soltou o rubi dele, deixando a peça de ouro sobre a mesa.

Hesitante, foi guiada por Iolanda até a cama de Sebastian, e engoliu em seco quando se deitou sobre o colchão macio. Para seu desconforto, ou talvez nem tanto assim, os lençóis vermelhos que se estendiam sobre o móvel cheiravam a almíscar e maresia, como o próprio Stark. Moira deixou sua mente vagar num devaneio, imaginando o belo pirata deitado sobre aqueles tecidos, os olhos azuis queimando sobre os dela, e sentiu suas bochechas corando.

Focou o olhar em Armand, que parecia perdido em meio aos viajantes, e lançou a ele um sorriso compreensivo. Ele retribuiu com carinho.

Moira respirou fundo quando Iolanda colocou a mão sobre seus olhos e focou o relaxamento, ainda que tudo ao seu redor deixasse a imagem de Sebastian faiscando sob suas pálpebras.

Vários minutos se passaram sem que nada acontecesse, mas Moira lutava contra a ansiedade para manter-se calma. Debaixo de seus olhos, a escuridão reinava.

Foi então que um flash estourou em sua cabeça, seguido de um redemoinho de imagens.

Uma mulher de pele azulada e cabelos negros, com face animalesca, cantando uma melodia ensurdecedora.

Uma tempestade furiosa ribombando ao som de trovões e dos tornados a sua volta.

Rochas pontiagudas levando-a para a morte.

O rastro de sangue do mapa movendo-se mais uma vez...

Moira sentou na cama, sentindo suor frio escorrendo por seu rosto. Iolanda mantinha o rosto sereno, os olhos cegos impassíveis, mas havia curiosidade em sua postura. Armand estava ao seu lado antes que tomasse fôlego, segurando-a para impedir que tombasse, encarando-a com olhos tão preocupados e carinhosos e atenciosos. Stark, por outro lado, já havia aguentado tempo o bastante e pôs-se a questionar a garota:

– O que viu? Um caminho? Uma pista?

– Pare de pressioná-la. – Armand retrucou indignado. Moira segurou sua mão, exibindo um olhar sereno, indicando a ele que estava tudo bem. Armand

anuiu, mas manteve-se perto dela. Sebastian cingiu as sobrancelhas na direção deles, parecendo verdadeiramente irritado.

– Stark. – Terence o chamou. Os olhos do homem estavam arregalados. Ele encarava o pergaminho sobre a mesa, e Moira esforçou-se para chegar até lá, amparada por Armand. Como em sua visão, a linha de sangue de movia. No entanto, não apontava um novo caminho. Para seu choque, letras pequenas, porém legíveis, começaram a ser desenhadas sobre o mapa.

A canção irá guiar aquele que ousar escutar; caçadoras do mar virão para matar; maldição sedutora a muitos irá afogar; no caminho infernal o viajante deve se aventurar.

Moira ergueu os olhos para o capitão, mas Sebastian parecia tão confuso quanto todos ali. Ele recitou o enigma num tom sombrio. Mesmo Iolanda, que sempre encontrava respostas, tinha vincos de frustração em sua testa ao ouvir as palavras proféticas.

O enigma revelado não tinha muito para alertá-los, mas o perigo que aquelas palavras traziam chegou a ser palpável.

Caçadoras do mar virão para matar.

x x x

James sorriu ao avistar Moira se aproximando. Chovia sobre eles, mas a sorte era que a chuva ainda não havia arrasado a saúde do pirata, de modo que, mesmo preso ali no convés, exposto ao frio da noite e ao clima abafado do dia, James estava saudável.

– O que houve? – o sorriso murchou quando avaliou a expressão da garota. Havia hesitação e temor, os olhos grandes cintilando em ansiedade. – Alguma novidade?

– Nada bom. – Moira resmungou. Puxou um barril vazio para perto de James e sentou-se a frente do pirata, apoiando a cabeça nas mãos. – O rubi mostrou uma espécie de... Visão. Havia um som estridente, uma tempestade horrenda e mulheres mortíferas. O enigma da primeira armadilha apareceu no mapa logo depois disso. – a garota viu os olhos de James se acenderem. Repetiu o enigma para o pirata e ficou em silêncio enquanto o deixava pensar sobre aquilo. – Ninguém sabe o que fazer. Nem mesmo Iolanda. Ela está lá na cabine, fazendo algum de seus feitiços estranhos para encontrar respostas. – Os ombros de Moira caíram.

– Caçadoras do mar, você disse? – James arqueou uma sobrancelha. – Oh, nada bom *mesmo*. Blackburn tinha todos os tipos de livros sobre lendas relacionadas a deuses, e eu me lembro muito bem sobre as considerações dele a

respeito de uma delas.

– O que ele achava?

– Sereias.

Moira chocou-se. Passara a infância lendo sobre sereias, fantasiando se tornar amiga de uma. Eram criaturas do mar cujo corpo dividia-se em um tronco de mulher e uma cauda de peixe. Donas de vozes hipnotizantes, eram responsáveis por afogar viajantes e afundar seus navios, arrastando seus corpos e as carcaças das embarcações para o fundo do oceano. *Não, sereias eram lendas para assustar piratas...* Moira pensou irredutível.

– Seu olhar está tão incrédulo quanto o que provavelmente passa por essa sua cabecinha. – James a tirou dos pensamentos. O prisioneiro tinha uma expressão divertida. – acredite Moira, sereias são reais.

– Já viu uma?

– Já. Quando se navega por mares desconhecidos, encontra-se todo o tipo de criatura. – James comentou sombrio. – Mas, voltando ao nosso caso, eu talvez possa ajudar.

– Sabe como matar uma sereia? – Moira replicou sarcástica. James sorriu amargo.

– Não. Mas sei interpretar o seu enigma.

A chuva ficou repentinamente mais forte, fazendo Moira desviar sua atenção para o céu. Era fim de tarde, mas a escuridão que os encobria era quase sobrenatural. Nuvens carregadas começaram a piscar, indicando que raios violentos estouravam sobre suas cabeças; a garota pediu que James esperasse um momento e correu para o tombadilho, as botas escorregando contra o chão encharcado.

Tamina gritava ordens aos marujos atrapalhados, mas sua atenção alcançou Moira quando viu a expressão da garota. A primeira imediata ergueu seus olhos amendoados para a nuvem densa que estavam prestes a alcançar. Debaixo dela, raios estalavam em direção ao mar, estourando em brilhos atormentadores. O mar revolto os esperava com ondas gigantescas e um vento incessante e, mais a frente, havia a incerteza que a escuridão da tempestade reservava.

Moira encarou Tamina com preocupação.

– Vá chamar o capitão. Agora! – A pirata esbravejou. Moira disparou escada abaixo, escorregando diversas vezes até o convés. Viu James gritando algo, mas o barulho do vento a impediu de receber a mensagem. Gesticulou para que ele aguardasse e correu até a cabine, trombando com Sebastian.

O pirata vestia seu casaco preto habitual e uma máscara de seriedade, mas preocupação irradiou de seus olhos quando viu o desespero da garota.

– O que houve?

– Estamos indo direto para o olho de um furacão.

X X X

– Moira, me escute! – James berrou quando a garota correu em sua direção. – Faça Sebastian continuar neste curso. Ele não pode desviar do furacão. Vocês precisam navegar dentro dele! *No caminho infernal o viajante deve se aventurar*, lembra? – Moira estacou com a constatação, encarando James com assombro. – Sei que parece loucura, e é, mas se tinha uma coisa em que Blackburn confiava era no mapa! Tem que seguir as instruções do mapa ou vai matar a todos nós!

– E navegar por um furacão não é suicídio? – Ela retrucou.

– Vá falar com Stark! – James replicou.

Moira bufou e correu, agarrando-se a amurada para impedir que o balanço alucinante do navio a derrubasse. Sebastian desviou a atenção do mar violento para a garota quando ela chocou-se contra ele, agarrando-se ao pirata para não cair no chão.

– O que? – Ele inquiriu, a voz elevando-se para que Moira pudesse ouvi-lo. Àquela altura, a tempestade se tornara furiosa.

– James disse que precisamos seguir dentro daquela tormenta! Não podemos desviar do furacão.

– Você enlouqueceu? – Tamina rebateu furiosa. – Aquilo é suicídio!

– Sei que parece loucura, mas o enigma falava sobre isso! *No caminho infernal o viajante deve se aventurar*. – Recitou alto, vendo com angústia enquanto os piratas se entreolhavam indecisos. Sebastian continuava a segurá-la contra si, enquanto tentava estabilizar o timão descontrolado.

– Iolanda vai cuidar disso. Até lá, ficaremos longe do mar revolto. – Sebastian respondeu.

Moira grunhiu de volta. Iolanda estava na cabine, contando com a ajuda de Armand e Terence. O primeiro que, por ter uma ligação com o tesouro, fora obrigado a permanecer na presença da índia, e o segundo por ter se oferecido para ser útil caso necessário. Tobias também estava lá, mas apenas para ficar seguro.

– James disse...

– Stark, não pode dar ouvidos a um prisioneiro! O canalha nos quer mortos. – Tamina contrapôs afiada. Moira a encarou abismada.

– Ainda desconfia dele? James nos deu informações valiosas!

– Mas agora percebeu que estamos para morrer e prefere afundar esse navio ao invés de nos aproximar do tesouro! – Tamina ergueu a voz, os olhos perigosos sobre os de Moira.

– Iolanda vai descobrir o que devemos fazer! – Stark rebateu, calando as duas. Moira, no entanto, não baixou a cabeça.

– Até lá estaremos todos mortos, *capitão*. – Sarcasmo inundou sua voz. Sebastian desviou o olhar para o dela, raiva brilhando em suas íris, ainda que houvesse uma sutil ponta de humor, como se o escárnio dela o divertisse.

Não houve mais tempo para maiores discussões.

Uma onda acertou a lateral direita do Espírito de Gelo, violenta o suficiente para estremecer sua estrutura, inundando o convés, arrastando consigo diversos homens de Stark. O capitão berrou ordens para que seus marujos se amarrassem ao navio, mas mesmo sua voz potente não se sobrepôs ao grito da tempestade.

Moira continuou agarrada a ele, as mãos apertando o tronco do pirata com força. Em outro momento, teria se constrangido com a distância nada segura em que seus corpos se encontravam, mas o caos ao seu redor a impedia de pensar racionalmente.

James estava bem, ela constatou com alívio. Ainda que a prisão dele fosse injusta, estar amarrado ao mastro principal do navio, naquele instante, salvou sua vida.

Outra onda acertou o Espírito de Gelo, e com ela arrastou mais dois marujos. Tamina, enfurecida com aquilo, correu ao convés inferior para ajudar os homens a se salvarem. A vela ainda precisava ser recolhida, mas ficar ali era perigoso demais.

– Ei, bela! – Tamina virou-se para James quando o pirata gritou aquilo. – Me solte! Eu posso ajudar!

Seus olhos demoraram-se sobre os dele, durante instantes em que James pensou ter seu pedido atendido. Então Tamina deu-lhe as costas e seguiu para longe.

A pirata amarrou uma corda ao redor de sua cintura no instante em que uma terceira onda arrasou a embarcação.

x x x

Sebastian estava desviando o navio, Moira percebeu com angústia. Estava tirando o Espírito de Gelo do caminho indicado pelo mapa, afastando-os do rastro do tesouro. A tempestade começava a abrasar, notava-se pela força do vento contra seus rostos. Mais alguns minutos e fugiriam do furacão.

– Stark! – Moira berrou com toda a força que tinha. Havia se afastado dele, a distância segura para que o pirata observasse sua pose rígida. Queria transpassar confiança. – Sei que é perigoso e arriscado, mas se não me ouvir, vai condenar toda essa expedição! Prefere nos condenar a morte a confiar em mim?

Um segundo decorreu entre sua pergunta e a decisão do capitão. Um instante em que Moira viu confiança crescer dentro dele, algo intenso o suficiente para acelerar seu coração. Ainda que hesitante, Sebastian travou a mandíbula e acenou, virando o timão com força para a direita, lançando o Espírito de Gelo de volta ao caminho infernal.

Moira tropeçou e caiu de volta aos braços do pirata, que a recebeu com um sorriso. O mesmo sorriso perverso de antes, aquele que costumava tirar seu ar. Curiosamente, em meio à fúria da tempestade e a incerteza da morte, o gesto trouxe estranha segurança para a garota; ela deixou-se agarrar ao capitão, deslizando as mãos pelo casaco dele. Moira sentia a insanidade crescendo dentro de si, afogando-a em emoções tão turbulentas quanto o caos encontrado no inferno em que mergulhava.

– Stark! – Tamina berrou de repente. Os dois se afastaram quando a pirata correu escada acima, tropeçando nos próprios pés, o olhar ensandecido. – Tape os ouvidos!

– Por quê?

– Sereias!

E então Moira ouviu, como em sua visão, aquela voz estridente cantando uma canção macabra, mas terrivelmente hipnotizante. Como as notas musicais espalhadas pelo vento, desejo transbordou sobre os marujos do Espírito de Gelo.

E sobre o capitão.

CAPÍTULO XVIII

Tamina alcançou Sebastian quando a canção das sereias teve efeito. Para Moira, as vozes não passavam de gritos desafinados, misturados a uma estranha magia poderosa, capaz de adormecer seus sentidos. Se mantivesse a mente focada, a hipnose não funcionava; com os homens, no entanto, a situação era diferente. Não havia meio termo para eles, nem escape. A partir do momento em que se ouvia a canção, caía-se nos encantos das maléficas criaturas do mar.

Moira avistou uma sereia antes que Stark perdesse o controle.

A mística mulher tinha pele azulada, escamas azuis cobriam as laterais de seus braços e seus seios, além de uma parte do abdômen. Estava sentada sobre uma rocha alta, de modo que sua cauda azul cintilante ficava exposta aos olhos da observadora. Moira tinha que admitir que a visão da criatura era a de uma deusa, com seu rosto de feições angelicais e olhos grandes atraentes. Os cabelos negros caíam até a cintura em ondas sedosas, como se ela nunca tivesse saído do mar.

Foi olhando para ela que Moira se lembrou da visão. E a sereia mudou sua faceta sedutora para uma animalesca, os dentes pontiagudos aparecendo em uma máscara horrenda, os olhos ficando completamente negros e as garras afiadas apontando na direção da garota.

Mas os homens não viam aquilo. As sereias eram suas deusas e eles as seguiriam até o fundo do oceano, afogando-se em amor.

Ansiosa para fugir dali, Moira mediu a distância que faltava para escaparem da tormenta, mas as redondezas estavam afundadas em tempestade, impedindo-a de pensar racionalmente.

Voltou-se na direção de Sebastian para avistar uma cena assustadora.

Tamina havia se adiantado até seu capitão para impedi-lo de mergulhar atrás da sereia que o atraía, quando o pirata virou na direção de sua primeira imediata com o rosto moldado numa máscara de fúria, os olhos elétricos escurecidos por uma sombra de loucura. As mãos de Sebastian fecharam-se em volta do pescoço de Tamina e ele a empurrou contra o timão, tomado por um impulso assassino.

Armand suspirou pesadamente, os olhos passeando pela paisagem caótica atrás da janela da cabine. Queria estar lá fora, ajudando Moira.

Não, ele não ajudaria os piratas. Ele sempre ajudaria *Moira*. Se, para ela, fosse necessário auxiliar Stark e sua tripulação, então Armand o faria.

Preferia manter a mente focada naquele pensamento. Ainda não se acostumara com a ideia de que estava num navio de criminosos em busca de um tesouro perdido. Armand não tinha imaginação para aquilo, mas tinha confiança na jovem garota que o colocara naquela louca expedição, então prosseguiria firmemente até o fim.

Qualquer que fosse o fim daquela jornada.

O desagradava ter de permanecer na cabine do capitão Stark enquanto um grande tormento seguia-se lá em cima. Enquanto Moira podia estar em perigo. Stark havia garantido para ele que cuidaria da garota, mas, ainda assim...

– Rapaz, venha cá. – Virou-se para Iolanda, a índia cega de aparência sinistra, e cingiu as sobancelhas ao caminhar em sua direção.

A mulher agarrou sua mão e traçou as linhas da palma com curiosidade, os olhos fechados enquanto murmurava algo numa língua estranha. Armand encarou Terence em busca de ajuda, mas o homem estava alheio aos acontecimentos da cabine. Tobias assistia a tudo com curiosidade e medo.

– Você tem a mesma ligação que a garota. – Iolanda disse de repente.

– Perdão?

– Você e Moira. Ambos são conectados ao tesouro de tal maneira que o enigma também pode ser resolvido por você. – Iolanda sorriu suavemente. – Mas sua mente bloqueia o sobrenatural. – A mulher caminhou tropeçadamente na direção do mapa estendido sobre a mesa, puxando Armand consigo. Estendeu a mão dele sobre o pergaminho e pediu que se concentrasse.

– Me concentrar em que?

– Abra a sua mente. Esqueça, por alguns segundos, do que acredita. Finja que todas as lendas são verdadeiras. – Iolanda fechou os olhos novamente e recitou algumas palavras, no que Armand, relutante, seguia o pedido da mulher.

Como dito por Iolanda, bastaram alguns segundos para que algo faísasse atrás de seus olhos. Imagens sutis, embaçadas, quase imperceptíveis, mas que, de alguma maneira, fizeram sentido para o rapaz. Armand ofegou após a visão, o coração descompassado contra o peito, a fé inabalável de que aquela aventura não tinha sentido repentinamente estilhaçada.

– Diga-me, Armand, que conseguiu uma resposta.

Ele balbuciou para ela sobre o que atravessara a sua mente e Iolanda logo encaixou a peça que faltava. Com rapidez, a mulher correu até a saída da cabine,

ordenando que Tobias permanecesse ali, a salvo.

– Tapem os ouvidos com a cera fria das velas e me sigam. Tenham certeza de que nada podem ouvir ou a morte virá para buscá-los.

X X X

Tamina não conseguia lutar contra Sebastian. Ainda que suas mãos tentassem se livrar das dele, um sentimento profundo a paralisava. A primeira imediata estava tomada por tamanho choque que tudo o que conseguia fazer era encarar seu capitão; buscar nos olhos ensandecidos de Stark algo que trouxesse a certeza de que ele também lutava para escapar daquela situação. Tamina queria ver que a dor dela era compartilhada por ele.

Moira arregalou os olhos para a cena e, principalmente, para a impassibilidade de Tamina. Ainda que Sebastian a estivesse enforcando, a pirata não lutava. Dor e medo irradiavam de seus olhos amendoados, como se Tamina não acreditasse que Sebastian seguiria até o fim com aquilo.

Mas Moira não esperaria por ele. Agindo num impulso, arrancou a espada do cinto de Sebastian e bateu o cabo contra a sua nuca, colocando toda a sua força no golpe. Stark caiu no chão, desorientado, e a garota, ainda que arrependida pelo ato, acertou o joelho em seu rosto, desacordando o capitão. Tamina tossiu quando foi solta e se arrastou para longe de Sebastian, o olhar ferido e desamparado pelo ocorrido.

O timão começou a girar descontroladamente, acompanhando o balanço do mar, e direcionou o navio para uma rocha gigantesca. Moira adiantou-se e o deteve, mas a força do choque a fez ferir os pulsos, a dor trazendo um grito aos seus lábios. Conseguiu reestabelecer a direção que o Espírito de Gelo seguia tempo suficiente para Tamina se erguer e voltar ao seu posto.

A pirata a ajudou a controlar o timão, assumindo o comando do navio com uma expressão séria, o avermelhado do sufocamento marcando seu pescoço.

– Moira? Amarre o capitão. – O tom dela foi decidido, mas surpreendentemente suave. Seus olhos amendoados recaíram sobre os acinzentados da jovem viajante, e havia ali um verdadeiro sentimento de gratidão.

Moira assentiu e se afastou, puxando Stark com dificuldade, as mãos latejando em dor. O mar chacoalhava o navio com força, as ondas continuavam a arrebentar contra as laterais da embarcação, mas Moira conseguiu colocar Sebastian a salvo num canto próximo ao timão. Buscou algumas cordas ali amontoadas e fez o que pode para prender o pirata contra o pilar da amurada. Correu até Tamina em seguida, esperando novas ordens, mas a pirata não parecia

saber o que fazer.

– E agora?

– Os homens! – Moira assentiu e correu para baixo. Metade dos marujos ainda estava ali. Uma parte deles estava nos andares inferiores. Trancá-los seria fácil, mas ela não conseguiria deter os outros. Precisaria amarrá-los ao navio. Precisaria de ajuda.

Foi quando Terence e Armand apareceram no corredor, surpreendentemente sãos. Moira os encarou com assombro, gritando para que voltassem, mas eles seguiram até ela com o olhar controlado. A canção que reverberava ao seu redor não tinha efeito sobre eles.

- Como? – Ela indagou abismada. Armand apontou para a orelha e Moira viu um tampão ali, impedindo o som de alcançá-lo. Sorriu pela esperteza. Terence lhe informou que os porões haviam sido trancados, de modo que parte da tripulação estava salva, então a garota gesticulou para que eles a ajudassem com os marujos restantes.

Foi uma tarefa árdua. A canção das sereias ficou mais alta, como se elas ansiassem por ter logo toda a tripulação em suas mãos, e o som tornou-se insuportável para Moira. Ela sentia o tom agudo estremecendo sua mente, causando tontura e confusão, mas prosseguiu para salvar os piratas.

Terence e Armand nocauteavam os homens abobalhados e Moira os amarrava contra barris cheios de pólvora, as cordas causando rasgos na pele de suas mãos enquanto fazia os nós. No entanto, a adrenalina impedia a dor de atormentá-la. Moira correu para a amurada, ousando debruçar-se para olhar o mar abaixo de si; as ondas estavam menos furiosas e o vento diminuía, o que significava que haviam alcançado o olho do furacão, mas as sereias continuavam a rodear a embarcação, suas máscaras animais destruindo a imaginação até então colorida de Moira; antigamente, costumava fantasiar que encontrava sereias na praia e que elas se tornavam suas amigas.

A realidade espancou sua tola inocência, trazendo-a de encontro aos monstros que queriam matá-la. As criaturas nadaram para frente do navio, sumindo de vista. A canção, no entanto, continuava ecoando ao seu redor.

– Moira! – Armand subia as escadas com pressa, no rosto uma expressão de assombro. Moira correu atrás dele. – Precisamos seguir as sereias! – Exaltou quando ela o alcançou.

– O que? – Tamina explodiu. – Por culpa deste maldito mapa, colocamos o navio em risco e perdemos metade da tripulação, agora quer que eu termine de sacrificar meus homens?!

– *A canção irá guiar aquele que ousar escutar.* – Armand não ouviu o surto de Tamina, por isso não se mostrou abalado. – A canção é o caminho. As sereias

vão nos tirar da tempestade, estaremos a salvo logo que nos afastarmos daqui! – Gesticulou para o horizonte. Um rastro cintilante estendia-se a frente do navio, as caudas das sereias faiscando em meio ao oceano escuro.

Tamina encarou Stark, desacordado, e indecisão pairou sobre seu rosto. Moira respirou fundo, pronta para discutir sobre aquilo, quando o navio foi sacudido com força. Tamina virou o timão, impedindo o casco de explodir contra uma rocha ao seu lado, e o movimento brusco forçou todos contra o chão.

Moira pôs-se de pé num tropeço e apoiou-se em Armand.

– Tamina, faça o que ele diz. – disse decidido. – Se não prosseguirmos, afundaremos com essa tempestade! – Tamina engoliu em seco, um instante de fraqueza dominando seu olhar, e então a indecisão sumiu. Gesticulou aos dois o que deveriam fazer para que o Espírito de Gelo navegasse com mais leveza, gritando a Moira como guiá-los.

A menina seguiu suas ordens exemplarmente, recebendo a ajuda de Terence e Armand. Cargas dispensáveis foram jogadas ao mar, barris soltos foram amarrados e uma vez mais a tripulação hipnotizada recebeu reforço para continuar presa ao convés. Ao fim disso, Moira prendeu-se ao Espírito de Gelo, parando próxima a Tamina. A pirata havia ordenado que ficassem bem protegidos. Dali para frente, o caminho seria turbulento.

As laterais da embarcação batiam contra as rochas, mas ficou bem óbvio que a primeira imediata fez o impossível para salvar todos ali. Ela conseguia manobrar o timão de acordo com o vento furioso ao seu redor e, mesmo com a chuva cegando o horizonte, o rastro das sereias não foi perdido.

Moira observou a pirata com fascínio.

Como antes, Tamina em muito lhe lembrou de Arabella, sua heroína. Havia na primeira imediata aquela força e determinação que Moira tanto invejava dos livros, além do olhar superior, como se aquela tempestade nada mais fosse do que um chuvisco a ser deixado para trás. Como se aquele caos não a estivesse afetando. Moira sabia que, lá no fundo, Tamina devia estar atormentada, mas ela conseguia esconder seus sentimentos perfeitamente.

Foi quando o horizonte ficou claro para eles que Moira se deixou aliviar. O fim da tormenta estava logo ali ao seu alcance; mais alguns minutos e deixariam o inferno para trás.

Então uma onda varreu o Espírito de Gelo, inundando seu convés como antes. Tamina conseguiu se prender ao timão, mas o impacto fez com que a corda de Moira se soltasse, lançando-a escada abaixo. Débil pelo tombo, a garota ergueu o rosto da água que encharcava o convés para encontrar uma figura parada a sua frente.

As pernas humanas a enganaram por alguns instantes, mas a coloração

azulada da pele, somada às escamas que encobriam o corpo, fizeram a garota se arrastar para trás. A canção que inebriava o ar havia cessado, restando os sons de trovões e ventania, mas as sereias não haviam se afastado do navio.

Uma delas estava dentro dele.

A mesma sereia que Moira avistara antes, a dona dos longos cabelos negros e da feição animalesca. Seus olhos escuros passearam pelo rosto da garota, enquanto as garras de suas mãos cresciam assustadoramente.

A criatura deu um passo à frente, o bote preparado para matar sua vítima, quando um tiro cortou o ar, acertando em cheio a sua testa. O corpo da sereia caiu duro contra o chão, produzindo um baque alto. Moira levou as mãos aos lábios, choque e alívio brilhando em seus olhos. Os sons de tempestade ao seu redor foram subitamente silenciados. O mar se acalmou num segundo e a chuva passou de torrencial a algo insignificante.

A garota encarou seu salvador com assombro, encontrando Stark de pé na amurada, as cordas que o prendiam jogadas ao chão e uma pistola em mãos.

O capitão do Espírito de Gelo desceu o olhar até encontrar Moira, e tudo o que ela pode balbuciar foi um agradecimento silencioso. Stark acenou com a cabeça, rebatendo:

– Uma vida por outra. Nossa dívida está paga, amor.

CAPÍTULO XIX

Sebastian procurou por Tamina logo que alcançou o convés. A pirata devia estar no tombadilho, mas no lugar dela, um dos marujos cuidava do timão. Ele a encontrou na popa do Espírito de Gelo, apoiada na amurada, exibindo um olhar perdido e pensativo.

Tamina aproveitava a solidão da madrugada e a brisa fresca que soprava seus cabelos volumosos, atenta apenas ao som do oceano que batia no casco do navio. Observando o perfil relaxado de sua primeira imediata, Stark se deixou levar pela apreensão.

As feições finas e atraentes de Tamina mesclavam-se ao poder que seu olhar irradiava, mas em seus olhos, no momento, tudo o que se enxergava era desamparo. As mãos da pirata estavam abertas sobre a amurada, seus dedos apertando com força a borda de madeira. Com as madeixas longe do pescoço, Sebastian pode avistar as marcas avermelhadas causadas pelo enforcamento.

Lembrou-se da sensação experimentada durante a hipnose das sereias. De como a música melódica arrebatou sua atenção, inebriando sua mente numa bruma de descontrole. Atrás dos olhos ensandecidos, Sebastian assistia a cena do ataque a sua primeira imediata com impotência, sem poder conduzir seu próprio corpo para longe dela. Assistiu, com assombro, quando Tamina não lutou para se libertar; chocada e devastada demais para se afastar dele.

Sebastian já havia agradecido a Moira por tê-los separado, mas o faria novamente se pudesse.

Tamina era, para Sebastian Stark, como os filamentos daquele navio. A responsável por manter Sebastian sobre as ondas do oceano, por ajudá-lo a enfrentar as crises e batalhas em que se enfurnava. A única louca suficientemente sã para segui-lo em planos que pareciam tão suicidas; a única mulher, depois de Bela, por quem Stark havia criado fascínio e adoração com tanta rapidez.

Era Queen, e somente ela, quem possuía a capacidade de enxergar, em seu olhar, o que sua mente arquitetava com tanta determinação. Seus olhos castanhos eram poços de audácia e compreensão; quando a encontrara, Sebastian havia enxergado fúria e solidão ali. Tamina demorou a se reconstruir, a edificar a

capacidade de controle sobre suas emoções – no que se dizia respeito ao passado, Queen era agora pura frieza.

Para surpresa do capitão Stark, a confiança construída entre eles se fortificou com o passar do tempo. Palavras não mais precisavam ser trocadas quando devastação e temor caíam sobre cada um deles.

– *Ahoy*. – O capitão parou ao lado dela, apoiando os braços na amurada.

A brisa fresca que soprava ali vinha acompanhada do cheiro de maresia, algo que marcava, para Sebastian, a sensação de liberdade.

Tamina direcionou a ele um olhar rápido, carregado de intensidade.

– Como está a tripulação? – Ela indagou.

– Todos calmos, agora que a tempestade passou. A senhorita Black e você agiram com rapidez. Salvaram muitas vidas.

– A sua, inclusive.

– Eu estava para agradecê-la por isso. – Sebastian sorriu enviesado, mas não foi acompanhado por ela.

– Não tem que me agradecer. Moira... Foi quem fez isso. Ela agiu.

– Tamina...

– Foi o choque. – as mãos dela apertaram a amurada novamente. – Foi o pânico em ver tudo acontecendo de novo. Eu via o seu rosto e via o passado, via a dor e a impotência e a sensação de traição...

– Não foi nada relacionado ao seu passado. – Stark segurou seu braço com cuidado, virando-a para si. – Tamina, ambos perdemos o controle lá atrás. O que doeu em você doeu em mim.

– O que você viu?

– O que as sereias viam. Uma ameaça. – o tom dele foi suave. – Não era você, aos meus olhos, assim como não era eu, aos seus. Você, acima de todos, não tem que se preocupar pelo que aconteceu. Depois de tudo o que passou, Tamina, cair pela fraqueza não é algo que deva trazer confusão. Ou mesmo temor.

– A fraqueza não está mais aqui, Sebastian. O que me incomoda é a paralisia. O quanto fui afetada ao pensar que seria destruída por uma traição de novo. – A pirata suspirou pesadamente.

– Isso nunca vai acontecer. – o tom dele foi firme e decidido para prendê-la ao seu discurso. – Eu vim me desculpar por aquilo. Vim mostrar que foi por causa da tormenta, e só. Nunca faria aquilo contra você, e lutarei para que não aconteça de novo.

Tamina não sorriu, mas havia em seus olhos uma gratidão incontestável.

– Estamos enfrentando uma maldição; demônios reais. O passado e o presente vão nos assombrar, querendo ou não. Sei que é difícil, sei que dói, mas eu preciso de minha primeira imediata preparada para combater esses monstros ao

meu lado. Preciso da sua força, Tamina. Da próxima vez que algo ruim vier até nós, estaremos prontos, *aye*?

Tamina correu o olhar pensativo sobre o rosto belo e enigmático do capitão. Não precisavam trocar abraços para perceber que tudo ficaria bem; eram piratas, viviam uma vida em meio ao caos da liberdade. Enfrentar perigos pelo bem de si mesmos e da tripulação estava em seu código de honra. Quando ela deu-lhe um tapa reconfortante no ombro, Sebastian deixou-se sorrir.

– *Aye*, capitão.

x x x

Moira ficou na cabine do capitão enquanto, lá fora, a tripulação tentava encontrar ordem na destruição. Uma das velas do navio sofrera o bastante para não ser içada por muitos dias e o próprio mastro principal recebera sua dose de problemas.

No entanto, o fato de estarem vivos e livres do primeiro desafio serviu para animar os piratas salvos. Houve um momento para lamentar pelos mortos, mas Moira se surpreendeu com a facilidade com que aqueles homens se livraram das emoções ruins para voltar aos seus afazeres.

Um navio precisa de sua tripulação, afinal.

Sebastian não tivera muito tempo para conversar com a garota; depois de salvá-la da sereia, ordenou que Armand a levasse para dentro, enquanto retomava o posto de capitão. Moira observou, muito rapidamente, medo dominando Stark quando ele voltou-se para Tamina; uma emoção profunda pairou entre os dois, e então a garota foi arrastada para a cabine e nada mais viu pelas horas seguintes.

Armand exigiu que Moira se deitasse, mas a adrenalina ainda corroía suas veias, deixando-a elétrica. Afirmando estar bem, Moira sugeriu que o rapaz fosse lá fora ajudar. Armand relutou, mas aceitou investigar o convés.

Solitária, Moira deixou-se sentar na cama macia pertencente ao capitão Stark e, esfregando as mãos feridas – que, com o passar do tempo, foram latejando numa dor beirando o insuportável – observou o aposento com a curiosidade que sempre a dominava ao tratar-se de assuntos relacionados ao pirata.

Seus olhos passearam pelos tesouros que enriqueciam o cômodo; ouro e joias vindos de terras distantes, ela imaginava, conquistados em meio a batalhas ferozes e lutas sangrentas. Tesouro pirata enriquecido por histórias para serem contadas, tal como os que a capitã Snow adquiria em suas aventuras; não que ela tivesse coragem para perguntar ao real aventureiro. Quando se tratava do passado de Stark, mesmo a sua maior bravura murchava ao pensar em tocar no

assunto.

O capitão entrou no aposento e fechou a porta atrás de si, não parecendo notar a presença da garota. A postura sempre confiante estava abalada e Moira podia jurar ter avistado sua expressão beirando o pânico. Ao avistar a garota, Stark apurou os ombros e acenou com a cabeça, o olhar até então perdido encontrando o caminho para a sanidade.

– Está melhor?

– Eu não estava me sentindo mal, de qualquer maneira. – ela respondeu. Sebastian caminhou até a mesa, pousando as mãos nas laterais para se inclinar sobre o mapa. Moira resolveu arriscar e andou em sua direção, parando ao seu lado. – E agora?

– Agora nós esperamos. – Sebastian resmungou.

O mapa estava igual à antes, com exceção de um grande X vermelho marcando o local por onde haviam passado. O primeiro obstáculo fora deixado para trás; agora, o desconhecido os aguardava.

– Vai deixar que o oceano nos guie ou traçará algum curso? – Moira não conteve a pergunta. Sebastian pareceu surpreso, mas cingiu as sobrancelhas, ponderando aquela questão. A garota apoiou uma das mãos na mesa, e gemeu quando o ferimento latejou. Os olhos de Sebastian recaíram sobre sua mão e, consequentemente, sobre as feridas nela.

– O que houve? – Estranha preocupação denotou-se em sua voz. Moira bateu os ombros.

– Me machuquei enquanto amarrava a tripulação. Não foi nada demais. – Mentiu, falseando uma força que lhe faltava. Seus ferimentos doíam como o diabo, e Moira daria qualquer coisa por vê-los desaparecerem. Mas demonstrar aquilo seria demonstrar uma fraqueza que desejava abandonar.

Havia deixado tanta coisa para trás, afinal... A fragilidade deveria ter sido a primeira delas.

Sebastian não pareceu convencido. Arqueou uma de suas sobrancelhas de maneira questionadora e segurou a mão de Moira com cuidado. Os dedos do pirata, enfeitados de anéis dos mais variados, deslizaram pela pele macia da menina, o toque suave, minucioso e quase imperceptível, suficiente para descarregar arrepios.

Olhos acinzentados recaíram sobre os azuis preocupados, mas Sebastian não deixou aquele momento perdurar. Guiou uma Moira desconcertada até a cama enquanto buscava algo no outro canto da cabine; Moira encarou sua mão, sentindo a pele formigar onde Stark havia tocado, e a dor pareceu repentinamente tão insignificante...

O pirata retornou com alguns retalhos limpos e uma garrafa de rum. A

expressão continuava um misto de concentração e cuidado.

– Estique as mãos. – Sebastian arrancou a rolha da garrafa com a boca, cuspidando-a longe. Moira estranhou aquilo e se afastou quando viu o que ele pretendia fazer.

– Nem pensar. – Cobriu as mãos. O capitão revirou os olhos.

– Amor, você está em alto mar. É isso ou continuar sofrendo. – A menina crispou os lábios, reparando o quanto aquela cena soava infantil aos olhos do pirata. Irritada consigo mesma, estendeu as mãos, preparada para a dor que acompanharia o álcool escorrendo por seus ferimentos, mas Sebastian não o fez imediatamente.

Em vez disso, o capitão ajoelhou-se a sua frente, concentrado em examinar seus machucados. Moira engoliu em seco, os olhos delineando as feições atraentes de Stark com curiosidade. O cheiro de almíscar e maresia a inebriou, tal como o calor que o pirata irradiava. Seu toque era enlouquecedor; uma sensação em que Moira poderia se afogar.

O capitão do Espírito de Gelo era tão fascinante e misterioso quanto um livro desconhecido, foi o que pensou. Stark era uma história a ser descoberta, uma obra a ser lida com o devido cuidado e tempo, páginas de uma trama cheia de segredos que precisariam de atenção ao ser desvendadas. E Moira estava desesperada para fazê-lo.

Nem mesmo reparou quando o rum foi derramado sobre sua mão, mas gemeu pela ardência que cresceu no local. Encarou os rasgos que marcavam sua pele pálida e franziu as sobrancelhas; precisaria melhorar seu desempenho físico para a outra armadilha. Não queria imaginar o que a aguardava e muito menos imaginar seu estado ao passar pelo obstáculo.

– Moira? – ela ergueu os olhos para Stark. O capitão ocupava-se em enrolar as mãos da garota nos trapos limpos que arranjara, e o fazia com sutileza. – Obrigado por hoje.

– Pelo que exatamente?

– Por ter salvado Tamina... *De mim*. – o fim da frase foi comentado com amargura, e a sentença seguinte mostrou o desespero de antes. – Eu estava lá dentro. A canção me hipnotizou, me prendeu em uma redoma invisível de descontrole, mas meus olhos gravaram todos os acontecimentos. Eram minhas mãos no pescoço dela.

– Não, Sebastian. – Moira tocou seu braço com delicadeza. O olhar dele acompanhou seu movimento com marcante desespero. – Esqueça isso. Não era você, eram as sereias. São monstros, *elas* cometeram aquela atrocidade.

– *Eram minhas mãos*. – ele repetiu. – Era a minha falta de controle.

– Você e Tamina... – Moira deixou a frase no ar, sentindo uma sensação

esquisita dominando sua consciência. Estremeceu enquanto ponderava o que continuar. – São muito próximos... – A pergunta soou como uma afirmação.

– Há alguns anos. – olhos elétricos cravaram-se nos seus, sufocando-a. Incitando-a a prosseguir a conversa. – Tamina é muito importante para mim. Para o navio e para a tripulação. O Espírito de Gelo não seria a mesma coisa sem ela.

– Tamina é realmente impressionante. – Moira não comentou aquilo com a animação que pretendia. Mantinha o olhar concentrado nas mãos envoltas em bandagens. Marcas de sua fraqueza. – O modo com que ela lidou com o caos lá fora, quando você estava desacordado... Ela é uma verdadeira pirata.

– Você fala isso com notável inveja, amor. – O sorriso torto brincou no canto dos lábios dele.

– Eu... Admito que gostaria de ter a vida dela. Confesso que estar aqui em alto mar em busca de um tesouro é surreal o bastante para me questionar se não passa de um sonho. Mas então me lembro do verdadeiro motivo pelo qual vim nessa busca e tudo perde um pouco de magia. – As palavras escaparam de sua boca numa confissão cheia de sinceridade. – Não é assim nos livros, sabe? As aventuras, os perigos; lá é tudo tão simples. A vida real... Ela é mais assustadora.

Stark não desviou a atenção do rosto dela um segundo sequer. O sorriso havia desaparecido, substituído por inquietação. O que quer que passasse pela mente dele, pertencia somente a ele. Mas era forte. Um sentimento profundo e poderoso.

Ao terminar de prender a bandagem, ele sorveu um longo gole de rum, oferecendo-o a Moira junto ao sorriso convidativo. A garota recuou com uma expressão desgostosa, mas acabou aceitando a garrafa; um gole não iria lhe fazer mal, afinal.

A bebida desceu queimando por sua garganta. Moira tossiu e azedou a expressão ao ver o capitão rindo. Toda a tensão dele fora diluída com o momento descontraído, e Stark retornou ao bom humor de antes. O humor que usava para esconder suas reais emoções.

– Sebastian? – Moira chamou. Estendeu a garrafa de rum para ele e se levantou, determinada a se retirar da cabine; tudo ao seu redor a inundava com pensamentos envolvendo o capitão, e era o que ela menos precisava no momento. Sebastian aproximou-se para receber a garrafa e isso os colocou a uma distância perigosa. – Obrigada pelos curativos.

– Sempre que precisar, amor. – Ele piscou um olho. Moira adiantou-se para seguir seu caminho, mas Stark a deteve. Os olhos do pirata passearam pelo cabelo dela, e ele estendeu a mão na direção de uma mecha, colocando-a para trás, de modo que não encobrisse a lateral de seu rosto.

Moira acompanhou o movimento com curiosidade e nervosismo, os olhos ansiosos sobre os calmos de Sebastian.

Como aquele homem conseguia mesclar tantas emoções? Como, em um momento, estava desesperado e no outro transbordava calma?

Moira não conseguia entender o enigma que era Sebastian Stark, e precisaria de tempo para fazê-lo.

X X X

Moira não soube o que fazer quando Tamina Queen caminhou em sua direção. Munida de seu olhar sério e perigoso e de passos firmes, a pirata pareceu absurdamente ameaçadora.

A menina estava tentando não se intimidar. Há algumas horas, tudo parecera bem entre elas. Pareceu a Moira, em sua crescente ingenuidade, que Tamina não mais a odiasse por completo. Quem sabe até a respeitasse um pouco... Aparentemente, estava errada.

A primeira imediata gesticulou para Moira assim que se aproximou, pedindo que a acompanhasse. Ela o fez com hesitação.

Estava prestes a levar outra bronca? Um soco por ter feito alguma besteira durante a tempestade? Mas... Havia salvado a vida dela. Isso não contava?

Tamina parou próxima à proa do navio, apoiando os braços sobre a amurada. Moira relaxou a postura. A seriedade deixara a expressão da pirata, restando crescente cansaço.

Quando Tamina Queen a encarou, havia gratidão em seu olhar.

Moira engoliu em seco. Manteve as mãos sobre a amurada, os dedos finos e longos ligeiramente parecidos com os da mulher ao seu lado. Tamina, no entanto, era tão diferente da menina. Tão poderosa e ameaçadora, forte e independente.

Tamina era a própria heroína.

Moira a admirava e a temia. Queria ser como ela e queria ficar longe dela. Naquele momento, no entanto, sentiu curiosa simpatia. Não mais o medo constante de ser vítima de suas represálias. Havia algo diferente na postura de Tamina, algo agradável.

– Olhe... Não pense que vou tornar isso um hábito. – Tamina discursou. Apesar de fingir amargura, Moira conseguia enxergar a sinceridade em suas palavras. Estava ali, na maneira com que as linhas de seu rosto se suavizavam, no brilho em seus olhos amendoados. – Você salvou a minha vida e eu vim lhe agradecer por isso. É só.

– Hã... Está bem. – Moira mordeu o lábio, meneando a cabeça. Teve medo de

dizer qualquer coisa para tirá-la do sério, qualquer movimento ou sorriso que pudesse ser interpretado como zombaria ou qualquer ofensa que Tamina resolvesse tomar para si.

As duas ficaram quietas por alguns segundos. Timidez e falsa antipatia duelando em seus olhares.

Tamina anuiu, como que satisfeita consigo mesma, e deu dois passos para se afastar.

Antes que pudesse impedir a própria pergunta, Moira viu-se dizendo:

– Por que ficou com tanto medo?

A pirata girou nos calcanhares, o olhar repentinamente sombrio. Moira mediu a distância até o mar, cogitando saltar para salvar sua vida.

– O que quer dizer?

– Por que... – sua voz havia caído a um tom baixo. Respirando fundo, a menina prosseguiu com falsa coragem: – Por que não reagiu quando Stark a atacou? Por que teve tanto medo dele?

A mandíbula da primeira imediata parecia prestes a trincar, tamanha força com que a fechava. Moira engoliu em seco, preparando-se para o sermão, preparando-se para ser perseguida pelo olhar assassino da pirata pelos dias seguintes, tal como no começo da viagem.

Então, para sua surpresa, Tamina suspirou. Os ombros dela baixaram, sua pose ficou menos decidida, seu olhar mais condescendente.

– Não estava com medo de Sebastian. – a pirata explicou, caminhando até parar ao lado da menina. Moira arregalou os olhos pela proximidade, mas não havia perigo ali. – Foi a situação que me assustou.

– O medo da morte?

– Da traição. – os olhos de Tamina eram poços de intensidade. – Todos temos os nossos medos, afinal.

– Não achei que você se incluía nisso. – Moira viu-se murmurando bobamente. Tamina ergueu as sobrancelhas em surpresa. – Quero dizer... – encabulada, a menina coçou a nuca. – Você é forte, certo? Destemida, poderosa. Uma pirata.

– Mas ainda uma mulher. – Tamina crispou os lábios. – E o mundo é cruel com as mulheres, senhorita Black. Só aprendi a ser cruel de volta.

– Então é assim que você deixa de ter medo? Sendo... Cruel?

– Não. Esse é o *meu* segredo. – o sorriso dela foi enviesado. – As pessoas escolhem outras maneiras de ser forte. Aceitam riscos, deixam a própria humanidade para trás, guiam-se pelo amor e pela coragem... Diga-me você, Moira: quer ser forte?

– Eu adoraria. – respondeu suavemente. – Mas não sei como.

– Pois eu lhe respondo: você vai aprender. O mundo vai ensiná-la.

x x x

– Você só pode estar brincando. – indignada, Tamina ralhou com Terence. – Libertá-lo? Ele é nosso *prisioneiro*. Não me importa que tenha cooperado, ainda é um inimigo.

– É por causa de James que estamos vivos. – Moira retrucou determinada. Encarou seus aliados, ao menos Terence, pois Armand não se mostrava inclinado a apoiar sua ideia, e prosseguiu: – Estamos em outra dimensão, longe das suas regras piratas e do navio de Blackburn, por que não dar uma chance a ele? James não poderá nos fazer mal aqui.

– A questão não é essa. – Tamina rebateu.

– E qual é a questão? O ego de Stark vai ficar muito ferido se libertarmos seu prisioneiro?

– Na verdade, amor... – Moira congelou ao ouvir a voz do capitão. – Meu ego nada tem a ver com isso. Mas seu comentário, se feito em outro momento, poderia ter lhe rendido algum tempo na cela deste navio. – Moira não acreditou na ameaça, por isso lançou um olhar pertinente. Sebastian pareceu gostar daquilo, pois um sorriso enfeitava seu rosto. – Não vamos libertá-lo.

– Sebastian. – Moira bateu o pé ao vê-lo se virar, e todos ao seu redor demonstraram surpresa pela força em sua voz. Armand arregalou os olhos frente à postura da garota. – James salvou o seu navio ao dar aquela informação; salvou nossas vidas. O mínimo que você pode fazer para retribuir é tirá-lo daquele maldito mastro. – Sebastian semicerrou os olhos em sua direção. – Eu me comprometo a ficar de olho nele.

A expressão do pirata ficou repentinamente sombria quando ele encarou algo atrás de Moira. *Alguém*, mais precisamente. James, que assistia a cena, havia sorrido maliciosamente pelo comentário final da garota – gesto que poderia ser interpretado com humor, mas que não agradou Stark nem um pouco.

– Por favor. – Moira repetiu. – James não vai fazer mal a ninguém, eu lhe prometo. Coloque um de seus marujos para segui-lo se quiser, mas tenha um pouco de bom senso. Por que ele iria condenar a si mesmo de maneira tão tola aqui, em meio a esse oceano sem fim? James está do nosso lado agora. Use isso a seu favor.

Moira não sabia de onde vinha tanta persuasão, mas ficou abismada consigo mesma pela maneira com que tratou do assunto. Havia ponderação e cuidado nas palavras, de modo que Sebastian viu-se num beco sem saída. A garota tinha razão, afinal, e uma represália aos comentários dela não lhe serviria de nada.

Convencido, ou talvez exausto demais para argumentar, Sebastian sinalizou para dois de seus tripulantes e ordenou que soltassem James. Mas, antes disso, o capitão colocou-se frente a frente com o pirata, em seu rosto a máscara mais assassina e perigosa que Moira já havia observado.

– Se fizer alguma coisa, qualquer coisa, contra minha tripulação ou meus convidados, principalmente Moira... – o comentário final descompassou o coração da garota, cujos olhos arregalaram-se. – Eu, pessoalmente, farei de sua vida um inferno. E só o livrarei dele quando você implorar pela morte.

James rebateu o olhar dele com bravura. As palavras de Stark não pareceram suficientes para abalá-lo, mas o loiro teve bom senso de baixar a cabeça e acenar positivamente.

Quando as algemas foram soltas e o corpo do pirata preso despencou contra o chão, Moira avaliou Sebastian, que encarava a cena de soslaio, para então correr até o aliado. *Aliado*, porque ela não sabia se conseguia classificar James como um amigo.

– Está tudo bem? – Indagou preocupada. James ergueu um sorriso divertido.

– Claro que sim, Moira. Como poderia não estar bem? Você acabou de conseguir minha liberdade. – ele tencionou segurar sua mão para beijar as costas desta, mas avistou os curativos e se reteve. Cingiu as sobancelhas, claramente consternado. – O beijo fica para mais tarde. – Piscou maroto.

– Sem gracinhas, pirata. – Armand resmungou sombrio. James o encarou com tédio, como se o rapaz nada mais fosse do que uma sombra em seu caminho. Moira tocou o ombro de Armand, pedindo que ficasse calmo, mas ele havia cruzado os braços numa pose defensiva, o olhar perigoso sobre o prisioneiro recém-libertado. Terence não parecia muito preocupado com a situação, mas mantinha-se próximo de Moira mesmo assim.

James resmungou sobre suas câibras ao se mover, mas alguns instantes depois já estava caminhando com perfeição pelo convés do navio. Ele parou na amurada, debruçando-se para observar o mar lá embaixo, e em seu rosto havia uma expressão de alívio. Moira sorriu involuntariamente, imaginando que aquela liberdade estivesse fazendo bem ao pirata. O sol começava a nascer no horizonte e os raios da aurora contornaram a silhueta do loiro no que poderia ser representado numa pintura fascinante. Moira, no entanto, acreditava que uma figura mais sombria, envolta em preto e com olhos azuis faiscantes ficaria melhor naquele cenário paradisíaco.

Querendo ou não, seus pensamentos acabavam voltando para Stark.

– Ei doçura. – James a chamou. Moira garantiu para Armand que ficaria tudo bem e marchou na direção do pirata, sendo recebida por um sorriso largo. – Obrigada pela ajuda! Seu discurso foi arrebatador, se me permite dizer.

– Não foi nada demais. – ela bateu os ombros. Encarou Tamina, cujos olhos desconfiados não se desviavam de James, e Sebastian, que havia assumido o timão.

– Sabe que ele só me libertou por sua causa, não sabe? – James comentou casualmente, não parecendo ciente do que isso causaria na garota. – Stark tem todos os motivos para me manter preso. A justiça por eu ter ajudado a salvar a vida de todos aqui não faz parte do código de conduta dele... Mas o seu discurso... Isso sim o convenceu. E, cá entre nós, esse é um trunfo que você deveria aprender a aperfeiçoar.

– O que? Meu discurso?

– Sua capacidade de persuadir o capitão. Você parece a única, além da bela morena ali, capaz disso desde que a esposa dele morreu. Outros, como eu, caem mais facilmente nas garras femininas. Minha maior fraqueza é essa, infelizmente. – James sorriu com diversão.

Moira tinha ciência de que ele só falava aquilo para descontrair, ainda que houvesse um fundo de verdade. James não comentaria de sua fraqueza tão abertamente assim. Ele era um pirata, afinal. Piratas sempre mentem.

– Mas Stark não. Ele aprendeu a ser frio e perigoso, a manter os forasteiros afastados.

– Ele não é tão frio quanto parece. – Moira replicou casualmente. – Tamina é bem menos acessível que ele, se quer saber. Ela sim é perigosa. – Sorriu brincalhona na direção de James, que revirou os olhos para ela.

– Eu gosto de desafios, doçura, mas essa não é a questão. Sou um ótimo observador, fique você sabendo, o que eu digo agora é verdade: Moira, você sabe como dobrar aquele pirata.

CAPÍTULO XX

Armand não havia se distanciado tanto de Moira quanto prometera. Ainda que a garota tivesse afirmado estar segura perto de James, que o pirata não lhe faria mal algum, havia no rapaz a desconfiança que aprendera a cultivar para com pessoas que seguiam a vida criminosa. Havia, no olhar de Armand, o temor de que quanto mais tempo se passava, mais Moira se afastava dele.

Tolice, talvez, mas Armand não conseguia se impedir de pensar naquilo. Moira abandonava os tabus impostos por sua sociedade conforme o tempo corria, e ele se via ficando sozinho em meio ao desconhecido. Armand via em seus olhos que ela mudara; ele a estava perdendo.

Encarou Terence em busca de algum comentário consolador, qualquer afirmação feita pelo homem de que ele também nutria preocupação por Moira, mas isso não aconteceu. Terence simplesmente ergueu os ombros ao notar a expressão cautelosa do rapaz e deu-lhe um tapa reconfortante no braço, afastando-se na direção da popa do navio.

Suspirando, Armand buscou a amurada, apoiando as costas ali, de modo que seus olhos permanecessem sobre Moira e seu mais novo amigo. Sentia suas sobrancelhas cingidas e tinha ciência de sua expressão não era das mais simpáticas, mas não *queria* parecer simpático. Só queria que Moira saísse de perto daquele *pirata*; que parasse de sorrir de maneira tão alegre conforme a conversa prosseguia. Ela não percebia o quanto aquilo era arriscado? Dialogar com um bandido do mar, um homem procurado pela marinha britânica, isso beirava o absurdo!

Por que a vida tinha que ser tão complicada? Por que a realidade tinha que se misturar à fantasia exatamente naquele momento? Armand planejava tudo, programara-se perfeitamente desde seu reencontro com a querida amiga de sua infância; Moira estava lá, *ao seu lado*, segura e protegida, longe de ilhas amaldiçoadas e piratas sanguinários, até que o caos veio para zombar de seus planos, lançando-o de encontro ao desconhecido.

Armand pretendia construir um relacionamento mais intenso com a garota que significava tanto para ele. Pretendia ter dialogado sobre o seu futuro, onde fantasiara ter Moira ao seu lado dia e noite. Queria ter tido tempo de estender a

ela o anel de noivado que encomendara com o joalheiro da capital; queria ter explicado seus sentimentos de maneira coerente.

Mas não, o destino não queria isso. O destino zombava de sua racionalidade, de seu senso de segurança e de realidade. Realidade que desaparecera frente aos seus olhos no momento em que embarcou naquela viagem.

Cruzou os braços com força, sentindo-os tremer pela impotência. Não podia tirar Moira dali, muito menos tirar a si mesmo daquela situação, mas precisava fazer algo para fugir de tais pensamentos sombrios; precisava ter certeza de que Moira ficaria bem.

– Vai quebrar o maxilar de tanto trincá-lo, garoto. – Armand se assustou com a chegada repentina da pirata. *Tamina*, ele se lembrou do nome. A primeira imediata do Espírito de Gelo; um cargo bastante pesado para uma mulher carregar nas costas. Se bem que *uma pirata* deveria estar acostumada a situações de risco. O mundo conseguia ser cruel com as mulheres, mas a vida como uma criminosa devia ser ainda pior.

– Pensando muito? Não parecia coisa boa, pela sua expressão. – O tom dela foi ligeiramente humorado, mas seus olhos exibiam seriedade. Eram lindos olhos amendoados, cheios de uma força avassaladora.

– Eu não gosto desta situação. – Armand confessou, acenando na direção de Moira. – Não me agrada o fato de vê-la tão próxima a alguém como ele.

– A um pirata? – *Tamina* cruzou os braços numa pose bem humorada, uma das sobrancelhas arqueadas em desafio. Armand bufou. – Relaxe, garoto, eu entendo o seu ponto. Um almofadinha que cresceu rodeado por nobres e soldados só pode ter uma opinião sobre nós, afinal.

– O termo *almofadinha* não é interessante. – Ele retrucou, tentando não soar ofendido demais. Não queria demonstrar que seu ego fora ferido pela bela mulher.

– Ah, desculpe, eu fui muito dura com você? Como é que se refere a nós junto ao seu pai? Não acho que seja educado. – Armand acabou ficando quieto, pois a concordância com *Tamina* o impediu de argumentar contra. – Pontos de vista diferentes, vindos de realidades diferentes. A vida não seria tão divertida se os nobres gostassem dos foras da lei, ou vice-versa.

– Gosta dessa instabilidade?

– Gosto de viver com um propósito. Se atrapalhar o sossego dos lordes ricos tem essa finalidade, então eu o faço com prazer. – *Tamina* desviou o olhar para o horizonte. – Quando se vive o que vivi, um futuro incerto é melhor do que o pesadelo do presente. O perigo em alto mar não é páreo para o que a sociedade oferece.

– Sinto muito. – Armand esqueceu-se, momentaneamente, das próprias

preocupações. O tom amargo de Tamina foi tocante, como se a dor das palavras dela pudesse alcançar o rapaz.

– O passado ficou para trás. – ela deu de ombros, arrumando a postura para retornar a pose rígida de antes. – E você? O que o preocupa tanto, fora a garota?

– Não há maior preocupação que Moira... – suspirou pesadamente. Tamina não era o que ele chamaria de grande amiga; era uma completa desconhecida, na verdade, mas ele resolveu aceitar o risco: – É errado eu me sentir inútil? Porque é a única coisa que passa pela minha cabeça. Moira parece estar desaparecendo a minha frente, como fumaça, e não importa o quanto eu tente, não consigo segurá-la junto a mim. Eu quero fazer algo por ela; quero protegê-la desta jornada insana, quero mantê-la longe de vocês... – ele parou um instante, esperando represália, mas Tamina apenas o observava. – Diferente de antes, aqui não há nada que eu possa fazer. Eu sou um ninguém, apagado perto a figuras como Stark ou Carter. Eu não sei o que fazer para garantir sua segurança, mas *preciso* fazer. Não posso ficar sentado observando enquanto Moira se vai.

Tamina assentiu, os olhos amendoados desviando para a figura da garota. Moira havia cessado sua conversa com James para observar o nascer do sol, e sua expressão não poderia ser mais sonhadora.

– Eu entendo seus pontos, garoto. É tudo muito diferente e assustador para você, mas, para Moira, faz parte de um sonho. Observe a maneira com que ela lida com cada situação desta viagem... Há nela um notável encanto pelo desconhecido; e há, acredite, o senso de que precisa cuidar de si mesma. *Sozinha*. Vejo em Moira um pouco de mim quando cheguei nesse navio, mas, em minha época, era tudo mais complicado, havia maiores riscos. Foi Stark quem me ajudou. – ela fez uma pausa. – Quer saber como? Mostrando-me que eu não precisava de mais ninguém para me cuidar. Seja aquele a guiar Moira em direção a um futuro certo: esteja ao lado dela e ensine-a a ser forte, a não precisar que a protejam.

x x x

Moira hesitou ao avistar Armand concentrado num diálogo com Tamina. James continuou na amurada, o olhar perdido no céu colorido pelo amanhecer, e deixou a garota livre.

Ela pretendia conversar com Armand, explicar-lhe mais detalhadamente sobre os motivos pelos quais confiava em James e sobre como o rapaz poderia ficar sossegado, mas, pelo visto, Armand não se preocupava tanto assim.

Não era de todo um incômodo para ela, na verdade. Depois de ter ouvido vários sermões do nobre a respeito do perigo em confraternizar com piratas, era

bom vê-lo fazendo isso com Tamina. Quem sabe mudasse de opinião sobre os navegantes, ou ao menos aceitasse que Moira estava em boas mãos. Mas havia em seu coração uma faísca de ciúme, corrosiva e crescente, ao notar a atenção que Armand entregava a primeira imediata do navio.

Foi então que Tamina se afastou, sinalizando na direção de Moira, e Armand caminhou para ela. A garota abriu um sorriso suave e usou de um olhar curioso ao ver que ele exibía uma expressão animada, escondendo a onda de ciúme que a havia assolado.

– O que houve? – encarou Tamina. – Gosta dos piratas agora?

– Não exagere. – Armand replicou. – Mas confesso que conversar com Tamina foi bastante esclarecedor. Ela é diferente dos outros.

– A mente feminina é muito subestimada. – Moira brincou.

– Você anda afiada com os comentários. – O rapaz comentou com diversão. Moira caiu na gargalhada.

– A culpa é toda da minha convivência com piratas.

– Moira... – o tom dele ficou repentinamente mais sério; os olhos claros cintilavam sobre os dela de uma maneira intensa, o suficiente para causar rebuliço em suas emoções, Moira notou. *Não era como quando Stark a encarava*, mas era poderoso. – Gostaria de lhe fazer um convite.

– Qual seria?

– Você sabe que... Com tudo isso acontecendo, eu estou muito preocupado com a sua segurança, certo? – Moira preparou-se para responder a ele, mas Armand lhe pediu para esperar mais alguns instantes. Ele parecia verdadeiramente ansioso para falar. – Moira, sei que está tudo diferente e que você não vê necessidade em ter um guarda costas ou qualquer pessoa que seja lhe protegendo; seu olhar mudou, sua postura também. Há mais força em você. – ela sentiu-se encabulada com o comentário dele, mas orgulhosa também. – Portanto, gostaria de me oferecer para treiná-la.

– Me treinar? – ela soou surpresa e eufórica, mas manteve o tom de voz baixo. – Você... Poderia? – Armand sorriu pela reação dela.

– Claro que sim. É para isso que vim aqui falar com você. Estou me oferecendo para ensiná-la a lutar, a se defender sozinha. O que acha disso?

– Eu acho excelente, Armand! Há tempos que desejo isso; poder cuidar de mim mesma sem que alguém se intrometa, e agora você... Veio me ajudar. – ela disse tudo de maneira emocionada, cheia de gratidão. – Muito obrigada. – ela o abraçou, rápida e descontroladamente, apertando os braços magros ao redor do pescoço do rapaz. Armand riu, fazendo o corpo de Moira tremer junto ao seu, e se separou para que pudessem se olhar. Havia, nas bochechas de Moira, a mesma cor avermelhada que enfeitava as dele. Ambos estavam encabulados e

sorridentes.

– Não há o que agradecer. Estou fazendo isso porque me importo com você, e espero que saiba disso. – Um silêncio carregado de olhares intensos pairou sobre eles. Moira engoliu em seco, forçando-se a fugir, confusa e atormentada por sentimentos que embaralhavam sua mente.

– Quando começamos? – Resolveu desviar a atenção com uma pergunta exaltada. A situação parecia surreal demais para ser vivida. Uma vida inteira foi o que Moira passou sonhando em aprender a lutar, em aprender a se portar com a sua maior heroína. E agora a chance estava ali, ao alcance de suas mãos.

– Quando estiver pronta. – Armand riu pela animação dela.

– Que tal agora? – Ele não escondeu a surpresa.

– Tão repentinamente?

– Com medo de ser derrotado? – Ela desafiou. Armand riu novamente.

Os dois aproveitaram uma parte do convés que se encontrava vazia para começar o treino. Armand tirou o casaco, jogando-o sobre um dos barris, e Moira observou atentamente o movimento do rapaz.

Armand era lindo, mas sua beleza não parecia perigosa como a de Sebastian. Era algo mais sutil, menos arriscado. Ele transmitia segurança; tinha um abraço que Moira poderia aceitar e se sentir em paz, como a maré calma durante o amanhecer.

Balançando a cabeça, deixou tais pensamentos se dissiparem de sua mente. Precisava se concentrar no treinamento.

Armand arranhou duas espadas sem fio com Tobias, que viera assistir ao treino – o menino as roubara para praticar sozinho. Moira ficou ligeiramente envergonhada por ter uma plateia, pois outros dois marujos pararam suas tarefas para o espetáculo, mas tentou manter o foco em Armand e em seus movimentos.

Armand notou sua vergonha e sorriu compreensivo, aproximando-se para lhe explicar sobre o que fariam ali.

– Não ligue para eles. – comentou enquanto ajustava a postura da garota. Moira estremeceu com o toque dele em seus braços, com a sensação aconchegante de ter seu corpo próximo ao dele, mas sua expressão continuou séria. – Passaram por isso também. – Ele piscou um olho marotamente, arrancando dela um riso suave.

Armand pediu que Moira se concentrasse em seus passos e acompanhasse tudo o que ele fizesse, pois a arte da esgrima era nada mais menos do que uma espécie de dança. A garota precisaria seguir o ritmo de seu oponente ou a derrota viria para assombrá-la.

Moira assentiu, mas sua postura concentrada sofreu um ligeiro abalo no segundo seguinte, tudo porque fizera a tolice de erguer os olhos para o convés

superior, encontrando Stark inteiramente concentrado na cena que se seguia. Moira mordeu o lábio inferior, virando rapidamente na direção de Armand, tentando apagar da mente o olhar profundo que Sebastian lhe dirigira.

Num primeiro momento, seus movimentos foram desengonçados, mas era notável o esforço que a garota fazia para seguir as instruções corretamente. Estudou os passos de Armand e, numa terceira vez, foi capaz de repeti-los sem erro. Ainda lhe faltava rapidez, pois mantinha muita atenção no andar e pouca no bloqueio, de modo que Armand sempre a acabava derrotando.

– Um pouco mais de força no braço direito, Moira. – Armand sugeriu, erguendo o bloqueio quando ela tentou uma ofensiva. – Eu posso ver o ataque em seus olhos antes que ele aconteça, precisa ser menos direta. – O tom dele era suave, nada repreendedor, mas Moira se sentia estúpida por estar cometendo tantos erros.

Afastou-se e respirou fundo, repetindo mentalmente o que deveria fazer. Muniu-se de uma estratégia para confundir Armand e ficou eufórica ao ver resultado; desviou da espada inimiga quando ela cortou o ar, abaixando-se, e ergueu a espada no instante em que Armand girou outro golpe. As lâminas se encontraram e, atrás delas, o rosto do nobre rapaz iluminou-se em um sorriso.

– Tática incomum, Moira. Não sugeriria que usasse numa batalha, mas foi excelente para um primeiro treinamento. – Armand comentou profissionalmente. Havia orgulho em seu olhar, e ela sorriu abertamente por isso. Moira ergueu os olhos para o capitão do navio novamente e jurou ter vislumbrado o fantasma de um sorriso desaparecendo no rosto dele. Voltou-se para Armand com euforia:

– Qual a próxima lição?

CAPÍTULO XXI

Moira ria de um comentário feito por Armand quando batidas na porta tiraram os dois do torpor de alegria. Tobias estava ali e viera a mando de Sebastian, que os queria na cabine imediatamente. Trocaram um olhar tenso enquanto se erguiam e rumavam pelo corredor, a diversão sendo deixada para trás. Se Stark os estava chamando, algo sério tinha acontecido. *Ou estava para acontecer*, pensou Moira.

No aposento, encontraram, além de um capitão angustiado, um James e uma Tamina ansiosos e Iolanda numa serenidade assustadora.

– O que foi? – Perguntou Moira.

– O mapa. – Tamina gesticulou. – Recebemos o enigma sobre a segunda armadilha que nos aguarda. – Moira surpreendeu-se com a maneira aberta com que a pirata falou consigo; antes, Tamina agia fria e rancorosamente, mas desde o incidente com a tempestade e aquela conversa civilizada que trocaram, vinha tratando Moira de maneira amigável.

A morena caminhou na direção da mesa e espiou o pergaminho estendido ali. A linha de sangue havia riscado, numa letra rebuscada, um novo e sinistro enigma. Palavras capazes de arrepiá-la; Moira engoliu em seco, abrindo espaço para Armand, e deixou que sua mente trabalhasse na rima ali escrita.

Pelo labirinto insano a mente há de viajar; enfrentando males que o coração deseja abandonar; uma única vez a coragem há de provar; enquanto olhares embaçados pela dor deverão se libertar.

– Sou só eu ou isso soa ainda pior do que o desafio das sereias? – James disparou no silêncio que abafava a cabine. Sebastian ergueu para ele um olhar irritado, mas ninguém discordou.

– Alguma pista sobre o significado deste enigma? – Moira indagou, mantendo a atenção voltada para Iolanda. A índia meneou a cabeça negativamente, tristeza dominando sua expressão. – Certo... – Moira coçou a nuca, nervosismo espalhando-se por seus nervos. Uma pontada de esperança lhe dizia que Iolanda talvez descobrisse algo com o passar do tempo, ou mesmo Stark chegasse a alguma conclusão; no entanto, naquele momento, estavam na mais completa escuridão.

– Notou que algo está errado com seu amigo? – Moira despertou dos devaneios quando James indagou aquilo.

Era fim de tarde e o trabalho no Espírito de Gelo continuava. O clima ao seu redor estava ameno, mas a tripulação, curiosamente, se encontrava mais reclusa. Com a névoa ao seu redor e a paisagem depressiva, Moira entendia porque todos se encontravam tão mal humorados e frígidos. Ou ao menos fingia entender. A neblina parecia nevoar também sua mente, deixando seus pensamentos embaralhados.

A garota limpava uma parte do convés quando o loiro se aproximou. No rosto dele via-se uma máscara de seriedade.

– Que amigo?

– O almofadinha. O juvenzinho rico... Como se chama mesmo?

– Armand. – Ela respondeu secamente.

– Ah sim, isso. Pois bem. – James apontou para o fim do convés, onde uma figura solitária encontrava-se curvada sobre a amurada, a cabeça pendendo sobre a madeira. Moira franziu as sobrancelhas pela estranheza da cena, pedindo que James assumisse seu posto enquanto averiguava o ocorrido.

Ao se levantar, uma estranha tontura bambeou suas pernas. Moira foi forçada a respirar fundo, pois até fôlego lhe faltou. James ofereceu-se para apoiá-la, mas com um sorriso ela o dispensou; não precisava de ajuda. Fora apenas uma vertigem momentânea. Culpa do balançar das ondas ao seu redor, provavelmente.

Moira tropeçou em seus próprios pés, mas conseguiu alcançar Armand. Encontrou nele uma postura frágil, quase doentia. Coisa que, horas atrás, não existia. Tocou seu ombro para que o rapaz a encarasse e ficou chocada com o estado de seu rosto; suor frio escorria por suas feições, a pele estava assustadoramente pálida e os lábios tremiam por um frio que não existia. Tocou sua testa, buscando por uma temperatura febril, mas encontrou a pele gélida como o ar que antes soprava ao seu redor.

– Armand, o que houve? – Indagou num sussurro preocupado. – Está doente?

– Não sei – ele balbuciou. – Só... Não conte aos outros.

– Como assim “não contar”? Você precisa se tratar! Venha, vamos para a cabine, tenho certeza de que Iolanda...

– Não! – Armand esbravejou, livrando-se do apoio de Moira. A garota o encarou com temor, afastando-se para avaliá-lo. – Preciso ficar sozinho, é só. – O rapaz acrescentou em seguida, mas não havia arrependimento em sua voz. O

tom saiu frio e cortante, como uma lâmina afiada passeando pela pele de Moira.

Algo estava muito errado.

Ela buscou por Tamina com o olhar, mas ela não estava no timão. A primeira imediata abandonara seu posto e agora a névoa esbranquiçada o ocupava. A cena parecia macabra aos olhos de Moira, quase como um navio fantasma.

O que havia de errado consigo, afinal? A tripulação estava toda ali, ao seu lado. E repentinamente sentia-se *sozinha*, amedrontada com a ideia do desconhecido que a cercava. Encarou Armand em busca de conforto, mas o rapaz não estava melhor do que ela.

Reunindo forças, Moira caminhou tropegamente na direção da cabine do capitão, cada passo ficando mais exaustivo do que o anterior. Seus olhos pesavam, prestes a desmaiar, e o coração continuava batendo fortemente em seu peito, bombeado pelo medo que corroía suas veias.

Medo? Medo de que, Moira? Sua consciência indagou zombeteira. Moira balançou a cabeça. A vista embaçou e ela precisou se apoiar na parede para não despencar. Podia avistar o contorno da porta da cabine logo à frente, mas não encontrava forças para continuar andando.

Moira? Não era sua mente quem indagava. Havia alguém logo a sua frente. Alguém que a alcançou com rapidez, apoiando seu corpo débil e impedindo-a de cair.

– Capitão! – uma voz ecoou ao fundo. Era o marujo na Torre da Gávea. Moira fechou os olhos com força, obrigando-se a manter o foco. – Algo está errado lá fora! A névoa está ficando mais densa, não sabemos para onde o navio segue! – Era Sebastian que a segurava, Moira constatou com alívio.

– Stark... – ouviu-se dizendo. – Armand... Ele não está bem.

– Ninguém está bem, amor. Iolanda disse que chegamos à segunda armadilha. – Sebastian a ajudou a se recompor. Uma sensação gélida escorregou pela coluna da garota. Pelo susto, um resquício de consciência retornou a sua mente, possibilitando a Moira assistir a cena com a sanidade que antes lhe faltara. – Sugiro que retorne para a cabine. – O tom de Sebastian foi decidido. Moira reparou que o capitão tinha uma postura frágil, porém menos afetada que a de Armand.

O que quer que fosse aquela prova, estava roubando a força dos viajantes.

Mais do que a força, Moira pensou. Estava mexendo com a sua sanidade. Trazendo a tona sentimentos sombrios.

– Onde está Iolanda? Ela sabe algo sobre o desafio?

– Iolanda está na cabine, fazendo um ritual estranho. Não entendi o que ela quer com isso, mas acho mais seguro que fique lá agora.

– Quero ajudar.

– Não vai me ajudar se ficar em perigo... – O capitão retrucou profundamente. Moira não sabia se era pela armadilha ou por culpa de Stark, mas após aquele comentário, seus batimentos cardíacos aumentaram num ritmo frenético.

– Capitão! – O grito voltou a ressoar, fazendo Sebastian quebrar o contato visual com a garota. Um som oco chegou até eles, como de algo batendo contra o convés do navio; *um corpo*, Moira concluiu chocada. O vigia da Torre da Gávea havia caído.

Lá fora, mesmo o mais corajoso dos homens encontraria seu tormento.

CAPÍTULO XXII

A névoa estava por toda parte. Junto a ela, espalhava-se o medo. Ele deslizava pela tripulação, trazendo calafrios e estremecimentos, passeava pelo convés do Espírito de Gelo, assombrando aqueles que ousaram se aventurar por aquelas redondezas. Não adiantava fugir; uma vez que a neblina o rodeava, não havia saída. Uma vez que caíam na armadilha, não havia volta.

Moira foi exposta a esse pesadelo quando seguiu Sebastian. O capitão correu até o mastro principal, prendendo a mão de Moira à sua, e ambos estacaram quando Sebastian esbarrou no corpo do vigia. O homem tinha um dos braços torto num ângulo estranho, e o olhar vazio da morte vidrado em direção ao além. Moira o encarou por muito tempo, tanto tempo que, de repente, viu-se sozinha.

O capitão acabou deixando a garota para trás em sua corrida até o timão, tão pouco ciente do que estava acontecendo quanto ela. Moira ergueu as mãos à sua frente, tateando o vazio pálido que corroía sua visão. Não enxergava um palmo diante do próprio nariz, e a cegueira branca trouxe desespero aos seus sentidos. Ela ouvia vozes ecoando ao seu redor, mas não as reconhecia. Ouvia passos se aproximando, mas ninguém a alcançava.

Foi então que uma silhueta começou a se distinguir em meio à névoa. Moira semicerrou os olhos, tentando ver quem se aproximava, mas a nitidez ainda era fraca. Reuniu bravura e marchou na direção do desconhecido, esperando que não fosse tão desconhecido assim...

Porém, não estava preparada para aquele encontro. Na verdade, quando avistou o rosto da pessoa, choque estampou a sua feição, paralisando-a onde estava.

– *Papai?*

X X X

Sebastian trombou contra o timão, mas alívio inundou seu olhar ao retomar o controle de seu amado navio. Ainda que não tivesse visão do horizonte ou mesmo de alguns metros à sua frente, a sensação de voltar ao seu posto aliviava um pouco o seu desespero. Restava rezar aos deuses para que tudo desse certo.

Foi com angústia que notou que Moira não o seguira.

Frustrado, Stark tencionou largar o posto para retornar ao andar inferior, mas, nesse instante, algo capturou sua atenção. Algo não, *alguém*.

À sua direita, uma sombra surgiu no véu branco que o cegava, andando calmamente em sua direção. Sebastian sacou a arma do coldre, apontando-a com firmeza para quem se aproximava.

Os olhos demoraram a encontrar a feição da pessoa. Primeiramente, Sebastian enxergou a vestimenta – pirata, com certeza. Calças largas, de tonalidade escura, e botas surradas de mesma cor. Camisa larga coberta por um casaco longo.

Foi quando ergueu o olhar para o rosto que o susto o fez arfar.

Stark deixou a arma cair no chão, o baque ecoando pelo silêncio ao seu redor.

Não é possível. Sua mente sussurrou com assombro. Mas, ainda assim, lá estava *ela*. O corpo curvilíneo de andar decidido e marcante caminhando em sua direção; o rosto de pele bronzeada marcado pelas feições finas e atraentes; os olhos grandes, contornados por cílios longos e grossos, encarando-o com destemor; os cabelos longos e fartos cascadeando como ondas negras por seus ombros magros.

– Bela? – Sebastian balbuciou.

O capitão que raramente demonstrava emoções teve o coração estilhaçado por aquela imagem. Era idêntica a *ela*, em todos os trejeitos, mas, ainda assim... Desconfiança guiou suas ações seguintes.

– Não. Não é verdade. Eu vi seu corpo esfaçalhado por Blackburn. Você está morta. – Sua fala saiu entrecortada, cada palavra ferindo-o como uma lâmina afiada. Stark cambaleou para trás, se afastando da mulher. *Bela* curvou a cabeça de lado, num gesto unicamente dela, demonstrando confusão, e então abriu o familiar sorriso maroto.

– Não, meu amor. Sou eu. Eu estou aqui, estou viva. – estendeu a mão na direção do capitão, que não ousou tocá-la. A voz era real, tão real, rouca e marcante, a voz que sussurrara seu nome apaixonadamente anos atrás. – Tudo isso é real. Você me trouxe de volta. Seu medo da minha ausência me trouxe aqui. Agora podemos ficar juntos para sempre.

– O que quer dizer com isso? – O pirata franziu o cenho.

– Lembra-se de quando viajávamos pelos mares, Sebastian? – a maneira com que Bela pronunciou seu nome causou-lhe um calafrio. – Como era pilhar ouro e joias e retornar ao navio? Lembra-se de nossas noites regadas a rum e amor? – os olhos, turvos como a chuva, recaíram intensos sobre os dele. Se alguém pudesse assistir a cena, ficaria surpreso com a maneira com que Stark se dobrava a ela. – Eu me lembro bem. Lembro-me de seu toque como se suas mãos ainda passassem por meu corpo... Lembro-me de seus beijos como se seus lábios

jamais tivessem deixado os meus. – Bela estava a um passo de distância do capitão agora.

Os detalhes no rosto dela, detalhes que o tempo apagara com uma precisão assustadora, estavam ao alcance de sua mão. Bastava Sebastian tocá-la para comprovar que aquilo não era um sonho seu; sonho que não o vinha assombrando há semanas. *Sonho que o abandonara quando avistara um par de olhos acinzentados.*

– Eu me lembro, Bela. – retrucou. – Jamais abandonei essas memórias. Eu as vivo, sofregamente, todos os dias. Seu fantasma assombra este navio com uma vivacidade atormentadora. Também me lembro de como você me abandonou para ficar com aquele bastardo.

– Não é verdade. – sombras encobriram o olhar dela. – Eu sempre fui sua, meu amor. Aquilo foi um desliz, uma fraqueza. Meu coração sempre pertenceu a você. Ao contrário do seu, é claro. – a feição dela ficou amedrontadora. – Seus pensamentos não são mais só meus, Sebastian, e sabe disso. Há algo novo, *uma presença...* Forte o suficiente para tumultuar sua atenção.

– Você não sabe de nada.

– Eu sei de muita coisa, meu capitão. – um sorriso perverso e poderoso, do tipo que Bela adorava ostentar, iluminou seu belo rosto. – Sei de tudo que o vem perseguindo. Todo o *desejo*, todo o desespero... Mas ainda é a mim que você quer.

– Você está morta! – Ele esbravejou.

– Não! Você me matou! Você apagou nossas lembranças! Esqueceu-se de nossos sonhos! *Abandonou-me!* – a mulher gritou estridente, o rosto moldado numa máscara de fúria. – Você está perdido, capitão, e nenhuma bússola pode trazê-lo de volta agora!

Sebastian fechou os olhos com força, a voz da mulher que amava continuando a ecoar por sua mente. Bela continuou gritando com ele, ofensas e maldições lançadas ao homem que um dia possuía seu coração. O som produzido pelo ódio dela o enlouquecia. Mais do que a névoa obstruindo o seu caminho, mais do que a incerteza de seu futuro, mais do que o desespero para alcançar o tesouro... Stark enlouquecia por causa de Bela. *Por causa de uma mulher morta.*

O capitão tropeçou na direção do timão, tapando os ouvidos. Bela continuou ao seu lado, o rosto furioso como quando, antigamente, esbravejava com a tripulação, a voz rouca estraçalhando a sanidade de Sebastian.

Era tudo um pesadelo. Um pesadelo. Bela estava morta. Aquilo não era real.

O pirata repetiu decidido, mas seus olhos o traíam. Olhar para ela o perturbava; tantos anos aprendendo a lidar com sua ausência para sofrer um abalo daqueles.

Foi então que tropeçou na arma que havia deixado cair. Um choque de lucidez o dominou. Lembrou-se dos instantes antes de tê-la sacado, da determinação em encontrar Moira e trazê-la em segura para perto de si, e tal recordação clareou seus pensamentos.

Bela era apenas um fantasma. Uma assombração. *Uma lembrança.*

A mão alcançou a arma. A mira foi perfeita.

– Você está errada, Bela. Foi você quem me abandonou. – Sua voz saiu trêmula, mas decidida. *Aquela não era sua Bela. Ela estava morta, e assim deveria permanecer.*

O disparo pareceu um estouro em meio ao silêncio repentino. A mulher havia desaparecido numa nuvem de fumaça, embrenhando-se na névoa novamente. Stark cambaleou, arfando, repentinamente ciente de tudo ao seu redor. A névoa desapareceu de sua mente assim como rareou sobre o navio. Ao longe, gritos de desespero chegaram até ele.

Era Moira.

X X X

Moira cambaleou na direção do pai, apertando o peito que doía de saudade. Seus olhos marejados debulhavam lágrimas, que deslizavam pela pele fria de suas bochechas.

Antes de alcançá-lo, porém, avistou outra figura a se aproximar. Lucy, a velha mulher que tanto cuidara dela durante seu crescimento, usava de uma máscara serena ao encarar a garota. Moira soluçou, a dor no peito intensificando-se; por fim, uma última pessoa apareceu ao alcance de seus olhos.

Moira não soube como a reconheceu, mas foi instantâneo. Bastou olhar em seus olhos acinzentados e encarar aquelas feições finas para saber que ali estava sua mãe. Trajava um vestido leve e trazia um sorriso sutil no rosto; os longos cabelos estavam presos numa trança arrumada.

– Filha. – o tom de voz dela era suave como uma carícia. Moira fechou os olhos, deixando-se inebriar pelo amor na voz da mãe. – Sentimos saudades.

– Eu também. – Moira conseguiu chorar de volta.

Encarou o pai, cujas feições sérias moldavam-se em ansiedade, e Lucy, com seus olhos banhados em carinho. Todos tão familiares, tão próximos da garota...

Moira piscou.

O pai pareceu notar sua hesitação, pois deu um passo à frente.

– Moira querida, somos nós. Viemos buscá-la.

– Como... Como chegaram aqui? – Ela indagou confusa.

– Isso não importa meu amor. – sua mãe replicou displicente. – O que importa

é que a encontramos. Estamos juntos novamente. Para sempre.

– Não... – Moira balançou a cabeça. – Isso não pode ser real. – sua mente turva custava a acreditar naquela afirmação. – Você... Está morta. – arrependeu-se da fala, pois os olhos da mãe ficaram marejados. – E você... – encarou o pai. – Você foi levado por Blackburn.

– Você nos chamou aqui, minha querida. – o tom do pai foi duro, como quando ele dava broncas em Moira, durante a sua infância. – Nos convocou. Seu medo de nos perder fez com que viéssemos ao seu encontro. Estamos aqui por você, e assim ficaremos para sempre.

– Não! – Moira exaltou. – Vocês precisam ir! Seu lugar não é aqui.

– Nosso lugar é onde você estiver. – Sua mãe se aproximou com a mão estendida para acariciá-la. Moira sonhara com aquele toque durante tantos anos, sonhara em receber o carinho de sua mãe, em ouvir suas histórias, em conhecê-la, como nunca tivera a oportunidade.

– Não me toque! – Moira esbravejou. – Não... Não é real. – Tropeçou para trás, de modo a se afastar deles.

– É claro que é real. Nós sabemos o que você sente, entendemos o que se passa em seu coração. Somos a representação disso. – Lucy disse calmamente, um sorriso suave erguendo o canto de seus lábios. – Estamos aqui porque você nos teme. Seu maior medo é nos deixar para trás. Esquecer-nos. E não importa o quanto lute, jamais vencerá isso. Aceite de uma vez. – A maneira automática com que Lucy disse tudo aquilo trouxe calafrios à Moira.

Não conseguia se afastar da dúvida. A névoa que inebriava sua visão também atormentava seus pensamentos; não conseguia pensar com clareza, e a dor em seu peito só aumentava. Temor espalhava-se por seus sentidos, enfraquecendo-a.

– Moira, querida, venha conosco... – sua mãe continuou com a mão estendida. – Tudo ficará bem.

Moira fechou os olhos e trombou contra a escada para o convés superior. Os três continuaram chamando por ela, clamando como almas penadas, trazendo agonia à garota; ela escorregou por um dos degraus, sentindo lágrimas de desespero rolando por seu rosto.

– Parem, por favor. *Parem!* – berrou ao fim, a voz estourando pelos arredores. Abriu os olhos para encontrá-los serenos, nada abalados por seu tom carregado de fúria. – Vocês não são a minha família! Eu não deixei quem amo para trás! – Retrucou determinada. Precisava lutar contra aquilo.

Precisava demonstrar força; não seria submissa do pânico.

Três pares de olhos a encararam com curiosidade, como se seu tom não os abalasse. Moira engoliu em seco, sem saber o que fazer, quando uma voz distante chamou por seu nome. Ela sabia que conhecia o dono dela, mas sua

mente entorpecida se recusava a dar-lhe ouvidos.

Moira virou o rosto, mas encontrou a neblina forte a cegá-la. A bruma só lhe dava visão de seu maior pesadelo. Deixava apenas seu medo ao alcance de seus olhos.

– *Moira!* – Fechou os olhos, buscando concentração. *Stark?* Uma pontinha de sua consciência se lembrou.

A faísca de sua memória sã não pareceu agradar aqueles que a seguiam. A expressão de Lucy foi deturpada por uma máscara sombria, e o olhar de seus pais chegou a arrepiar os pelos de sua nuca.

– Venha conosco. – Sua mãe exigiu uma última vez.

– Nunca. – Moira rebateu com bravura. Os três avançaram de uma vez, braços puxando Moira pelas roupas e pelos cabelos, ansiando por tê-la em seu controle novamente. A garota gritou desesperada e disparou escadaria acima, livrando-se dos três enquanto corria.

Não vou deixar quem amo para trás. Isso é só um pesadelo.

Subitamente, sentiu seu corpo bater contra outro, tão sólido quanto o de seus pais. Tentou se esquivar do aperto que a segurou, mantendo os olhos fechados, mas ao arriscar olhar para cima, despencou de alívio.

– Sebastian. – o nome dele escapou de sua boca como uma oração desesperada. O pirata a puxou para si, passando os braços fortes ao redor de seu corpo. – Meus pais... Eles...

– É a névoa, Moira. Já passou. Você enfrentou seu medo.

Foi então que algo se acendeu na mente da garota.

– Armand. Ele está em perigo!

x x x

Armand não sabia explicar o que sentia. Todo um turbilhão de emoções ruins fluía por ele, causando mal estar e desespero. Ele nunca antes sofrera tamanho abalo emocional, ainda mais sem motivo algum.

O rapaz não se tinha ciência de que fora frio com Moira e muito menos de como alcançara a amurada do navio. Tudo o que sabia era que sua mente mergulhara num torpor de agonia e que não havia como sair dele. Armand vinha ignorando as sensações mais fracas, porém semelhantes a aquelas, desde que Iolanda o fizera ter aquela visão.

Qualquer que fosse a magia infligida ao mapa, havia perturbado sua sanidade. E agora estava ali, a beira de um colapso, tudo por causa da névoa.

Suas mãos apertaram com força a amurada. Seus olhos continuavam fechados, tentando focar no vazio da visão para se esquecer do embrulho em seu

estômago. Para seu assombro, no entanto, ao abrir os olhos, encontrou a mesma cegueira que buscava. Uma cegueira pálida.

Armand desencostou-se e deu alguns passos numa direção incerta, encontrando o vazio. Os piratas, Terence, *sua Moira*... Todos perdidos em meio à névoa.

Ignorando o mal estar, Armand continuou sua caminhada rumo ao desconhecido, mas a teve interrompida. Ouviu uma voz o chamando ao longe. Era perfeitamente reconhecível, e disparava seu coração de uma maneira quase insana. Mas onde estava a dona dela?

Moira veio em sua direção logo que a pergunta formou-se em sua mente. Armand sorriu involuntariamente, observando, fascinado, como ela conseguia ficar mais e mais bela conforme o tempo passava. Era tão delicada e preciosa, mas ao mesmo tempo emanava uma espécie de força determinada, os olhos da cor de uma tempestade fitando-o com intensidade.

A garota vestia-se como uma pirata. O decote em seu busto era largo e deixava o medalhão com o rubi à vista. Os cabelos fartos e longos deslizavam por seus ombros, quase alcançando a cintura.

Ela parecia selvagem e sedutora, como o oceano. O rapaz engoliu em seco, nervoso pela aproximação.

– Moira. – Ele murmurou ansioso. O sorriso dela alargou-se. A garota estendeu os braços na direção do rapaz, que se preparou para recebê-la num abraço apaixonado.

Então Moira passou por ele.

Armand a seguiu, assombrado, para encontrá-la nos braços de outro.

Moira foi recebida por Sebastian Stark.

Armand, enojado, viu o pirata deslizar as mãos pelo corpo da garota, sem pudor algum. O capitão prendeu o rosto de Moira ao seu, e a garota mergulhou em um beijo sôfrego.

– Não! – Armand berrou.

Adiantou-se para separá-los, mas o casal mudou de localização, aparecendo atrás de si, ainda aos beijos.

O amor que irradiava deles era intenso, trazendo desespero ao rapaz apaixonado.

– Moira, não! – Ele pediu, desamparado. – Por favor.

A garota se afastou do pirata, mantendo seu corpo unido ao dele, para lançar a Armand o mais curioso dos olhares.

– Você nos chamou aqui, Armand. Seu maior medo. Nós fomos convocados e viemos para atendê-lo. – ela abriu um sorriso perverso, assustadoramente semelhante ao do capitão pirata. – Eu sou de Sebastian, agora, e ele é meu. Não

há nada que você possa fazer. Você não lutou por mim, não me aceitou.

– Não, você... Não pode ir com ele. – angustiado, o rapaz retrucou. Moira riu suavemente; não zombava, mas não parecia acreditar em suas palavras. – Eu a amo.

– O que você quer fazer, Armand? Você me deseja? – Moira subitamente apareceu em sua frente, o corpo perigosamente colado ao seu. – Pode lutar contra o medo, mas não vai conseguir se livrar dele. Eu sou seu maior medo, Armand. Perder-me, me perder para Sebastian, me perder para o mundo e sua imensidão... Isso o abala. – Ela o incitou a negar, incitou-o a enfrentar o medo de perdê-la, mas Armand desabou pelas palavras tão verdadeiras. Ele aceitou aquilo.

– Você me destrói Moira. – O rapaz sussurrou com agonia, mas as palavras saíram inundadas por amor. Moira sorriu satisfeita.

– *ARMAND!* – o grito reverberou pela paisagem. A Moira a sua frente tremulou como um reflexo na água. – Armand, não!

Ele fechou os olhos. Moira gritava por ele, mas ela estava ali, bem à sua frente.

– Não vai fugir por muito tempo. – a Moira de sua visão murmurou, sombriamente. – *Na cidade esquecida, a morte virá para buscar aquilo que pertence a ela.*

A imagem desvaneceu aos seus olhos, e o rapaz voltou a si a tempo de ver-se de pé na amurada, prestes a saltar do navio. Armand desequilibrou-se e caiu para trás, de costas contra o chão duro do convés. Moira, *a verdadeira*, gritou pelo susto e correu em sua direção.

– Armand, você está bem? – Ao olhar para ela, no entanto, o rapaz sentiu aquela tempestade de emoções. Lembrou-se da imagem nítida da garota esmagando seu corpo delicado ao do capitão Stark que, para sua infelicidade, estava logo ali atrás, exibindo um semblante curioso.

– Não me toque! – Ele se afastou, delirando.

Moira encarou Sebastian com preocupação. Armand tomou aquela troca de olhares como uma ofensa e, inebriado pela loucura, partiu para cima do capitão do navio. Moira arfou com a cena dos dois brigando e correu para separá-los, mas assombrou-se com o olhar insano que dominava o rosto de Armand.

– Socorro! – Ela gritou, desamparada. Não era páreo para apartar aquela briga e temia que algo horrível viesse após dela, visto que Stark tinha uma arma presa ao cinto e Armand usava de uma expressão assassina.

– *Ela é minha!* – Armand gritou colérico.

Sebastian acertou um soco no rosto dele, empurrando-o para longe. Moira conseguiu colocar-se a frente do capitão, parando Armand. Foi o tempo perfeito

para que um James tonto, porém consciente, viesse ao seu auxílio.

– Armand enlouqueceu! – Moira exaltou, desesperada.

A névoa ao seu redor começava a se dissipar, tornando a visibilidade um pouco mais aceitável, mas aquela bruma que inundava a mente do rapaz ainda não. Diferente de Stark e de Moira, Armand havia aceitado aquilo que o enfraquecia, e não lutado contra. A segunda armadilha tinha alcançado mais uma vítima.

Mas não por muito tempo.

Uma afobada Iolanda veio correndo em sua direção, usando um pedaço de madeira para guiar sua cegueira pelo convés. A velha índia parecia mais louca do que o usual, o rosto afoito em ansiedade. James e Sebastian contiveram Armand quando Iolanda abraçou Moira, e começaram a arrastá-lo na direção do porão.

– Moira, onde está Armand? – A índia indagou num rompante.

– Ele está aqui. Mas... Não sei, parece ter perdido a cabeça. – A garota respondeu confusa.

– Preciso de vocês dois na cabine. Agora.

x x x

Moira não sabia o que esperar daquilo, mas seus olhos observavam a cena com pavor. Iolanda estava de pé recitando algumas palavras numa língua estranha, de uma maneira cantada, e Armand encontrava-se sentado – amarrado à cadeira, claro – os olhos faiscando em raiva para cima dos seus.

O rapaz fora levado até a cabine, como ordenado pela índia. Ela expulsou Sebastian e James logo depois, alegando ser perigoso demais para que assistissem ao ritual. *Ritual? Que tipo de ritual?* Moira havia indagado em pânico.

– Suas almas são entrelaçadas pelo destino, mas o fio que as une está prestes a arrebentar. A névoa atacou a sanidade do menino. Catástrofes imensuráveis ocorrerão caso você e o rapaz se percam, minha querida e... Kitara havia me alertado. – Iolanda a sentou em frente a Armand e fez Moira prometer que nada diria até o fim da cerimônia. – Eu sinto muito, muito mesmo não ter explicado sobre isso antes. A cidade perdida precisa ser encontrada. As peças que faltam para o quebra-cabeça se encaixar estão em suas mãos – apontou para os dois jovens. – Você precisa ter força e bravura daqui para frente, Moira, e precisa proteger Armand. Vocês dividirão um importante laço de sangue e então cumprirei minha promessa feita há tantos anos... Minha parte nesta história chega ao fim.

– Iolanda, o que...?

– Quieta! – a mulher ergueu as mãos e começou a recitar aquela língua esquisita. Moira tentou se levantar, mas uma força poderosa a empurrou de volta, obrigando-a a permanecer ali. Amedrontada, assistiu quando as velas da cabine tremularam, ainda que não houvesse vento ali. Encarou Iolanda com ansiedade, mas nenhuma palavra conseguia sair de sua boca.

– Ó espíritos do céu... – Iolanda rogou, erguendo a voz. – *Protejam os frutos de caminhos ligados à crueldade. Tomem meu sacrifício como oferenda para que seu laço se fortaleça.*

Moira arfou quando a mesma força que a mantinha sentada serpenteou ao seu redor. Encarou Armand, cujos olhos começaram a recuperar a sanidade perdida, e sentiu em si mesma uma mudança brusca; como se seu âmago inflasse com força e poder. Ela não conseguia entender o que se passava, mas o ritual a estava fortificando; mais do que seu treinamento, mais do que a própria coragem, era um poder ancestral drenando suas veias, correndo por seu peito e mente, clareando sua consciência.

Ela ergueu os olhos para Iolanda no exato momento em que a velha mulher puxou uma faca do cinto de seu vestido.

– Obrigada por ter permitido que eu vivesse esta aventura, minha querida.

Lançando um último sorriso a Moira, Iolanda cravou a lâmina em seu próprio peito. A garota gritou, mas nada pode ser feito.

A vida desvaneceu do corpo da mulher e a cabine despencou numa escuridão sepulcral.

CAPÍTULO XXIII

A cabine estava envolta em escuridão, mas havia uma fraca luz vinda pela janela, indicando que o amanhecer se aproximava. Moira tentou mover as pernas, mas estavam bambas demais para qualquer movimento. A garota desabou, usando as mãos para impedir que o rosto batesse contra a madeira, e pôs-se a se arrastar debilmente até alcançar o corpo de Iolanda. A poça de sangue que deveria rodeá-la não existia, como se o sangue não tivesse sido derramado pelo seu corpo – a garota imaginou que aquilo fazia parte do ritual. O sangue da índia devia ter sido recolhido pelos espíritos convocados.

Inutilmente, buscou por um mínimo sinal de vida na mulher, mas ela realmente se fora. Moira se sentou ao seu lado, encarando aquele rosto sereno cheio de sabedoria e mistério. Fechou seus olhos com delicadeza, fazendo uma prece para que a índia fosse bem recebida no Paraíso. Examinou a adaga usada para o sacrifício e sentiu uma energia arrepiante pairando sobre a arma; largou-a imediatamente e se afastou. Não queria mais saber de rituais daquele tipo.

Ouviu um gemido e virou-se para Armand, cuja cabeça pendia para frente. Arrastou-se até o rapaz e se ajoelhou ao seu lado, esperando por alguma reação enlouquecida da parte dele. Porém, os olhos que se ergueram para fixar a face da garota eram os puros de antigamente – Moira suspirou de alívio.

Armand estava de volta.

– Ei. – ele a chamou. – O que houve aqui?

– Coisas demais, Armand. – ela não quis entrar em detalhes. Estava exausta e sentia-se estranha, como se alguém tivesse revirado sua mente; consequência do ritual, provavelmente. – Aqui, deixe-me soltá-lo. – Moira usou a faca que carregava para cortar as cordas, libertando o confuso rapaz.

Armand examinou o ambiente e, assim como ela, não teve forças para se levantar. Moira o ajudou a permanecer sentado e lhe garantiu que voltava logo; precisava avisar a todos lá fora que a situação fora amenizada. Só não sabia como mencionar a morte de Iolanda.

Ao sair da cabine, avistou, lá na frente, Sebastian discursando para sua tripulação. Tirou um momento para observar os trejeitos decididos do capitão, cuja voz carregada de sotaque e poder ecoava pelo convés. A névoa havia

desaparecido por completo agora, expondo-os a um belíssimo nascer do sol.

Alguns marujos haviam sucumbido à segunda armadilha, Moira reparou. Uma pilha de aproximadamente sete corpos encontrava-se afastada, pronta para ser lançada ao mar; *Iolanda os acompanharia*, pensou com um calafrio.

A garota marchou até que ficasse visível para todos. Stark interrompeu o discurso para encará-la, preocupação e ansiedade cintilando em seus olhos.

– Armand ficará bem. – Moira disse com firmeza, os olhos jamais se desviando da figura do capitão.

– Iolanda está cuidando dele? – Tobias, cujo rosto estava marcado pelo fantasma de seu próprio medo, indagou. Moira respirou fundo e manteve a pose rígida ao prosseguir sua fala.

– Iolanda está morta. – um burburinho ergueu-se entre a tripulação, perguntas misturadas a exclamações indignadas. Moira baixou ligeiramente o rosto, em sinal de condolência, e então ergueu os ombros. *A tragédia já havia ocorrido, não havia nada que pudesse ser feito.*

– *Diabos.* – Sebastian esbravejou antes de se aproximar de Moira para saber sobre o ocorrido. Sua expressão beirava a incredulidade, ainda que, com a descrição da garota, compreensão tivesse assumido seu olhar. O capitão exigiu que a tripulação voltasse aos seus afazeres, enquanto cuidava de recolher o corpo de Iolanda para o adeus. – Moira? – ela o encarou. – Vá descansar, você precisa disso.

E assim Moira o fez.

X X X

Armand tinha um corte na ponte do nariz, mas, por sorte, o sangramento não fora exagerado.

Depois que Sebastian tirou o corpo de Iolanda da cabine, Moira retornou até lá. Ainda que um ritual e uma morte tivessem ocorrido ali, a áurea do lugar não podia ser mais tranquila. Como se Iolanda tivesse deixado seu espírito repousar como deveria, como se sua morte não devesse ser vista como uma tragédia.

Armand havia desabotoado a camisa manchada pelos respingos do líquido escarlate, de modo que seu tronco nu estava exposto para apreciação da recém-chegada. A pele branca era menos pálida que a de Moira e havia uma sequência de músculos bem trabalhados descendo pelo abdômen do rapaz.

Moira sentiu rubor subindo a sua face, mas, curiosamente, não se retirou. Armand a encarou com um pouco de embaraço, principalmente ao vê-la fechando a porta atrás de si.

– Está tudo bem com você? – Moira indagou.

– Não foi nada demais. – ele deu de ombros. – Um corte, um pouco de dor de cabeça.

– Deixe-me ajudá-lo com o curativo.

– Não há necessidade disso. – Armand sorriu agradecido. Moira delineou a silhueta dele com o olhar, sentindo um curioso calor alastrar-se por seu peito. Desviou a atenção, fixando-a nos olhos claros que a encaravam com discrição.

– Eu insisto. – Moira retribuiu o sorriso.

Buscou por um pedaço de pano e por água e fez com que Armand se sentasse para que ela pudesse tratar do corte em seu nariz. Ficou de pé à frente dele, segurando seu rosto com uma das mãos enquanto a outra limpava o sangue seco ao redor do ferimento. Seus dedos acariciaram suavemente a pele do rapaz, descansando sob seu queixo.

Armand não se moveu quando a ela o tocou, mas Moira tinha certeza de que o ouviu prendendo a respiração; os olhos dele estavam fechados, mas havia um indício de sorriso no canto de sua boca. Um gesto sutil, quase imperceptível, mas que trouxe um agradável calor ao âmago da garota. Ela afastou o pano do ferimento agora limpo, mas manteve a mão sob o rosto de Armand.

Ele notou a pausa e abriu os olhos, mirando o par de íris da cor do mar nas de tempestade de Moira. Houve, naquele contato, mais emoções do que palavras conseguiriam delinear. Armand empertigou as costas e descansou o rosto um pouco mais sobre o toque de Moira, beijando a palma de sua mão em seguida.

Moira engoliu em seco e deslizou a mão livre pelo ombro dele, encontrando o espaço em que a camisa aberta havia escorregado, deixando a pele morna dele livre ao toque. Seus dedos traçaram o contorno da clavícula, dançando em direção à nuca do rapaz, passeando pelos fios claros de seu cabelo desalinhado, arranhando seu couro cabeludo; Armand arrepiou-se, e seus olhos perderam-se no que parecia uma maré de descontrole. Moira traçou os detalhes do rosto dele com o olhar minucioso, demorando-se nos lábios cheios e tentadores que pareciam ansiar pelos seus.

Armand ficou de pé num rompante, mas não a afastou. Seus braços fortes rodearam a cintura da garota, prendendo-a junto a si e, por um instante, seus rostos pairaram na mesma altura. Os olhares se afogaram em ansiedade e carinho, e então Armand a beijou.

Como da primeira vez, havia no toque dele uma pincelada de extremo cuidado misturada a um turbilhão de desespero. Ele agarrou-se a Moira, abraçando-a com delicadeza. A garota apoiou-se nos ombros dele, deixando que suas mãos bagunçassem o cabelo claro do rapaz.

Moira sorriu sob o beijo, deliciada com a sensação confortante que Armand desprendia em seu corpo. O gosto dele, açúcar e canela, continuava ali, sutil e

familiar como o seu olhar e seus sorrisos. As mãos dele eram de toda uma minuciosa firmeza, apertando sua cintura no que Moira considerava algo recatado e ansioso. Ele a prendia, roubando seu fôlego e seu autocontrole; naquele instante, o mundo e os deuses não existiam. Apenas Armand.

Seu Armand.

Moira gostaria de entender de onde viera tanta paixão e desespero, de onde Armand havia tirado tamanho desejo para arrancar dela um beijo tão sôfrego. De onde aquela chama havia surgido dentro dela, ansiando por ter Armand só para si. Os lábios dele eram cálidos, mas não houve lentidão quando deslizou a língua sobre a dela. Moira se deixou levar pelo garoto, mergulhando em seu toque, sua presença, seu carinho e seu amor. *Amor...* Sim, ele desprendia amor. Ela conseguia senti-lo em suas carícias, em seu beijo, em sua respiração arfante. O coração dele batia freneticamente contra o dela, e Moira sabia que o ritmo em seu peito o acompanhava.

No que pareceu horas depois, Armand tomou a iniciativa de se afastar. Manteve o rosto de Moira preso as suas mãos, deixando que as respirações ofegantes se misturassem. Ela o encarou com surpresa e encanto, enquanto ele se afogava em choque.

– Moira... – Seu nome, sussurrado com tanta leveza e timidez, a fez sorrir. Passou os braços ao redor dos ombros dele uma vez mais e enterrou o rosto na curva de seu pescoço, beijando a pele do rapaz, entregando-se ao abraço dele novamente.

Não precisaram dizer mais nada um ao outro. Pelos minutos que se seguiram, eram apenas Armand e Moira, como no passado. Longe de maldições e piratas e infortúnios inesperados.

x x x

Ela veio a descobrir que cultivou um sono duradouro e pesado, pois anoitecia quando despertou. Moira cambaleou para fora da cama, encontrando a cabine no breu de antes, e um arrepio a lembrou de que fora ali que a vida de Iolanda estilhaçara como uma frágil taça de vinho. Outro arrepio correu por sua espinha ao recordar-se dos beijos trocados com Armand, horas atrás.

Desde o estranho ritual, Moira vinha sentindo uma peculiar energia vibrando por seu corpo. Fora aquilo que a acendera em direção a Armand, durante seus beijos. Era algo intenso, poderoso, como se ela não fosse mais a mesma. Tinha receio, mas achou que isso tivesse ligação com o ritual realizado por Iolanda.

Podia jurar que suas emoções estavam mais fortes, que sua postura já não se contraía em timidez. Encarou as próprias mãos, buscando alguma diferença, mas

seus dedos longos, magros e pálidos continuavam os mesmos.

Ouviu altas conversas lá fora e saiu para averiguar. Encontrou o convés envolto em um clima de alegria e bebedeira, onde barris de rum eram rolados de um lado para o outro, abastecendo canecas vazias. Garrafas também se distribuíam de mãos em mãos, espalhando embriaguez para as mentes perturbadas dos piratas.

A garota encarou a cena com crescente surpresa.

Sebastian estava parado no alto da escada e, como antes, Moira aproveitou alguns segundos para observar a silhueta do capitão.

Stark vestia suas roupas pretas usuais e a brisa leve balançava a ponta de seu longo casaco. Um lampião lançava dourado sobre as sombras que o encobriam, contornando a face de belos traços com o brilho das chamas. Os olhos azuis fixavam-se no horizonte, alheios à festa da tripulação, e uma garrafa cheia encontrava-se em sua mão.

Rostos conhecidos perdiam-se em meio a canções enroladas e gritos exaltados quando Moira resolveu conversar com o capitão.

x x x

James compartilhou do brinde proposto por um marujo bêbado, ainda que não entendesse qualquer palavra que saía pela boca daquele homem. Rindo, o pirata louro sorveu um grande gole de rum, mantendo o sorriso bobo no rosto enquanto seguia na direção do barril para pegar um pouco mais.

Ele não sabia qual rodada era aquela e muito menos queria se importar com aquilo. Depois de uma tragédia, vinha à bebedeira. Só o álcool podia espantar de suas mentes o terror que viera para assombrá-los mais cedo.

James tropeçou nos próprios pés, desculpando-se com um pirata que esbarrou em seu corpo. Ergueu os olhos para o barril e capturou, com a visão periférica, uma figura solitária sentada na amurada do navio. Arqueou as sobancelhas para a cena, deixando que sua atenção se perdesse na figura bela envolta em escuridão.

Espiou ao seu redor para ter certeza de que ninguém o seguiria, pois não desejava compartilhar aquele momento com outro bêbado. Cambaleante, tentou usar de sua postura mais charmosa para se aproximar da primeira imediata.

Tamina mantinha uma perna do lado de fora do navio e a outra balançava suavemente em seu interior. O corpo pendia para trás e uma garrafa de rum quase vazia podia ser avistada em sua mão; o cabelo longo e volumoso estava solto e esvoaçava atrás de si, acompanhando a brisa da noite. Estava sobrenaturalmente atraente, quase divina.

James não se pronunciou. Apenas parou ao lado da mulher e pôs-se a observar o imenso oceano ao seu redor, ignorando o fato de que Tamina lançava um de seus olhares mortais pela interrupção da solidão.

– Atrapalho? – Ele fez-se de cínico. Um momento de silêncio transcorreu em que Tamina semicerrou os olhos.

– Não. – a mulher retrucou de volta. – Tem bastante espaço para nós dois. – Mas, curiosamente, ela não se afastou. Sorveu mais um longo gole da bebida e depois encarou a garrafa vazia com desânimo. James ergueu sua caneca.

– Um gole em troca de seus pensamentos, bela. – O pirata sussurrou sedutor. Tamina abriu um sorriso bem humorado, mas rolou os olhos para ele, como se a tática não tivesse funcionado.

– Pensamentos como os meus são sombrios demais para serem compartilhados numa noite de alegria. – replicou sagazmente. Roubou a caneca da mão do loiro e virou mais um longo gole, abrindo um sorriso satisfeito depois disso. – Mas e você? Gostaria de compartilhar algo comigo?

– Ah, há muitas coisas que eu gostaria de compartilhar com você... – James aproximou seu rosto da pirata e o olhar dos dois prendeu-se por alguns segundos. Tamina tomou a iniciativa de se afastar, armando uma expressão desgostosa. – Mas, já que insiste... – James brincou. – O que houve, mais cedo?

– O que quer dizer? – A postura dela ficou tensa.

– Ora, vamos... Todos nós sofremos um bocado. Por que não dividir isso com um amigo?

– Não somos amigos.

– Quando bêbados, não existe inimizade. – o sorriso dele foi brincalhão. Tamina riu, por efeito do álcool provavelmente, e não deixou de concordar. – Como fez? Para enfrentar seu medo? – O clima animado de repente pesou, como se uma nuvem negra pairasse sobre os dois. Os olhos de Tamina ficaram mais sombrios e o olhar se perdeu num devaneio; ela se recordava do pesadelo que vivera durante a segunda prova.

Assim como James.

Horas atrás, imerso na névoa, o pirata havia encontrado um espelho à sua frente.

Houvera confusão, no início, mas pareceu fácil. Sem saber o porquê de o objeto estar ali, James havia se deixado admirar o próprio reflexo, sorrindo com satisfação ao encontrar um homem sedutor em tão boa forma. No entanto, a névoa obscureceu sua visão, e, ao olhar novamente para a superfície refletora, encontrara o rosto de um homem que o assombrava havia muitos anos.

James vira, no espelho, a face de seu pai. Há muito esquecido, era uma figura deixada junto a um passado que o pirata desejava poder apagar de sua memória.

Um homem da marinha, cruel, alguém de quem o filho não queria se recordar jamais. Com assombro, o loiro se afastou, inebriado em desconfiança, mas a imagem era tão nítida que se tornava impossível duvidar de sua veracidade.

O pai usava o uniforme impecável de antigamente e, em suas feições assustadoramente parecidas as de James, havia *orgulho*.

Estranheza moldou o olhar do pirata, pois orgulho nunca fora uma emoção demonstrada pelo pai. Desgosto, fúria, vergonha... Isso sim acompanhava o rosto do velho oficial da marinha.

– James. – a voz dele soou idêntica a dos seus pesadelos. – Que bom que me convocou aqui.

– Eu não o chamei. – O pirata retrucou enfurecido.

– Claro que convocou. Sua consciência me quis aqui, e então eu vim. – o pai sorriu suavemente. – Estou tão orgulhoso de você, filho.

– Orgulhoso por quê? Por eu ter me tornado um dos piratas mais procurados desses tempos? – Um sorriso sarcástico ergueu-se no rosto de James. O pai não pareceu se importar com a alfinetada.

– Por você ter seguido meus passos. – James hesitou. – O que? Acha que, só por ter escolhido a pirataria, se afastou de ser alguém como eu? Está errado, filho. Nossas mentes trabalham como uma só. Ainda que distante, você compartilha da força que rege nosso sangue.

– Mentira. – James retrucou colérico. A possibilidade de ser um homem como ele, como a pessoa que mais detestou durante toda a sua vida, lhe tirava a razão. – Eu nunca vou ser você!

O pai abriu um largo sorriso, beirando a insanidade.

– Você já é. – O velho disse.

James ergueu o punho e socou o espelho, unido de um grito enfurecido, e o vidro estilhaçou aos seus pés, explodindo numa nuvem de fumaça. Caiu de joelhos, mas forçou-se a não se abalar por aquilo. *Não. Isso é mentira. Eu não sou como ele.*

– E você é? – James ergueu os olhos. Notou que havia contado tudo a Tamina, sem omitir uma única palavra do ocorrido. Os olhos dela brilhavam de maneira diferente, beirando a compreensão.

– O que disse?

– Você é como ele? Refletiu sobre o que foi dito?

– Eu não sou. – James fechou a cara, exibindo um olhar perigoso. Tamina não recuou frente a sua expressão sombria. – Jamais serei.

– O que há de tão errado em seguir os passos de seu pai, afinal? Qual parte sombria do seu passado ele assombra?

– A parte cruel. A parte em que abandonei tudo para seguir uma vida alheia

ao terror que meu pai construía.

Tamina tirou a caneca da mão de James, os dedos de pele quente roçando sobre os dele, bebendo quase metade do conteúdo de uma só vez. O pirata encarou-a abertamente, aproveitando o toque para inebriar-se pelo calor dela. – E quanto a você?

Ela franziu as sobrancelhas. Mais tarde, diria que havia sido influenciada pelo álcool. Mais tarde, mentiria, dizendo que não havia dividido um momento tão íntimo com um canalha traidor como James. No momento, no entanto, encontrou um conforto peculiar naqueles belos olhos verdes.

– Eu me vi voltando à vida que tinha antes de embarcar na pirataria. – Tamina comentou com amargura. – Voltei ao bordel no qual nasci e cresci. Naquela visão, revivi o medo de me tornar fraca novamente, submissa ao desejo de um bando de homens nojentos.

James a encarou com surpresa.

Medo de ser fraca. Que mulher fascinante era aquela à sua frente. Havia tanta ferocidade e bravura irradiando de seu olhar que não havia como desviar o foco de sua figura.

Tamina era poderosa e tinha ciência disso. Perder aquele poder a amedrontava. Perder o controle sobre sua vida, suas capacidade de decidir, voltar a se submeter ao capricho dos outros; esse era seu maior temor. Tamina, no entanto, não comentou como se livrou da armadilha. James sabia que ela não dividiria aquilo tão fácil. E nem precisava saber, aliás. O fato de ela ter superado os medos já o deixava satisfeito.

A pirata desceu da amurada após o breve momento de silêncio, colocando-se ao lado de James.

O loiro inspirou profundamente o perfume de maresia e jasmim que vinha da primeira imediata, e a atração por ela ficou um pouco mais insuportável de se controlar. Ele desejou saber se todo o corpo dela era tão quente quanto sua mão, e até onde o calor dela se estendia sob o seu corpo.

– Não espere gratidão por esse diálogo nosso, Carter. – Tamina disse casualmente, os olhos fixos na tripulação que festejava. James ergueu um sorriso satisfeito e virou o resto da bebida que faltava. – Mas saiba que o entendo.

– Por que, exatamente?

– Por temer sucumbir aos desejos de outra pessoa. Você é assombrado pelo fantasma de um pai, eu, pelo meu próprio. Fico satisfeita por saber que também soube deixar seu passado para trás. – Tamina abriu um rápido e inédito sorriso para ele, do tipo suave, e então se afastou, deixando o pirata com seus pensamentos.

X X X

– Ei rapaz. – James estava sozinho desde que Tamina se fora, desaparecendo entre sua tripulação, e encontrou companhia no silencioso e aparentemente amedrontado Tobias.

– O capitão não quer que eu fale com você.

– E o capitão dita seus passos, por acaso? Você é um homem livre. – James sorriu brincalhão. O elogio a uma falsa maturidade do garoto pareceu entalecer o ego dele. Tobias ergueu os olhos amuados para o loiro, e havia neles o mesmo terror com o qual James lutara loucamente horas atrás. – Você está bem?

– Não. – Tobias confidenciou. – A névoa... Me fez ver coisas horríveis.

– Seus medos, em? – o pirata sorveu um longo gole de bebida. Não importava o quanto se embebedasse, dificilmente esqueceria o ocorrido durante a segunda armadilha. – Todos sofremos um bocado, mas já ficou para trás.

– Não ficou. – o menino estava encolhido, a voz soava fraca. – Blackburn ainda virá atrás de nós.

– Ah, ele é seu maior medo? – James não ficou surpreso. O pequeno tripulante era assustadoramente jovem, uma criança perdida, e Blackburn devia assombrá-lo como fazia a muitos outros.

– Eu não o vi, exatamente, mas era ele ali. A névoa o fez me perseguir, e fugir foi a única coisa do qual fui capaz. – Havia uma espécie de repreensão na voz do garoto, como se ele odiasse ter sido covarde.

– Eu teria fugido também, se estivesse no seu lugar. – Tobias ergueu um olhar surpreso. – O que? Acha que, por eu ter sido contramestre daquele diabo, tenho coragem? Blackburn não é um homem qualquer, garoto, e só os tolos têm coragem de ficar cara a cara com ele.

– Então é verdade? Que nunca ninguém viu o rosto dele? Que dizem tratar-se do próprio Davy Jones? – O clima ao seu redor pareceu sobrenaturalmente mais tenso. James franziu os lábios e bebeu mais rum, dissipando os pensamentos sombrios numa onda de euforia alcóolica.

– O velho lobo do mar que é Blackburn só é sensato o suficiente para ficar escondido em sua cabine, longe de oficiais que venham caçá-lo ou piratas que queiram marcar seu rosto. Há uma espécie de sombra sob o capuz daquele chapéu, algo assustador, confesso... Mas o próprio Jones? *Nah*. – o loiro então franziu as sobrancelhas. Mas quem poderia garantir? Quem podia dizer, com certeza, que Blackburn não era Davy Jones? O pai de Moira? Assombrado e traumatizado por ter ficado cara a cara com aquele monstro? A ideia lhe consternou. Pensar que estivera servindo a Jones esse tempo todo era absurda, mas possível. E lhe arrepiava os pelos do corpo. – Quer saber? Chega disso. –

resmungou. – Blackburn é só um homem muito mau. Todos fazemos maldades de vez em quando. O segredo é saber deixar as sombras para trás.

James fora um deles. Realizara crueldades para tentar fugir do pesadelo que era seu pai, mas que, ironicamente, acabou aproximando-se dele. James enfim entendeu o que a paisagem aterradora de antes quisera lhe mostrar; a bordo do Tormenta das Águas, James Carter era a imagem e semelhança do homem a quem tanto odiara.

Talvez ali, no Espírito de Gelo, ele pudesse criar uma imagem só sua. Um novo James Carter – afinal, já estava fazendo isso. Ajudara Moira, criara um vínculo com ela, e podia dizer o mesmo de Tamina.

Blackburn era mau, mas todos os homens agiam assim uma vez na vida. E essa fase de James havia sido deixada para trás.

x x x

Moira não hesitou ao ser encarada por ele. Ela continuou sua subida pelas escadas, mantendo o rosto sereno, até que parou ao lado do de Stark, apoiando as costas contra o corrimão.

– Por que toda essa celebração? – Moira indagou num rompante. Sebastian arqueou uma sobrancelha para ela, curiosidade estampando seu olhar. – Quero dizer... Perdemos muitas pessoas hoje. Por que comemorar quando deveríamos lamentar suas mortes?

– Ninguém aqui, morto ou vivo, gosta de ouvir lamentações, amor. – Sebastian encarou seus marujos. Ele falava de maneira muito aberta, Moira notou; não havia palavras evasivas. O álcool provavelmente já ia alto à cabeça do pirata. – E estamos fazendo isso por Iolanda, principalmente. Era parte da crença de seu povo. Uma noite regada a sorrisos para impedir que lágrimas manchassem a travessia de uma alma para o plano espiritual.

– Uma bela maneira de pensar. – Moira admitiu.

– Aye. E também por que o rum é o melhor companheiro para situações trágicas. – Stark abriu um sorriso malicioso. – Nada como o álcool para apagar de nossas memórias os fantasmas que resolveram nos assombrar. – Moira se lembrou dos pais e de Lucy e foi como se gelo escorregasse por sua pele, arrepiando-a. Sebastian estendeu a garrafa de bebida para a garota, que a aceitou sem pensar duas vezes.

Como antes, o rum desceu queimando por sua garganta, mas ela não engasgou desta vez. Bebeu duas vezes mais, goles rápidos e marcantes, e viu seu mundo rodar pela bebida forte alcançando seu organismo.

– Eu a ouvi gritando. – Sebastian murmurou. Moira não o viu se aproximar,

mas, num instante, estava ao lado de Stark. – Durante o seu pesadelo. – Ele explicou, meneando a cabeça.

– Foi aterrorizante. – a garota confessou, amuada. Os olhos não se desviavam dos de Sebastian. – Eu nunca havia sentido tanto medo em toda a minha vida.

– Mas conseguiu lutar contra ele. – o pirata rebateu. – Você se mostrou mais forte do que sua fraqueza, qualquer que fosse ela.

– Eram meus pais. E a senhora Lucy. *Meu passado*. Abandoná-los era meu maior medo. – Moira respondeu. Sebastian arqueou as sobrancelhas, ligeiramente perturbado, e sorveu um longo gole de rum. – Qual era o seu, Stark? – Ela arriscou.

Sebastian estava perto o suficiente para que Moira assistisse a indecisão pairando sobre seu olhar. O capitão travou a mandíbula e a encarou com frieza, mas as emoções encontravam-se logo atrás daquela parede de gelo, surpreendentemente alcançáveis para Moira. *Receio. Remorso. Melancolia*. Tão fortes e intensas que Moira viu-se estendendo a mão para acariciar a dele, que repousava sutilmente no corrimão ao seu lado. Seus dedos deslizaram pelos dele, e Moira ficou surpresa por Stark não ter recuado.

– *Bela*. – Sebastian disse finalmente. Os olhos estavam fixos no gesto da garota, as sobrancelhas cingidas em confusão. – Bela apareceu para mim. – Os olhos elétricos voltaram para o rosto de Moira; a garota entreabriu os lábios, tentando dizer alguma coisa, mas estava tão petrificada pelo olhar do pirata que nenhum som escapou.

Sebastian deu um passo à frente e suas pernas enroscaram nas dela. Moira sentiu seu coração descompassando furiosamente, batendo forte contra o peito do pirata. Stark colocou a garrafa de rum no degrau ao seu lado e usou a mão livre para acariciar a lateral do rosto de Moira. O gesto foi suave, quase imperceptível, mas disparou uma corrente de arrepios pela pele dela. A outra mão deslizou pelo quadril da garota, enlaçando sua cintura fina. Moira sentiu os dedos do pirata erguendo sutilmente a barra de sua camisa e não se importou quando o toque alcançou a pele de suas costas. A sensação a fez arfar sob os lábios dele.

Moira não piscou por medo que o momento dispersasse. Stark deslizou a mão por seu pescoço, descansando-a em sua nuca, de modo a aproximar seus rostos. A respiração quente dele misturou-se a ruidosa dela; a barba rala do pirata já roçava em seu rosto, pinicando de uma maneira deliciosa. Moira percorreu aquele belo rosto com o olhar, ansiando pelo toque daqueles lábios tentadores. Suas bocas estavam distantes por milímetros quando choque espalhou-se pelo olhar do pirata.

Ele se afastou, colocando uma distância segura entre seus corpos.

– *Não é real.* – Moira o ouviu murmurar. A garota, ainda estarrecida pelo calor do momento, apoiou-se no corrimão atrás de si. Buscou pelo olhar de Sebastian, mas ele parecia perdido; afastou-se dela em direção ao timão, terminando de subir as escadas, e lá ficou, mergulhado em seus próprios pensamentos.

Moira experimentou uma sensação única de desapontamento, misturada a uma pontada de raiva. Franziu os lábios e deixou o olhar carregar-se por sombras. Desceu as escadas pisando firme; *não deixaria aquele pirata abalar suas emoções.*

O rum estava ali para tirar o tormento de seus pensamentos.

CAPÍTULO XXIV

Armand riu quando Moira tropeçou nos próprios pés. A garota estava enfezada pela falta de habilidade motora, mas a ressaca em consequência da noite regada a bebidas não a abandonaria tão cedo. O treinamento prosseguia, no entanto. Ainda que sua cabeça doesse de uma maneira absurda, Moira se recusou a interromper as aulas com Armand; ainda que olhar para ele e se lembrar de seus beijos e toques calorosos a corasse, ela se obrigou a continuar. Se a primeira armadilha havia servido para amedrontá-la, a segunda servira para inflar sua bravura. Depois de deixar o medo da solidão para trás, Moira determinou-se a se provar forte.

Estava no convés, debaixo de um sol escaldante, suando as bicas, ouvindo atentamente enquanto Armand explicava os movimentos corretos para aquele tipo de luta. O rapaz demonstrou lentamente, e Moira só parou para descansar quando os músculos de seus braços latejaram; não havia um marujo naquele navio que não tivesse se surpreendido com a determinação da garota. Havia, no rosto dela, um olhar poderoso, diferente do hesitante que costumava enfeitar suas íris acinzentadas.

Naquele dia, seus olhos eram da cor de uma tempestade.

– A senhorita se saiu muito bem. – Tobias disse ao estender-lhe um cantil cheio de água. A garota agradeceu e bebeu até esvaziá-lo. Armand parou ao seu lado, arregaçando as mangas da camisa longa.

– Elogios bastante merecidos. – O rapaz comentou com um sorriso orgulhoso. Ver aquele rosto iluminado em orgulho a ela trouxe alegria a Moira.

Ela piscou para Armand. O gesto foi ligeiramente humorado, mas havia grande gratidão por trás. O sorriso do rapaz desvaneceu repentinamente, no momento em que seu olhar ganhava uma sombra de estranheza.

– O que houve? – Moira se preocupou.

– Moira, eu... Se não se importa, gostaria de falar com você. A sós. – Ele olhou para Tobias com sutileza, e o menino entendeu a deixa. Com um olhar encabulado, o pequeno pirata se retirou de volta às suas tarefas. Moira sentiu-se estranha, imaginando se Armand iria se desculpar pela calorosa troca de beijos que havia ocorrido horas atrás; imaginando se ele estava arrependido.

O rapaz guiou Moira até a popa do navio, e os dois se apoiaram na amurada, cada um perdido em seus próprios pensamentos. A garota mergulhada em confusão, Armand em hesitação. Foi Moira quem tomou a iniciativa de perguntar sobre o assunto que os trouxera até ali.

– É sobre a última armadilha. – Armand comentou ligeiramente embaraçado. Ela o encarou com curiosidade. – Você me disse que fiquei estranho, paranoico, depois que enfrentei meu medo, certo?

– Sim. Você... Surtou ou algo assim. Não conseguíamos fazê-lo se acalmar. – Moira respondeu com suavidade, segurando a mão do rapaz de maneira compreensiva. – Mas não tem problema, Armand. Já passou.

– É aí que está. Não passou! – o rosto dele exibia frustração. – Não enfrentei meu medo naquele dia. Pelo contrário: eu o neguei, fugi dele.

– Como assim? O que o assombrou tanto que não foi possível de ser enfrentado? – ela viu a cor sumindo do rosto de Armand após a pergunta. Sentiu-se enxerida por perguntar tamanha intimidade para o rapaz, mas imaginou que, após ter contado tudo sobre seu pesadelo pessoal, receberia confiança de volta. *Você não sabe o que o assombra, Moira, pare de ser egoísta.* Sua consciência ralhou de volta. – Armand, não precisa falar. Há coisas que não devem ser compartilhadas, eu entendo. – Sorriu. Segurou a mão dele com delicadeza.

– Eu só preciso de mais tempo para... Entender aquilo. – Armand balbuciou. – Foi muito forte, não quero ficar me lembrando.

– Então não lembraremos. – ela replicou decidida. Armand apertou a mão dela na sua, agradecido. – Agora, sobre o que você queria falar...?

– É sobre Iolanda. – o jovem suspirou pesadamente. Moira sentiu algo trincando dentro de si ao lembrar-se da cena horrenda envolvendo o sacrifício. – Depois dos seus relatos sobre o ritual, eu tenho absoluta certeza de que sonhei com ele. Não acha que devemos contar a alguém sobre...?

– Não. – ela foi sucinta. – Não podemos dividir isso com ninguém. – seus olhos pesaram sobre os dele. – Armand, aquele ritual fez algo conosco e deve permanecer entre nós. Por favor. Se quiser conversar sobre aquilo, eu estou aqui. Podemos investigar, tentar entender porque Iolanda nos “uniu”, mas nada de revelar a outra pessoa.

Armand beirava a indecisão quando Moira começou a discursar, mas, por fim, acabou cedendo às suplicas da garota.

– Tudo bem, Moira. Se você acha melhor, então confio em sua decisão. – Ele assentiu, acariciando o rosto dela ao ver que desespero inundava o seu olhar. O gesto foi suficiente para acalmá-la.

Talvez não fosse, realmente, a hora de preocupar os piratas com o macabro ritual realizado por Iolanda. Talvez fosse algo para existir apenas entre aqueles

dois, como a própria índia havia murmurado.

X X X

– Está indo bem, Moira. – a garota sorriu para Terence. O homem, ultimamente muito solitário e quieto, veio assistir ao treino do fim da tarde, com o crepúsculo imperando no horizonte. O clima estava mais ameno àquela hora, mas não havia brisa. Nem um pingo de vento sequer. – Sua mãe ficaria orgulhosa.

A garota estacou com o comentário. Seu olhar murchou frente à lembrança do medo, aonde a figura tão bela e radiante da mãe viera para assombrá-la, e imaginou-a ali, assistindo a filha lutar com crescente destreza. Imaginou a reação do pai, sempre tão rígido e sério, ao ver os movimentos ágeis que Moira começava a destravar, seus bloqueios ligeiros e sua habilidade de escapar de peças pregadas por Armand durante as lutas.

– Obrigada. – Conseguiu murmurar de volta, mas o abalo ficou notável em sua voz. Ergueu os olhos e encontrou James sentado sobre um barril, os olhos verdes curiosos e desconfiados sobre a figura de Terence. O loiro acenou para a garota, um sorriso de satisfação ao vê-la desenvolvendo habilidades de defesa tão excelentes, e então desviou a atenção.

– Espero que saiba que eu também sinto muito orgulho de você, Moira. – Terence segurou seu ombro de maneira afetiva, e então a garota deixou-se mergulhar na bondade presente naquele rosto tão familiar. Ela sorriu com doçura e apertou a mão dele, agradecendo com um maneio. – Desculpe estar... Ausente. Mas os anos longe do mar perturbam a minha velhice. – Ele riu com vontade ao fim, fazendo-a acompanhá-lo.

– Não há porque se desculpar. Eu não estou tão sozinha, afinal. – Encarou James e Armand, figuras cada vez mais presentes durante o passar dos dias.

– Moira... – o tom preocupado de Terence a despertou. – Não confie muito naquele prisioneiro.

– Ele não é mais prisioneiro. – ela replicou. – Sebastian aceitou que...

– Eu sei, mas isso não faz de James menos pirata. O perigo nele está no fato de ter servido a Blackburn. Isso deixa marcas; um marujo do Tormenta nunca deixa de ser um seguidor de seu capitão, não importa quanto tempo passe. – Terence cingiu as sobancelhas ao ver-se encarado por James, cujo rosto não podia estar mais inquieto. – Só... Fique atenta, está bem? – Moira acenou positivamente, estranhando a evasiva do velho homem. Seguiu-o com o olhar enquanto Terence marchava para o corredor, desaparecendo na escuridão de lá.

Um segundo se passou e James havia alcançado a garota, puxando-a para que

ninguém ouvisse sua conversa.

– Me diga, doçura, de onde conheço aquele seu amigo? – James indagou ao se afastarem. Moira arqueou uma sobrancelha.

– Terence? Não sei por que o conheceria.

– Minha memória pode estar sempre embaralhada pela quantidade de álcool que circula em mim, mas reconheço um rosto do passado quando vejo um. – o loiro exibiu uma expressão concentrada. – Oh deuses dos sete mares, que maldição de amnésia repentina! – Ele ralhou consigo mesmo, causando risos em Moira.

– Terence já foi um pirata, se isso ajuda. – a garota comentou. – Stark foi ajudante dele, quando era mais novo. Mas há tantos navios piratas e tantos navegantes por aí; você provavelmente está confundindo Terence com alguém.

– Não costumo confundir rostos. – James replicou indignado. – Uma hora me recordarei de onde o conheço. – deu de ombros. – Agora acho melhor você voltar, seu professor não parece feliz pela minha interrupção.

X X X

Moira revirou-se uma vez mais, mas o sono não vinha. Há mais de duas horas que tentava encontrar uma posição confortável no amontoado de lençóis que usava como cama. E não adiantava, pois a insônia continuava a persegui-la.

Cansada e entediada, a garota se esgueirou para fora do aposento, fechando a porta silenciosamente atrás de si.

Saiu pelo corredor em passos lentos, cuidando para não fazer barulho. Lá fora, a noite estava abafada, mas não havia nuvens no céu, de modo que o manto negro encobria-se por cintilantes pontos prateados. Moira ergueu o rosto para encarar a paisagem paradisíaca e, ao virar-se, encontrou uma figura solitária no tombadilho.

Maldição.

Por que o destino zombava dela tão descaradamente? Conseguira evitar contato visual com Stark durante o dia todo, ainda que tivesse passado por ele ou esbarrado em sua figura diversas vezes, mas agora se via ali, sozinha no gigantesco convés do Espírito de Gelo, cara a cara com o capitão.

– Boa noite, amor. – A voz dele a cumprimentou lá de cima. Estava bem humorado. Moira respirou fundo e lembrou-se da humilhação passada na noite anterior, quando Sebastian quase a beijara. Lembrou-se do afastamento dele e da decepção e raiva que a dominaram. Não se deixaria levar novamente.

Ela subiu as escadas devagar, mantendo o olhar fixo a sua frente. Sentia-se observada pelo pirata, mas não daria a ele o gostinho de sua atenção. Stark havia

sido frio com ela e ela responderia com a mesma moeda.

– Sem sono? – Ele indagou logo que ela alcançou o último degrau. Moira ergueu os ombros, apoiando-se na amurada.

Sebastian notou o silêncio incômodo que se seguiu a sua pergunta e ergueu um sorriso amargo. Os olhos dele contornaram a figura de Moira, demorando-se em detalhes de seu corpo magro e delicado, e a recordação da noite passada o acertou como um tapa.

O pirata coçou a nuca, visivelmente alterado. Moira continuava ali, de costas para ele, pouco se importando com sua presença.

– Eu a vi treinando mais cedo. – Sebastian disse de repente. – Foram movimentos razoáveis. – os ombros dela estremeceram, e o moreno sorriu ao ver que a havia abalado. – Mas não seria párea para aguentar uma luta de verdade.

– O que quer dizer? – Moira quebrou a sua frieza. Virou o corpo para ele, cruzando os braços numa pose defensiva. – Que eu não sou capaz de derrotar alguém?

– Não, não é. Armand não está lutando com você, ele nem sequer coloca força nos golpes. Não é assim que se aprende a lutar.

– Ah é? O que sugere então, *capitão*?

Stark abriu um sorriso perverso. Desembainhou a espada, gesto que causou espanto na garota, e então lhe estendeu a arma. Moira descruzou os braços apenas para endireitar a postura, os olhos desconfiados para cima dele.

– Por que está me oferecendo isso?

– Porque eu quero ver do que você é capaz. – Sebastian buscou outra espada no convés. Moira o seguiu até lá.

O mar estava calmo, sem brisa, sem obstáculos, então o timão poderia ficar sem seu capitão por alguns minutos.

Moira o acompanhou com hesitação, a rigidez determinada de antes desaparecendo conforme ela encarava o pirata a sua frente. *Por quantas batalhas Sebastian já não deve ter passado? Moira se perguntou. Quantas cicatrizes não o marcavam, lembranças de velhas lutas?*

– Eu não vou machucá-la, Moira. – O tom dele foi cuidadoso. Seus olhares se encontraram, intensidade sobre temor, e Moira assentiu a ele, certa de que o pirata dissera a verdade.

Sebastian deixou que Moira fizesse o primeiro movimento. Num rompante, as lâminas tilintaram, e no segundo seguinte, a arma da garota fez um baque contra o chão. Com os olhos arregalados, Moira não viu quando Stark se aproximou.

– Não está dançando conforme a música, amor. – o pirata comentou divertido, entregando-lhe a arma novamente. – Não pode ficar parada após um ataque. O segredo da luta está nos seus pés. Se souber se esquivar como a vi se esquivando

de Armand mais cedo, vai vencer. Mas tem que estar atenta a tudo. Você costuma se preocupar com um detalhe só; deixe que seu corpo responda ao do inimigo. Ataque e recue.

Moira assentiu, voltando à posição inicial. Sebastian acenou para que prosseguisse e, novamente, um novo erro a desarmou. Moira tentou imitar o movimento seguinte do pirata, e ao erguer a espada para bloquear o ataque dele, viu sua arma ser entrelaçada a dele, de modo que foi ao chão.

Armand a ensinava os movimentos, mas Stark os realizava com destreza. Moira pensou derrotada. Pegou a espada e examinou a lâmina polida com decepção.

– Ei. – voltou-se para Sebastian. – Para uma novata, você está indo muito bem. – o sorriso dele foi sincero, para surpresa dela. – Mas não pode se prender ao estilo de Armand, Moira. Ele joga conforme as regras. Precisa de atitude. Numa batalha, você não vai esperar seu inimigo alcançar a arma para voltar à luta. Numa batalha, você não joga limpo.

E, dito isso, ele avançou. Moira cambaleou pelo choque, mas conseguiu revidar dois ataques dele, tendo o terceiro esquivado por um salto seu. A garota correu na direção da escada e subiu dois degraus antes de Stark embrenhá-la numa sequência de golpes assustadoramente letais. Moira abaixou-se para escapar do último e continuou subindo. O capitão correu atrás dela e ambos voltaram a duelar, restando a Moira débeis tentativas de bloqueá-lo.

Com ousadia, resolveu arriscar um ataque. Sua espada voou na direção do ombro do pirata e ele a desviou com destreza, mas ficou claro, em seu olhar, que o golpe o surpreendera.

Moira sorriu satisfeita, mas a distração fez com que sua arma lhe fosse arrancada da mão. Grunhiu e correu na direção dela, mas Stark a puxou para si, de modo que Moira estacou contra seu corpo. O pirata encostou a lâmina de sua espada contra o pescoço da garota e ela inclinou o corpo para trás, presa ao abraço dele.

– Ótimo desempenho, péssimo final. Você morreu. – Stark concluiu num tom divertido. Moira bufou. – Mas foi ótima. Para Tamina também era complicado no início, e veja a guerreira excelente que ela se tornou. – Moira assentiu, lembrando-se de como Tamina e seus trejeitos exaltavam poder. Uma pirata de verdade, perigosa e disposta a aceitar os riscos que uma luta daquele tipo traria. – Isso é natural seu, Moira. Nota-se pela maneira com que você luta.

A garota percebeu que continuava rendida ao corpo dele. Sebastian baixou a arma e roubou alguns instantes para contemplar o rosto de sua vítima; seus olhos cravaram-se nos lábios volumosos de Moira, e centímetros bastariam para que ele os capturasse num beijo ávido. Contudo, a dona daquela boca tentadora

escapou, colocando uma distância segura entre eles.

– Obrigada pela aula. – Moira falseou uma reverência. Um sorriso despontava em seu rosto. – Foi muito útil.

– Poderíamos fazer de novo, se você quiser. – as sobrancelhas da garota ergueram-se. – Durante a noite, claro. Aragon não ficaria satisfeito em perder uma aluna tão dedicada.

– Você... Está falando sério? – Moira embasbacou-se. – Pode me ensinar a lutar como uma pirata?

– Com prazer, amor. – Ela o encarou uma última vez antes de adiantar-se até a espada jogada no chão. Pegou a arma com determinação, lembrando-se da promessa que fizera a si mesma. *Você vai ser forte, Moira.* Sebastian observou-a e sorriu ao vê-la se aproximar.

– Então me ensine. – Moira pediu.

CAPÍTULO XXV

A monotonia da viagem começou a beirar o insuportável. Os piratas não encontravam nada para fazer, fora as tarefas já designadas; os dias passavam numa lentidão assombrosa, as horas arrastando-se sobre eles, zombando de seu tédio. Jogos de apostas e bebedeiras regavam suas noites, mas, no dia seguinte, a calmaria retornava para persegui-los.

Moira ainda tinha alguma distração. Ela vinha treinando com afinco, dia e noite, com seus dois professores tão diversificados. Armand, todo cauteloso, e Sebastian, que queria ver o seu melhor, portanto, não lhe dava sossego. O pirata colocava Tobias para controlar o timão e então obrigava Moira a lutar consigo por horas sem parar, até que estivesse convencido de que os movimentos da garota seguiam o curso certo; o estilo pirata. Misturando trapaça a elegância, usando de passos e golpes ágeis.

Quando a monotonia começou a afetar até o capitão, desconfiança e ansiedade dominou a tripulação. Havia quase uma semana que não saíam dali, quase uma semana desde que o incidente envolvendo a névoa ocorrera.

O mapa, para estranheza de todos os envolvidos, havia, sim, sinalizado a terceira armadilha. E eles estavam exatamente sobre ela, de acordo com a linha de sangue que corria pelo pergaminho. Não havia enigma desta vez, apenas um X vermelho marcando o local. Frustração definiu Sebastian nas vezes em que ele tentou averiguar a informação, mas nada encontrou. O que quer que fosse aquela prova, estava sobre eles e ainda não se manifestara.

O medo de que o mapa tivesse falhado os dominava, principalmente a Sebastian. Por causa da morte de Iolanda, não havia certeza se a magia de sangue prosseguiria encantando o pergaminho. Precisavam, no momento, esperar até que algo ocorresse.

O oceano estendia-se em todas as direções, assustadoramente infinito. Duas ilhas foram avistadas naquele meio tempo, mas não houvera qualquer interesse em investigá-las. Passaram e as deixaram para trás.

Nenhuma outra anormalidade na paisagem pintada de azul ao seu redor que se fizesse notável.

Pelo menos não até aquele momento.

Moira estava apoiada na amurada do navio, o olhar perdido na imensidão ao seu redor, quando algo lhe chamou a atenção. Um pontinho no horizonte destacava-se.

Era uma ilha, muito provavelmente. Longe por uma questão de poucas horas. O que a encafifou, no entanto, foi que aquela visão, aquela exata visão do oceano cercando uma ilha solitária, com a posição do sol curvando-se atrás da ilha, trouxe o estalo de uma memória há muito esquecida.

Podia delinear a cena com perfeição, pois já a vira antes. *Num livro.*

Moira estacou, deixando a recordação voltar. Já lera sobre algo parecido, de fato! Num de seus livros favoritos, com a sua heroína aventurando-se pelos setes mares em busca de grandes tesouros e amores proibidos; um dos livros da capitã Snow. O trecho que descrevia a paisagem avistada por seus olhos retornou a sua mente, claro como a água do oceano à sua volta.

Snow descrevia os detalhes sobre aquele tesouro com deleite pingando de cada palavra. A tripulação ouvia atenta e apaixonada, enquanto sua capitã discursava; exímia como um político, feroz e poderosa como uma rainha.

A pirata descreveu o cenário da lenda do tesouro. Um tesouro amaldiçoado, protegido por muros mágicos; demorou-se ao falar sobre uma ilha solta na imensidão inacabável do oceano. Um pontinho de esperança em meio a uma monotonia incessante; um abrigo para os desesperados, um refúgio para os perdidos; um lugar onde a morte nunca descansava. Era lá que deveriam seguir, entre os intrincados abandonados caminhos cravados na ilha.

Moira arregalou os olhos ao constatar que, de acordo com a descrição, aquela podia ser a mesma jornada pelo tesouro na qual se engajara. A lenda contada pela capitã, de fato, podia ser a da cidade amaldiçoada. Embasbacada, pensou na veracidade dos livros que lera. Sempre acreditara na existência da capitã Snow, mas daí a ter provas? E se ela já tivesse viajado até aqueles arredores esquecidos?

Sem pensar duas vezes, Moira disparou para a cabine do capitão, ansiosa para relatar suas constatações.

x x x

– Não faz muito sentido, na verdade. – Tamina comentou com sutileza. Sebastian não estava na cabine, mas sua primeira imediata aceitara ouvir as conclusões de Moira. – Acho que devemos esperar o mapa nos indicar o caminho. Até porque você faz suposições baseadas numa história...

– Não era apenas uma história. – Moira retrucou. – Ela existiu. E você não pode negar que a lenda do tesouro narrada por ela é assustadoramente parecida àquela que perseguimos.

– Talvez você tenha razão. Talvez, muito antes de Sebastian e de Blackburn, essa mulher tenha tentado alcançar o tesouro, mas... Daí a atracarmos naquela ilha?

– Não falei em descermos lá. Temos que tentar passar por ela. Deve haver algum rio ou...

– Capitão! – Um pirata abriu a porta num rompante, assustando as duas. O marujo se desculpou e pediu que Tamina o seguisse imediatamente. Moira acompanhou a primeira imediata, ansiedade em sua postura. Lá fora, a tripulação debruçava-se contra a amurada.

– Saiam da minha frente, seus ratos do mar! – Tamina ralhou abismada, empurrando-os para que tivesse visão.

A ilha que deveria estar há horas de distância estava a poucos minutos de seu alcance agora. A mata fechada coloria o gigantesco pedaço de terra em tons verdejantes, e podia-se avistar um largo rio a serpentear em direção ao desconhecido.

– Capitão? – Tamina voltou-se para o marujo que a chamara. O pirata mirava a figura de Stark, que descia as escadas com o olhar fixo na ilha misteriosa. – Estamos com problemas. Já passamos duas vezes por aquele pedaço de terra.

– Duas vezes, tem certeza? – Outro tripulante indagou.

– Como é possível?

O burburinho cresceu até se tornar insuportável. Sebastian parou ao lado de Moira, próximo demais para o conceito de espaço pessoal criado pela garota, e encarou sua primeira imediata.

– Não gosto desse seu olhar, Stark. – Tamina replicou.

– O que quer que eu faça? É nossa melhor opção.

– Passar pela ilha? Ficou maluco?

– Sabe muito bem que tenho motivos para isso. Essa monotonia e o fato de termos passado por ela duas vezes são grandes sinais de que estamos presos. – Moira arregalou os olhos.

– Precisamos atravessar a ilha.

– Nós nem sabemos o que há na ilha. – Um dos marujos retrucou indignado.

– Se continuarmos em mar aberto, enlouqueceremos e nunca chegaremos ao tesouro. – Moira disse decidida. Sebastian sorriu, e o gesto foi repetido pela garota. Uma troca de olhares rápida, carregada de intensidade, deu-se entre os dois, no que olhavam para o pedaço de terra com expectativa, ansiando por desbravar o perigo que aquelas terras guardavam.

– Vocês dois. – ambos voltaram-se para Tamina, que cruzara os braços numa posição defensiva. – Dois loucos, cultivando ideias absurdas baseadas em histórias para fazer criança dormir. – A pirata balançou a cabeça. Saiu andando a passos largos e adiantou-se até o timão.

– Movam-se, vermes! Trabalhem! Precisamos colocar esse navio em curso para a ilha! – A mulher gritou a plenos pulmões, acompanhada por um sorriso de Stark.

O caos espalhou-se pelo convés conforme a tripulação seguia suas ordens. De longe, Moira notou, a ilha não parecia tão grande, mas conforme o Espírito de Gelo foi se aproximando, as proporções começaram a parecer assustadoras. O navio passaria pelo extenso rio com facilidade, e a correnteza os ajudaria... Mas a incerteza convidava-os a experimentar dos perigos que aquele pedaço de terra poderia oferecer.

– Com medo, amor? – Stark chamou sua atenção. Tamina estava no timão, gritando para que os piratas amarrassem as cordas direito porque senão os lançaria ao mar.

– Não. – Moira apurou os ombros. – Só espero que essa ideia dê certo.

– Ideias com um toque de insanidade sempre acabam mal, Moira. Mas são as melhores no ramo da pirataria.

CAPÍTULO XXVI

Havia algo naquela ilha. Algo perverso e maligno. Uma força ancestral e sinistra que regia aquele pedaço de terra como a névoa havia dominado o oceano dias atrás. A noite caía quando alcançaram o rio, e as sombras produzidas pelo ébano do céu acima de suas cabeças chegavam a ser assustadoras.

Moira estava na amurada, os olhos curiosos passeando pela paisagem verdejante; ao seu lado encontravam-se Terence e Armand, ambos intrigados e atentos. Sebastian, no timão, mantinha o olhar fixo no rio que os carregava, transportando-os rumo ao desconhecido.

Tamina parou perto de Moira. As duas trocaram um olhar desconfiado, compartilhando do sentimento de incerteza, e voltaram-se para a ilha.

A mata fechada era muito alta, ladeando o navio, impossibilitando-os de avistar qualquer coisa que se escondesse por entre as árvores velhas. O rio serpenteava pelo interior da ilha e era assustadoramente longo e interminável. A sombra da floresta deixava suas águas escuras e, mais de uma vez, Moira achou ter visto vultos passeando pelas margens.

Repetindo a si mesma que aquilo era puro trauma por causa das últimas armadilhas, a garota concentrou-se em contar os segundos até que finalmente deixassem a ilha para trás. Depois de dez minutos perdida em números, sua esperança começou a desvanecer.

– O que acha que há lá? – Armand indagou.

– Não sei. – ainda que o silêncio flutuasse pelo convés do Espírito de Gelo, Moira sentia a presença de uma força antiga deslizando por sua pele, arrepiando-a sempre que pensava nisso. Armand também não pareceu convencido. Ele provavelmente compartilhava daquela sensação. – Nada hostil, eu espero. – Ela completou num sussurro.

– Se for hostil, você vai derrotá-lo com facilidade. – Armand brincou. Moira sorriu fracamente, lembrando-se de suas aulas com Stark e de como ainda mostrava-se débil em alguns momentos do combate. Tinha muito a treinar.

Tamina estava observando o rio abaixo deles quando franziu as sobrancelhas com força. Ergueu os olhos para Sebastian, mas o pirata continuava concentrado. Moira assistiu enquanto a primeira imediata corria na direção da popa,

debruçando-se na amurada para espiar alguma coisa.

A garota fez o mesmo, mas as águas escuras pareciam as mesmas.

Tamina voltou para perto de Moira com um olhar indecifrável. Neste instante, um estrondo chacoalhou o navio, lançando os despreparados ao chão. Moira caiu de bruços, gemendo pela força do impacto, e recebeu ajuda de Armand para se por de pé.

– O que foi isso? – A garota sussurrou.

Outro estrondo chacoalhou o casco da embarcação. Moira espiou o rio lá embaixo, mas não havia anomalias. A sensação de que algo ruim estava para acontecer, no entanto, não assombrou somente a garota; Armand segurou a mão de Moira, puxando-a para perto de si quando um terceiro baque sacudiu a embarcação.

O Espírito de Gelo reverberou a força do choque e então parou. Subitamente, o navio deixou de se mover. A corrente que antes os arrastava pela ilha dissolveu-se, deixando-os a deriva em meio a uma paisagem estranha. Mas eles não estavam sozinhos.

Primeiro, Moira achou que estivesse numa alucinação. Os vultos que pensara terem sido fruto de sua imaginação apareceram nas margens ao seu redor, primeiro sombreados pelas árvores, depois iluminados pelos lampiões espalhados pelo navio.

Eram pessoas, mas não pareciam humanas. Moviam-se lentamente, todos encurvados e débeis. Em um segundo, no entanto, suas aparências envoltas em podridão e máscaras horrendas tirou o ar da garota; estavam mortos. Definitivamente mortos. E, ainda assim, caminhavam na direção do navio.

Moira gritou e desembainhou a espada, capturando a atenção dos tripulantes. Os sons de lâminas raspando suas bainhas e de gatilhos sendo preparados preencheu o convés, unidos aos murmúrios embasbacados da tripulação assustada.

Mortos-vivos preparavam-se para atacar o Espírito de Gelo.

– Não fiquem aí parados, seus imbecis! – Stark berrou a plenos pulmões. – Disparem contra esses bastardos, enviem esses amotinados de volta ao baú de Davy Jones!

Os homens seguiram a ordem de seu capitão e os disparos começaram a cortar o silêncio. Moira observou a cena com apreensão, aliviada ao ver diversos monstros caindo após os tiros que recebiam. O cheiro de pólvora pairou no ar no instante que se seguiu, enquanto os piratas recarregavam suas pistolas.

Moira arregalou os olhos quando os mortos-vivos feridos começaram a se erguer, e também quando outras dezenas deles saíram da mata para atacar o Espírito de Gelo. Sebastian desceu as escadas num rompante, e seu tiro cortou o

ar em meio a penumbra silenciosa, atravessando a testa de um dos monstros, desacordando-o para sempre.

– Atirem na cabeça! – O capitão ordenou.

Tamina acertou dois outros monstros quando um deles finalmente alcançou a escada de acesso ao convés. Outros simplesmente escalavam as laterais do navio como se não fosse nenhum desafio; a lerdeza de antes foi substituída por uma agilidade sobrenatural, e Moira congelou ao ver o rosto de um deles despontando na amurada.

Vamos lá, seja forte.

A garota roubou a arma da mão de um marujo e disparou contra a besta que apareceu a sua frente, lançando-a de volta ao chão. Outras, no entanto, já haviam chegado ao convés, velozes como aranhas, movidas pelo vento e pelo sobrenatural.

Moira preparou-se para a luta, examinando seus adversários, medindo seus pontos fracos, estudando-os com destreza. Seus rostos reluziam acinzentados à luz das estrelas, vestidos com trajes maltrapilhos e coloridos. Pareciam vestes de uma civilização antiga.

A menina foi pega de surpresa quando uma das criaturas chegou por trás. Moira conseguiu bloquear o ataque, mas a força dele a desequilibrou. Por sorte, a pistola em seu cinto estava preparada para o disparo, e o som do tiro acompanhou os tantos outros que continuavam a reverberar pelo convés.

Moira ergueu-se e embrenhou-se numa luta ferrenha com outro morto-vivo. A criatura parecia levar a melhor, mas as aulas de Stark e Armand vieram a calhar; Moira usou de esperteza para derrubar seu inimigo e, sem pestanejar, acertou a lâmina da espada repetidas vezes contra seu crânio, como se em suas mãos houvesse um martelo.

Sangue negro espirrou contra o rosto dela ao perfurar o pescoço do monstro, separando a cabeça apodrecida do resto do tronco, mas Moira não se importou. Adrenalina corria por seu corpo, incitando-a a procurar outra luta.

Olhou em volta e encontrou James e Armand cuidando de três bestas, enquanto Tamina e Sebastian continuavam a atirar contra os monstros lá embaixo.

– *Eles querem o mapa!* – Moira virou-se para Terence, que gritara aquilo. Os mortos-vivos próximos dele cambalearam em seu encalço, ansiosos para derramar sangue, mas Moira interpôs-se entre eles. A garota sentiu-se estúpida por entrar numa batalha contra dois oponentes fortes, mas precisava ajudar o amigo. Terence estava desarmado.

O primeiro morto-vivo tentou agarrá-la, mas Moira era ágil, então o monstro foi empurrado contra a amurada do navio, caindo no rio lá embaixo. O segundo,

após a garota correr escada acima, recebeu um chute no peito, despencando pelos degraus. Ao tentar se levantar para alcançá-la, no entanto, um disparo em seu crânio o levou ao mundo inferior. Moira ergueu os olhos assustados para Sebastian, que sorria satisfeito pela destreza da garota.

Ela avistou outra cena acontecendo e gritou em pavor:

– Terence! – Uma das criaturas agarrou-se ao homem no instante em que caía pela amurada, levando-o para baixo junto. Quatro bestas o receberam no chão e o arrastaram para o interior escuro da floresta, sumindo com seu corpo.

Curiosamente, a batalha perdeu a fúria de antes e, um a um, os mortos-vivos começaram a ser eliminados, parecendo pouco propensos a continuar a luta. *Eles deixaram que os piratas vencessem.*

X X X

– Você não pode estar falando sério! – Moira esbravejou.

– Mais sério impossível, amor.

– Aquele é o Terence! Nós temos que ir atrás dele!

– Não. – o tom decidido de Sebastian fez o rosto de Moira avermelhar-se em raiva. – É insano, e até minha loucura tem limites. Não vou permitir tamanha missão suicida quando nosso caminho está livre para que saíamos desta ilha. Perdi muitos homens hoje, Moira, e não vou perder você. – A garota não se deixou tocar pela intensidade das palavras dele. A fúria a cegava.

– Você vai se arrepender disso, Stark. Está sendo egoísta. Sabe que ainda há tempo para buscá-lo. Os monstros foram eliminados!

– Moira, ouça a voz da razão: quem garante que não há mais deles pela ilha?

– Armand, que até então assistira a discussão em silêncio, tentou soar convincente. Recebeu uma expressão abismada da garota.

– Não há garantia! Mas eu preciso trazer Terence de volta. Sei que ele está bem, eu sinto isso! Nós não estaríamos aqui se não fosse por ele!

– Desculpe amor, mas não. – Sebastian pesou o olhar sobre o dela, usando de um tom racional. – Faça suas preces, pois a alma do velho já descansa em paz no baú de Jones. E eu pretendo manter nossos espíritos bem vivos enquanto puder.

Ele girou nos calcanhares e se retirou, certo de que a discussão havia tido um fim. Moira gritou com ele mais algumas vezes, mas o capitão não respondeu.

– Moira, é o melhor a fazer. O risco a ser enfrentado caso saíamos do navio é muito grande. É perigoso para você e para toda a tripulação. – Armand, em seu tom polido e carinhoso, não foi capaz de aliviar a raiva da garota. Ela lançou um de seus olhares enfurecidos e se afastou, empurrando Armand para o lado.

No convés, acabou trombando com uma figura que assistira a cena toda com

interesse.

– Ouvi dizer que vamos a terra. – James sorriu preocupado. Moira ergueu um olhar feroz para ele, mas suavizou-se ao ver que ele realmente se importava com o que aquilo significava.

– Não estou pedindo que me acompanhe.

– Não achei que estivesse. – Ela voltou-se para Tamina, cuja postura indicava concordância com Sebastian. Moira, no entanto, sentiu confiança quando a primeira imediata se ofereceu para acompanhá-los; era uma ótima rastreadora e uma assassina excelente. Dois detalhes que serviriam para eles num território perigoso.

A primeira imediata pediu que eles a acompanhassem até a proa do navio, onde puderam conversar sem curiosos por perto. Ela sabia que Stark demoraria ao menos uma hora para preparar o navio para zarpar, e sabia que poderiam usar aquele tempo a seu favor. Se Terence estava vivo, eles tinham aqueles sessenta minutos para localizá-lo e trazê-lo à bordo em segurança.

– Vocês têm certeza? – Eles falavam baixo agora. Tamina lançou olhares feios a marujos que se aproximaram e ordenou que voltassem às suas tarefas.

– Se Terence é tão importante para você, ajudarei a encontrá-lo. – James disse convicto. Tamina assentiu. Não tão determinada, porém resoluta.

Foi então que três piratas deixaram o navio atracado na praia daquela ilha. Não sabiam quanto tempo levaria até que a correnteza voltasse a circular, mas tinham pressa para encontrar o amigo de Moira.

Um par de olhos azuis assistiu à fuga dos três tripulantes, preocupação cingindo suas sobrancelhas. Armand suspirou longamente e encarou Moira com ansiedade; a coragem dela em encontrar Terence o assustava. Aqueles impulsos de coragem que ela vinha tendo o consternavam, e ele temia pelo que a garota encontraria na mata selvagem.

Ele resolveu, então, comunicar o motim ao capitão, certo de que Stark poderia ajudar.

x x x

– Ei bela, eu confio plenamente em sua intuição de rastreadora, mas já não passamos por aqui? – James indagou num sussurro rouco. Havia parado atrás de Tamina enquanto ela examinava a paisagem escura ao seu redor, um único lampião iluminando o seu caminho.

– Cale a boca antes que eu a cale por você.

– Que tentação. – O pirata replicou sedutor. Tamina lançou um olhar irado em sua direção.

Os piratas seguiam o rastro deixado por Terence, o arrastar a que fora induzido marcando a terra molhada dentro da floresta, e das criaturas que o arrastaram. Folhas esmagadas, galhos de árvores quebrados, passos trôpegos marcados no chão; Tamina tinha certeza de que estavam no caminho. Ela só achava aquilo óbvio demais – tinha receio de estarem seguindo em direção a uma armadilha.

Encarou Moira, cujos grandes olhos pareciam amuados sob a luz do lampião, e comunicou sua constatação. A garota ponderou pensativa, mas estava claro que queria seguir em frente. *Quem era Tamina para impedi-la?* Moira havia salvado sua vida, afinal. Tamina se sentia em dívida e queria retribuir. O mínimo que podia fazer era ajudar na busca pelo velho, alguém tão importante para a garota.

Moira estava se mostrando bastante corajosa, na verdade, e Tamina gostava disso. Os ressentimentos que sentia desde o início da viagem vinham diminuindo conforme convivía com ela. Moira não era outra filha da elite, regada à futilidade. Movia-se pelo cuidado com as pessoas que amava, e isso era admirável.

Tamina ergueu o lampião ao avistar uma clareira a alguns metros. Pediu que todos fizessem silêncio – principalmente o canalha traidor, pois ele parecia ter prazer em vê-la irritada – e seguiu em passos calculados. O rastro continuava naquela direção.

A clareira era grande, mas não havia nada nela. A luz das estrelas deixava o espaço desflorestado menos sinistro que aquele ao seu redor, mas nada novo se apresentava aos três aventureiros.

Moira suspirou ao alcançarem o local, frustração exibida em sua postura. Tamina afastou-se para examinar o resto da trilha, mas, curiosamente, ela acabava ali.

– Diabos. – A pirata xingou. James apareceu ao seu lado, curioso, enquanto Moira direcionava o olhar para um canto distante de onde haviam seguido. Havia alguém ali.

– O que houve? – O loiro indagou desconfiado. Tamina havia se agachado perto de uma poça cheia de um líquido escuro e se afastou quase que imediatamente, trombando com James. Era sangue.

– Tamina, aqui! – Moira a chamou, mantendo o tom de voz baixo. Os piratas encararam a garota, que se abaixara para examinar um corpo caído escondido pelas sombras, usando trajes bastante piratas. Ao virá-lo para si, Moira não conteve um grito; não era um dos mortos-vivos, mas estava definitivamente morto. Sangue empapava o peito de sua camisa, onde um buraco causado por rasgos podia ser avistado.

Enojada, ela se afastou, já com a espada em mãos. James e Tamina postaram-

se ao seu lado, surpreendentemente protetores.

– Era um dos nossos...

Tamina empurrou James para o lado quando um morto-vivo saltou da escuridão. A mulher disparou contra a cabeça da besta e correu para se levantar, apenas para se encontrar cercada por inimigos, todos sedentos por sangue.

– Tamina... Tem um humano ali. – Moira apontou na direção dos monstros. – Um humano está controlando as criaturas!

De fato havia um humano entre eles.

Encoberto pelas sombras, trazendo na mão um estranho chocalho indígena, *Terence* deixou seu rosto a vista dos três. Moira não conteve um guincho de assombro e negação, afastando-se dele enquanto balançava a cabeça.

– O que foi minha querida? Não gostou da minha surpresa? – Terence sorriu um sorriso maldoso e, com um aceno, ordenou que os mortos-vivos partissem para o massacre.

CAPÍTULO XXVII

Lágrimas embaçaram os olhos de Moira, mas ela não permitiu que escapassem. Não choraria por um traidor. Não choraria pela confiança destruída. Não choraria por Terence.

Ele não merecia nem mesmo uma palavra, uma mísera reação vinda da garota, mas, num ímpeto de fúria, Moira lançou-se na direção do velho e pôs-se a atacá-lo. Queria, mesmo que minimamente, causar a dor que estava sentindo.

– Por quê?! – Moira inquiriu. – Por que me traiu? Eu confiei em você! Meus pais confiaram em você!

– Um marujo do Tormenta das Águas nunca deixa de ser um seguidor de Blackburn, não importa quanto tempo passe. – Terence recitou a fala dita dias atrás, quando se referira a James. Moira perdeu a postura por um instante, pois o choque foi tamanho que sua mente não conseguiu assimilar com clareza. Terence... Servia Blackburn? A garota podia apostar que era dali que James o reconhecia.

– Como acha que Blackburn seguia o Espírito de Gelo? Quem você acha que revelava nossa posição ao Tormenta? – Terence empurrou Moira num primeiro momento, e depois cruzou espadas com ela. A reação da menina foi natural ao ataque, mas ela não tinha tanta força e bravura para encarar aquele homem. Suas espadas retiniram uma contra a outra, as lâminas produzindo sons agudos ao se atracarem. Moira cambaleou, pega de surpresa pela fúria do homem. – Eu nunca quis protegê-la, mas fui obrigado! Blackburn me colocou naquela maldita cidadezinha e ordenou que eu vigiasse seu pai e você. Ordenou que eu a levasse até Sebastian quando o ataque acontecesse; que eu informasse cada passo dado pelo capitão Stark e sua nova pupila. – Outro golpe forte, que dessa vez arrancou a espada da mão de Moira. Terence não parou, ainda cego pela fúria em sua voz, e a atacou com a lâmina. Ela se desviou, mas um rasgo foi tecido contra o seu ombro. Moira caiu aos gritos, os olhos marejados de dor.

– Mas como... *Como você o informou?*

– Iolanda não era a única com amigos no outro mundo. – Terence ergueu o chocalho, o instrumento responsável por controlar os mortos-vivos. Os olhos dele incendiavam em uma insanidade assustadora. – Blackburn está próximo

daqui, sabia? E vai me recompensar quando eu entregar a garota de ouro de Stark... – Moira empinou o queixo, o rosto marcado pelas lágrimas.

– Eu não sou a garota dele.

– Mas ainda vai ser entregue ao demônio.

– Não, ela não vai. – Uma voz soou às costas de Terence. Um disparo ecoou pela floresta, seguido de um silêncio sepulcral. Moira arregalou os olhos quando o corpo do traidor tombou a sua frente, o peito manchado de sangue, e então todos os mortos-vivos caíram junto dele.

Sebastian estava ali, cercado por seus marujos. Tamina e James encaravam os mortos-vivos caídos com assombro. Antes, os piratas estavam sincronizados numa luta eufórica, o gosto pela adrenalina compartilhado pelos dois.

Moira obrigou-se a descolar o olhar vidrado para o corpo de Terence. O homem ainda arfava, o rosto enterrado contra o chão. Os piratas não tardaram a começar a se afastar, ainda mais quando avistaram nuvens escuras encobrindo o céu; uma tempestade se aproximava.

– No navio... – a garota teve forças para falar. Ela cambaleou para ficar de pé, empurrando James e Tamina quando eles tentaram ajudá-la. – Você disse que os mortos queriam o mapa... Mas era você. Você o queria. Você forjou o ataque para ganhar tempo. Para ajudar Blackburn a nos alcançar! – A garota, numa onda de fúria, chutou o peito dele. Terence berrou de dor.

Um trovão soou acima de suas cabeças, rasgando o momento tenso. Moira se ajoelhou e arrancou o pergaminho que se sobressaía do casaco do homem. O mapa do tesouro estava manchado pelo líquido que ensopava o peito de Terence, mas nada mais importava agora.

– Você mentiu para mim esse tempo todo! – outro chute. Os tripulantes do navio já seguiam de volta ao Espírito de Gelo, James e Tamina se afastaram dela, mas Moira não se importou. – Arrisquei a minha vida para vir salvá-lo, e era uma armadilha! – a garota o chutou repetidas vezes, grunhindo e gritando palavras desordenadas. Lágrimas turvavam sua visão e escorriam desenfreadamente por seu rosto. – Meus pais confiaram em você e foi tudo uma farsa!

Tamina impediu James de se aproximar, exibindo um olhar solidário. Puxou o loiro na direção do navio, já que outra figura já se prostrara para ajudar a garota ensandecida.

– Moira. – Sebastian aproximou-se. Primeiro, com cautela, mas depois do surto dela para afastá-lo, abraçou-a, prendendo seus braços com força. Moira debateu-se contra o corpo dele, xingando o capitão, os piratas, Blackburn, o mundo e os deuses. Soluços misturavam-se à sua ira e as lágrimas nunca paravam. – Moira. – ele repetiu seu nome com mais suavidade, ainda mantendo

presa em um abraço protetor. – Precisamos ir.

– Não! Eu quero matá-lo! – Ela esbravejou, tentando livrar-se dele mais uma vez. Stark não a soltou.

– Ele já está morto, amor. – A garota parou em choque, observando o corpo de Terence contorcido, o olhar paralisado em dor. Não havia respiração, não havia vida ali, mas ela ainda queria lhe causar mal. Sebastian, no entanto, foi mais forte; ele a levou para longe, o abraço extremamente protetor.

Moira não conseguiu dar mais que alguns passos antes de desabar, ainda na clareira. Stark a sustentou. Ele virou o corpo da garota para si, abraçando-a firmemente pela cintura, uma de suas mãos acariciando as longas mechas do cabelo dela. Moira manteve o rosto enterrado ao peito do capitão, soluços desesperados cortando o silêncio que os rodeava.

–*Nada mais importa agora.* – Moira balbuciou, os lábios trêmulos e os olhos brilhando em angústia. Um estrondo ecoou pelo céu e uma chuva forte começou a desabar sobre eles. – Aquele em quem confiei me traiu... Terence ia me entregar ao Blackburn em troca de poder. Ele nunca quis me ajudar, nunca... Foi meu amigo. Eu me arrisquei esse tempo todo... Por nada.

– Moira. – Sebastian murmurou seu nome com angústia. O pirata segurou o rosto da garota entre suas mãos, os olhos elétricos desesperados para serem correspondidos. Moira manteve o olhar perdido, a face marcada por lágrimas e pela desilusão. – Olhe para mim. – Stark pediu ansioso.

– Meu pai está tão longe, sozinho, e eu não posso salvá-lo. Minha mãe está morta. Lucy... Oh, eu deveria ter ficado lá, com a senhora Lucy. Deixei todos que eu amo para trás, como a névoa disse. Armand estava certo. Aqui não é seguro.

– Moira, me escute. – Sebastian repetiu mais uma vez. Ele apertou o rosto da garota, os dedos acariciando a pele macia. O toque era caloroso e cuidadoso, beirando a angústia, mas Moira estava abalada demais para notar.

– O mundo real é cheio de dor e desespero...

– Moira! – O capitão esbravejou.

Moira ergueu o olhar assustado para Sebastian, encontrando na face dele o mais puro desamparo. Medo irradiava daqueles olhos intensos, e a garota percebeu, embasbacada, que era medo *por ela*. Stark estava perigosamente próximo, a boca entreaberta, gotas de chuva escorrendo por seus lábios, escorregando pelas feições fortes.

– Você não está sozinha. – o sussurro foi sôfrego. A boca dele roçou na sua, acariciando-a com leveza. – Eu estou aqui por você. – Moira sentiu o toque do capitão em sua cintura, firme e atencioso. – E não a deixarei enquanto você permitir que eu fique ao seu lado. – Stark enlaçou a nuca dela, inclinando seu rosto ligeiramente para o lado, deixando-a exposta as suas carícias, afogada em

seu calor.

Os lábios dele deslizaram um rastro de fogo vagaroso e torturante pela linha de sua mandíbula da garota, e então o beijo aconteceu.

Ela nunca havia sentido uma sensação semelhante àquela. O frio da chuva que desabava sobre eles contrastou com as chamas que Sebastian espalhava por seu corpo. Os lábios dele eram tão macios quanto Moira havia imaginado, mas respondiam aos dela com uma selvageria nunca antes experimentada. A barba do pirata picava seu rosto de uma maneira deliciosa.

Moira arqueou as costas quando a língua dele deslizou por sua boca, embrenhando-a num beijo intenso. Um ofego escapou de seus lábios quando abraçou o pescoço do moreno, deixando-se inebriar na sensação que era ter o corpo forte dele contra o seu.

Diferente de Armand, cuidadoso e delicado, Sebastian a tocava e acariciava com intimidade. O beijo foi faminto, intenso, arrebatador.

Cada movimento do pirata irradiava desejo, e Moira correspondeu a isso com ansiedade. Ele arrancou de Moira toda a sua lucidez. Seus corpos encharcados estavam colados; cada centímetro dela pertencia a Sebastian, e vice-versa. O cabelo molhado do pirata teve alguns fios puxados quando Moira o bagunçou.

Mesmo sem ar, ela não conseguia se afastar. Queria continuar ali, guiada com experiência por uma boca sedenta. Queria continuar exposta aos toques repletos de paixão. Queria ficar debaixo do abraço seguro dele para sempre. Queria pertencer a ele e roubá-lo para si.

Não soube exatamente quem tomou a iniciativa, mas, no que pareceu uma eternidade depois, finalmente se afastaram. Sebastian, no entanto, não deixou que ela fosse longe demais; manteve as mãos ao redor de seu rosto, os dedos cortejando-a com carícias tão sutis.

Moira encarou-o com seus olhos tempestuosos. Os de Stark eram semelhantes a uma dança de raios, descargas elétricas recaindo sobre a garota.

– Nunca mais repita aquilo. Por favor. – Sebastian pediu. A voz estava rouca de desejo.

O toque dele era a garantia de que Moira não estava sozinha.

E, se dependesse de Stark, jamais voltaria a se sentir assim.

CAPÍTULO XXVIII

– Aqueles eram os imortais da cidade amaldiçoada. – James comentou. Tamina, que abraçava a si mesma para espantar o frio da chuva, o encarou com curiosidade. – Viu os trajes? Blackburn comentou sobre outros nativos que tentaram escapar da maldição dos deuses. Ele achava que os fugitivos acabaram presos neste redemoinho temporal que caímos, mas, menos piedosamente do que nós, não tinham para onde fugir. – o pirata apoiou as mãos na amurada. – A imortalidade tem um preço caro, e aqueles homens e mulheres foram forçados a pagá-lo.

Silêncio recaiu sobre os dois. Tamina apoiou o quadril e observou o loiro com discrição, e não a ira ou desconfiança de antes. Estava abismada com a capacidade que James tinha de lhe surpreender. Ele salvara sua vida durante a armadilha. Aquela luta sincronizada não teria acontecido se um tiro não tivesse sido disparado contra o segundo morto-vivo que tentou alcançá-la, e o disparo viera da arma do pirata.

– Obrigada por mais cedo. – Tamina acenou na direção da ilha. Ela estava longe agora, distante por horas, e a sensação de sonolência e de tempo congelado não mais caía sobre a tripulação do Espírito de Gelo.

– Ah, não foi nada. – James abriu um sorriso satisfeito. – Eu estava ansioso para que você calasse minha boca, como havia prometido. – Tamina caiu na gargalhada.

– Aquilo não foi uma promessa. – Retrucou com humor.

– Onde aprendeu a lutar tão bem, aliás? – James indagou com curiosidade. Tamina tentou esconder o olhar sombrio, mas a pergunta dele acabou revivendo memórias que ela não gostava de ter em mente. – Oh, desculpe, assunto delicado. Não precisa falar sobre isso. – Ele ergueu as mãos num sinal de rendição, prestes a mudar de assunto.

– Você demonstra muita consideração em relação a alguém que sempre o tratou tão mal. – Tamina comentou casualmente, os olhos amendoados desconfiados sobre verdes surpresos

– Poucas foram as pessoas que me trataram bem desde o princípio de nossa convivência. – Tamina delineou a figura dele com o olhar, observando a postura

descontraída com que James contava aquilo. Havia, no entanto, um detalhe reprimido em sua expressão sutil; ele podia tentar esconder emoções negativas, mas Tamina as conhecia bem a ponto de encontrá-las nas sombras do sorriso de um homem. E James tinha muito daquilo. Sombras de um passado atormentado.

– Foi Stark. – Tamina disse. – Ele me ensinou a lutar. A tripulação também ajudou, mas o maior esforço foi meu. Eu precisava ficar forte para aprender a me defender, para me proteger... – ela suspirou, desviando o olhar. – Para lutar contra meus próprios demônios.

– Lutar contra demônios, um assunto que entendo bastante. – James havia apagado o sorriso. Encarava Tamina com uma intensidade marcante, compreensão irradiando de seu olhar. O pirata inclinou a cabeça levemente, examinando-a com admiração. – Foi difícil enfrentá-los?

– Aye. Meu passado ainda me assombra, mas anos me ensinaram que deixar as fraquezas de lado é melhor do que tentar destruí-las. Você as entende o suficiente para que não se tornem um fardo, mas elas nunca vão te deixar.

– O segredo é continuar lutando.

Os dois compartilharam um sorriso sincero. James tencionou tocá-la, um gesto mínimo que fosse, mas manteve-se paralisado. A mão dela estava ali, a centímetros da sua, mas o pirata hesitou. Não sabia o quanto de Tamina já havia conquistado e não queria ver tudo perdido pelo erro de um segundo.

A primeira imediata desviou o olhar ao ver Stark se aproximando do navio. O capitão trazia Moira abraçada ao seu corpo e ambos expressavam uma máscara séria e profunda; Tamina adiantou-se até ele, mas Sebastian apenas pediu que ela assumisse o timão e os tirasse dali. Os dois seguiram na direção da cabine sem dizer mais palavras.

x x x

Moira conteve um olhar irritado quando adentrou a cabine, tudo porque Armand estava ali, esperando por ela.

O rapaz a havia dedurado, afinal de contas. Seu senso de confiança gritava para que ela ralhasse com ele, ainda que Moira não conseguisse; era graças a Armand que Sebastian a havia encontrado. Graças a Armand, estava viva.

O jovem pareceu notar a irritação no olhar dela, pois seu rosto exibiu o mais puro pesar. Moira, no entanto, estava assombrada pelos acontecimentos na floresta, e o gosto dos lábios de Sebastian continuava formigando em sua boca. O turbilhão de sentimentos a fez aceitar o abraço dado por Armand.

– Você está bem, oh, graças a Deus. – ele disse contra seu ombro, a voz soando desesperadamente aliviada. Moira assentiu, contida. Não estava brava,

mas não queria falar com ele. Não agora, pelo menos. – O que houve lá na floresta? Você está bem? Encontraram Terence?

Moira se afastou dele quando o nome do traidor foi proferido. Choque e angústia irradiaram de seu olhar, e Armand logo soube que estava entrando num assunto delicado. O rapaz encarou Sebastian, cujo olhar fixo e atormentado não havia se desviado de Moira desde que entraram na cabine, e então se voltou para a garota.

– Tudo bem, Moira, não precisa falar sobre isso agora.

– Senhor Aragon. – o tom de Stark foi forte e a ordem ficou clara. – Moira precisa descansar. – Ele fez um sinal para a porta da cabine e esperou. Armand encarou Moira.

– Não se preocupe, Armand. – Moira segurou sua mão por alguns segundos; um toque tranquilizante. – Só preciso dormir um pouco. Vou ficar bem. – Sorriu fracamente. Armand a puxou para outro abraço e murmurou que, se ela precisasse de qualquer coisa, bastaria chamá-lo. Beijou sua testa demoradamente e se afastou, rumando para fora da cabine. Sebastian o seguiu, provavelmente para colocar a tripulação em ordem. Os olhos do capitão demoraram-se sobre os da menina, mas Moira estava tão exausta, tão desestabilizada, que o ignorou.

Ela deixou os joelhos cederem logo que a porta se fechou. Caiu sentada sobre o colchão macio atrás de si, os olhos repentinamente marejados. *Não chore por um traidor. Não por aquele cretino!* Esbravejou consigo mesma, esfregando as mãos no rosto para espantar as lágrimas, mas não foi capaz por muito tempo. Precisava daquilo. Precisava descarregar a cólera e a sensação de solidão, precisava das lágrimas para se sentir concertada.

Não soube dizer quanto tempo se passou até que ouviu passos calmos em sua direção. Em seguida, o arrastar de uma cadeira. Sebastian sentou-se à sua frente, no rosto uma expressão fechada e sombria.

Sem dizer nada, ele lhe estendeu uma garrafa de rum. Moira se lembrou da noite após a segunda prova, quando ele comentara sobre o rum ser o remédio para situações infelizes. Aceitou a garrafa e sorveu tanto quanto era capaz, ignorando a sensação de tontura que se seguiu. Notou que Sebastian a examinava com as sobrancelhas cingidas e seguiu o olhar dele, encontrando o ferimento causado por Terence.

Até o momento, a dor da traição se sobrepujara a de seu corpo, mas um irritante latejar começou a se alastrar pelos cortes, trazendo um gemido aos seus lábios.

– Precisamos tratar isso. – Sebastian anunciou. O pirata andou pela cabine e voltou com uma camisa velha, de onde arrancou várias tiras com a ajuda de uma faca afiada.

– Foi aquele... Desgraçado. – Moira explicou com o cenho franzido. – Terence me distraiu e eu não consegui bloqueá-lo. Seus ataques eram muito rápidos e fortes. Não tive chance.

– Você lutou bravamente. – Sebastian retrucou. O pirata sentou-se na cama e examinou a profundidade do corte no ombro; apesar do que dizia, Moira fora ágil e se esquivara a tempo. Mais alguns centímetros e o ferimento seria perigoso.

Almíscar e maresia inebriaram os sentidos da garota, cujo olhar surpreso fixou-se no rosto concentrado do capitão.

– Me sinto tão idiota. – Moira confessou. – Como nunca suspeitei? Como deixei escapar qualquer detalhe daquela traição? Terence sempre pareceu tão transparente comigo e então... Isso.

– Moira. – Sebastian suspirou. – Não havia como prever. É por isso que se chama traição. Alguém a quem você confia à vida resolve lhe dar uma punhalada nas costas; acredite em mim, amor... No mundo pirata, você aprende a não se decepcionar.

A garota engoliu em seco, sentindo-se tola pela confissão. Stark era um homem do mar, claro que já havia lidado com uma situação assim. O que ela sabia sobre a vida? Que Terence apodrecesse no inferno! Moira não se importaria mais. Não se deixaria importar.

Sentiu a mão de Sebastian erguendo seu queixo e deixou que seus olhares queimassem um sobre o outro. Lembrou-se da sensação daqueles lábios contra os seus e ansiou para que Stark a beijasse novamente. Queria roubá-lo para si novamente, queria experimentar a sensação de poder e arrebatamento que ele causava.

– Moira? – ela ouviu-se murmurando algo em resposta, mas estava tão hipnotizada pelo homem que nem soube identificar a palavra. – Tire a camisa.

– O que? – ela não escondeu o choque. Sebastian abriu o sorriso caloroso, achando graça da timidez dela, mas havia uma faísca de encanto em seus olhos, como se o rubor que subia pelas bochechas magras de Moira o maravilhasse.

– Eu preciso cuidar desse seu ombro. Não posso fazer isso com a sua camisa aí. – O capitão disse.

Moira desviou o olhar enquanto Sebastian bebia um longo gole de rum. Lentamente, ela soltou os primeiros botões da camisa, baixando o ombro desta em seguida. Virou o tronco de lado, facilitando o acesso ao ferimento, e guinchou de dor quando Sebastian derramou um pouco de rum sobre o corte.

– Sinto muito, *cariad*. – o capitão murmurou o apelido em galês, parecendo verdadeiramente arrependido. Não só pela dor que ela sentia agora, mas pela que ela fora exposta antes; Sebastian parecia se desculpar pela traição de Terence,

pela confiança que Moira tivera destroçada.

Moira esperou que Sebastian finalizasse o curativo, ignorando os arrepios que percorriam sua pele sempre que o pirata a tocava, e, lentamente, voltou-se para ele. Notou que Stark estava concentrado na garrafa de rum, o cenho franzido, os lábios crispados, mas não deu a si mesma a chance de pensar novamente. *Precisava* fazer aquilo. *Precisava* saber se, antes, não fora apenas piedade.

Sem esperar mais, Moira esticou o tronco e segurou a nuca de Sebastian com uma das mãos, puxando o rosto dele com a outra. Seus lábios se chocaram antes que Stark esboçasse alguma reação, e Moira tinha ciência de que o retumbar de seu coração ecoava pelas quatro paredes da cabine.

Um instante decorreu. Um instante em que Moira achou que seria afastada por Sebastian. Um instante de incerteza, onde seus lábios meramente se tocavam.

Então Sebastian a agarrou, abraçando sua cintura com os braços fortes, obrigando Moira a içar-se para seu colo. Rodeou o quadril dele com as pernas, comprimindo seus corpos. Stark arfou, os lábios exigentes obrigando os de Moira a se abrirem, suas línguas se entrelaçando em um beijo intenso.

Moira ofegou quando Stark deslizou a mão por dentro de sua camisa, os anéis queimando contra sua pele. A garota abriu os olhos, afastando suas bocas para buscar o fôlego que lhe faltava; Sebastian deslizou beijos pelo pescoço de Moira, lento e torturante.

Quando ele abriu o que faltava na vestimenta de Moira, ela deixou suas mãos aventurarem-se pela camisa do pirata, praticamente arrancando os botões enquanto buscava pela pele dele. Não havia timidez, apenas desejo. Puro, poderoso e incendiário, arrastando-se por seu corpo juntamente às carícias do capitão.

Puxou os lábios dele de volta para os seus quando Sebastian se afastou. Ele a deitou sobre o colchão, carregando seu corpo com cuidado enquanto a colocava sobre os travesseiros.

– Alguém pode entrar... – Ela sussurrou.

– Estão ocupados lá fora.

Moira ofegou quando ele apertou suas costas, acariciada por seus dedos exigentes; mais intimidade do que ela jamais sonhara dividir com alguém. Pelo menos não com um homem como Stark.

Moira se afastou, causando estranheza em Sebastian. Ele a encarou profundamente, prendendo-se aos seus olhos de tempestade.

– O que houve? – A voz dele saiu arrastada e rouca, extremamente sensual. Moira engoliu em seco, lutando contra a vontade de se cobrir.

– Por que está fazendo isso? *Comigo?*

– Te beijando? – Ele soou confuso.

– Stark... – Moira murmurou, decepcionada consigo mesma. – Por que eu? Por que não está me afastando como antes?

O rosto dele ficou sombrio.

– *Moira*, aquilo foi um erro. – Sebastian roubou dela um beijo feroz. Ele rolou seus corpos, deixando-a sentada sobre seu tronco, e Moira tomou um instante para observar o pirata que a desejava; o rosto belo e mortal, os olhos ardentes, o tronco coberto por bronze e suor e músculos, esculpido pelas mãos de um deus, muito provavelmente.

Aquele homem era lindo demais até para seus sonhos mais alucinados. Era inalcançável, antes inexistente em sua vida; e ali estava ela, entregando-se a Sebastian.

Deixou que suas mãos deslizassem pelo corpo do pirata o mais devagar possível, como que para comprovar que ele estava ali. Seus dedos contornaram cada músculo, cada detalhe, delinearam cada tatuagem que enfeitava a pele daquele homem, e Moira ficou satisfeita ao ouvi-lo ofegar, ao ver o fogo que ardia dentro de seus olhos.

O capitão deslizou as mãos pelas pernas dela, vagarosamente, os dedos a apertando de maneira sutil. Quando alcançou o cós da vestimenta, Sebastian se sentou, abrindo os botões conforme a beijava. Moira deixou-se cair sobre o colchão novamente, evitando manter contato visual, vergonha queimando suas bochechas, até que o pirata segurou seu rosto, encarando-a com ansiedade.

– Você é linda. – ele a beijou. – Linda e *real*. – a beijou novamente. Ela lembrou-se da noite após a armadilha da névoa, quando ele refutara o beijo ao murmurar que ela não era real. Moira ficou satisfeita por ele ter mudado de ideia. – *Moira*. – O beijo prosseguiu, enquanto as mãos de Stark deslizavam pela pele nua dela, delineando suas curvas, memorizando seus contornos, arrancando arquejos dela.

Moira se deixou levar pelas carícias, inebriada pela paixão que Sebastian colocava em cada mínimo toque, em cada beijo, em cada sussurro. O capitão não tentava esconder-se atrás do muro de gelo que era seu olhar até tempos atrás. Havia, em suas íris, um incêndio de emoções.

A boca de Sebastian saboreou a pele da garota, cada centímetro dela, deixando um rastro de arrepios conforme descia por seu corpo. Moira não fez menção de interrompê-lo, mas houve outro instante, antes que Stark a cobrisse com seu corpo, em que o capitão a encarou, esperando por sua decisão. Moira não falou, apenas o puxou, embrenhando as mãos em seus cabelos.

Ela fechou os olhos, afogada pelas emoções que corroeram seu coração, ignorando mundo e deuses, tesouros e maldições, deixando-se ser levada, de

corpo e alma, pela noite de amor com um pirata.

CAPÍTULO XXIX

Moira deixou o olhar distraído vagar pelo teto da cabine. Levou a mão à cabeça, puxando os cabelos para trás, sua mente afogando-se em lembranças, deixando-se inebriar pela sensação do toque de Stark, que prosseguia em sua pele mesmo depois de tantas horas. Moira continuava a se arrepiar ao pensar nos lábios do capitão passeando por seu corpo, ainda que estivesse distante deles.

Mas não tão distante.

Virou o tronco de lado, com cuidado por conta do ombro ferido, e apoiou o rosto na mão, deixando os olhos tempestuosos passearem pela figura serena do pirata. Sebastian estava logo ao seu lado, dormindo na cadeira que arrastara até o lado da cama, tranquilidade irradiando de suas feições, diferente do homem enérgico e perigoso que ele costumava se mostrar. Ele estava vestido, assim como ela, pois haviam concordado que precauções deveriam ser tomadas. A cadeira parecera distante por imensidões, mas, caso alguém entrasse na cabine, não suspeitaria de nada que havia ocorrido entre os dois.

Observando-o bem, encontrou qualquer coisa em seu semblante. Uma calma hipnotizante. Mais do que a beleza marcante, havia nele uma força que a atraía, um laço que a torturava – como podia pensar em se afastar dele depois da noite passada? Como sequer *olharia* para Stark depois do que haviam compartilhado? Moira suspirou, lembrando-se da certeza com que agira antes, da postura decidida com que o havia beijado, dando sequência a toda aquela cena de amor.

Amor? Teria sido isso mesmo? A garota mordeu o lábio, encarando ele mais uma vez. Não houvera segredos naqueles olhos elétricos. Sentimentos profundos, definitivamente, o haviam guiado.

Ela tirou um instante para se preocupar. Seus olhos esbarraram na porta da cabine, e as diversas visitas que poderiam aparecer ali trouxeram gelo a sua espinha. Tencionou se levantar, talvez sair dali para não levantar suspeitas, mas estacou quando Stark se moveu. No susto, fingiu estar dormindo. Fechou os olhos e paralisou, tentando manter a respiração controlada.

A cadeira rangeu quando ele se levantou, e então o colchão balançou quando ele se sentou ao seu lado. Moira sentiu uma carícia na lateral do rosto e não

conseguiu esconder o sorriso.

– Eu sei que está acordada. – Sebastian a desafiou. Moira riu suavemente e o encarou, encontrando o rosto sonolento do homem a quem se entregara. Um sorriso ergueu-se na boca de Stark.

Stark beijou o canto dos lábios dela, primeiro com rapidez, depois se demorando.

– Deuses me ajudem, Moira, ou eu nunca conseguirei me afastar de você. – Sebastian resmungou.

– Stark... Alguém pode entrar. – Ela encarou a porta novamente.

– Não vão. Fui até lá depois que você adormeceu e fiquei até agora a pouco. Mesmo o seu querido Aragon está ansioso demais para ajudar a tripulação, então a atenção deles não se volta para você. – Sebastian brincou com uma mecha de cabelo dela. – Como está o seu ombro? – Ela sentiu uma ligeira agulhada na pele, mas a sensação desaparecia ao mergulhar na eletricidade dos olhos de Sebastian.

– A dor vai e vem. Posso suportá-la. – Ele se inclinou, beijando o curativo e depois trilhando beijos pelo pescoço dela, parando sob o queixo. Moira suspirou longamente.

– Como se sente?

– Ótima. – ela se sentou, aproximando seu tronco do dele. O olhar indagador de Stark acabou por fazê-la falar mais. – Não me sinto tão bem assim desde... Muito tempo.

– Muito tempo? – Ele arqueou uma sobrancelha, um sorrisinho convencido despontando em sua boca.

– Não *tanto* tempo assim. – Moira rolou os olhos, recebendo o riso dele em resposta. Ficou surpresa, pois nunca havia ouvido tanta espontaneidade por parte de Stark. Alguns instantes de silêncio decorreram, onde Moira viu-se perdida em pensamentos enquanto admirava o pirata.

– Sente falta do seu passado, Moira? – Sebastian indagou repentinamente. O capitão acariciou a lateral do rosto dela, vagando pela linha da mandíbula, até alcançar o pescoço.

– Em parte. – a garota não conseguiu mentir. Não sob um olhar tão intenso quanto aquele. – Sinto falta da calmaria de Ilha Esperança, de Lucy, de meu pai... – ela suspirou, tentando lutar contra as lembranças que se obrigara a deixar para trás. – Mas isso que estou vivendo é um sonho, e eu não imagino minha vida sem essa aventura. No princípio, havia instabilidade e insegurança, mas o mar me fez mais forte. As coisas pelas quais passei me mudaram, e essa mudança me fez bem. – Viu-se despejando as palavras que se amontoaram em seu consciente, e só parou ao dar-se conta de que falara demais.

Sebastian, no entanto, parecia fascinado. Diferente da primeira vez em que haviam se encontrado, quando havia medo nela e indiferença nele, ambos se entendiam agora. Aquela jornada os havia aproximado, os últimos acontecimentos os haviam unido, e a noite passada estilhaçara uma barreira que ambos haviam criado para se evitarem. Não podiam se dar ao luxo de fazer aquilo novamente. Suas almas estavam entrelaçadas pelo destino e por sentimentos intensos e devastadores.

– Me conte mais. – Ele pediu.

– Mais? Sobre o que?

– Sobre você. – Sebastian acariciou o rosto da garota, embrenhando os dedos em seu cabelo logo depois. – Qualquer coisa. Gosto de ouvi-la. – Moira novamente foi pega de surpresa pela sinceridade irradiando da voz dele.

– Eu... Não sei bem o que falar. Comparando minha vida a sua, não há nada de interessante a meu respeito. – Stark cingiu as sobrancelhas. – Ora, é verdade! Você é um *pirata*. Sua vida pertence ao mar, você caça tesouros e é inimigo da coroa... Sebastian, eu sonhei em ser como você a minha vida *toda*.

– Não é tão emocionante quanto você faz parecer.

– Aposto que não. Sebastian Stark, sem histórias para contar? – Ele riu.

– Tenho algumas histórias, de fato. – Curiosidade faiscou nos olhos de tempestade.

– Pode dividi-las?

– Vou entediá-la.

– Stark. – Moira arqueou uma sobrancelha para ele. – Histórias fazem de tudo, menos me entediar.

– Muito bem. O que quer saber? – Com tantas perguntas martelando sua mente, Moira acabou indagando a mais simples:

– Você é galês? – Sebastian exibiu um olhar divertido e encantado, rindo sonoramente em seguida. – Não foi engraçado!

– De todas as coisas, Moira, você me pergunta se sou galês? – ele fez uma pausa, pensativo. – *Ie, cariad*.

Ela empertigou-se fascinada.

– O que significa?

– Eu disse “sim, amor”.

– Você viveu muito tempo em sua terra natal?

– Sete anos. O suficiente para me afeiçoar, mas que deixou pouco para eu me lembrar quando fui embora. Meu pai queria tentar a sorte no novo mundo e a Jamaica foi nosso destino. – seus olhos elétricos perderam-se em lembranças. – Minha mãe morreu quando nasci. Meu pai me abandonou quando pisamos em terra, aqui no Caribe. Fui criado por uma prostituta espanhola aposentada. Ela

me ensinou a sobreviver na vida de pirataria. Conheci Terence no fim da minha adolescência.

– Ele me disse que você salvou sua vida.

– Sim. E não o faria novamente, se pudesse.

– Querendo ou não, é graças a ele que eu estou aqui. – Moira relatou amargamente.

– Você está aqui porque os deuses são bons e resolveram trazê-la até mim. – Sebastian ronronou contra sua pele, fazendo-a sorrir.

– Foi nessa época... Que você conheceu sua esposa? – Stark retesou-se, frieza e sombras crescendo em sua expressão.

– Sim. – ele respondeu sucinto. – Ficamos juntos por alguns anos, então... Ela fugiu com um mercador. Alguns anos depois, soube que Blackburn a tinha, e tentei... Resgatá-la. O que restara de nós. Mas não consegui; quando cheguei lá, Bela estava morta. – Houve hesitação e esquivas por parte dele. Moira não o pressionou; havia tanta dor nos olhos de Sebastian que seu coração apertou-se pelos relatos. Beijou o queixo dele suavemente, o que suavizou a máscara de seriedade.

– Muitas aventuras, nesse meio tempo?

– Dezenas delas. – ele acabou sorrindo. – Naveguei por mares desconhecidos em busca de videntes e xamãs para desvendar sobre o tesouro que perseguíamos... Conheci piratas famosos e duelei contra uma dezena deles. James pode lhe contar a história de como quase arranquei a perna dele uma vez... – Moira riu pelo espanto. – Vasculhei ilhas abandonadas, encontrei riquezas imensuráveis...

– Por Deus, Stark, sua vida é fantástica. – Ela exaltou. Sebastian caiu na gargalhada.

– Na maior parte do tempo, estou bebendo. – O capitão replicou.

– É muito melhor do que receber as aulas de etiqueta da senhora Lucy, acredite. – Moira rebateu com um sorriso largo. Ele acabou rindo. – Mas, pelo que eu vejo de você e da tripulação, é tudo como eu havia sonhado... Como nos livros.

– Livros? Você lia livros sobre pirataria? – Sebastian achou graça daquilo.

– *Alguns* livros, na verdade... Meu pai não me deixava falar sobre eles. Com ninguém. Em troca, eu podia me aventurar pelas páginas velhas daquelas obras. – ela bateu os ombros. – Vivenciar isso, no entanto, é muito melhor. – Moira riu suavemente. – Pare de me olhar assim. – A garota replicou embaraçada, finalmente notando a maneira com que os olhos elétricos dele a observavam. O capitão sorriu.

– A culpa é toda sua.

– Minha culpa?

– É claro. Como quer que eu desvie meu olhar quando há tão bela mulher ao alcance de meus olhos? – Stark a beijou profundamente após proferir aquilo, arrancando de Moira um longo suspiro. – Sobre os livros de pirataria... O que havia neles? Histórias fantasiosas, relatos?

– Acho que um pouco de ficção e um pouco de realidade. Benjamin Hornigold apareceu em um deles, já ouvi boatos sobre sua má fama. As aventuras que a capitã Snow enfrentou pareciam verdadeiras, ainda mais agora que vejo que sereias e maldições existem. – Moira pensou um segundo. – Arabella me ajudou a desvendar a última prova, sabia? – O olhar de Sebastian ficou repentinamente assombrado.

– Ajudou? – A voz dele saiu baixa.

– Sim. – Moira sentiu-se tola por contar aquilo, mas era a verdade. Arabella a havia ajudado! Um de seus livros narrava sobre a ilha amaldiçoada, e Moira contou sobre isso de maneira detalhada. O capitão absorveu as informações com as sobrancelhas franzidas e uma máscara de choque enfeitando seu rosto; quando Moira se calou, a cabine mergulhou em silêncio. – Sei que parece maluquice, mas...

– Talvez faça sentido. – ele disse de repente. O tom não soava decidido, e havia, definitivamente, algo estranho em seu olhar. Moira só não conseguia identificar o que. – Talvez a capitã Snow a tenha ajudado, afinal. – Ele abriu um sorriso rápido e trêmulo. Moira estranhou a reação dele. Parecia nervoso, quase assustado.

– Eram livros da minha mãe. – Moira comentou ao acaso. Sebastian deixou que ela continuasse. – Ela os deixou para mim pouco antes de morrer. Meu pai falava pouco dela, apenas que fora uma grande mulher, muito corajosa...

– Você sente falta dela. – Não foi uma pergunta.

– Sinto falta de não tê-la conhecido tão bem. – a garota suspirou.

– Nenhuma filha deveria crescer sem sua mãe. – o pirata lamentou, mas não soava verdadeiro. Havia qualquer coisa em sua expressão. Qualquer coisa que Moira não conseguiu decifrar.

Capítulo XXX

A cabine estava envolta em silêncio sepulcral. Escuridão reinava sobre o aposento cuja própria decoração contribuía para a aparência macabra. Uma única vela queimava no centro do tampo de uma mesa antiga, sua cera pingando sobre a madeira negra. Prateleiras repletas dos mais variados livros espalhavam-se pela cabine, mas seus títulos obscureciam-se pelo ébano ao seu redor. Baús contendo tesouros há muito esquecidos chamariam a atenção de um desconhecido, mas não despertavam o interesse da pessoa que habitava aquele recinto.

Porque, em meio à penumbra, havia alguém. A cadeira atrás da mesa rangeu quando a pessoa se moveu, tirando os pés que antes descansavam sobre o tampo. As botas de couro bateram com força no chão e o eco reverberou pelas quatro paredes.

Neste instante, a porta foi aberta. Alguém foi empurrado para dentro do ambiente aterrorizante, e trancado ali logo em seguida.

O homem de aparência assustada deixou-se guiar pela luz da vela. Sabia quem estava ali com ele, mas não queria encarar o rosto fantasmagórico de novo; não tinha coragem para olhar *aqueles olhos* novamente.

– Está com medo, John? – ele congelou ao ouvir aquela voz. Alta e cheia de poder. – Pode estar escuro aqui, mas não preciso ver seu rosto para saber que teme a mim. Seu coração retumba alto em seu peito... – A voz zombou.

– Acabe logo com isso, monstro! – John retrucou. – Já tentou arrancar informações sobre Moira e eu não lhe disse nada. Desista!

– Ah... Eu sei que você não falará sobre ela. – a voz soou indiferente. – Mas estamos próximos de alcançar a sua garotinha, e achei que você gostaria de saber.

– Estamos próximos do outro navio? – John indagou assombrado.

– Por alguns dias de diferença, mas sim. – John se afastou quando Blackburn começou a caminhar em sua direção em passos calmos. – Sente falta de sua amada filha?

– Eu não espero que você entenda o que é o amor por uma filha. – John cuspiu no chão. Estava fraco e debilitado, entregue à própria sorte, mas não deixaria que Blackburn zombasse de seu amor por Moira. Sentiu a lâmina afiada

de uma espada ser colocada contra sua bochecha pouco antes dela pressionar-lhe a carne, forçando-o a engatinhar para trás.

– Fale assim comigo novamente e não terá a oportunidade de encontrar a preciosa Moira. – Blackburn retrucou, a voz colérica.

– *O que mais quer de mim?* Deixe-me voltar para minha cela. – John implorou atormentado. A espada continuou a ferir sua bochecha, deixando que uma linha escarlate deslizesse por sua pele.

– Não há outro ser vivo em meu navio que ouse falar comigo, sabe? Por isso gosto de tê-lo como companhia. É um bom ouvinte, John, sempre foi. – a arma foi afastada, deixando-o solitário na escuridão novamente. Blackburn voltou à sua mesa e sentou-se de modo que a vela iluminasse suas feições; John conteve um arquejo. Era sempre assombroso quando olhava naquele rosto. – Os planos estão correndo como eu havia planejado. A menina está fazendo exatamente aquilo que eu queria... E agora, estou prestes a alcançar Stark.

Blackburn fez uma pausa, os olhos profundos perdidos em rancor e ódio. John baixou a cabeça, temeroso quanto à fúria que se alastrava pela cabine.

Blackburn era uma monstruosidade, um espectro, uma maldição.

– Tenho contas a acertar com Sebastian. – um sorriso ergueu-se em seus lábios, deixando sua face ainda mais macabra. – Assuntos inacabados sobre o nosso passado.

X X X

O mar estava calmo. O clima, ameno. Não havia a monotonia exacerbada de antes, quando o Espírito de Gelo dava voltas e voltas na ilusão da ilha, de modo que seus tripulantes se ocupavam com seus afazeres, cuidando do navio, reparando os estragos, perdidos em conversas ou canções cantaroladas ao vento.

Tamina deixou o posto no timão logo no início da tarde, quando Sebastian saiu de sua cabine. Tobias ofereceu-se para cuidar do leme e houve uma discussão entre ela e o menino, onde Tamina recusou-se a deixá-lo responsável por qualquer coisa, visto que Tobias continuava relaxado mesmo ao dar nós em cordas. Era implicância irônica dela, claro, mas o rapazinho perdia a cabeça com suas broncas, divertindo-a.

Sebastian estava sério quando os alcançou, mas havia o fantasma de um sorriso querendo reinar em seus lábios. A primeira imediata o encarou com curiosidade, mas ele nada disse, com exceção de um aceno e uma piscadela maliciosa.

Ela o conhecia bem demais e sabia que aqueles gestos remetiam a um bom humor bastante raro. Não conteve o alívio ao ver que Sebastian não estava tão

soturno quanto antes.

Desceu as escadas e olhou em volta. Sua posição de primeira imediata não precisava ser usada no momento, o que a deixava livre para fazer descansar.

Foi então que avistou James e algo dentro dela a incitou a conversar. A postura do pirata estava descontraída e ele abriu um sorriso ao avistar a mulher se aproximando.

– *Bela*. – o loiro exclamou ao se virar para Tamina, o sotaque italiano pesando sua voz mais do que usualmente. – Algum problema?

– Preciso de um problema para me aproximar? – A primeira imediata brincou.

– Longe disso. Sua presença não é nem um pouco incomoda. – James piscou um olho. – O que a traz aqui, aliás?

– Queria conversar sobre o traidor. – Tamina apoiou o quadril na amurada, de modo que ficasse de lado para James. A pirata cruzou os braços na altura do peito e armou uma máscara descontraída, beirando o sarcasmo. – Depois de tanto discutir sobre isso, eis que havia um amotinado entre nós.

James riu suavemente.

– Eu vejo a felicidade que brilha em seus belos olhos castanhos, Tamina. Você agradeceu aos deuses quando soube que eu não era o traidor. – Ele rebateu com ironia. Tamina arqueou uma sobrancelha.

– Você é muito cheio de si.

– Ao menos você confia em mim agora.

– Ha! Não confio nem em minha própria sombra, quem dirá em você, Carter. Mas você ganhou alguns pontos comigo na noite passada. Por ter salvado minha vida. – o brilho em seu olhar ficou mais arrebatador. – Eu ainda vou manter os olhos em você, no entanto. Não ache que se safou.

– Ah, bela, que tortura seria se você tirasse seus olhos de mim. – James replicou bem humorado, mas com uma pontinha de sedução. Tamina rebateu com um sorriso bem humorado e se virou para se afastar.

– A garota está bem? – O loiro gesticulou para Moira, que acabara de aparecer no convés. Tamina a observou, lembrando-se do descontrole emocional que se abatera sobre Moira ao descobrir a traição de Terence; ela não a julgava, claro. Tamina entendia muito bem sobre traições e imaginava a dor que aquilo havia causado a jovem.

– Ela *vai ficar* bem.

CAPÍTULO XXXI

Moira aprumou os ombros e caminhou até o convés calmamente. Não havia porque se preocupar. Ninguém ali no navio notaria que algo ocorrera entre ela e Stark. Na verdade, estava tudo na mais perfeita normalidade. Era a paranoia que mexia com sua cabeça – Moira nem ao menos entendia porque temia a ideia de ser alvo de julgamentos dos piratas. Tinha medo que a tomassem por libertina, que a reprimissem por ter sido tão... Promíscua. No entanto, ao parar para pensar, Moira chegou à conclusão de que ninguém ali poderia julgá-la. Eram todos homens do mar, acostumados a situações como aquela. Contudo, como Sebastian não havia dito nada, manteria aquela relação em segredo.

Até porque ela nem entendia direito o que se passava entre eles. Encarou o capitão no tombadilho, concentrado, e conteve o sorriso involuntário ao lembrar-se dos sussurros apaixonados que ele lhe havia confessado na noite passada. *Foco, Moira, mantenha o foco.* Esbravejou consigo mesma, dando as costas ao pirata.

Foi então que avistou Armand, e toda a euforia que corria por seu coração transmutou-se em dor.

O que havia feito poderia ser considerado uma traição? Ela não tinha nada com Armand, claro, mas sabia que o rapaz cultivava esperanças... Lembrou-se dos beijos que havia trocado, do amor que Armand desprendia... E Moira não poderia destruir aquilo. Porque, ainda que suas emoções se incendiassem ao olhar para Sebastian, seu coração descompassava ao encarar o jovem com quem compartilhava um passado.

Stark era tempestade, Armand era calma. E Moira estava à deriva entre os dois, incerta sobre o seu destino.

Suspirando alto, a garota andou na direção do jovem nobre. Seus passos foram acompanhados com interesse pelo capitão do navio, cujas sobranceiras franziram-se ao avistar onde Moira queria chegar.

– Olá. – ela disse, desconcentrando Armand. Ele largou as cordas que amarrava cuidadosamente e ergueu um sorriso animado, gesto que causou um esquisito desconforto em Moira. – Tudo bem?

– Eu que deveria perguntar! Você me assustou ontem, Moira. – sem esperar a

resposta dela, Armand se levantou e a puxou para um forte abraço, escondendo seu rosto no ombro dela. – Desculpe tê-la dedurado para Stark. Mil perdões. É que... – ele se afastou, segurando-a pelos braços para que ficassem próximos. Os olhos claros de Armand afogavam-se em arrependimento. – Fiquei tão preocupado, tão desesperado, sem saber o que fazer... Stark me pareceu a melhor opção. Ele prometeu que me deixaria ajudar, mas a “ajuda” era ficar no navio e cuidar para que a tripulação não entrasse em pânico.

– Armand. – Moira o silenciou, tocando o seu rosto. – Confesso que fiquei... Brava ao descobrir que você havia falado tudo para Sebastian, mas, por outro lado, isso salvou a minha vida. Um segundo a menos e eu não estaria aqui agora. – ela balançou a cabeça para ele. – Está no passado. Melhor não nos importunarmos. – Armand assentiu, as sobrancelhas cingidas e o rosto numa máscara de confusão. Moira havia soado impassível e não dissera que perdoava o rapaz, mas o compreendia. Em seu lugar, teria feito o mesmo. A questão era que uma mínima traição já nocauteava seus sentimentos; depois de Terence, Moira precisaria de mais tempo para dizer “desculpas aceitas”.

– Moira... Tamina mencionou o que ocorreu na floresta. – os olhos da garota arregalaram-se em amargura e ira. – Sinto muito. – A sinceridade nas palavras dele foi tão palpável que Moira sentiu vontade de se estapear; como podia agir tão friamente com Armand? *Era Armand, afinal.* O rapaz por quem havia se apaixonado, dono de um coração nobre e puro.

– Terence vai acertar suas contas com o inferno. – Moira murmurou, tentando controlar a raiva que despejava junto às palavras. – Ele não merece nossa atenção.

– Tem razão. – Armand a puxou para seu lado e a fez sentar muito próxima, de modo que seus joelhos se esbarraram. Moira observou o rosto dele, os traços familiares e as feições elegantes, e viu-se sorrindo suavemente. Outra vez, sua mente emparelhava Armand ao capitão Stark, comparando suavidade com selvageria, amor com paixão, calma com tormenta. *Oh Deus, vou enlouquecer.* Moira pensou indignada.

Seus sentimentos haviam perdido a simplicidade depois da noite de amor com Sebastian. Ainda que seu coração retumbasse com força por Armand, Moira se sentia afastada dele de uma maneira assustadora; como se o rapaz estivesse ao alcance de suas mãos, mas ela não conseguisse se mover para tocá-lo.

– Moira! – ela se sobressaltou ao ouvir a exclamação. Virou o rosto e avistou Sebastian, cujo rosto expressava sutileza. Tobias havia gritado seu nome e vinha correndo do convés superior, o rosto ávido. – O capitão precisa falar com você.

– Ele não vê que estamos conversando? – Armand rebateu indignado. O nobre encarou Stark por longos instantes, dando à Moira a sensação

desesperadora de que os dois faziam um duelo mental.

– Tudo bem, Armand. – ela tocou seu joelho, apertando com delicadeza. – Volto logo. – piscou um olho para ele e se retirou, bagunçando o cabelo de Tobias no caminho. – Obrigada pelo recado, pombo.

– Ei! – O garotinho replicou.

Moira armou uma máscara desinteressada quando subiu os degraus em direção ao capitão. Sebastian agiu friamente, mantendo o rosto focado no horizonte, mas suas mãos apertavam o timão com uma força desnecessária. A garota o encarou com confusão e então arqueou uma sobrancelha, esperando seu pronunciamento.

Ninguém no navio lhes dava atenção, exceto Armand, cujos braços cruzados indicavam desconfiança.

– Pois não, *capitão*? – Moira exibiu sarcasmo, esperando seu pronunciamento. Stark suspirou e mirou nela seu olhar mais intenso, suficiente para arrancar o controle dela.

– O que foi aquilo?

– Aquilo o que? – Moira pôs-se de costas para o convés, de modo que Armand não visse sua expressão indignada. Sebastian conseguia permanecer rígido ainda que estivesse lhe dando uma bronca.

– Aquele... Abraço. – o pirata travou a mandíbula. – Por que tanta intimidade com o almofadinha?

– Mas o que... *Intimidade*? – Moira baixou a voz, sibilando abismada. – Nós somos amigos, Sebastian. Ele estava preocupado comigo, por isso me abraçou.

– Ah, Moira, por favor, não se faça de tola... Olhe para o rosto do rapaz e veja amor estampando aqueles grandes olhos claros. – Sebastian retrucou, enfezado.

– *Esse*... Não é o caso. – ela respirou fundo ao finalizar a frase, tentando ignorar o palpitar acelerado que cresceu em seu peito ao ver Sebastian afirmar aquilo. – O que importa é o que eu sinto. E você não tem o direito de tentar entender.

– Não acho agradável vê-la distribuindo abraços inocentes pelo navio. – Stark disse irado, e seu rosto já não conseguia passar impassibilidade. Moira revirou os olhos. – Não faça essa careta. – O pirata replicou.

– O problema é seu se acha isso, capitão. – a garota respondeu num fio de voz, zangada.

– Aonde vai?

– Para o convés. Conversar com Armand. Prenda-me se quiser me impedir. – Moira afastou-se em seguida. Não olhou para ele enquanto descia as escadas a passos duros. Tamina, que vinha da direção da cabine, a encarou com assombro.

– Que bicho te mordeu?

– Stark.

Tamina arregalou os olhos quando Moira passou por si, a postura firme e determinada, dando as costas para um capitão frustrado. A primeira imediata tentou falar com Sebastian, mas ele resmungou qualquer coisa em galês sobre “uma garota teimosa” e não mencionou mais nada depois disso.

X X X

– Não estamos nem perto da meia noite e você já está se embebedando, Carter? – James sorriu abertamente ao ouvir aquela voz. Estivera, até algumas horas atrás, conversando com Moira, distraíndo-a para que não voltasse a pensar no traidor – quando ela fazia isso, seus olhos acinzentados escureciam em dor, e James não gostava de vê-la daquele jeito. Agora, solitário, dividia-se entre devaneios e bons goles de rum, o olhar perdido no horizonte. O sol desaparecia por lá, riscando o céu com cores avermelhadas.

– Olá, bela. – O pirata se virou para Tamina, cuja postura indicava descontração. Estava calor naquele fim de tarde, por isso o fiel casaco da primeira imediata havia sido deixado de lado, de modo que o espartilho apertado e as calças justas delineavam seu corpo curvilíneo de uma maneira hipnotizante.

James virou outro gole de rum para afastar aqueles pensamentos da cabeça.

– Aproveitando a solidão? – Tamina não pareceu se importar em tê-lo interrompido. James deu de ombros.

– Acho muito mais interessante dividir o rum com uma boa companhia. – Estendeu a garrafa para ela, que aceitou sem pestanejar. Tamina sorveu um longo gole da bebida, e James acompanhou o gesto com um olhar desejoso. Observou a curva dos lábios dela e o deleite que iluminava seu rosto tão encantadoramente belo. Quando ela voltou-se para o pirata, os olhos eram curiosos.

– Está chateado?

– Por quê?

– Por ter perdido a atenção de Moira para o capitão. – Havia sarcasmo na voz da pirata, e logo James entendeu o que ela supunha. A tripulação podia ser avoada a ponto de não notar, mas ambos haviam reparado nas trocas de olhares entre Stark e a garota... Não que James ficasse incomodado, claro. Ele tinha consideração demais por Moira para que ciúme lhe roesse a alma.

Arqueou uma sobrancelha em desafio.

– Nem um pouco chateado. Mas e você, bela? Foi você quem perdeu Stark. – Tamina pareceu surpresa com a afirmação dele. Seus olhos recuaram para o mar e as sobrancelhas franziram-se suavemente. A primeira imediata tomou outro gole de rum antes de falar.

– Anos atrás eu teria explodido a cabeça de Moira sem pensar duas vezes. Mas, agora? Sebastian é um grande amigo. E só. Fico aliviada por vê-lo sorrir sem motivo, e por olhar alguém com mais do que simples simpatia. Moira traz algo de bom para ele.

Ela parou um instante, deixando um sorriso leve erguer-se em seu rosto.

– Até porque, não iria gostar de dividir o que é *meu*. – Piscou para James, acenou rapidamente e se retirou dali, andando lenta e propositalmente, ciente de que os olhos cristalinos do pirata acompanhavam cada movimento seu.

x x x

Moira quis ralhar consigo mesma, mas lá estava ela, no meio da madrugada, rumando até o tombadilho, determinada a falar com Sebastian. O capitão se encontrava em seu posto usual, a postura mais descontraída do que a ciumenta de antes. Ao avistar Moira, Stark se afastou do timão e a encarou com curiosidade.

– Boa noite, amor.

– Podemos conversar?

– Sobre o que?

– Você sabe muito bem. – ela resmungou, o olhar passeando pelo convés vazio lá embaixo. Estava parada bem próxima a ele e a brisa da noite fazia questão de carregar o cheiro do pirata. A inebriante mistura de maresia e almíscar. – Não gostei da sua atitude hoje.

– Moira, eu não vou me desculpar por aquilo. – Sebastian retrucou sucinto.

Usando de cautela, aproximou-se do capitão e pousou sua mão sobre o braço dele.

– Prometa que vai se controlar da próxima vez. – pediu. – Sebastian, eu... Estou confusa, para dizer o mínimo, e me afastar de Armand vai me perturbar ainda mais. Ele é parte da minha vida, uma parte importante dela, e seria maravilhoso se você ao menos tentasse conviver com isso.

Sebastian passou a mão pelos cabelos bagunçados e virou-se para ela com uma expressão beirando o desespero. Moira se surpreendeu.

Não era só ciúme. Algo corroía o controle tão estimado de Stark, alguma coisa o deixava fora de si em relação a aquilo. A garota sabia que era perigoso perguntar e, mesmo com coragem, não teve tempo de formular sua frase. O capitão a interrompeu:

– Podemos não falar sobre o almofadinha agora, por favor? – Havia frustração em sua voz, e Moira suspirou ao assentir. Entre enfrentar o colapso e fugir dele, a fuga parecia a melhor opção. Iria se acertar com Sebastian depois.

Silêncio recaiu sobre os dois. Moira teve seus devaneios dissipados quando Stark segurou sua mão, puxando-a para si. A garota sorriu suavemente para o pirata, encontrando o olhar determinado. Sua mão foi guiada até o timão e ali repousada. Sebastian se afastou, deixando-a sozinha com o controle do navio.

– O que está fazendo? – Moira indagou desesperada. Ele caiu na gargalhada.

– Você se enche de coragem para brigar comigo, mas na hora de assumir o comando morre de medo? Ora, Moira, não é tão difícil assim.

– Falou o *capitão*. – ela replicou indignada. – Você tem anos de experiência, Sebastian.

– Vamos lá, eu ensino você. – ele se aproximou, piscando um olho, encorajando-a a prosseguir. Instruiu Moira pacientemente, admirado por toda pergunta interessada feita pela garota.

Apesar do susto por ter sido colocada a frente de uma embarcação tão grande quanto aquela, Moira viu-se relaxada minutos depois. Com Sebastian ao seu lado e sua voz calma ensinando o que tinha que fazer – o que, no momento, se resumia a manter o curso – a garota deixou-se mergulhar na ilusão de que realmente sabia lidar com o Espírito de Gelo. Que o conduzia com a mesma destreza com que Stark o fazia, ou com a mesma habilidade com que a capitã Snow guiava a sua embarcação.

Logo que Sebastian se silenciou, Moira percebeu que ele havia se afastado. O pirata estava apoiado contra a amurada, exibindo um olhar orgulhoso. Ele a observava com fascínio, como das últimas vezes. Moira sentiu calor subindo por seu peito, forçando-a a desviar a atenção antes que acabasse sucumbindo ao capitão.

Encarou o oceano lá na frente e respirou fundo. Estava indo bem. O Espírito de Gelo estava sob suas mãos e, ainda que não houvesse desafios, ela se sentia poderosa. Como Arabella descrevia os sentimentos que a incendiavam sempre que comandava o seu navio; Moira era Arabella, naquele instante. *Forte, invencível, a domadora do oceano.*

– Sabe, Moira... Você está cada vez mais ligada à pirataria. – ela encarou Sebastian com surpresa. – Sorri ao ouvir histórias de pirata, tem como heroína uma pirata, está viajando com piratas, *se apaixonou por um pirata*... E, parada aí, no comando do navio, preciso admitir que se parece com uma grande capitã. Tem a postura de uma, o olhar de uma... Só lhe faltam duas coisas.

– O que?

– Disseram-me que, para se tornar um capitão, precisa-se de um navio roubado e um coração partido. – ele ergueu um sorriso melancólico para ela. – Felizmente, eu conquistei os dois.

– Você roubou este navio? – ela indagou embasbacada.

– De um velho Comodoro. Era a nave favorita da marinha antes de adquiri-lo para mim. – Sebastian riu com a lembrança. – Batizei-o com este nome por conta de um livro que Bela adorava. Falava sobre um capitão assombrado por um espírito de gelo, e como o tal espírito transformou a sua vida em um inferno. Foi semelhante ao que eu fiz com o Comodoro. – Moira exibiu uma expressão levemente embasbacada. – Por que a surpresa? Pirataria vai além de lutas com espadas e aventuras em alto mar, amor. Você precisa construir uma péssima reputação. – o sorriso foi perverso. – E foi o que eu fiz. Dever e honra estão apenas com o nosso código. Fora isso, temos uma vida longe de leis para se aproveitar.

A ideia de continuar com aquilo, com *aquela vida*, lhe parecia uma utopia.

Pirataria, Moira? É isso mesmo que você quer? Indagou a si mesma. Recordou-se de que estava naquela jornada por sua família. Guiava-se pelo amor ao pai e a honra à mãe; mas havia uma centelha em seu coração que se inspirava pela ideia de aventura. Uma pequena chama em seu âmago que implorava para que ela não desistisse daquele futuro.

Infelizmente, no entanto, a razão ainda confundia seus pensamentos, e se deixar levar por um destino incomum não fazia parte de seu futuro. Moira não sabia como seguiria sua vida após o término daquela viagem, mas, por enquanto, se deixaria fantasiar na sugestão de Stark. Se deixaria deliciar com a incerteza.

– Acha que pode me ensinar a comandar um navio? – Ela perguntou. Sebastian cingiu as sobrancelhas.

– Não vejo porque não. – o pirata coçou o queixo, pensativo. – No passado, me ensinaram a ser um bom navegador. Seria uma honra passar tais conhecimentos a você, *milady*. – Stark fingiu uma reverência, arrancando um sorriso divertido da menina.

– Você vem me ensinando a ser forte, capitão. Ensine-me a ser uma pirata.

CAPÍTULO XXXII

O navio estremeceu, despertando Moira de seu sono. A garota abriu os olhos com o susto. Era início da manhã, mas a escuridão lá fora fazia parecer madrugada. Por um instante, pânico a assombrou. Armand dividia os aposentos da tripulação agora, mas o medo de que ele descobrisse sobre a escapada noturna de Moira até a cabine do capitão gelou a sua espinha.

A menina empertigou-se e encontrou Sebastian sentado atrás de sua mesa, a atenção voltada para algo sobre o tampo. *O mapa, provavelmente.* Ela pensou.

Moira vestiu suas roupas com rapidez, caminhando até o capitão enquanto abotoava a camisa. Stark ergueu os olhos para ela e lhe direcionou um sorriso tenso, voltando para sua análise em seguida. Moira parou ao seu lado e espiou a janela da cabine, encontrando uma tempestade furiosa lá fora. O mar reverberava pela fúria da natureza, chacoalhando o Espírito de Gelo com violência. Os pingos de chuva chapinhavam contra o vidro.

– De onde surgiu esse tempo? – Moira perguntou.

– Não faço ideia. Há poucas horas, o céu estava limpo, e agora vento e chuva castigam o meu navio. – Sebastian apontou para o mapa. – Estamos próximos da ilha. Deve ser alguma defesa natural dela.

O pergaminho havia marcado um novo ponto a ser encontrado. Diferente das armadilhas, agora meros borrões de sangue, a cor escarlate vibrava num X indicando a localização da ilha. Não havia um novo enigma ou mesmo um aviso do que estavam para enfrentar; apenas a certeza de que seu destino estava próximo.

– E agora? – Moira indagou num fio de voz. Lá fora, o vento uivava sinistramente.

– Agora esperamos. – Sebastian soou frustrado. – Não há como prever quando chegaremos, ainda que, de acordo com meus cálculos e com a ajuda da bússola, possa garantir que estamos seguindo na direção certa. – O pirata descansou a postura estressada puxando Moira para seu colo.

– Você deveria ir lá fora agora, não? – Ela sussurrou. Sebastian rolou os olhos, as mãos acariciando a cintura fina de Moira. Ela cruzou os braços ao redor do pescoço de Stark e aproximou seus rostos, deixando que seus lábios roçassem a

barba dele.

– Tamina é uma ótima comandante. Ela pode aguentar mais alguns minutos sem mim. – Sebastian retrucou num murmúrio rouco, a respiração fazendo cócegas contra o pescoço de Moira. Ela sorriu maliciosamente.

O pirata tomou-lhe um beijo intenso. Moira agarrou seus cabelos, entrelaçando os dedos nos fios bagunçados. A língua dele deslizou sobre a sua no instante em que a maçaneta da porta foi aberta. Num movimento surpreendentemente ágil, Moira lançou-se para longe do capitão, parando de modo inclinado sobre o mapa, fingindo examiná-lo.

– Capitão. – a voz de Tamina a fez erguer o rosto. A primeira imediata os examinou longamente, pensativa e desconfiada, até que seu olhar se suavizou. *Podia ser Armand*, a mente de Moira pensou assustada. – Precisamos de você no convés.

Stark assentiu e se levantou, caminhando como se nada tivesse acontecido. Lançou uma olhadela marota para Moira e piscou um olho em sua direção, saindo da cabine em seguida. Moira engoliu em seco, ignorando a sensação de que ainda era alvo da avaliação de Tamina. Sua atenção repousou no mapa uma vez mais e a marca vermelha vibrante estalou em sua mente.

Estavam próximos da ilha. Quanto tempo até alcançá-la? Quanto tempo mais aquele navio aguentaria os danos causados pela natureza furiosa? Quanto tempo levaria até que Blackburn os interceptasse?

Moira arrepiou-se com o último pensamento. A ansiedade para salvar seu pai mesclava-se ao medo do medonho capitão. Preferia não ter de encarar Blackburn. *Não queria sequer pensar nele.*

– Oi. – assustou-se ao notar que Tamina ainda estava ali. – O que veio fazer aqui? – As sobranceiras da pirata cingiram-se em sua direção. Havia um ligeiro toque de humor no rosto dela, como se o nervosismo de Moira a divertisse.

– Stark... Chamou-me aqui... Por causa do mapa. – balbuciou nervosamente. A mulher adiantou-se para examinar o pergaminho e assoviou ao avistar a bússola e as anotações de seu capitão. – Estamos perto. – Moira desconversou.

– Se o tempo ruim é a indicação de nossa proximidade, eu diria que estamos quase lá. – a pirata trocou um olhar ansioso com Moira. – Vamos, a tripulação precisa de ajuda.

Moira olhou uma vez mais para a marca escarlate, curiosidade corroendo suas veias.

O que os deuses haviam reservado para visitantes? O que os esperava quando, enfim, chegassem até a cidade amaldiçoada?

Mal deu dois passos para sair da cabine quando algo a parou.

Avistou um brilho avermelhado vibrante vindo da mesa e estendeu a mão

naquela direção. Alcançou o medalhão e, conseqüentemente, o rubi de sangue, cuja extensão cintilava num tom fantasmagórico. Moira mordeu o lábio inferior, indecisão pairando sobre sua mente. Lentamente, escorregou o dedo pela pedra, sentindo a superfície esquentar sob sua pele.

– Ah! – Grunhiu, afastando-a de si.

Esperou alguns instantes onde nada aconteceu. Armand não estava por perto, então o rubi estava sinalizando alguma outra coisa. Moira sentiu que não deveria deixar o medalhão ali na cabine, não quando ele estava se manifestando. Resolveu dividir tal fato com Armand que, além dela, era o único ali no navio a compartilhar uma ligação com a joia.

A passos apressados e bamboleantes graças ao balançar do navio, Moira correu na direção do convés, sendo recebida por uma enxurrada de água fria vinda das nuvens negras lá no céu. Raios pálidos estouravam no alto, mas nenhum trovão chegava aos seus ouvidos.

Com a visão turva pela chuva, Moira demorou a encontrar Armand. Conforme se aproximava dele, como de costume, o rubi ficou mais quente. Estacou contra o rapaz, agarrando-se a ele quando uma onda invadiu o convés, lançando todos ao chão.

– Moira? – Armand exaltou. – O que houve?

– O rubi! – mostrou-lhe a peça, cujo brilho avermelhado estava ainda mais forte. Armand segurou sua mão. – Tem algo errado!

Como que para confirmar sua afirmação, uma figura disforme apareceu à sua frente, o rosto impossível de distinguir, ainda que sua voz e postura indicassem tratar-se de uma mulher. Os dois tropeçaram para trás, embasbacados com a visão.

– *Armand.* – O fantasma disse, a voz gutural e arrepiante ecoando pelo convés. No entanto, Moira reparou, ninguém ali prestava atenção no espírito. Um espírito pálido, feito de gelo.

– Quem é você? – O rapaz indagou, choque exposto em seu olhar.

– *Minha alma está ligada às três peças da chave. Estou ligada a cidade amaldiçoada.* – Moira franziu o cenho. – *Vocês estão perto de chegar ao seu destino.*

– Sabemos disso. O mapa indicou.

– *Armand...* – o fantasma voltou a se dirigir ao rapaz, cuja expressão chocada havia sido suavizada. O tom na voz dela era carinhoso, quase fraternal. – *O mapa nunca indicou nada. Fui eu o tempo todo.* – a mulher tremeluziu, aparecendo ao lado de Armand. O rapaz colocou-se à frente de Moira protetoramente, cobrindo o cabo da espada com a mão num gesto ameaçador. – *Você protege esta garota com muito afinco.* – não havia qualquer ponta de

orgulho naquela constatação. Moira sentiu rancor na voz da mulher. – *Iolanda falava a verdade quando disse que os espíritos guiaram vocês. Eu o fiz.* – Ela fez um aceno com a mão e o rubi se apagou, voltando a temperatura normal. Armand encarou a joia e o espírito em seguida.

– Como?

– *O sangue do morto, o rubi encantado, tudo é controlado por aquela que amou o capitão amaldiçoado. Eu os ajudei a reunir as três peças.*

– Você! – Moira estacou, os olhos arregalados. – Você é a mulher da história, a nativa que fugiu da cidade.

– *Correto.* – a figura estremeceu, desaparecendo momentaneamente. Quando se dirigiu a Moira, sua voz tornou-se apática e perigosa. – *Não tenho mais tempo.* – fez uma breve pausa. – *O capitão a quem tanto teme está se aproximando. O herdeiro do traidor vai retornar a ilha.*

– Blackburn vai conseguir chegar à ilha? Como sabe disso?

– *O traidor vai pagar pelo que seu ancestral fez.* – o rosto da mulher ficou visível por um instante, e Moira arrependeu-se de tê-la olhado. Em seus olhos fantasmagóricos havia a mais pura cólera. – *Armand... Você precisa... Tomar cuidado... As três peças... Unidas... O levarão até a cidade, a sua cidade. Você é o herdeiro, meu querido e precioso Armand.* – a mulher desapareceu por alguns segundos. Armand deu um passo à frente e ofegou quando o espírito voltou a aparecer. – *Cuidado.* – a fantasma lançou um olhar preocupado para o rapaz. – *Cuidado com quem carrega o sangue do traidor.*

Ela desapareceu, deixando ecoar pelo convés seu um último e sinistro aviso.

Capítulo XXXIII

O Espírito de Gelo estava quase ao seu alcance. O navio balançava violentamente por causa do tempo horrível, mas o vento era usado ao seu favor. Os homens corriam pelo convés, seguindo as ordens do encarregado – já que não havia mais um contramestre a ser ouvido, e seu capitão amaldiçoado não dava as caras. O capitão, aliás, encontrava-se em sua cabine. Seus olhos ferozes e assustadores miravam a janela e o mar revolto depois dela, mas a sua mente estava perdida.

O destino estava próximo.

A cidade amaldiçoada, a guardiã do maior tesouro já imaginado por toda e qualquer pessoa ambiciosa, estava ao seu alcance. A fúria dos deuses já reverberava tal fato graças à tempestade que castigava seu navio.

Blackburn tamborilou os dedos trêmulos pela mesa de madeira, afastando-se da janela. Seus nervos estavam desesperados, seus movimentos demonstravam ansiedade.

Inspecionou os mapas feitos a mão, já que o seu precioso pergaminho encantado havia sido roubado por Stark. Sorriu um sorriso perturbado.

Estava prestes a alcançar aquilo que tanto ansiara. O desejo de uma vida, influenciado pela ânsia de poder, finalmente seria realizado. Depois de tanto mentir, trapacear, depois de todo o esforço psicológico e emocional, Blackburn enfim chegaria ao tesouro. Esperava encontrar Moira no caminho, pois tinha contas a acertar com ela.

A detentora do rubi de sangue enfrentaria seu destino.

Stark estava próximo também, agora.

O passado virá para assombrar o capitão do Espírito de Gelo.

– Senhor! – lá fora, a voz de um dos marujos foi ouvida. – *O navio está em nosso alcance, como foi ordenado.*

– Prossiga com o plano. – Blackburn esbravejou de volta, a voz rouca e sinistra. – Quero derrubar Stark pessoalmente.

– Então você achou prudente avisar o almofadinha e não a mim? – Sebastian resmungou. A tempestade desabando sobre sua cabeça não parecia suficiente para distraí-lo do fato principal, de que Moira optara por falar com Armand antes dele.

– Sebastian! – ela retrucou indignada. – Armand tem uma ligação com o rubi, achei que fosse o melhor no momento. E havia um *fantasma* aqui no navio!

– E só por causa disso resolveu falar comigo? – Moira bufou. – Está bem, o que o tal fantasma disse?

– Armand está em perigo. – ela se aproximou do capitão e confidenciou-lhe aquilo num tom mais baixo, mirando um olhar preocupado no nobre rapaz. Armand estava no convés, ajudando os marujos a ajustar algumas cordas. Moira resumiu os avisos dados pela fantasmagórica mulher e observou desconfiança pontuar no olhar enérgico do pirata a sua frente. – O que acha?

– Se Blackburn está mesmo se aproximando, nossa melhor chance é alcançando a maldita ilha logo. E se Armand é mesmo o herdeiro... – Sebastian apertou os dedos ao redor do timão, a expressão marcada em fúria. Blackburn era o grande inimigo dele, pensou Moira. Não havia como despistar aquele monstruoso pirata, apenas atrasá-lo.

– Estarei lá embaixo se precisar de mim. – Discretamente, Moira segurou uma das mãos dele, apertando-a com carinho. Stark suavizou as linhas de raiva que marcavam seu rosto e lançou a ela um sorriso agradecido.

Quando Moira se afastou, no entanto, sombras recaíram sobre a feição dele uma vez mais.

x x x

– Infernos! – Tamina praguejou. Barris escorregavam pelo convés, os homens estavam exaustos pela constante corrida de modo a manter cordas e as velas bem presas e nada de alcançarem a maldita cidade. A chuva e o vento estavam menos insuportáveis, mas o navio continuava a sacolejar.

Então, para zombar de sua paciência, uma forma bastante conhecida apareceu no horizonte, navegando em sua direção. Uma embarcação vinda do além-mar, carregando consigo um tormento que a primeira imediata levianamente acreditara ter deixado para trás.

– Stark! – Tamina gritou exaltada. Estava na popa do navio e correr até o convés superior mostrou-se um esforço assombroso. Suas botas escorregavam contra o chão e o mar, estapeando as laterais da embarcação, jogou a pirata para os lados. Agarrando-se ao corrimão, Tamina içou-se pelos degraus molhados, finalmente chegando ao seu destino. – Blackburn está se aproximando! O

maldito diabo voltou!

Sebastian assentiu soturno, como se já esperasse por aquilo. Não havia o que fazer contra o inimigo que os perseguia, a não ser manter o máximo de distância que pudessem.

– Mande os homens prepararem os canhões.

– Com essa turbulência, não acho que seja a melhor ideia. – Tamina replicou. Stark bufou em frustração e girou o timão, lançando o Espírito de Gelo para longe de um amontoado de rochas.

Rochas. Tamina pensou. Finalmente avistavam algo que não fosse o oceano infinito. Talvez estivessem mais próximos da cidade do que imaginava; talvez houvesse uma chance maior, a partir do momento em que alcançassem a maldita ilha.

O Tormenta das Águas estava lá ao fundo, perigoso contra as nuvens acinzentadas carregadas de chuva. Raios continuavam a estalar pelo céu, mas o barulho do trovão nunca chegava. Provavelmente, tratava-se de uma defesa criada pelos deuses, uma última armadilha a ser atravessada antes de alcançarem seu tesouro.

– O que faremos?

– Os canhões. – Stark disse mais calmo. – Confie em mim, Tamina. Mande que os homens preparem os canhões. Quero a vela principal solta, vamos usar o vento a nosso favor.

A pirata assentiu. Ainda que sua racionalidade achasse aquilo inútil, ficar sem fazer nada parecia pior ainda. A mulher correu para baixo aos berros, gritando aos marujos que seguissem as ordens do capitão. Esbarrou contra James no caminho.

Ao contrário do resto da tripulação, ele estava parado, estacado no meio do convés. Os olhos verdes fixos no navio que navegava em sua direção.

– Carter! – ela urrou o seu sobrenome, agarrando o seu braço para atrair a sua atenção. – Mexa-se. Precisamos de toda a ajuda que pudermos.

– Tamina... – o tom dele a surpreendeu. Estava rouco, sombrio, sem esperança nenhuma. – Se aquele maldito diabo nos alcançar, não vai haver muito a fazer.

– Já o deixamos para trás uma vez. Faremos isso de novo. – A mulher retrucou impaciente. Seu coração batia acelerado, nervosismo correndo por suas veias, indicando que as palavras de James soavam verdadeiras aos seus ouvidos.

x x x

O que antes eram apenas poucas rochas pelo caminho começou a se estender a labirintos entre os quais o Espírito de Gelo tinha que navegar. O mar revolto

não contribuía para a situação crítica e Stark não poderia estar mais furioso. Sua tripulação trabalhava com afinco, tendo os canhões preparados para caso o inimigo resolvesse atacar – naquele caminho suicida, no entanto, ambos teriam que usar da própria sorte.

O Tormenta das Águas havia se aproximado perigosamente quando adentraram a armadilha de pedras. Pontiagudas e mortais, lascavam as laterais da embarcação, a espreita para destruí-la por completo.

À frente, a chuva impedia que o horizonte fosse visto, mas, com o passar dos minutos, ficou claro que algo grande os esperava no fim do mar de rochas.

Algo gigantesco e disforme, ameaçador quando observado de longe.

Stark estreitou os olhos, desconfiado, mas teve sua concentração estraçalhada quando explosões cortaram o ar, acertando em cheio seu navio. O capitão agarrou-se ao timão e voltou o olhar irado para seu atacante; o Tormenta das Águas, resolutos, havia disparado uma sequência de tiros com os canhões frontais. As balas estavam presas por correntes, o que aumentou a carga de dano consideravelmente.

Sebastian rangeu os dentes.

Estou aqui, Stark. Hora de nos encontrarmos. Ele quase podia ouvir o diabo falando aquilo, usando de sua imaginação para criar uma voz monstruosa e sepulcral.

– Não tenho medo de você. – Disse, travando a mandíbula em seguida. *Está agindo como um louco, Stark, mantenha a calma.*

Não havia mais fuga, ele sabia disso. Assim que se afastassem das rochas, lutariam ou seriam mandados pelos ares. O capitão tinha um plano, louco, mas serviria para salvá-los pelo tempo que acreditava ser necessário.

Quando o caminho de rochas diminuiu a ponto de o Espírito de Gelo poder ser guiado sem tanta precisão, Stark girou o timão, usando a forte corrente do mar para lançar o corpo do navio à direita, colocando-o de lado para o Tormenta das Águas. O oceano revoltado parecia estranho ao capitão. Pareceu, a Sebastian, que o mar os guiava para aquele conflito; como se os deuses os quisessem ver afundar.

Outro estouro veio dos canhões de seu oponente, mas o tiro acertou a água, por pouco não causando um horrendo estrago.

– Homens, atenção! – Sebastian exaltou, descendo as escadas com rapidez. O capitão apoiou-se na amurada e ficou de pé ali, agarrando-se a uma corda para estabilizar-se. Seu olhar varreu os rostos assustados. Não havia um pirata em todos os sete mares que não temesse estar cara a cara com o maldito Blackburn. Mas Sebastian Stark precisava de sua tripulação.

Sã e encorajada, preferencialmente.

– Quantas vezes já não nos metemos em situações que pareciam impossíveis de deixar para trás? Quantas vezes travamos batalhas com inimigos mais numerosos, mais perigosos, enfrentamos piratas e a coroa para alcançar aquilo que desejávamos? – berrou a plenos pulmões, o olhar animado, apesar do descompasso em seu coração. Seus marujos gritaram sonoramente de volta, incentivando-o a continuar. – Mais de uma vez, eu confirmo. Mais de uma vez quase visitamos o baú de Jones, e mais de uma vez retrucamos ao Holandês Voador que não, não era o momento de encararmos a morte! Hoje, amigos, enfrentaremos a morte novamente. Demônio ou não, Blackburn não é imortal, e provaremos isso a ele. O sangue daquele monstro vai enfim ser derramado, e histórias serão contadas sobre o momento em que a tripulação do Espírito de Gelo venceu o temido monstro do mar. – ele fez uma pausa, observando brevemente o gigantesco navio que se aproximava. – Quero ver o brilho da fúria deixando seus olhos, homens, enquanto lutam com a coragem que sempre respeitei nos senhores! Se quiserem chegar àquele tesouro, vão precisar de bravura e insanidade. – Sebastian ergueu um sorriso perverso. – Nada que falte a um bom pirata, é claro. – Gritos em concordância ressoaram pelo convés de volta, espadas foram brandidas. O medo quase abandonou o rosto daqueles homens.

– O que faremos, capitão?

– Invadam aquele navio. Destruam-no. Quero a preciosa embarcação de Blackburn despedaçada para que a entreguemos a Davy Jones! – urros se seguiram, alguns ainda insertos e hesitantes, mas a maioria crente de que aquilo levaria a um final positivo. Era isso que os guiava. A confiança em seu capitão. – Disparem contra o Tormenta das Águas e preparem-se para a batalha!

Sebastian desceu de seu posto e parou ao lado de Moira, que o observava com um misto de orgulho e fascínio. O pirata desceu o olhar elétrico pela garota, sentindo a confiança e o encanto que ela depositava nele. Stark gostaria de poder beijá-la, ali e agora, sentir aqueles lábios macios e tentadores contra os seus; queria levá-la até a cabine e fazer amor com ela debaixo da tempestade que os inundava, debaixo da tempestade que eram seus olhos. Mas havia uma batalha a ser travada. Comemoraria com Moira mais tarde.

– Discurso enérgico, se me permite dizer, capitão. – Ela comentou. Stark respondeu com um sorriso.

– Está pronta para lutar? – ela o encarou profundamente. Com um aceno firme, a garota assentiu. Ele sorriu. – Você pode ter a chance de resgatar seu pai durante o ataque. Preciso que seja rápida e que fique atenta, está bem? – Ela assentiu nervosamente, os olhos grandes vibrando em ansiedade. Sebastian apertou seu ombro e afastou-se para encontrar Tamina.

– Capitão, eles estão na mira. – Ambos trocaram um olhar de decisão mútua. Era isso. A batalha estava para começar.

Um segundo passou-se, em que Stark se deixou deliciar com o repentino silêncio precedendo a tormenta que viriam a encontrar. Então abriu um sorriso e, unindo sua voz a Tamina, gritou energicamente: - Fogo!

Uma sequência de tiros.

Como esperado por Sebastian, Blackburn não rebateu. Quando o Tormenta das Águas conseguiu se afastar do labirinto de rochas, fez o mesmo movimento que o Espírito, lançando a embarcação para a lateral. Seguiu a corrente oceânica que ali passava, que os guiava para a batalha.

Se os deuses querem ver sangue, então é isso que eles terão. Stark pensou, desembainhando a espada, seguido por seus homens. Lançou a eles um olhar de concordância e se preparou para atacar. O inimigo se aproximou, um titânico monstro sombrio, ladeado pela escuridão a sua volta.

Cordas carregando piratas lançaram-se do convés do Espírito de Gelo. Pistolas dispararam do Tormenta.

E então os deuses pararam para assistir a batalha que se seguiu.

x x x

Sebastian pousou com um baque contra o convés do Tormenta das Águas. Mais uma vez estava ali, esperando para atacar o seu maior inimigo. Seus homens urravam ao seu redor, lançando seus corpos contra os piratas de Blackburn, tiros estourando no ar, debulhando o silêncio anterior em caos.

O plano de Stark funcionou. O Espírito de Gelo não estava recebendo a atenção de antes. Tendo transportado a batalha para o navio de Blackburn, desconcentrara o maldito pirata do objetivo principal. Não havia porque bombardear um navio sem a sua tripulação.

Sebastian degolou dois homens antes de avistar aquele que o esperava. Um demônio solitário em seu convés, encoberto pelo longo casaco negro, o rosto escondido por um enorme chapéu escuro. A espada estava na bainha. Não trazia pistolas, as mãos escondiam-se nos bolsos de sua vestimenta.

Um alvo aparentemente fácil. Contudo, Stark não se deixaria enganar. Blackburn o aguardava para aquele duelo havia anos. Ele não o decepcionaria

– Enfim nos encontramos, companheiro. – Sebastian ergueu a lâmina que trazia em mãos, defensivo. Blackburn não moveu um músculo, nem mesmo quando o capitão do Espírito de Gelo se aproximou. Os gritos e o tilintar de lâminas ao seu redor ficaram abafados pelo desvio de seu foco. – Esperou muito tempo por isso, não é? Eu certamente o fiz. – Sebastian deixou que as

lembranças horrendas envolvendo sua esposa e a sua morte trágica voltassem. Deixou-se ser consumido por elas, pelo ódio que construía ao homem que matara o seu primeiro amor. – Fale algo, demônio! Depois de todo esse tempo, vai se acovardar, escondido nas sombras? Enfrente as consequências daquilo que fez! Olhe nos meus olhos, monstro!

Blackburn enfim de moveu. Um passo mínimo, mas foi suficiente para Sebastian se calar. O pirata o observou atentamente. No instante seguinte, a espada de seu inimigo tilintou a lâmina contra a sua. Stark o observou perplexo, pois apenas uma pessoa, em todo o mundo, movimentava-se daquela maneira durante um duelo. No entanto, debaixo daquele chapéu, teria de haver uma face fantasmagórica para que a suposição do pirata fosse verdade.

Capítulo XXXIV

Moira foi uma das últimas a deixar o Espírito de Gelo. Quando dois homens de Blackburn tentaram embarcar, ela e James os mandaram para o fundo do oceano com tiros extremamente certos. A garota olhou em volta, mergulhada na calmaria assustadora a que se reduzira o convés do Espírito, enquanto o Tormenta afogava-se no caos da batalha.

Lá, encontraria seu pai. Como Stark havia pedido, ela ficara de olho na movimentação, encontrando uma brecha em meio aos corpos que se embrenhavam em lutas perigosas. Era por ali que correria.

A chuva agora não passava de um fraco gotejo. O cheiro de pólvora espalhava-se pelo ar.

– Gracinha. – ela voltou-se para James, cujo sorriso mesclava medo à ansiedade. – Tome cuidado lá, sim?

– O mesmo vale para você.

– Algo me diz que aqueles bastardos vão visitar o velho Jones logo, logo. – O pirata meneou a cabeça e saltou até o navio inimigo.

Moira estava se preparando para imitá-lo quando viu um rosto conhecido se aproximando. Preocupação tomou conta dela, e a garota deixou-se distrair por mais um minuto.

– O que faz aqui fora? – ela ralhou com Tobias, cujo rosto moldou-se em espanto. – Vá para a cabine de Stark e fique lá!

– Mas...

– Por favor, me obedeça. Vou chamá-lo quando estivermos em segurança. Faça isso por mim, está bem, pombo? – Ela escolheu um tom autoritário para falar com ele, mas sorriu-lhe com confiança e doçura. Empurrou Tobias na direção do corredor e respirou aliviada quando ele desapareceu ali.

Agarrou uma corda e lançou-se sobre o oceano, batendo os pés contra o chão logo que pousou no Tormenta. Foi engalfinhada pela luta ao seu redor, tendo que esquivar-se de golpes lançados ao ar enquanto costurava entre os corpos, disparando na direção do alçapão – o mesmo que ela esperava poder levá-la até as celas.

Seu pai estava lá. Depois de tanto tempo buscando por ele, tê-lo assim tão

perto parecia um sonho. Mas Moira não ficaria devaneando num momento como aquele. Tinha pouco tempo para encontrá-lo.

Seus olhos recaíram sobre Sebastian, que se embrenhava numa luta ferrenha com uma figura toda vestida de preto. O chapéu encobria seu rosto, mas Moira tinha um péssimo pressentimento de que aquele era Blackburn, o demônio que tanto temia encarar. Stark, por sorte, era um espadachim excelente, e seus movimentos ágeis e ataques poderosos equivaliam à destreza de Blackburn. Moira prometeu a si mesma que voltaria para ajudá-lo logo que alcançasse o pai.

Correu até chegar ao alçapão, descendo por ele sem que ninguém lhe desse atenção. Em meio ao breu do porão a sua frente, Moira foi tateando as paredes, guiando-se com dificuldade. A alguns metros, conseguiu vislumbrar algumas celas, contando com a luz de uma única tocha abandonada por ali.

– Papai! – ela exclamou. O homem moribundo ergueu o rosto trêmulo para a garota, mas havia muito assombro em seu olhar para expressar qualquer outro sentimento. Moira conteve as lágrimas. Elas não se fariam úteis num momento como aquele. Agarrou as grades da cela e aproximou seu rosto para falar com John. – Vim buscar o senhor.

– Como... Como chegou aqui? – A voz soou arrastada e fraca. Moira sentiu-se mal pela condição do homem.

– Não temos tempo agora. – Moira puxou a pistola que carregava no cinto e mirou o cadeado. – Se afaste, por favor. – Ele a obedeceu, os olhos ainda arregalados para a cena que via à sua frente. A arma disparou e a porta da cela pode ser aberta facilmente. Moira correu para dentro e enterrou seu rosto contra o ombro do pai, apertando os braços firmemente ao redor dele. – Não sabe o alívio que sinto por saber que o senhor está bem. – Confidenciou, dando a si mesma um momento para aproveitar o abraço do pai.

John retribuiu com o máximo de força que pôde, o que se mostrou um grande esforço, visto que fraquejou segundos após se mover. Moira passou um dos braços dele ao redor dos ombros e o guiou para fora da prisão.

– Vou tirá-lo daqui.

A subida até o alçapão demorou, mas Moira não conseguiu apressar o velho homem. Sob a luz da tocha, o rosto dele estava em um estado quase cadavérico. Os olhos fundos e a pele flácida indicavam que as semanas haviam sido torturantes.

Ao alcançarem o convés, Moira congelou onde estava.

– Você deveria estar morta, Bela!

Os olhos da garota arregalaram-se para a cena que acontecia a apenas alguns metros de sua localização. Seu coração descompassou ao delinear a silhueta de uma mulher em frente à Stark, a cabeleira longa, negra e cheia de cachos caindo

até sua cintura. *Bela*. A entonação determinada do capitão voltou a ecoar pela mente da garota, mas ela conseguiu identificar uma pontinha de desespero quando ele pronunciou aquele nome.

Bela estava viva? A amada esposa de Sebastian estava ali mesmo? Não, Moira deveria estar em um pesadelo, não podia ser ela. Talvez fosse uma miragem, uma armadilha, como aquela em que haviam caído, quando o pirata lhe confidenciara ter visto a mulher morta.

Sim, era isso! Moira não se permitia pensar em outro significado; a mera possibilidade da presença de Bela estilhaçava suas emoções, lançando-a a um medo paralisante.

Se a esposa de Stark realmente estivesse viva, quem era Moira, senão uma sombra? Uma menina inocente, uma aventura dele? Bela era o amor da vida de Sebastian, aquela que ainda atormentava seus pensamentos.

Moira balançou a cabeça, esbravejando consigo mesma para manter a calma. Seu pai usava de um olhar embasbacado ao assistir o mesmo que Moira, e a garota perguntou-se o porquê de tanto assombro.

Deu alguns passos hesitantes na direção dos dois, impossibilitada pelo próprio cérebro de ouvir o diálogo que decorria. Sebastian não tirava os olhos da figura esbelta a sua frente, ainda que sua expressão demonstrasse a mais pura raiva. John relutou em acompanhar Moira, mas estava débil demais para impedi-la. Ela pediu que ele a esperasse ali, em um canto escuro e seguro, e se afastou.

Sem aguentar mais, Moira apressou-se até Stark, usando da pouca coragem que tinha ao pensar em encarar a esposa do homem que amava. Sebastian desesperou-se ao ver a garota. *O que o afligia?* Perguntou-se Moira.

Ouviu uma gargalhada alta às suas costas e lentamente voltou-se para a mulher que os observava.

– Seu amor por mim era tanto, Sebastian, que buscou minha filha para sanar sua dor? Fez a garota se apaixonar por um homem que só buscava nela um reflexo da mulher que amou? – ela gargalhou ruidosamente. – Que patético.

x x x

O duelo estendeu-se pelo que parecia uma eternidade. Cada passo, cada ataque, cada defesa, Sebastian conhecia todos aqueles movimentos. Ele havia treinado contra eles, havia aprendido todos eles, o que serviu para prosseguir o duelo por longos e incessantes minutos.

Houve um momento em que Blackburn deixou a guarda baixar, mas foi proposital. Quando Sebastian se aproximou para atacá-lo, o inimigo revidou com força e graça, esquivando-se ao mesmo tempo em que a lâmina de sua espada

cortava a lateral do braço de Sebastian. O pirata grunhiu, os olhos queimando sobre o seu adversário, mas, para Blackburn, o duelo parecia acabado.

O capitão do Tormenta se afastou, erguendo o dedo para que Sebastian parasse um instante. Surpreso pelo gesto, Stark estreitou os olhos para ele. Num movimento ágil, Blackburn deixou cair o chapéu que lhe encobria a face.

Sebastian desabou. Quando a sombra deixou o rosto de Blackburn e ele enfim pode confrontar seu inimigo, toda a raiva, toda a coragem e a adrenalina desvaneceram em seu âmago, sendo substituídos por um gélido temor. Medo correu por suas veias, congelando seu sangue e arremetendo os batimentos de seu coração. *Não podia ser verdade.*

O pirata cambaleou para trás, batendo as costas contra a amurada. Os olhos custavam crer aquilo que viam.

A mulher a sua frente não era real, sua mente se recusava a acreditar. Aquele rosto de feições belas e ameaçadoras, aqueles grandes olhos cinzentos, os lábios volumosos erguidos num sorriso perverso; *Bela estava morta.* Aquilo era um pesadelo, como antes.

– Tudo bem, querido? Parece que viu um fantasma. – Ela zombou. A voz era tão semelhante, o timbre forte e poderoso, carregado com a mesma bravura que delineava as palavras de Moira.

Moira. Sebastian estacou. *Como Moira reagiria?*

– Você deveria estar morta, Bela!

Ela gargalhou de volta.

– Avise a Jones, pois ele deve ter se esquecido de me buscar. – Lá estava aquele humor inabalável, o sarcasmo corrosivo, detalhes tão importantes da personalidade dela que significavam tanto para Stark. Ele cerrou a mandíbula, os olhos faiscando para cima da mulher. – Sem ressentimentos?

– Você me fez acreditar que estava morta! Eu vi... Eu vi seu corpo destroçado! – Ele ralhcou, a voz trêmula e perturbada. Aquilo não pareceu abalar a mulher, cuja postura estava bastante relaxada. O olhar dela estava sombrio, como a escuridão debaixo do chapéu de Blackburn. Os olhos, no entanto, brilhavam em regozijo, como se a tortura dele a divertisse.

– Não era o meu corpo, tolinho, ou eu não estaria aqui. – ela replicou. – Foi uma mulher qualquer, morta para que eu desse prosseguimento com meu plano. E agora que estamos aqui...

Ela foi interrompida quando Moira entrou em cena. A garota disparou na direção de Sebastian e estacou contra ele, sendo recebida por um olhar chocado do pirata. Stark encarou Bela em seguida, sendo recebido por uma expressão que beirava o descontrole. A mandíbula dela estava trancada, os olhos queimavam em indignação e cólera. Mas a voz saiu extremamente bem humorada.

– Seu amor por mim era tanto, Sebastian, que buscou minha filha para sanar sua dor? Fez a *garota* se apaixonar por um homem que só buscava nela um reflexo da *mulher* que amou? – Bela soltou uma sonora gargalhada. – Que patético.

Sebastian sentiu o corpo de Moira travando contra si.

Não havia nada a ser dito, no entanto. O estrago estava feito.

Moira voltou-se para a mulher, incredulidade duelando com ironia. Bela rebateu o olhar dela com força, ignorando a ira de Moira.

– O que disse?

– Eu sou a sua mãe, querida. – não havia nada fraternal em sua voz. Nem sequer um resquício de emoção. Bela agia como o demônio que representava Blackburn. – E aquele capitão ali costumava ser meu. Mas, pelo que estou vendo, o luto foi finalmente reparado. Sua cama recebeu o calor de um reflexo meu, Stark? Deve ter sido minimamente satisfatório, pela maneira com que se agarra a ela.

Sebastian afastou Moira, mais por um reflexo protetor do que por qualquer outra coisa. O gesto foi visto pela garota erroneamente. Ela o encarou com asco, voltando-se para a mãe em seguida.

– Minha mãe está morta.

– Ora essa, já ficou bem claro que eu superei a morte diversas vezes, não? – Bela retrucou abismada. Tudo não passava de um jogo de humor para ela. O caos ao seu redor, o desespero instaurado nos olhos de Moira e Sebastian, tudo a enaltecia.

– Isso... Não faz sentido. – Moira balbuciou desamparada. Bela arqueou uma sobrancelha, observando os movimentos da filha. Sebastian sentiu-se içado pela loucura, pois a semelhança e as diferenças entre elas eram tão palpáveis quanto à chuva que caía sobre suas cabeças. O físico era inegavelmente parecido, com seus corpos esguios e magros, feições finas e aristocráticas, olhos grandes, brilhantes e expressivos; mas a maneira com que agiam, como demonstravam emoções, isso as mantinha distantes.

Moira era luz, Bela era sombra.

– Claro que faz. – Bela disse simplesmente, colocando um sorriso caloroso no rosto. – Eu forjei minha morte. Duas vezes. Ficar viva ao lado de vocês não me traria aquilo que tanto anseio. Jogo um jogo de poder, minha querida, e, para vencê-lo, preciso agir com astúcia. O prêmio é a imortalidade, afinal.

Capítulo XXXV

Silêncio reinou após a fala enérgica de Bela, cujos olhos cintilavam. Moira observou a batalha ao seu redor e seu coração comprimiu-se ao ver que os piratas do Espírito de Gelo estavam sendo dizimados. Os tripulantes do Tormenta venciam cada duelo, fazendo reféns quando podiam. Moira não encontrou James ou Tamina entre os sobreviventes, o que a fez temer pelo pior. Mas eram James e Tamina, no entanto. Eles estavam bem.

Stark puxou a pistola do cinto e mirou em Bela, que o encarou com diversão, como se a ameaça não surtisse efeito.

– Você não vai atirar em mim. – ela disse com certeza. – Eu sou a única que conhece *toda* a história da ilha amaldiçoada e a única que sabe como alcançar o tesouro. E, aliás, a garota está na mira. – Bela gesticulou para o convés superior, onde um rapaz mantinha uma espingarda engatilhada na direção de Moira. Ela arfou, dando dois passos para trás, mas o movimento brusco aumentou a tensão do atirador, cujos olhos se estreitaram. – Eu não me moveria se fosse você. – Bela sugeriu com humor.

– Muito bem, chega de joguinhos.

– Oh não, querido. Eu vou aproveitar cada segundo deste dia. Vou me deleitar com o seu fracasso – ela olhou ao redor. – Imagino que seu plano tenha sido destruído, certo? Vir ao Tormenta, quanta ousadia... E burrice, se me permite dizer.

Ela ergueu uma mão ao vazio, causando confusão naqueles que a observavam. Bela voltou o rosto para a amurada e acenou positivamente.

– Soltem as velas e aproveitem o vento, eu quero distância! – a pirata desceu um olhar perverso na direção de Stark. – E preparem os canhões! – Sebastian deu um passo à frente, a expressão mortificada, e um pirata lhe deu uma coronhada na nuca, jogando-o de joelhos ao chão. Bela o observou com tédio, pouco se importando com a comoção ao seu redor.

O caos da batalha foi substituído pelo desespero dos tripulantes do Espírito de Gelo. Moira estava imersa em confusão, mas um estalo em sua mente a jogou de volta a realidade. A garota viu-se avançando na direção de Bela, o rosto uma máscara de angústia.

– Por favor, por favor, me deixe ir a bordo.

– O que? – Bela mostrou-se confusa e incomodada pela aproximação dela.

– Há um menino no navio. Eu prometi que voltaria para buscá-lo. Por favor, me deixe ir até lá. – Sebastian arregalou os olhos com a constatação. Moira viu quando os marujos de Bela armaram os canhões, preparando-se para os disparos. Seu coração acelerou num ritmo desolador, e os olhos encheram de lágrimas de raiva. – Por favor! – O grito saiu estridente.

– Arabella... Deixe-a ir até lá! – Sebastian esbravejou. Seu rosto estava delineado pela agonia. A menção ao nome de sua heroína foi como um tapa na cara de Moira. – Tobias está lá! Deixe-a buscá-lo, deixe-me buscá-lo. Faremos o que você quiser. Só... Por favor, traga ele para cá.

– Oh, mas é claro. Vá salvar o garotinho. – Bela estendeu a mão e apontou para a amurada. Moira deu um passo trôpego naquela direção, para então ouvir a capitã falando com Sebastian: – Achou mesmo que eu pouparia seu navio, tolinho? Você não aprende... – houve uma pausa, onde Moira finalmente alcançou a amurada. Seus olhos iluminaram-se em esperança.

– Fogo!

O estouro dos canhões reverberou ao seu redor. Moira assistiu, em pânico, enquanto os destroços da embarcação voavam pelo ar, enquanto o majestoso navio de Sebastian Stark era consumido numa explosão de pólvora, enquanto o casco e o convés, as velas e o timão, cada pedaço da embarcação memorável estilhaçava-se como vidro caindo ao chão.

O capitão tombou os joelhos contra o chão conforme o fogo consumia o Espírito de Gelo, lambendo seu casco, arrastando a embarcação para o fundo do oceano. E, com ela, Tobias.

Os olhos do capitão incendiaram em fúria, e ele gritou e esbravejou em galês, avançando na direção da capitã, que se manteve parada frente aos olhos medonhos do inimigo. Dois marujos do Tormenta das Águas agarraram Sebastian antes que ele a alcançasse, e o arrastaram para longe.

– Tirem-nos daqui! Precisamos alcançar a ilha ainda hoje. – As ordens de Bela foram gritadas. Moira só notou-se ajoelhada quando a sombra de Arabella, de sua heroína, de sua mãe e inimiga, pairou sobre ela. O olhar da mulher foi de desprezo, e então de regozijo ao mirar o navio afundando atrás deles. Uma dor descomunal avançou pelo coração da garota, forçando-a ao desespero, forçando soluços para fora dela, lágrimas quentes por seu rosto e agonia por seus pensamentos.

A promessa que fizera a Tobias foi quebrada assim como a madeira que edificava o Espírito de Gelo.

– É verdade? – Moira sussurrou para o pai. John ergueu os olhos cansados para a filha e esperou pelo resto da pergunta, ainda que parecesse saber o que ela questionava. – Ela é mesmo minha mãe?

– Sim, querida. – o pai soou devastado. – Mas não é a mesma mulher pela qual me apaixonei.

– Oh, eu ouvi isso. – Os dois voltaram-se para Arabella.

Estavam amarrados e mantidos de joelhos no convés, os pulsos presos às costas por cordas grossas. A tripulação de Sebastian reduzira-se bruscamente. Moira ficou aliviada ao ver Armand são e salvo entre os sobreviventes, ainda que um grande corte avançasse sobre o supercílio do rapaz.

Arabella caminhou por eles, as mãos apertadas contra o quadril, as botas produzindo altos baques conforme pisavam no chão de madeira molhada. A chuva cessara, mas o céu continuava carregado por nuvens acinzentadas – era início de noite, e Moira tinha plena certeza de que as próximas horas seriam as piores possíveis.

A capitã do Tormenta parou à frente de Moira e forçou a garota a erguer seu rosto, encarando-a com intensa curiosidade.

– Duvida que eu seja sua mamãe, meu amor?

– Minha mãe está morta. – Moira retrucou. A voz, no entanto, não soou convicta como desejava. Arabella arqueou uma sobrancelha, nada abalada pelo tom rígido.

– A mãe que você imaginou certamente está morta. A sua *verdadeira* mãe só a abandonou. – Arabella apoiou-se num barril. – Por onde eu começo? Ah, sim. Antes de conhecer seu pai, como você já deve ter constatado, eu vivia com Sebastian Stark. Pilhávamos e roubávamos e sequestrávamos em razão do nosso deleite. Enriquecemos e criamos uma péssima reputação, tudo o que um bom pirata pode querer... Mas, isso era pouco. Pouco para a herdeira de James. – ela fez uma pausa, deixando que Moira assimilasse a verdade agora bastante óbvia: se Arabella era descendente do temível pirata, Moira também era. Gelo escorregou por suas costas, paralisando a garota onde estava. Arregalou os olhos para a capitã, mas Arabella já havia desviado o olhar para Sebastian. – Conteí a Stark sobre o tesouro, sobre a ilha amaldiçoada. Deixei de fora detalhes sobre minha herança de sangue ou o fato de que eu possuía uma das partes da chave... Oh, ele se deleitou com tudo aquilo. Uma caça ao tesouro para um coração jovem e apaixonado. Pesquisamos sobre a história desde o princípio, investigamos xamãs, videntes, encontramos Iolanda, que desvendou um dos enigmas e nos ajudou a encontrar o medalhão – ela apontou para a joia dourada

pendurada no pescoço de Moira, onde o rubi repousava. – Usamos o mapa, mas, sem o sangue do meu ancestral, ele era inútil. Foi então que eu percebi que precisa das três partes da chave.

Ela se levantou e voltou a caminhar.

– Assim como Iolanda tinha seus guias espirituais, eu tinha os meus. Os dela eram cegos à realidade, claro. Não viam minhas intenções. Mas nenhum esforço meu trazia o tesouro para perto. Ele nunca poderia ser alcançado por minhas mãos. – ela franziu o cenho, frustrada. – Eu precisaria de ajuda. E precisaria de paciência. Um detalhe na história de James me fez deixar o egoísmo de lado. – Arabella sorriu amargamente. – Foi então que fugi de Sebastian, abandonando-o por seu pai. Stark estava obcecado, e sua juventude o fazia um tolo. Criei o mito de Blackburn pouco depois de conhecer John. Armei para que eu parecesse ter sido sequestrada por Blackburn, de modo que Sebastian veio para tentar me salvar. Encontrou uma mulher destroçada em meu lugar. Pobrezinho... – ela sorriu maldosamente. – Espalhei mais e mais rumores sobre o terrível capitão cujo rosto nunca foi visto, deixei o Tormenta navegando em correntezas abandonadas, esperando o meu retorno. – Arabella fingiu um olhar fraternal, mas saiu tão falso quanto pretendido. – Você tinha pouco mais de um ano quando deixei seu pai, teatralmente fazendo-o acreditar, como fiz com Stark, que Blackburn havia me matado por causa das informações que eu tinha sobre o tesouro. Antes disso, é claro, já havia plantado a semente envolvendo a ilha amaldiçoada na mente de John. Precisava que todos trabalhassem a meu favor. Enfeitei seu pai, lhe propus sonhos inestimáveis caso alcançássemos o tesouro, disse-lhe que você, Moira, havia nascido para completar aquela jornada, e então “morri”. Deixei o rubi de sangue nas mãos de John, além dos códigos estelares que meu ancestral havia mapeado pouco antes de morrer. Obriguei Terence, meu fiel primeiro imediato, a permanecer em Ilha Esperança, aguardando o sinal de que era hora de trazê-la até Stark. – a capitã abriu um sorriso perverso. – O ataque a sua preciosa cidade foi o sinal.

Moira engoliu em seco, sentindo os nervos formigarem. Pouco se lembrava da mãe, mas saber que ela a havia criado com o único propósito de alcançar o tesouro era algo desumano. Seu coração parecia despedaçar a cada sentença proferida por Arabella, como se a pirata atasse fogo aos sentimentos da garota. Sua mãe, a mulher que ela tanto amou por toda a sua vida, *era um monstro*. Sua heroína, a impiedosa capitã de suas histórias favoritas, era uma mentira.

– Claro que eu não a deixaria as cegas esse tempo todo, Moira. Enquanto vivia com seu pai, enquanto pesquisávamos sobre a maldição de James e a ilha perdida, pedi que ele escrevesse livros sobre minha história. O fiz prometer que não revelaria a nossa filha que Arabella Snow era, de fato, real. – Moira

engasgou com o próprio ar. Seu pai a amparou, mas ela se afastou dele com repulsa. – Imagino que John tenha cumprido a promessa. Não acho que ele iria querer conversar com a filha sobre como a mãe havia sido uma pirata absolutamente fantástica; não quando viviam num lugarzinho como Esperança.

– Eu não podia partir e deixar minha filha entregue aos costumes nobres e frescos da sociedade. Precisava prepará-la para o seu futuro, e que melhor ideia do que lhe contando sobre situações que eu já havia encarado? – a pirata exaltou animada. – Um dos livros, aliás, falava sobre uma das armadilhas daqui, algo que James relatou num dos poucos livros que fui capaz de encontrar. A ilha dos amaldiçoados, lembra-se? – Arabella recitou, os olhos jamais deixando os de Moira. – Terence, aquele incompetente, falhou em realizar a tarefa final, o que me obrigou a continuar perseguindo vocês.

A garota sentiu o chão sumir debaixo de si. Fechou os olhos, tentando acordar de um horrível pesadelo, mas não funcionou. Sua garganta travou e lágrimas desbotaram sua visão, escorrendo quentes pela pele gelada de Moira. O coração doía em seu peito, machucado pela maneira frívola e desinteressada com que Arabella destruía tudo o que havia tido como verdade.

– Naveguei com o Tormenta pelos anos que se seguiram, observando os passos de Sebastian. Havia deixado que ele pegasse o mapa, é claro. Era Stark quem precisava abrir o caminho até o tesouro, não eu. – ela parou próxima do pirata, cujo rosto estava tomado por sombras de ira. – Quando soube que Sebastian estava na ilha Spada, não perdi tempo e ataquei o precioso porto de Esperança. Toda a perseguição infligida a vocês, todos os ataques, era tudo parte do plano para que seguissem na direção do tesouro. É claro que eu já sabia quem era Armand e qual sua ligação com a ilha a essa altura do jogo. – Arabella alcançou o rapaz, cuja expressão assemelhava-se a de Moira em surpresa e incredulidade.

– Armand, o herdeiro da fugitiva da ilha. O filho perdido de Atlântida. – fez outra pausa. – Ah sim, caso não tenha lhes apresentado, a ilha amaldiçoada pelos deuses atende por este nome. Atlântida, um reino esquecido, um tesouro natural, detentor da maior riqueza que um homem poderia desejar: a imortalidade. Lá se encontra a fonte da juventude, cujas águas foram batizadas pelos deuses para dar vida infinita aos moradores castigados. Aos demais, no entanto, é uma benção. Meu ancestral, James, procurava por isso quando foi até a ilha. A mulher que se apaixonou por ele lhe confidenciou de onde vinha a vida eterna dos habitantes de Atlântida, e James resolveu buscá-la. Como não chegou até lá, ele abandonou a fugitiva para morrer em um pedaço de terra qualquer. Mas adivinhem só a sorte dela: um navio britânico tinha sua rota ali e a encontrou à deriva da loucura. Um nobre rapaz se apaixonou pela pobre menina. Ela se matou quando viu seu

amado envelhecer e morrer diante de seus olhos, a imortalidade arrasando sua felicidade mais uma vez; Kitara prendeu sua alma ao rubi para poder guiar seus futuros herdeiros à ilha, pois sua alma continuava conectada à maldição. Os deuses a puniram por mostrar Atlântida a James, e somente um descendente poderia livrá-la daquilo. Algumas gerações depois, eis que nasceu Armand, destinado a acabar com a tormenta de sua ancestral.

Armand empertigou-se.

– O que quer dizer?

– Oh, querido, se não o fizer, outro descendente terá essa sina. Não entende? Seu sangue está marcado pelos deuses. Não importa o que faça, não pode fugir desse destino. A imortalidade não existe em você, mas a mulher responsável pela sua família está amaldiçoada a vagar eternamente no outro plano. A chave abrirá as portas para Atlântida, mas apenas você pode usá-las. Sua ancestral enfim poderá descansar em paz e eu poderei alcançar o tesouro. – Arabella sorriu animada. – Bastante heroico, não é?

Moira respirou fundo, sentindo a cabeça latejar pela quantidade de informações que era despejada contra ela.

Todo esse tempo, Arabella havia tramado para que chegassem até lá. Não houvera coincidências e nem acasos, era tudo parte de um plano maior.

Agora, estavam sob o controle da temível capitã, debaixo da mira de pistolas e espadas afiadas, prontos para ser mandados ao outro mundo caso não cooperassem.

Moira revirou as revelações de Arabella, tentando duvidar da verdade palpável em cada palavra, mas não houve como. *Ela estava sendo sincera.*

A garota temia não ter forças para prosseguir. A dor era tanta que sua mente e corpo estavam entorpecidos. Moira sentia vontade de gritar, de esbravejar, de chorar até que não restassem mais lágrimas dentro de si. Queria agarrar Arabella e espancá-la até que sua máscara monstruosa fosse substituída pela de uma mãe amorosa. Moira a queria de volta, a sentimental, aquela que amara desde pequena.

A mulher à sua frente era apenas fruto de um pesadelo, um eco de quem deveria ser. A personificação das sombras e da devastação. Era alguém que Moira desejava poder destruir. As lágrimas haviam cessado, finalmente, mas a agonia continuava a martelar seu coração.

– O que quer de nós? – Armand indagou.

A resposta, no entanto, demorou alguns minutos a vir. Tudo porque eles haviam se afastado da névoa que antes obstruía o horizonte e agora encaravam uma imensa e esplendorosa ilha.

Havia pouco dela a ser visto, pois suas praias estavam rodeadas por muros de

pedra rústica, encobertos por símbolos antigos e numa língua desconhecida. Moira assistiu, embasbacada, como a sombra da ilha crescia sobre eles, tornando o pedaço de terra maior a cada segundo que se passava. Em determinado momento, quando se encontravam a uma distância segura, Arabella sinalizou para que baixassem a âncora.

– Tenho uma proposta a lhe fazer, senhor Aragon. – Arabella gesticulou e dois de seus marujos desataram os nós que prendiam o rapaz. Ele foi posto de pé com brusquidão, mas não moveu um músculo ao ter uma pistola apontada contra sua têmpora. – Você vai descer até aquela ilha com as partes restantes da chave, levará o mapa consigo, e me trará o tesouro. Há um cálice na fonte, encha-o com a água sagrada e dê o fora dali. Uma vez que pise em Atlântida, livrará seu sangue da tormenta. Sua ancestral descansará em paz, finalmente, e mais ninguém depois de nós conseguirá chegar até a cidade perdida. – Ela encarou o rubi que descansava no pescoço de Moira.

– Como vou saber que não matará todos nós quando eu retornar?

– Oh querido, você não vai saber. – o sorriso dela foi quase monstruoso. – Mas, com a imortalidade em mãos, garanto que vocês serão pouco incômodos a mim. Dou minha palavra que os levarei a salvo até uma cidade portuária. Daí para frente, caberá a vocês sobreviver.

Ela parou um instante e girou nos calcanhares, deixando o olhar recair sobre Moira.

– Ah, e uma última coisa: a garota vai com você.

– Enlouqueceu? Não pode mandar os dois para lá sozinhos! – Depois do silêncio que adotara, o grito de Sebastian assombrou a todos. Havia cólera em sua voz, mas Arabella não se mostrou perturbada.

– Eu posso e eu vou. Armand é herdeiro dos amaldiçoados, estará a salvo. E Moira tem o rubi, o que também garantirá a sua segurança. – a pirata disse simplesmente, pouco se importando pelo olhar furioso recebido do antigo amante. – É a minha proposta, amor, ou vou tirar a vida de todos aqui e obrigar o rapaz Aragon a abrir aqueles portões para mim.

– Arabella, você perdeu o juízo, isso é...

– Você sabia? – a pergunta de Moira cortou a discussão entre os dois. Sebastian voltou-se para a menina, recebendo um olhar melancólico, beirando a desolação. – Você... Sabia que a *sua* Bela era a minha mãe?

O silêncio que se seguiu foi pior do que uma afirmação. Moira perdeu o fôlego, os olhos marejaram, e a dor de mais uma traição trincou seu coração em cacos sangrentos. O ar ao seu redor ficou rarefeito, ou aquela era a sensação que se seguia ao ter o coração despedaçado. Moira não podia mais aguentar. Não conseguia mais olhar naqueles lindos olhos azuis e ver a verdade tão nítida e

esmagadora.

A garota ficou de pé, trêmula de raiva, ignorando a pistola engatilhada às suas costas, e lançou a Arabella o seu olhar mais decidido.

– Eu vou até a cidade. Trarei a imortalidade para você.

Capítulo XXXVI

Moira não quis olhar para Sebastian depois daquilo. A garota o ignorou, parada num canto do navio ao lado de Armand, cujo rosto se moldava em desconfiança e preocupação, aguardando que o escaler fosse baixado para chegarem até a ilha. Arabella passou instruções rápidas e precisas para os dois, usando de um tom conciso e lembrando-lhes que, caso demorassem mais do que a hora determinada, ela passaria a matar os tripulantes do Espírito, um a um. E o faria lenta e tortuosamente.

Foi-lhes explicado como abrir os portões, de acordo com as anotações feitas por James num diário. Seria fácil e rápido, e dali para frente eles estariam jogados à própria sorte. Moira encarou a amedrontadora ilha, cujos muros gigantescos guarneciam e escondiam qualquer perigo que houvesse em seu interior. Mas, ao parar para pensar, talvez não fosse tão ruim ir até lá – o mal estava logo a sua frente, afinal. Encarnado na figura de sua mãe.

– Agora vão. – Arabella gesticulou. – Têm uma hora, lembrem-se bem. Ou começarão a ouvir os gritos. – A pirata se afastou e cruzou os braços, o olhar desafiando-os a continuar ali um segundo mais.

Moira olhou para os prisioneiros e demorou-se encarando o pai. John transbordava melancolia e arrependimento. Sebastian, ajoelhado ao lado dele, exibia na expressão um misto de ódio e amargura. Seus olhos faiscaram na direção de Moira, como raios em uma tempestade, intensos a ponto de trazerem um calafrio ao corpo da garota. Havia tantas emoções expostas ali que Moira viu-se perdendo o foco, embrenhada na rede elétrica que eram os olhos de Stark. Mas então o choque passou e a traição reverberou por sua mente, fazendo-a dar-lhe as costas e descer as escadas, com Armand logo em seu encalço.

Dentro do escaler, Moira permitiu-se suspirar profundamente. Havia tanta dor dentro de si que ela nem mesmo entendia como era capaz de se mover. Queria fugir daquilo tudo, mas a fraqueza de tais pensamentos duelava com a bravura que assomava seus sentimentos; não se deixaria perder para traidores. Não podia desmoronar frente a eles. Havia prometido a si mesma que não voltaria a chorar por um amotinado.

Armand compartilhou um olhar desamparado com ela, ciente de que, dali

para frente, a situação só ficaria pior, mas o rapaz também não se deixou desvanecer. Fez um aceno decidido para Moira, recebendo uma resposta firme. Cada um pegou um remo e pôs-se a trabalhar, com as areias do tempo correndo às suas costas num cruel aviso de que a morte os confrontaria de um jeito ou outro.

E era bom que estivessem preparados.

x x x

A ilha estava a cerca de dez minutos do navio, considerando o ritmo moderado com que os dois jovens remavam. Moira sentia os músculos o braço latejando, mas ao observar o esforço de Armand, não reclamou.

– Não acha isso tudo curioso?

Moira ergueu o olhar surpreso para ele. Havia uma expressão serena no rosto antes tomado por preocupação, e ela deixou-se inebriar pela calma que Armand transpassava. O caos instaurado em sua mente com as revelações de Arabella foi levemente dissipado, como uma densa névoa frente à brisa.

– O que é curioso? – Deixou seu tom suave.

– O fato de estarmos aqui. A certeza de que, se não tivéssemos nos conhecido há dez anos, no que eu posso chamar de encontro destinado, nada disso estaria acontecido. – O rapaz lançou seu olhar profundo para ela, desconcertando Moira. Stark causava-lhe um turbilhão sentimental, de fato, mas Armand ainda tinha efeito sobre suas emoções. Havia um fraco sorriso no rosto dele, quase forçado. Moira se viu retribuindo com naturalidade.

– Se pudesse voltar no tempo, mudaria isso? Preferiria não ter me conhecido, para se livrar de toda a tormenta que passamos? – Moira não conteve a pergunta. Ela lhe escapou com simplicidade, construída por uma curiosidade inocente. Era tão fácil conversar com Armand.

– Não. – a certeza na voz dele a fez sorrir para o chão. – Jamais, na verdade. Moira, mesmo com tudo isso que está acontecendo, mesmo com os ataques e as tragédias, você foi a melhor coisa que me aconteceu. – Armand estendeu a mão livre, segurando a de Moira entre seus dedos. – Eu... Sei que há algo diferente entre nós agora, um afastamento. Não culpo você, claro, e nem mesmo a mim. Culpo essa jornada. Mas ela faz parte de nós, independente do que o destino traçou para que chegássemos até aqui. Não acredito que tenha sido Arabella a nos trilhar esse caminho, fomos nós. Você poderia ter recusado a ajuda de Terence, eu poderia tê-la abandonado quando Stark a abandonou, poderíamos ter sucumbido à névoa ou as sereias, mas nada disso aconteceu. Plano dos deuses ou não, passar por isso faz parte de quem somos.

Moira não conseguiu desviar os olhos de Armand enquanto ele discursava. Havia força, sutileza e um toque agradável em sua voz.

O eco da mãe, das confissões feitas, tudo ainda assombrava Moira. Depois de descobrir que Arabella Snow existia e fazia parte de um pesadelo real, que era amante do homem por quem estava apaixonada, isso destruía sua sanidade. Stark havia buscado em Moira um reflexo, como bem dissera Arabella. Ela era nada mais do que isso, um fantasma usado para que Sebastian revivesse os anos de paixão compartilhados com sua Bela.

Não é real. A voz do pirata ecoou por sua mente; Moira sentiu o fôlego lhe faltar. Ele estivera se referindo a Arabella, claro.

“Há uma falha no seu futuro, criança. Gostaria de enxergar mais coisas, mas sua aura é disforme a minha visão interior. Há fragmentos ilegíveis que nem mesmo os deuses poderiam interpretar corretamente.”. A voz de Iolanda assombrou sua mente. *“Não é sua culpa o que virá a acontecer, mas do passado e do futuro. Não é, tampouco, culpa de seu coração.”.*

Moira era uma marionete nas mãos dos dois, e constatar isso a feria. Arabella, seu passado, a usava pelo tesouro. Stark, seu futuro, pelo prazer. Nenhum dos dois se importava verdadeiramente com ela.

Armand sim, ela pensou. Armand se enquadrava nisso. Ele se importava, se preocupava, cuidava dela da maneira que podia. Não havia malícia ou interesses maiores por trás disso. Mesmo afastado, continuava a zelar por Moira.

Armand era calma em meio à tempestade, como ela gostava de se lembrar. Moira precisava dele para manter-se sã. Ela sempre precisaria dele. Rodeada de traições, à sua frente havia um coração puro em que podia confiar. E não deixaria que ele se afastasse, *não podia*. Armand era seu porto seguro.

– Obrigada. – Moira sussurrou.

– Pelo que?

– Pelas palavras. Por continuar ao meu lado.

Ele abriu um sorriso genuinamente contente.

– Eu sempre vou estar ao seu lado, Moira. É só você querer.

– Eu quero. - ela respondeu convicta. – Por favor, Armand, não me deixe. Promete? – Ele sentiu o desespero da garota, e o aperto em sua mão ficou mais protetor. Um aceno positivo da parte dele foi o necessário para que Moira relaxasse.

Então os olhos de Armand recaíram sobre algo atrás de Moira e sombras tomaram conta de seu olhar.

– Chegamos.

Arabella tamborilou os dedos pela amurada. Seus olhos vagavam do escaler que se afastava para seus prisioneiros, o corpo trêmulo num nervosismo contido.

Sebastian investigou sua expressão e, diferente dos outros, não recuou quando recebeu um olhar perigoso dela. Ele a conhecia e sabia identificar os sinais de ansiedade em sua postura. A firmeza com que ela se colocava frente aos outros desaparecia em situações assim. Seus olhos ficavam frenéticos, ela mordiscava os lábios e andava sem rumo para acalmar a tremedeira.

Poucos minutos haviam se passado desde que Moira se fora, e Stark ainda se atormentava pela maneira com que haviam se olhado.

Havia tanta mágoa nela, tanta dor. Ele desejou poder abraçá-la, tirá-la daquele torpor de agonia, mas nada do que fizesse ajudaria agora. Era um traidor, assim como Terence. Moira devia odiá-lo com a mesma força que jurara odiar o velho homem.

Sebastian se retraía ao pensar aquilo. Se tivesse a chance de falar com ela, faria Moira entender seu ponto.

Ele, de fato, havia procurado nela o fantasma de sua mulher. Sempre houvera o receio de que Moira fosse filha de Bela, ele não mentiria a si mesmo sobre isso. Era semelhança demais para ser ignorada. No momento em que pôs os olhos nela, foi abatido pelas recordações de sua amada Arabella, desde o formato dos lábios de Moira até a maneira com que ela se portava. E ela era uma *Black*, afinal. Sebastian não conhecera John, mas ouvira o sobrenome uma vez, quando Arabella o abandonara, e suspeitou da verdade.

Com o passar do tempo, a aparência idêntica a de sua antiga amada dissipou-se frente aos seus olhos, substituída pela força enérgica e pela inocência que Moira irradiava. Ela não era Bela, jamais seria.

Ela era Moira, pura e simplesmente. Dona de um grande coração e de uma ingenuidade palpável, equilibrada a sua racionalidade e sua bravura. Sebastian viu-se caindo no abismo que era ter seu coração outra vez arrebatado, só que não havia, com Moira, a tormenta que houvera com Bela. Pelo menos não agora. Quando ele a perdeu, quando Arabella o abandonou, Stark pensou que tivesse sido reduzido às cinzas de um homem um dia envolvido em glória. Ele havia perdido o sentido da vida, tivera os sonhos diluídos em dor.

Moira agiu à sombra da mãe, para raiva dele. Trouxe a bordo de seu navio um almofadinha, o precioso Armand Aragon, o mesmo tipo de homem por quem Bela o havia trocado. Sebastian quase viu a história se repetindo. Quase viu um nobre roubando-lhe a mulher que conquistara seu coração. Mas Moira não era como Bela. Uma vez entregue aos seus sentimentos, não fugia deles. Sebastian se lembrava da maneira decidida com que a garota o deixara amá-la. Um amor

genuíno, diferente da farsa criada por Bela.

Sentia rancor por ter dedicado a Arabella tanto sofrimento, por ter ficado tão desesperado por tê-la perdido. Aquela não era uma mulher digna de sentimentos, era um monstro. Corrupta pelo poder e pelas sombras.

Sentiu-se estúpido por ter mentido para Moira, mas não havia maneira de ter contado a verdade. Não havia como fazer tamanha revelação. As palavras faltavam-lhe, assim como a atitude desapareceu debaixo do olhar acusador que a garota lhe lançara, pouco antes de seguir para a ilha.

– Perdido em pensamentos, querido? – Stark ergueu seu olhar para a capitã. Bela sorria ameaçadoramente. Um gesto que causou um estranho calafrio na espinha do pirata, mesmo sem saber por quê. – Pensando na menina, imagino?

– Cale a boca.

– Oh, vamos, fale comigo. Sei que se apaixonou por minha filha. As mulheres da minha família criam esse tipo de fascínio sobre homens despreparados. – Ela zombou.

– *Cale a boca.* – Stark repetiu.

– O mais gozado, no entanto, é o que o futuro reserva a ela. – Bela apoiou as mãos no quadril. – Assim como meu sangue cria esse fascínio, também carrega uma horrível tormenta.

Sebastian ofegou. A expressão dura transformou-se numa preocupada.

Arabella pareceu satisfeita por ter a atenção dele.

– Ah, eu me esqueci de mencionar essa parte? – ela fingiu-se de inocente. – Ora essa, Stark, não se lembra da história? James foi amaldiçoado após deixar essa ilha, e tal maldição seguiu todas as gerações. Se alguém que carrega o sangue de James pisar em Atlântida, sua vida pelos deuses será tirada. – Bela abriu o sorriso mais monstruoso que possuía e foi capaz de amedrontar até Stark, cujos olhos se arregalaram. Ela baixou o rosto até que seus lábios roçassem a orelha dele: – Eu enviei Moira de encontro com a morte.

Capítulo XXXVII

Sebastian ficou de pé num impulso, o rosto tomado por desespero. Ignorou as armas apontadas em sua direção, ignorou os gritos de aviso e até mesmo o sorriso maléfico que enfeitava o rosto de Bela; ele só precisava chegar até Moira. O escaler estava assustadoramente próximo da ilha. Poucos minutos bastariam para que eles pisassem lá.

– Arabella. – o tom dele foi baixo e perigoso. Outra pessoa teria recuado ao encará-lo naquele momento, pois só teria encontrado trevas em seu olhar, mas Bela não moveu um músculo. – Me deixe ir até ela.

– Claro que não.

– Depois que aquelas malditas portas forem abertas, você pode muito bem deixar Armand buscar sua fonte da juventude! Moira não precisa se sacrificar para acabar com a maldição! É a imortalidade que você quer, por que está enviando a menina para morrer? – Sebastian trovejou. Bela estreitou o olhar.

– Quero que essa maldição tenha fim. *A minha filha nasceu para acabar com ela.* – *Monstro*, pensou Stark.

– Lute comigo.

– Como é?

– Se vencer, eu fico em seu navio. Mas, se perder, vai me deixar ir atrás de Moira. – Ele não esperou pela confirmação dela. Viu a fagulha de excitação crescendo nos olhos da capitã. Bela não recusava desafios, não importava em qual situação se encontrasse. E que belo momento para um duelo senão aquele, com uma vida posta como prêmio?

As amarras do pirata foram soltas e sua espada foi devolvida. A tripulação de Arabella e a de Stark empertigaram-se, todos ansiosos pelo duelo. Com um grito furioso, Sebastian avançou contra ela, colocando força e destreza em seus ataques sucessivos. Bela amparou cada um deles com agilidade, movendo-se como um felino. Foi a vez dela atacar, mas, assim como ocorrera anteriormente, Sebastian desviou-se com facilidade.

Os piratas iniciaram uma sequência de ataques e defesas complicados e impacientes. Notava-se no olhar de Stark que ele controlava a própria ira, pois usá-la num momento como aquele lhe tiraria a concentração. Precisava ficar

calmo por Moira e pensar racionalmente, diferente de Bela – ela atacava com selvageria, bruta e simples, como costumava fazer quando eram mais jovens.

Sebastian conhecia aqueles movimentos.

Atingiu o braço da mulher e arrancou um silvo irritado dela. Os olhos de Arabella pegaram fogo, consumidos em fúria, e Stark se aproveitou disso. Encontrou a guarda baixa novamente e arrancou-lhe mais um filete de sangue, dessa vez na coxa. Bela cambaleou, mais pela surpresa do que pela dor, e grunhiu ao se atirar contra ele. Sebastian desviou e passou a ponta da espada atrás do ombro esquerdo dela, arrancando sangue e mais ira. Bela estava deixando que a raiva a afogasse, e era disso que Sebastian mais precisava.

Outras duas vezes, desviou e atacou. Simples, porém eficaz. Deixou linhas escarlates espalhadas pela pele da capitã. Quando um dos marujos tentou interferir, Arabella vociferou com ele, ensandecida e colérica, apontando-lhe a espada. Stark aproveitou a deixa e acertou um corte fundo em sua mão, tão preciso quanto um artista ao esculpir sua obra de arte. Bela berrou de dor e a espada escapou de seus dedos, retumbando contra o chão.

No céu, as nuvens finalmente desabaram sobre eles. A chuva caiu fina e gélida.

Sebastian apontou a espada para o pescoço da capitã e fez questão de roçar a lâmina em sua pele, causando um mínimo corte. O olhar dela fugira da sanidade, estava quase animalesco. Como antes, Sebastian não recuou. A insanidade dela não lhe dava medo.

– Esse sempre foi o seu problema, Bela. Você perde o controle muito facilmente.

Arabella ergueu as mãos em rendição e se afastou. Um escaler, como prometido, foi baixado até o mar. Sebastian encarou John, pois se sentira observado por ele. O pai de Moira beirava o desamparo, os olhos exibiam o mesmo temor que Stark carregava em seu coração.

Sebastian embainhou a espada e acenou positivamente para John, uma promessa silenciosa de que salvaria Moira. A promessa foi feita a si mesmo, também. Não considerava a hipótese de perdê-la, *não deixaria isso acontecer*.

Estava se preparando para deixar o navio quando um alto barulho de tiro cortou o ar. Stark congelou onde estava e voltou-se lentamente para a direção de onde viera.

Bela estava estatelada contra o chão, a pistola que antes havia apontado para ele caída longe. O tiro desviara sua trajetória para o alto graças a John, que havia se jogado contra a capitã. Os marujos de Arabella, repentinamente chocados, não repararam na sombra que se ergueu do corredor da cabine. Sebastian viu Tamina, viu seus homens e viu o levante acontecendo enquanto o Tormenta das Águas

enfrentava um motim.

– Vá! – Tamina empurrou o primeiro homem que alcançou, e suas duas pistolas acertaram os mais próximos. O grito da mulher foi exasperado, mas havia fogo em seu olhar.

– Salve Moira! – John berrou para Sebastian. E ele obedeceu.

O destino dos que ficaram ali no navio era incerto. Mas o capitão do Espírito de Gelo garantiria que Moira fosse salva do seu.

x x x

– Tem certeza de que é isso mesmo? – Moira cingiu as sobrancelhas. Chovia fortemente sobre eles e o frio se condensava ao seu redor.

O portão era imenso, monstruoso e aterrorizante. Feito em ferro enegrecido, subia a uma altura de quase cinco metros. Havia entalhes por todo ele, símbolos que Moira podia jurar serem gregos – ela já os havia visto em um livro. Armand encontrou uma falha em meio aos escritos, um buraco do tamanho exato do medalhão, assim como Bela havia afirmado existir.

– Foi o que Arabella disse.

Moira travou a mandíbula. Não gostava de pensar nela, nem sequer se lembrar de que estavam ali para ajudá-la. O asco era grande demais para se ignorar.

– O medalhão, Moira. – Armand pediu gentilmente. Receosa, ela desatarraxou o colar do pescoço, sentindo-se abraçada por uma brisa fria e desconfortável quando o afastou de sua pele. Armand encarou o rubi e, como dissera Arabella, fez um corte na mão para que o próprio sangue escorresse sobre ele.

Os detalhes intrincados do medalhão foram inundados pelo líquido escarlate e a pedra vermelha acendeu-se. Armand encaixou a chave completa sobre o espaço vazio e um alto estalo ecoou pela pequena praia em que se encontravam. Moira deu alguns passos para trás, acompanhada do rapaz, enquanto os portões rangiam. Suas estruturas enferrujadas gritaram para a noite, acompanhados dos trovões lá nas nuvens.

Estava muito escuro, mas os clarões da tempestade iluminaram o que parecia uma larga rua, habitada apenas pelos pedregulhos e pelas árvores que a ladeavam. Moira encarou Armand, mas o rapaz assistia a tudo muito embasbacado.

– Acho que... Devemos entrar? – Ele retirou o medalhão e o pendurou sobre o próprio pescoço. Moira respirou fundo. Não tinham escolha, afinal. A vida da tripulação dependia deles.

Armand estendeu-lhe a mão e um sorriso confortável, e Moira a aceitou. Dois passos à frente e um grito ecoou até eles, forçando-os a parar.

– O que foi isso? – Moira indagou assustada. Armand se aproximou protetoramente e encarou o oceano com desconfiança.

– Melhor não arriscarmos. Vamos para dentro.

As pedras ladrilhavam a estrada. Moira encarou o caminho de árvores centenárias com absoluto fascínio, mas foi interrompida pelo mesmo grito novamente. Estava mais próximo e bastante reconhecível. Moira parou a alguns passos da entrada.

– Sebastian? – Ela se virou. O coração acelerou sem querer e, por alguns instantes, Moira se deixou ansiar por ele.

– Moira! – a voz dele estava carregada de desespero. Stark estava encharcado, correndo desenfreado na direção dos portões. – Moira! – A menina tropeçou para trás, as botas produzindo estalidos contra os pedregulhos debaixo de si. Sebastian estacou, o olhar horrorizado enquanto a garota se afastava para dentro da cidade.

O capitão estava ofegante e descontrolado, os olhos avaliando Moira com angústia. A garota, por sua vez, mesclava confusão à dor de antes. Ela crescia em seu peito conforme Sebastian se aproximava, tornando-se quase insuportável. Moira não queria encará-lo, mas não conseguia desviar os olhos.

Os dois ficaram parados, cada um absorvendo a própria agonia. Moira entrelaçou as mãos, sentindo-as tremerem compulsivamente. *Por que veio até aqui?* Queria perguntar a ele. Queria entender o que o movia, entender porque ele havia mentido. Queria, principalmente, perdôá-lo. Ainda que fosse forte, Moira sucumbia ao sentimento que se alastrava por seu coração.

Os olhos de Sebastian a avaliaram com confusão após o rompante de desespero. O pirata andou apressado até ela, repentinamente preenchido por esperança, e a alcançou em poucos segundos. A distância foi quebrada num abraço apertado. Sebastian a pressionou contra si, e conduziu os lábios de Moira até a própria boca, arrancando um beijo forte da garota. Ele acariciou a lateral do corpo dela, alcançando seu pescoço, e segurou seu rosto com uma delicadeza surpreendente.

Moira deixou-se despencar contra o corpo dele, ignorando deuses e o mundo, ignorando a dor que ele ainda lhe causava. O toque de Stark era destruidor, e ela se deixou desmoronar. Estava afogada em mágoa e ofegos. Sua pele queimava com o calor que ele emanava. A chuva que caía sobre seus corpos, como da primeira vez em que haviam se beijado, não era capaz de apagar as chamas que eram Sebastian Stark. Moira queria chorar, gritar e se deixar levar por ele. Estava machucada, o coração doía contra o peito, mas ao mesmo tempo em que

Sebastian abria mais e mais o ferimento, também a curava.

Stark era a tempestade na qual Moira aceitava naufragar.

– Moira, sempre foi você. – ele sussurrou contra sua boca, a respiração arfante. O toque dele irradiava aflição. Ela nunca o vira tão fora de controle, e tal situação trouxe ansiedade ao seu olhar. – Nunca foi Bela. Sempre, durante todo esse tempo, foi por você que procurei. Você roubou o meu coração, não ela. *Por favor*, me perdoe por não contar a verdade. – Ele a beijou novamente. Moira perdeu o fôlego.

E então ela engasgou.

Sebastian se afastou, alarmado, e seus olhos se arregalaram ao encará-la. Moira tossiu novamente, levando a mão ao pescoço, e sangue escorreu de seus lábios.

Ela escorregou, sem forças, e bateu os joelhos contra o chão. Sebastian a sustentou, o rosto perdido em desolação, em agonia, em dor. Moira tentou falar algo, qualquer coisa, mas tudo que escapou de sua boca foi mais sangue. O ar não lhe vinha. Mãos invisíveis a sufocavam, e a sensação de estrangulamento a dilacerava. Mas, ainda assim, Moira estendeu a mão até o rosto do pirata e o acariciou, desejando dizer algo para tirar o mar de sofrimento que inundava seus lindos olhos.

Não, ele não podia sofrer por ela. Ela se permitia ferir, permitia que seu coração fosse machucado, mas *ele* não. Sebastian era vulnerável às emoções, mais do que qualquer outro homem que Moira conhecia. O coração dele era frio e frágil e estivera protegido. *Moira o expusera*. Depois de anos enclausurado, Sebastian se entregara ao amor, e o estava perdendo outra vez. Moira queria fazer alguma coisa, como colocar o escudo de volta. Não podia morrer sem protegê-lo, não podia deixar aquele mundo vendo tanta dor no oceano elétrico que eram os olhos de Sebastian.

A garota continuou a engasgar, mas lutou para manter o fôlego que lhe restava. Suas mãos apertaram os braços de Sebastian, seus olhos imploraram para que ele não sucumbisse, mas ele desprendia tanta dor. A agonia de antes não era nada comparada ao que Moira sentia agora. Ela sofria por ele.

Acima deles, a tempestade de raios ficou mais violenta.

Armand, desesperado, ajoelhou-se ao lado dos dois, as mãos tremendo enquanto tentava alcançar Moira, sem que Sebastian permitisse. Ela virou-se para o rapaz, mais uma vez atormentada pela culpa. Não podia deixar Armand para trás também. Ele era seu. Assim como Stark. Eles pertenciam a ela e somente a ela, e agora os deuses tentavam tirá-los de seu alcance.

Seu olhar dolorido podia ser interpretado como o pavor da morte, mas o que atormentava Moira era deixar os dois sozinhos.

– Não. Por favor. – O capitão sussurrou.

Lágrimas escaparam dos olhos da garota. Sebastian estava pedindo por ela. Pedia que não o abandonasse, e nada podia fazer contra. A morte a arrastava. Armand estava ali também, desamparado. A impotência sobre seu corpo agora paralisado a apavorou. A garota ofegou uma vez mais, os olhos vidrados no rosto de Sebastian, desesperada para obedecê-lo.

Ela gemeu pela dor que se alastrou por seu corpo e então relaxou. Seus olhos de tempestade abrandaram, perdendo o foco. O último suspiro escapou por seus lábios manchados de sangue.

No céu, os raios chicoteavam numa dança macabra. Um som agonizante veio da cidade amaldiçoada.

O grito de agonia de Stark reverberou por toda Atlântida.

Moira estava morta. E os deuses pagariam por isso.

Capítulo XXXVIII

Armand recuou, em pânico, quando viu a vida deixar o olhar de Moira. Algo se rompeu dentro dele, como um laço estourado em sua mente. Como se, num momento, estivesse conectado à Moira, à energia que ela emanava, e então tudo desaparecesse, reduzindo-o à tormenta da solidão. A dor que ele sentia chegava a irradiar por sua pele, arrastando-se como se chamas de dor lambessem seu corpo. Era absurdo demais para ser verdade. Ainda assim, ainda que tal incredulidade o dominasse, Armand continuava mirando a expressão paralisada de Moira, a maneira com que seus olhos tão intensos haviam perdido a luz, despencando na escuridão da morte.

Observou Sebastian, que abraçava Moira possessiva e desesperadamente. Os ombros do pirata tremiam. Armand teria se afastado se não compreendesse tão bem o que o capitão sentia.

Ainda que a repulsa tivesse se alastrado por seu peito ao vê-la corresponder ao beijo do pirata, Armand não se deixara levar pela raiva. Momentos antes, ela havia implorado para que o rapaz não a deixasse. Aquelas não haviam sido palavras levianas. O que quer que houvesse entre Moira e Stark não poderia segui-los depois daquela aventura. Moira escolhera Armand, ele sentira isso em sua voz.

Se ao menos existisse uma maneira de reverter aquilo, de impedir que a alma da garota partisse para sempre... Para que Iolanda havia feito aquele ritual, unindo-os através de um laço de sangue, se Armand nem fora capaz de salvar Moira? Agora o laço se quebrara, lançando-o ao vazio.

Oh, como ele gostaria de voltar no tempo. Impedir que a garota fosse arrastada por mãos invisíveis e cruéis – assassinada por Atlântida, ele imaginava.

Acompanhando um estalo lá no céu, algo se acendeu na mente do rapaz.

Por que haviam ido até ali, afinal? Em busca de uma maldita fonte da imortalidade, cujas águas abençoadas concediam vida eterna. Que melhor chance eles teriam que senão usando-a para tentar trazer Moira de volta?

Quando tentou se aproximar da garota, Sebastian ergueu seu olhar insano e predatório. Armand não hesitou.

– Há uma maneira de trazermos ela de volta.

– Do que está falando? – A voz dele rechaçou a esperança do rapaz.

– A fonte, Stark. Pense um pouco! É a fonte da vida. – Armand estendeu a mão na direção de Moira, deslizando a ponta dos dedos pela lateral do rosto dela. A pele estava assustadoramente fria, mais pálida do que o normal, e ele teve medo. Mais medo do que jamais imaginara ser capaz de sentir em toda a sua vida.

Precisava trazer Moira de volta. Ela era a razão de tudo aquilo, o motivo pelo qual Armand deixara a normalidade para trás. Era por Moira que o rapaz mantinha-se forte frente a tantas revelações bombásticas; continuava são porque Moira era sua fonte de sanidade.

Armand não conseguia imaginar uma vida sem ela. Todo o seu mundo fora reduzido a Moira e, depois do horrendo acontecimento ali, a nada. Lutaria contra os deuses se fosse preciso, mas a traria de volta.

– Sebastian. – o tom decidido de Armand foi surpreendente até mesmo para o rapaz. – *Precisamos* levar Moira até a fonte.

O pirata encarou a garota falecida em seus braços, os olhos azuis eletrizados por descargas de fúria, mas assentiu. Armand se afastou enquanto Stark se levantava, carregando Moira com delicadeza.

– Aonde pensam que vão, rapazes? – Sebastian estacou ao ouvir aquela voz. Armand levou a mão à pistola que trazia em seu cinto e não demorou a desembainhar a espada.

– Arabella... – Stark voltou-se para a pirata lentamente. Armand acompanhou seus movimentos com ansiedade, esperando pelo ataque que viria a seguir. A capitã do Tormenta das Águas estava distante por alguns metros, parada logo à entrada da cidade. Bastou ela colocar seus olhos em Moira que sua expressão suavizou.

– Ah, enfim, a maldição acabou! – *Ela comemorava*, Armand percebeu com asco. Arabella exaltava o fato, ciente de que a filha estava morta nos braços de Sebastian. Como podia um ser humano ser tão cruel? *O poder, Armand*. Ele sentiu a resposta surgir em sua mente. *O poder traz o caos e a corrupção mesmo às almas mais puras. E Arabella carregava marcas de uma alma enegrecida pelo poder*.

– Saiam da frente. Estão bloqueando a minha passagem.

Arabella não estava sozinha. Havia quatro marujos, em duplas, ladeando-a protetoramente. Carregavam espadas afiadas e olhares mortais.

Armand não temeu. Seu medo estava com Moira, unicamente ligado a ela. Ele encarou Sebastian e ambos assentiram silenciosamente. O capitão se afastou para colocar o corpo de Moira debaixo da sombra de uma grande árvore, segura da chuva e da luta perigosa que viria a seguir. Sem esperar, Stark disparou um

tiro certo na direção de um dos piratas. A bala perfurou o peito do homem, lançando-o ao chão num baque alto.

Arabella trincou os dentes e avançou em seguida.

Armand recebeu o seu inimigo com leveza e rapidez. O rapaz podia não trapacear durante uma luta, não como um bom pirata fazia, mas tinha seus truques. Agilidade, estudos sobre os pontos fracos de um adversário, tudo isso contribuiu na hora de enfrentar o brutamonte que veio atacá-lo.

O homem duelava com selvageria, contrastando com os movimentos calculados de Armand. Em determinado momento, o rapaz conseguiu desferir um golpe contra a garganta do inimigo. Sangue espirrou do ferimento e o homem despencou ao chão, gemendo enquanto tentava, em vão, cobrir a ferida com as mãos. Armand lhe lançou um olhar frio e se afastou.

Sebastian estava distante, dividindo-se habilmente enquanto lutava contra Arabella e um de seus capangas. Armand avistou o corpo do outro morto e não tardou a ajudar. Cauteloso, aproveitou a distração e lançou-se contra o marujo de Arabella, acertando o ombro dele com um golpe firme. O homem gritou pela dor, caindo de joelhos, e foi a vez de Stark espetar-lhe o peito, conduzindo-o a morte.

Arabella, no entanto, não mostrava sinais de desistência. Ela deu dois passos para trás, ganhando distância para entender seus adversários, e seu olhar ganhou fúria.

Mesmo sozinha, ela interpunha-se entre os dois, parada bem no meio da estrada. A mensagem era clara: para chegarem até a fonte, deveriam passar por cima dela.

Sebastian empurrou Armand na direção de Moira.

– Vá.

– Não vou deixá-lo passar, Stark. – Arabella disse. Garantia mais a si mesma do que aos dois. Sebastian limpou a lâmina suja de sangue nas vestes do homem morto. Em seu rosto, não havia grandes emoções. O pirata estava envolto num escudo de gelo, os olhos descarregando sombras.

Sebastian Stark estava envolvido por trevas; sua aura dissipava vingança, e mesmo Armand, lutando ao lado dele, hesitou sobre o que viria a seguir.

– Vai se arrepender por ter entrado em meu caminho. – O tom do capitão foi mortífero. Arabella grunhiu e correu até ele, embrenhando suas espadas numa luta mortal.

Armand não pestanejou. Carregou Moira estrada acima, guiando-os para longe da luta. Assim que se afastou do duelo, alguém se interpôs em seu caminho, os olhos fantasmagóricos olhando-o com acusação.

O rapaz lutou contra a raiva por ter sido interrompido. Manteve o aperto ao

redor de Moira, protetor e cuidadoso, e se afastou da imagem translúcida que o bloqueava. A mesma mulher que ele avistara no navio estava ali, exibindo uma expressão desgostosa.

Atrás dela, a esplendorosa cidade perdida de Atlântida caía em ruínas. As ruas da cidade avançavam em todas as direções, seguindo até construções abandonadas pelo tempo e pelo homem, destroçadas por horríveis feitos da natureza. Havia algas e moluscos e pedaços de rochas maltratadas pelo mar, em todos aqueles anos de prisão. Armand observou, embasbacado, quando rostos começaram a surgir entre as construções. Homens e mulheres, crianças e idosos usando as mesmas vestes que os mortos-vivos usavam na outra ilha. Ali, exibiam máscaras de depressão e solidão, olhares caídos em poços de infelicidade.

A imortalidade tinha um preço, e custara a eles toda a esperança e a glória de uma vida que poderiam ter tido. Não eram muito diferentes dos perdidos que haviam enfrentado na outra ilha, Armand pensou com pena. Estavam fadados a assombrar as ruas de Atlântida para sempre, cruelmente abandonados pela civilização e pelos deuses.

– O que quer? Eu vim para a cidade, você está livre de sua maldição. – Armand ralhou com a alma que o seguia. Diferente dos moradores da cidade, cujas expressões fantasmagóricas deviam-se à imortalidade lhes assombrando, o espírito se movia. Os amaldiçoados permaneciam parados, encarando o nada, marcando presença enquanto o rapaz corria apressado na direção da praça da cidade.

A edificação central fora reduzida a farelos de um mármore pálido. Havia um banco ainda intacto em meio a toda a destruição, e ali Armand repousou Moira. Buscou o mapa em seu bolso e seguiu as instruções dadas por Arabella – o pergaminho, agora apagado, sem evidências de que servira para guiá-los até a ilha, recebeu um pinga do sangue dele. O rastro seguiu traçando contornos e marcações, delineando a cidade de Atlântida com perfeição. Armand viu a sua localização e ergueu o rosto para avistar o templo em que encontraria a fonte. Um grande X marcava o local do tesouro de Atlântida.

– Não *pode* levá-la até a fonte. – a mulher exclamou. Armand ergueu um olhar furioso. – O destino desta alma amaldiçoada é perecer aqui em Atlântida. – O rapaz a ignorou veemente. No entanto, quando se virou, estacou.

As feições da mulher estavam assustadoramente nítidas, diferente de quando a encontrara no Espírito de Gelo. O rosto dela era fino e aristocrático, os malares altos combinando com o nariz pontudo. Os olhos grandes exibiam olhos claros e os cabelos que caíam por seus ombros eram louros e sedosos. Era linda, Armand pensou, e assustadoramente igual à sua mãe. Pensou no que o pai, o cético Comodoro, diria ao vislumbrar uma cena daquelas.

– Você é mesmo minha ancestral? – Ele não conteve a pergunta.

– Você chegou até a cidade, não? – ela respondeu com outra pergunta, deixando-o irritado. Armand ergueu Moira em seus braços e marchou para longe do fantasma. – Espere! Não pode!

– Não me diga o que fazer. Posso ser seu descendente, mas não carrego a maldade que seus deuses puseram em seu espírito.

– Maldade? Eu guiei você e sua amada Moira até a cidade!

– Por interesse próprio. Você queria sua liberdade, então pegue-a e me deixe em paz! Não nos avisou desta maldição! Poderia ter salvado uma vida.

– A vida dela não merece ser salva. Amar Moira é errado, meu querido.

– Não fale sobre amar a pessoa errada. – Armand esbravejou indignado. – Você, acima de todos! Amou o pirata que trouxe infortúnio à família de Moira.

– James era mau. – ela retrucou amedrontada. – Assim como seus herdeiros.

– Você fugiu da ilha e do seu destino. Eu não fugi do meu. Não escolhi ser como você. Moira não tem culpa da herança que carrega. – Armand abraçou a garota com mais força. Gostaria que ela estivesse ali com ele agora. Tornaria tudo mais fácil. Falar com um fantasma, caminhar pelas ruas de uma cidade amaldiçoada, tudo aquilo testava a racionalidade de Armand. Moira, no entanto, teria segurado sua mão e lançado um de seus olhares poderosos, garantindo-lhe que estaria ao seu lado.

Ele precisava trazê-la de volta.

– Como pode não entender? *O herdeiro do traidor vai retornar a ilha. Cuidado com quem carrega o sangue do traidor.* – Ela recitou o que havia dito a ele no convés do Espírito de Gelo. Moira era a herdeira de James, era quem carregava o sangue do traidor. Com sangue, também, a maldição foi paga. O rapaz enfureceu-se pela injustiça daquela situação. Arabella era quem deveria estar morta, e não Moira! Não a pura e destemida garota por quem Armand se apaixonara, mas a cruel e monstruosa mulher que ousava clamar-se uma mãe.

– Moira não fez nada! – ele esbravejou. – Ela é inocente! Estava tentando proteger a família, não alcançar um maldito tesouro! Arabella é quem deveria ter sido levada pelos seus deuses. – Seu tom ficou repentinamente rouco e Armand precisou parar de falar. Havia agonia demais em seu peito para prosseguir o discurso.

Ao alcançar o templo, não se demorou do lado de fora. Era uma das poucas construções ainda intactas, com exceção de rachaduras e blocos soltos. Simples, erguia-se longos metros acima de sua cabeça em colunas gregas adornadas por escritos antigos.

Lá dentro, mármore branco e cinza coloriam um ambiente às escuras. Estava frio e silencioso, com exceção de um insistente gotejar que vinha do lado oposto

do salão. Armand seguiu para lá, ignorando as sombras dançando ao seu redor.

Quando finalmente alcançou o fim do aposento, encontrou uma pequena fonte construída em pedra bruta. Dela pingava, lentamente, água da mais límpida. Despejava-se numa minúscula lagoa sem nunca transbordar. Havia uma taça solitária pousada ao lado da fonte, e foi ali que Armand depositou o corpo de Moira.

– Por favor. – ele sussurrou. Não costumava rezar, nem mesmo tinha fé em superstições como aquela, mas estava sobre solo sagrado, dentro de um templo que guardava a fonte da vida. Precisava tentar. – Por favor, tragam-na de volta. *Tragam Moira de volta.*

Armand encheu a taça com o líquido puro e hesitou um segundo mais.

– Não cometa esse erro. – o espírito da mulher continuava ali. Seu olhar era puro rancor. – A garota vai abandoná-lo se voltar. O coração dela não baterá por você, mas por aquele a quem ela já se entregou. – O rapaz travou a mandíbula, lembrando-se da intensidade com que Moira havia correspondido ao beijo de Sebastian.

– Arabella disse que seu espírito ficaria livre quando eu pisasse em Atlântida. – Armand não se virou para ela. – Foi pela liberdade que começou isso tudo, não foi?

– Sim. A única maneira de alcançar você era usando a herdeira de James. Uma vez que a chave foi colocada nos portões, perde sua magia. Eu poderia guiar apenas um herdeiro aqui para a cidade, e você foi o escolhido.

– Descanse em paz. – Os olhos dele eram poços de amargura.

– Você não merece sofrer por ela. Não precisa desprender seu amor para esta alma.

– Meu amor já é ela. – Ele disse suavemente, e então inclinou a taça sobre os lábios pálidos de Moira, despejando a água da vida.

x x x

Sebastian duelou com uma fúria assassina.

Sombras serpenteavam seu olhar perdido em vingança, os raios continuavam a cintilar acima de suas cabeças, lançando luz sobre a batalha de trevas que ocorria nos portões de Atlântida.

Arabella correspondia ao fervor de Stark igualmente. Diferente do navio, quando ele era todo racionalidade e ela selvageria, ali havia apenas ira e cólera a movê-los. Sebastian dançava os macabros passos que poderiam levá-lo à morte caso perdesse o compasso, acompanhando Bela com precisão. Suas espadas retiniam uma contra a outra, ecoando o tilintar juntamente aos trovões que

estremeciam o chão sob seus pés.

Movido pela ânsia de destruir Arabella, de fazê-la pagar pelo que causara a Moira, Sebastian não fraquejava. Ele queria Bela morta, queria ver seu sangue escorrendo pela rua de Atlântida como fora obrigado a assistir com Moira. Era Bela quem deveria ter sido levada pela maldição, era ela quem construía todo um coração carregado de maldade. No passado, Sebastian chorara sobre o cadáver de sua esposa. Ali, ele queria ser o responsável por jogá-la aos mortos.

O capitão desviou de um golpe dado pela pirata, mas não escapou de um segundo. A lâmina da espada de Bela fincou-se em seu braço esquerdo, quase na altura do ombro, e a dor o cegou por alguns instantes.

Mas Stark era movido pela dor e usou-a para fortalecê-lo. Empurrou Arabella de encontro ao chão e se afastou com rapidez, esperando que a dor não incomodasse para o duelo seguinte. Não se daria ao luxo de perder, não sucumbiria enquanto aquela maldita mulher não pagasse pelo crime cometido. Não podia ter sua Moira de volta, então teria o sangue de Bela em suas mãos.

No instante em que se seguiu, porém, uma silhueta pôde ser vista no fim da estrada, vindo da direção da cidade. Sebastian estreitou os olhos e Arabella notou a distração, voltando-se para lá em seguida.

Era Armand, e ele estava sozinho.

Seu rosto era uma máscara de desamparo e pesar.

Aquilo só podia significar que a fonte não havia funcionado. Moira se fora para sempre.

Capítulo XXXIX

Moira não ressuscitara.

A fonte da vida, a água que concedia imortalidade, não havia trazido seu amor de volta. Armand desabou ao lado dela após alguns minutos de espera e deixou o desespero devastar seu coração.

Estava acabado.

Ela se fora para sempre, o deixara para trás num mundo tomado pelo desconhecido, num universo onde a racionalidade não mais se fazia presente, escondida por fantasmas e cidades condenadas pela fúria dos deuses.

Armand encarou o rosto de sua amada uma vez mais. Contornou cada detalhe da face dela, sentindo a dor comprimir mais e mais seu peito. O rapaz memorizou minuciosamente cada centímetro daquele rosto angelical, deleitando-se com a serenidade que Moira transpassava, antes de se afastar.

Entendia, mais do que nunca, o que dominava Stark. A emoção forte pulsava em seu âmago, incitando-o na direção da entrada da cidade. Armand não deu atenção à pausa no duelo entre Arabella e Sebastian. O rapaz desembainhou a própria espada e deixou-se mergulhar na selvageria que era o seu coração naquele momento; a razão se perdeu no mar de fúria que se condensou em sua mente, incitando-o à vingança.

Sabia que não tinha chances contra a capitã, mas não focou nisso. Só queria lutar contra ela, extravasar a explosão de adrenalina e ódio que carregava consigo. E Sebastian partilhou disso, pois logo os dois lutavam contra a pirata.

Arabella recebia os golpes com destreza. A mulher desviava dos ataques, sincronizando as defesas conforme os dois se moviam. Armand poderia ter se impressionado com as habilidades dela se não estivesse tão sobrecarregado em raiva.

Ele queria superá-la. Queria Bela morta pela lâmina de sua espada.

Se não podiam cansá-la, tentariam distraí-la. Foi com surpresa que Armand viu-se combatendo a pirata com maior facilidade, seus passos ágeis acompanhando os destemidos de Stark. Bela perdeu o equilíbrio algumas vezes, mas voltava a se manter firme.

A luta prosseguiu através da larga rua ladeada por árvores, até que alcançaram

os portões. Sebastian retesava-se a cada golpe infligido a Arabella, pois um largo rasgo em seu ombro o impossibilitava de lutar com toda a força. Armand, por outro lado, esgotava suas energias, incapaz de prosseguir no mesmo ritmo que alguns momentos atrás.

Arabella girou nos calcanhares e rasgou o outro braço de Sebastian com um golpe fundo. O pirata gritou e a espada escapou entre seus dedos, ainda que ele tenha lutado para segurá-la. Stark foi ao chão, alvejado pela agonia, sangue manchando seu casaco negro.

Armand viu-se sozinho a lutar contra a mulher, cujos olhos exibiam um brilho bestial. Ele estava condenado, sabia disso, mas manteve a postura de antes e recebeu os golpes com agilidade, atacando sempre que possível.

Então Bela saltou para trás quando avançaram na direção de uma pedra alta. Armand tropeçou e bateu as costas no chão de areia, deixando a espada escapar. Ao virar-se para a pirata, encontrou uma pistola apontada firmemente na direção de seu rosto. Stark estava sob a mira de outra.

– Ora, ora, ora... – a mulher zombou. – Finalmente chegamos ao fim do que seria uma linda vingança. Os amantes cuja mulher foi roubada pela morte. Que cena poética seria, não? Mas triunfar sobre a vilã da história? Tsc, tsc, isso só existe nos livros, queridos. – Arabella engatilhou as pistolas. – É chegada a hora de reverem a sua querida Moira.

O estouro seguiu-se ao fim de seu discurso animado. Armand assistiu, com assombro, quando Bela caiu aos berros, segurando a mão ferida. Uma bala a havia atravessado, rasgando sua carne.

Moira estava parada a alguns metros dali, exibindo um olhar feroz.

A menina largou a pistola e se aproximou em passos rápidos e determinados, chutando para longe de Bela as armas que ela antes segurava com tanta destreza. A mulher tremia violentamente pelo choque do ferimento, mas foi capaz de encarar Moira com a mesma fúria de antes.

– Como? Você deveria estar morta!

– Para alguém que zomba da morte, deveria ser capaz de reconhecer que a filha faria o mesmo. – Moira se abaixou, de modo que seu rosto ficou a altura do de Arabella. A lâmina de sua espada encaixou-se debaixo do pescoço da mais velha. – Você não foi a única a enganar Davy Jones. A diferença entre nós é que eu o confrontei de verdade. Nada de truques ou joguetes. – seus olhos eram como furacões. – E agora estou de volta para proteger o que é meu. – Moira encarou Sebastian e Armand com intensidade. – Chegue perto deles novamente e arrancarei de você mais do que uma mão.

Capítulo XL

Sebastian poderia ter encontrado a loucura ao vislumbrar Moira parada a apenas alguns metros dele, exibindo um olhar furioso para cima de Arabella, mas ele não o fez. Não quis e nem mesmo se inclinou a pensar sobre isso; Moira estava de volta, era isso que importava. Que se danassem os deuses e aquela maldita ilha, a fonte havia resgatado sua Moira do baú de Jones.

O pirata ignorou as dores em seus ferimentos e pôs-se de pé, caminhando até Moira. Ela encarava a mãe com uma ira avassaladora, mas o olhar sobre Stark foi suave. O rancor de antes a havia deixado, ainda que houvesse, naqueles olhos de tempestade, algo diferente. Moira nunca mais seria a mesma, disse Sebastian tinha consciência. Ela havia se aventurado nos confins de outra dimensão, navegado em mares misteriosos, confrontado a morte. Mesmo o mais bravo dentre os piratas carregaria cicatrizes de uma viagem como aquela.

Armand também parou ao lado de Moira, exibindo a expressão mais aliviada que possuía. Sebastian encarou os dois. Assistiu à troca de olhares carregada de emoções, e sentiu o ciúme se condensar em seu âmago. Podia repetir a si mesmo que Moira era sua e apenas sua, mas isso não tornaria a afirmação verídica.

Sebastian mirou em Bela o seu olhar mais amargo. A mulher dividia-se em agonia e ira, tremendo pelo ferimento causado pelo tiro.

– Vai me matar agora? – ela grunhiu para Moira. A garota havia recuperado a pistola e a mantinha sobre o rosto de Arabella, mas sua expressão estava menos selvagem. – Vai, finalmente, completar sua vingança?

– Eu poderia fazer isso, mas não precisa se preocupar. Eu não sou como você, afinal. – Moira baixou a arma. – Seu encontro com a morte demorará um pouco a acontecer. Até lá, vou lhe dar o que você tanto queria: a cidade de Atlântida será toda sua.

Os olhos de Arabella se arregalaram ao compreender o que Moira dizia. Ela encarou Sebastian desesperadamente, mas a decisão da garota foi suficiente para fazer o pirata sorrir com orgulho. Moira desferiu um chute contra a barriga da capitã, debilitando-a, e agarrou o braço livre de Bela em seguida. Começou a arrastá-la pela estrada, em direção à cidade amaldiçoada. Fraca pela dor, Arabella Snow só podia se sacudir para tentar escapar do aperto da filha, mas foi

tudo em vão. Sebastian adiantou-se para ajudar Moira e logo eles haviam jogado Arabella dentro da cidade. A mulher caiu de bruços e se virou, mas Moira e Stark haviam sacado suas pistolas.

– Mova um músculo e seu cativeiro se dará no inferno, Bela. – O pirata ameaçou. Ela sorriu amargamente.

– Aproveite bem o tesouro enquanto puder. – Moira armou uma expressão sombria. – Lembre-se que, daqui uns tempos, a cidade vai retornar ao lugar que os deuses lhe sentenciaram. E você irá com eles para o fundo do oceano.

Armand encaixou o medalhão nos portões. Alguns segundos depois, as engrenagens voltaram a se mover. Moira continuou a encarar Arabella, observando o rosto de sua mãe uma última vez. Olhos tempestuosos queimavam em labaredas de ira, mas jamais se desviaram.

Ao redor da pirata amaldiçoada, espíritos dos imortais começaram a aparecer. Arabella ergueu-se, despreparada e ensandecida, apontando-lhes a única faca disponível em seu cinto.

Moira manteve o olhar firme quando viu os fantasmas arrastando-se sobre o corpo da mãe, empurrando-a contra o chão.

Quando os portões se fecharam, pode-se ouvir o eco dos gritos de Arabella. Depois, só restou o silêncio.

Sebastian se manteve parado, mas seus olhos fixaram-se em Moira ansiosamente. Ele a queria. Queria puxar a garota para seus braços e jamais deixá-la. A dor de antes desaparecera. Moira, contudo, exalava uma aura de solidão, seu olhar exigia que a deixasse em paz.

Armand não se importou. Ele avançou até a garota e a arrebatou num abraço forte, enterrando o rosto no pescoço dela, aspirando o doce perfume que era a pele macia de Moira. Sebastian travou a mandíbula, sem entender porque fora tão tolo em deixar o momento passar. Moira retribuiu o abraço de Armand com energia, enlaçando seu pescoço, suspirando longamente, como se um grande peso tivesse sido tirado de seus ombros.

Ela abriu os olhos e mirou-os em Stark. Eletricidade e tempestade mergulharam em sentimentos profundos, sem que os donos daqueles olhares nem mesmo se tocassem.

O pirata se afastou, mantendo os olhos em Moira um segundo mais. Marchou na direção da praia, cobrindo o maior ferimento com a mão, deixando que as sombras o engolissem.

x x x

Moira sentou-se ao lado de Armand no escaler, e ajudou-o a remar de volta

para o navio de Arabella. Seu corpo estava dolorido, como se tivesse travado uma batalha durante horas a fio, e sua mente parecia estranhamente vazia. Havia morrido por tão pouco tempo, mas pareceu-lhe que anos haviam se passado ao acordar no templo.

Encarou Sebastian, cujo semblante sério a examinava discretamente. Tinha tanto a dizer a ele, assim como a Armand, mas as palavras haviam desaparecido. Depois de se livrar de Arabella, seu mundo despencou na realidade, suas emoções turbulentas explodiram em confusão, lançando-a a sentimentos conflituosos. E a decisão que pairava sobre sua mente, a mesma que havia tomado antes de chegar a Atlântida, continuava a assombrá-la.

Quando se aproximaram da gigantesca e estranhamente silenciosa embarcação, Sebastian desembainhou a espada. Mandou que os dois se preparassem, pois a batalha seria inevitável.

O pirata subiu as escadas com dificuldade, tentando ignorar os horríveis ferimentos que Arabella fizera em seus braços. Armand seguiu-o, deixando Moira por último. O sentimento protetor estava muito exaltado no rapaz, e ela não achou prudente discutir com ele sobre aquilo.

Quando chegou ao convés, Moira não escondeu o choque.

A tripulação do Tormenta das Águas fora subjugada pela do Espírito de Gelo. Um motim ocorrera em sua ausência, e agora o navio de Arabella lhes pertencia. Tamina mantinha o líder dos marujos sob a mira de sua pistola. Moira reparou que o olhar de Tamina era poderoso, mas havia algo de errado com a sua postura. Uma ansiedade e um temor notáveis. Os outros piratas imitavam a sua primeira imediata.

Stark examinou a cena e caminhou calmamente na direção deles, mantendo a máscara de seriedade exposta em seu rosto. Moira assistiu atentamente, ponderando sobre o que Sebastian faria a seguir.

– O navio é nosso. – fez uma pausa, no que seus marujos acompanharam em uivos de vitória. – Vocês são nossos prisioneiros, mas vou lhes dar uma chance de mudar essa situação: aceitem a mim como seu novo comandante ou terão o mesmo destino que sua antiga capitã experimentou. – sombras cresceram no rosto de Sebastian, tornando-o amedrontador. Os homens hesitaram, encarando-o com apreensão. – Respondam ou visitarão o baú de Jones antes que tomem fôlego! – ele esbravejou. – Estão comigo?

– Aye, capitão! – Eles disseram em uníssono.

Sebastian os avaliou atentamente. Um minuto se passou, e a sombra continuava a escurecer as feições do capitão.

– Tamina... Fique de olho nos novatos. Um movimento que você considere errado e atire-os ao mar. Deixe-os para que as sereias façam uma boa refeição. –

Sebastian disse tudo com suavidade, ainda mantendo o olhar desconfiado sobre os prisioneiros. Eles se encolheram ao fim. – Blackburn teve um destino terrível, mas posso fazer com que o seu seja pior. – E, dito isso rumou para a cabine, no que Tamina disparou ordens a plenos pulmões:

– Movam-se, ratos de porão, quero esse navio zarpando para longe desta maldita ilha em poucos minutos! Os atrasados serão levados à prancha e que os deuses tenham piedade de sua alma!

Moira procurou entre os presentes, mas não encontrou a figura paterna. Foi então que Tamina caminhou até ela, no rosto uma expressão pesarosa. O medo despencou pelo âmagô de Moira, gelando sua espinha, mas a confirmação de suas suspeitas causou-lhe menos pânico do que imaginara sentir. Quando Tamina tocou o seu ombro, um gesto tão íntimo e carinhoso, Moira soluçou.

O corpo de John estava pousado no fim do convés, coberto por um pano velho. A garota o descobriu, ainda acompanhada por Tamina e por sua presença condescendente, e observou a face relaxada do velho John, imaginando que agora o pai passeava pelo mesmo terreno pelo qual havia andado até pouco tempo antes.

– Blackburn o matou. – Tamina explicou com suavidade. – Ele lutou o máximo que pode, mas o motim havia começado e eu não pude... Não consegui chegar a tempo. Sinto muito, Moira. – A pirata soou absolutamente devastada. Moira agradeceu com um aceno.

– Descanse em paz, papai. – A menina sussurrou, depositando um beijo na testa do homem. Manteve-se assim, os olhos fechados com força, lutando para não sucumbir à dor, mas ciente das lágrimas escorrendo por seu rosto.

Tamina sugeriu que jogassem o corpo ao mar, como em toda cerimônia fúnebre realizada pelos piratas. Moira, ainda que relutante, não recusou. John também havia deixado a normalidade para trás, querendo ou não. Não havia como retornar com seu corpo até Ilha Esperança; ele não pertencia àquele lugar.

Quando o corpo envolto em lençóis despencou em direção ao oceano, horas mais tarde, Moira sustentou o olhar. Fez uma prece silenciosa por Tobias, cuja morte trágica os impossibilitava de alcançá-lo. Rezou para que ele estivesse em um lugar melhor.

Recebeu condolências vagas, com exceção dos olhares solidários de Tamina e do abraço acalentador de Armand. Stark saiu da cabine com bandagens grossas a envolverem seus ombros, mas não procurou por ela. Moira sentiu-se mal por isso, mas tampouco fez algo para mudar a situação. Precisava de tempo para lidar com tudo o que lhe acontecera.

Quando migrou seu olhar entre a tripulação, em busca de um último rosto familiar, encontrou Tamina preocupada avançando até os porões e temeu pelo

pior.

x x x

– Como está se sentindo? – James voltou-se para a dona da voz, abrindo um sorriso trêmulo. O pirata estava deitado numa rede, no porão do Tormenta das Águas, e o peito envolvia-se por curativos.

Antes do Espírito de Gelo ser bombardeado e lançado ao fundo do oceano, Tamina havia impedido a morte de James.

No convés, durante a batalha, o loiro fora retaliado violentamente no peito por seus antigos companheiros de navio, incapacitado de prosseguir a luta. A primeira imediata de Stark correu até ele, tomada por uma insana sensação de temor. Se questionada, Tamina não saberia dizer o que a movera. Não houve hesitação por sua parte, apenas a certeza de que precisava salvar James.

O arrastou na direção do porão depois disso, aproveitando a distração da batalha.

Tamina abandonara a luta para salvar a vida de James.

Quando se pegava pensando nesse fato, algo dentro dela se entalecia pela coragem. Por ter sacrificado algo que lhe era tão importante – a luta contra seus inimigos – para impedir que James morresse. Algo também se quebrava, pois Tamina recordava-se da perda ocorrida em sua ausência; sua mente era assombrada pela lembrança de Tobias, um rosto infantil e sorridente que havia sucumbido à crueldade de Blackburn.

– Bem melhor agora que você voltou. – ele abriu aquele sorriso charmoso, mas o gesto veio carregado de dor. As bandagens ao redor do ferimento em seu peito já estavam manchadas de sangue, e Tamina viu-se caminhando angustiada na direção dele. – Como está a situação lá em cima?

– Tudo na mais perfeita ordem, eu diria. – sua voz tinha um tom mecânico, detalhe que James não deixou passar. Ele examinou o rosto dela, a pele bronzeada marcada por cortes aqui e ali, consequências da batalha. O cabelo, preso numa trança bagunçada, estava desgrenhado. Mesmo suja de fuligem e com marcas de sangue, aquela mulher continuava assustadoramente bela.

Ela terminou o relato sobre o retorno de Moira e dos outros e disse que pouco sabia sobre o ocorrido na ilha amaldiçoada.

– Stark está nos levando para casa.

Cuidadosamente, a pirata se sentou na rede, deslizando as mãos pelo rosto do loiro. James não tinha febre, sua temperatura corporal estava estável, e ainda que expressasse dor, parecia mais aliviado do que quando o trouxera até ali. O médico do navio tinha muitos outros marujos a tratar, e garantira à Tamina que

James ficaria bem.

– E onde seria isso?

– Um oceano onde não precisemos nos preocupar com maldições e deuses antigos, eu espero. – Tamina sorriu com desamparo. Tocou as bandagens dele e constatou estar tudo bem. Depois disso, o silêncio que se seguiu possibilitou aos dois uma longa troca de olhares.

O pirata esforçou-se para se por sentado, recebendo uma bronca pelo movimento.

– Quer morrer?

– Não hoje.

– Então fique quieto. – Ela ralhou.

– *Bela?* – olhos amendoados mergulharam no oceano verdejante que eram as íris de James. – Obrigado. – o pirata murmurou profundamente, o rosto tomado por seriedade. – Você não tinha porque ir até lá, mas ainda assim salvou a minha vida.

– Eu precisava. – Tamina rebateu com determinação. Seu rosto era uma máscara de dor, o que preocupou James. – Depois de tudo... Depois do que Blackburn causou, eu me vi imaginando o que teria acontecido se eu deixasse você para trás, e James... Eu não pude. – A voz dela falhou. A pirata baixou o rosto, mas James não precisou ouvir o soluço para saber que lágrimas escapavam dos olhos de Tamina.

Sem se importar com a própria dor, James segurou o rosto de Tamina e puxou-a para si, tocando-a com carinho.

– O que houve? – Seu tom foi aflito.

– Tobias. Blackburn destruiu o Espírito de Gelo e o menino estava lá... – ela sussurrou. A expressão mesclava ira ao desamparo, dois sentimentos tão opostos que, no momento, culminavam em um olhar de agonia. Tamina se deixou fraquejar frente ao toque dele e recebeu o abraço oferecido com desespero; deixou que James a confortasse, passeando suas mãos por seu cabelo, acariciando suas costas, murmurando palavras de condolências.

O loiro sentiu a si mesmo retesar-se frente à desolação dela, reagindo automaticamente, ansioso para fazer algo mais por Tamina, algo que tirasse as sombras de seu olhar. A dor dela também era sua, de uma maneira que James nunca imaginou ser capaz de sentir por alguém; ele a amparou, pouco se importando com as fisgadas que se espalharam em seu peito graças ao ferimento. Tudo o que importava, naquele momento, era Tamina.

– Tobias era um bom rapaz. – ele murmurou, os lábios encaixados no topo da cabeça dela, onde ele a havia beijado segundos antes. – Sinto muito, bela. Por ter sido o motivo de você abandonar a batalha... Talvez houvesse uma maneira de

salvar o menino antes que fosse tarde demais.

– Não. A morte dele foi consequência de uma série de atos, e a culpa é de Blackburn. Se eu tivesse... Deixado você para trás – ela estremeceu, perturbada pela possibilidade. –, não conseguiria continuar sã frente a isso tudo.

O aperto do abraço dele ficou mais forte. Tamina mirou um olhar perdido e melancólico, responsável por destroçar o resto de autocontrole que James mantinha guardado. O rosto do pirata mesclou a dor da mulher a sua própria e angústia cresceu em seu rosto.

– Dói sequer pensar em perdê-la, bela. – James confessou. Tamina deixou que ele a abraçasse novamente, tomando cuidado para não apertá-lo demais, e o tempo entre eles pareceu congelar. Ficaram inebriados pelas dores compartilhadas, assim como se uniram por causa dela. Tamina inspirou o cheiro de maresia e rum que vinha do pirata.

James sorriu quando se afastaram. Apertou o queixo dela com carinho e voltou a se recostar, fazendo uma careta de dor. Tamina o observou com curiosidade.

– James. – Ela disse seu nome em um sussurro apaixonado.

– O que?

– Seu maldito pirata. – ele sorriu suavemente. – Não vai me deixar, não é?

– Nem que você me amarre ao mastro do navio novamente. – Ele replicou com humor, recebendo um olhar de falsa zanga dela.

James a puxou para si. Tamina retesou-se, mas o pirata conseguiu encaixá-la ao seu lado. Seus lábios estavam a um suspiro de distância. A mulher sorriu e arrebatou-lhe um longo beijo, roubando o fôlego de James, nada inclinada a permitir que o momento se dissipasse com rapidez.

Capítulo XLI

A garota caminhou pela cabine de Blackburn, os olhos passeando avidamente por cada detalhe naquele aposento sombrio. Havia mapas espalhados em baús, estes outrora repletos de ouro e joias. Sebastian havia dividido todo o tesouro de Arabella com sua tripulação, e havia riquezas suficientes ali para agradar os piratas que saíram vivos da terrível expedição. Os mapas apontavam para ilhas remotas e abandonadas, onde Sebastian tinha certeza de que Bela escondera mais fortunas – em cavernas, como ela costumava fazer no passado. A promessa de que os piratas receberiam suas porcentagens corretas sobre a pilhagem no retorno para os mares conhecidos causou alvoroço na tripulação.

Um armário recheava-se de vestidos pomposos e roupas despojadas, como um casaco marrom que Moira acabou pegando para si. Sobre a mesa de canto, além de pergaminhos e livros, havia um largo chapéu pirata, um detalhe que a garota se lembrava de invejar de Arabella ao ler seus livros.

Parou à frente da mesa e varreu a peça com o olhar, decidindo vesti-lo por pura curiosidade. O chapéu encaixou perfeitamente, sombreando seu rosto de maneira misteriosa. Moira encarou a si mesma no espelho, encontrando no reflexo um espectro da garota que costumava ser.

Sua pele havia perdido a palidez, ganhando um bronzeado notável. Os cabelos estavam desgrenhados e ligeiramente úmidos, contornando seu rosto magro como uma auréola negra. Os olhos continuavam os mesmos, mas o brilho dentro deles carregava cicatrizes dos horrores que vivenciara nas últimas horas.

A tempestade em seus olhos estava marcada por Arabella Snow, e nem mesmo os deuses seriam capazes de afastar Moira daquelas lembranças. Ela as usaria para crescer, para se tornar mais forte, para não fraquejar novamente.

Moira ouviu a porta da cabine ser aberta, mas não precisou se virar para saber quem estava ali. O perfume dele chegou até ela, enlaçando-a, inebriando-a, destruindo sua sanidade.

Stark estacou ao avistar sua companhia, mirando nela seu olhar mais atordoado. Moira imaginou o que se passava na mente do pirata; se ele estaria vendo o reflexo de Arabella refletido na filha.

Fechando a porta atrás de si, Sebastian caminhou na direção da cama. Moira estranhou seu silêncio, mas não o quebrou. Algo na postura do capitão, na maneira atormentada com que ele encarava o chão, a preocupou.

Deixou o chapéu sobre o tampo da mesa e marchou até estar próxima de Stark, sem tocá-lo. Sua movimentação foi suficiente para que ele erguesse o rosto, encarando-a profundamente.

Moira viu em seus olhos um oceano de desamparo, solidão e fraqueza, sentimentos contra os quais Sebastian lutava dia e noite.

– Fale comigo, Moira, ou vou me perder.

– Não há no que se perder.

– Há uma tormenta de culpa me arrastando. Há pesar e dor e tanto medo. – Sebastian sussurrou com agonia. Moira se aproximou ainda mais, incapaz de assistir ao seu sofrimento sem fazer nada para pará-lo; lembrou-se de quando estava morrendo, de quando Stark a segurou em seus braços e gritou, implorando para que não o deixasse. Segurou o rosto do pirata entre sua mão, erguendo-o para que pudesse confrontar sua dor.

– O que houve?

– Tobias. – ele respirou profundamente. Moira quis agarrá-lo em um abraço reconfortante, quis ampará-lo e garantir que tudo ficaria bem. A dor dele foi compartilhada por ela, mas a garota não conseguiu se mexer. Estava paralisada sob o sofrimento do homem que amava. – Ele era tão jovem. Era um bom garoto. Tinha uma vida inteira pela frente. Ele era minha família. – Ele travou a mandíbula. Moira sentiu os músculos dele se retesando sob a palma de sua mão. Os olhos caíram em sombras de arrependimento.

– Tobias está em um lugar melhor agora, Sebastian. – Moira colocou em sua voz todo o amor e compaixão que possuía. Stark recostou o rosto contra o toque da garota.

– As pessoas costumam dizer isso sem a certeza de que falam a verdade. Mas você viu o outro lado, Moira. – Ela mordeu o lábio inferior, evitando o olhar dele.

– Não sei o que vi ou o que vivi. Não sei o que era realidade ou imaginação. Mas havia coisas demais para se gravar, mistérios infinitos a serem entendidos. – a garota suspirou pesadamente, sentindo o peso da incerteza sobre os ombros. – Tobias era só um menino. Se não acreditar que ele encontrou a paz, ela nunca encontrará você.

– O mundo parece mais sombrio agora que ele se foi.

– O mundo *é* sombrio. Tobias só teve a sorte de escapar dele sem maiores sofrimentos. – Moira sussurrou.

– Nunca vai desaparecer, não é? A culpa.

– Não foi culpa sua.

– Foi culpa minha ter achado que eu poderia criar um menino em meio a um mundo de homens. Que Tobias estava pronto para a pirataria.

– Nunca se está pronto para a pirataria, Stark. Você aprende a viver com ela. – Moira buscou por seu olhar, mas o pirata havia fechado os olhos. – A culpa é de Arabella, única e exclusivamente. Ela trapaceou, contra todos nós, em todos os momentos.

Stark estremeceu frente a isso. Moira correu os dedos da mão livre pelo cabelo do pirata, puxando-o para si, e deixou que se recostasse em seu corpo. Os braços de Sebastian rodearam sua cintura e o rosto dele apoiou-se em seu peito. A respiração do capitão ficou entrecortada conforme ele desabava, ruindo frente à garota e a todo o caos que o estilhava.

Moira apertou as unhas contra o couro cabeludo dele, deixando que sentisse o desamparo que compartilhavam. A própria garota afogou-se em agonia, desprendendo de seu coração as sombras de medo que a haviam assombrado horas antes.

Baixou o rosto até apoiar a testa contra os cabelos dele, aspirando o cheiro de maresia e almíscar, tão familiar e assustador, tão sedutor e calmante. Tão Sebastian Stark.

No que pareceram horas depois, o pirata se afastou. Seu rosto era temor e solidão, mas o olhar recaiu agradecido sobre o de Moira. Ele se levantou, mas não colocou distância entre seus corpos. Manteve as mãos ao redor da cintura da garota, o aperto antes desesperado agora cuidadoso.

Ela deixou-se contornar as feições dele com o olhar. Cada centímetro de pele bronzeada, cada minúsculo detalhe que compunha sua beleza mortal, até cravar os olhos naquela tormenta de raios. Moira sentia o coração descompassar; havia tanto medo em seu âmago. Medo de que Stark continuasse a olhá-la em busca do fantasma da mãe.

– *Sebastian*. – Ela sussurrou. Nem ao menos sabia por que fizera isso, mas o formigamento familiar que contornou seus lábios ao dizê-lo trouxe aconchego a sua mente. Tudo que envolvia o pirata lhe jogava em confusão e dor, mas a simples menção daquele nome era suficiente para que o coração de Moira se acalentasse.

Ele a observou avidamente, os lábios cerrados numa linha rígida, ansioso para que ela prosseguisse a fala.

– Lá na ilha...

– Moira... Eu lhe devo desculpas. – ela o encarou abertamente. – Por ter escondido a verdade sobre sua mãe. Eu... Suspeitei desde o início. A semelhança física me perturbou, ainda que sempre houvesse mais vida em seus olhos do que

jamais houve nos dela. Depois que Arabella me abandonou... Eu nunca soube exatamente o que fez de sua vida. Ouvi sobre seu envolvimento com Black, mas tudo não passou de um borrão. Quando ela forjou a própria morte, não me interessei em pesquisar o que havia deixado para trás. Havia somente a dor para mim. – Ele passeou as mãos pelo cabelo num gesto desesperado.

– Na ilha, quando... Eu estava morrendo – Stark se retesou ao ouvi-la dizendo aquilo. A dor nos olhos dele ficou palpável. – Eu não quis abandoná-lo. Nem a você nem a Armand. A agonia que me paralisou, naquele instante, foi por deixá-los para trás. Mas depois de tudo que passei, depois... De passear pelos campos da morte no que pareceu tanto tempo...? Nada é mais como antes. Eu entendo o que o guiou, Sebastian, mas precisa entender como me machuca saber que via em mim o reflexo de minha mãe. Que quando seus olhos recaíam sobre minhas feições, era Arabella quem você estava contemplando. Que quando me beijava...

– Não. – ele a cortou. – Eu separei Moira de Arabella muito antes disso. Quando ouvi a história que você me contou soube que a semelhança física não era uma coincidência. Mas você já era Moira, e apenas Moira. Você era real. E tão diferente dela. Arabella era toda sombras e mistério, e você é luz e sinceridade. Saiba que foi isso que me arrebatou. – Sebastian acariciou seu rosto, contornando as feições magras da garota. – Seus olhos são como uma tempestade, *cariad*. Uma tempestade na qual eu aceitaria naufragar. Arabella... Os olhos dela eram enegrecidos, uma tormenta, uma maldição.

– Prove. Prove que não era Arabella que você buscava em mim. – Havia desespero em Moira, um sentimento ensandecido, avassalador. Sebastian segurou seu rosto entre as mãos com força e cuidado, examinando suas feições com interesse ansioso.

Quebrou a distância tomando a boca dela com a sua. Arrancou de Moira seu fôlego e seu autocontrole. Embrenhou-a num beijo intenso e enlouquecedor, arrebatando-a de corpo e alma. Quando se afastaram para tomar fôlego, Sebastian passeou a boca pela linha de sua mandíbula enquanto sussurrava, lenta e avidamente, o nome da garota.

Sebastian a abraçou, delineando as curvas de Moira com exímio conhecimento. O capitão sabia onde tocá-la para enlouquecê-la, e o fez enquanto tropeçavam até a cama. A garota o empurrou na direção do colchão e sentou em seu colo, arrancando o casaco de ambos no processo. Como sempre ocorria quando Stark a beijava, calor alastrou-se pelo corpo de Moira, conduzindo-a a um incêndio de emoções. Quando os lábios dele desceram pelo seu pescoço, Moira deixou-se arfar.

Agarrou-se a Sebastian com toda a força que tinha, prendendo as pernas ao redor do corpo dele. Temia ser roubada dele novamente. Temia que Arabella

voltasse a assombrá-los, que a morte a arrastasse de volta, que o amor de Stark fosse uma mentira.

Desejou, imensamente, que aquela cena jamais acabasse. Que seus destinos se entrelaçassem da maneira perfeita com que seus corações o faziam. Moira desejou insanamente que o tempo não passasse, restando a ela permanecer sob Sebastian, induzida aquele amor ensandecido. Que os olhos dele jamais deixassem os dela novamente.

Havia selvageria e desespero em seus movimentos, seguidos por uma lentidão deliciosa. Moira deixou seu corpo embrenhar-se no dele, pertencendo a ele, tomando-o para si. Suas respirações misturavam-se com facilidade. Sebastian repetiu seu nome com o sotaque galês pesado, o tom grave e rouco, um ronronar apaixonado acariciando a pele de Moira conforme a boca do pirata passeava por cada canto dela.

Quando se afastaram, Moira deitou sobre Sebastian, pousando sua testa sobre a dele. O pirata estava ofegante, os olhos vidrados em luxúria e paixão, os lábios vermelhos pela quantidade de beijos profundos que a garota havia roubado. Moira entrelaçou suas mãos às dele e conteve a si mesma de beijá-lo outra vez, ardentemente tentada pela maneira arfante com que a respiração dele acariciava sua pele.

– *Moira*. – Stark murmurou pela centésima vez. A voz sedutora, rouca, inundada em fascínio. – Minha Moira.

Ela fechou os olhos, deixando-se levar pelo amor que Sebastian havia demonstrado tão abertamente.

Seu coração transbordava e doía com isso.

O pirata beijou seu rosto, longa e carinhosamente. A barba dele fez cócegas na pele de Moira. Ela sorriu com suavidade.

– No que está pensando, amor?

– Nas consequências disso tudo. – ela respondeu abertamente, mirando nele seu olhar mais decidido. Sebastian cingiu as sobrancelhas. Ele a examinou com curiosidade, e Moira soube que a astúcia do pirata não deixava escapar seus sinais.

– Você tomou sua decisão. – A pergunta soou como uma afirmação.

– Não havia outra coisa a ser decidida. Percebi que isso me perseguia desde que pisei no convés do Espírito de Gelo. – Ao pronunciar o nome do navio destruído, Moira viu o rosto de Sebastian se contorcer em pesar.

– As coisas mudaram muito desde aquela época. – ele murmurou soturno. – Qualquer que seja a sua escolha, saiba que pode contar comigo. – acariciou o rosto dela, prendendo um cacho de seu cabelo entre seus dedos. – E esteja ciente de que eu a amarei para sempre.

Moira caminhou até Armand, enlaçando o braço do rapaz ao parar ao seu lado. Ele a encarou com um sorriso animado, observando as luzes indicando a capital ao fundo, unidas às cores do crepúsculo.

Depois de terem deixado aquela horrenda tempestade para trás, seguindo as indicações que a própria Arabella havia rabiscado em pergaminhos, Moira perdeu a conta do tempo que se passou até se aproximarem da civilização. Estava dividida entre diálogos com Tamina e James, que se recuperava lentamente dos ferimentos, horas ao lado de Armand, mergulhada em seu olhar confortável e abraçada ao seu calor aconchegante, e madrugadas com Stark, viciando-se na sensação arrebatadora que era seu corpo unido ao dele.

Quando um dos marujos enfim gritou “*terra à vista*”, não pode deixar se sentir ansiosa. Encarou Sebastian lá no tombadilho, trocando com ele um olhar de aceitação, e caminhou na direção de Armand.

Era chegada a hora de estender ao rapaz sua decisão, de explicar-lhe os motivos que a haviam levado até ela. Moira estava certa de que Armand a aceitaria, e ficou imensamente agradecida ao receber o abraço dele.

Todos os caminhos tomados durante aquela jornada a haviam levado a essa escolha, e Moira não conseguia vislumbrar outro futuro que não se aventurando naquela decisão. Ela faria seu destino, dali para frente. Nada de trapaças ou jogos em busca de um tesouro. Era um grande passo aquele que estava dando, e Armand a apoiou, como seu porto seguro. Ele aceitou ficar ao seu lado, então tudo estava bem.

Moira faria com que tudo ficasse bem.

Epílogo

O povo da capital regozijava o retorno do querido filho do Comodoro Aragon. Quando o jovem Armand, até então dado como morto, foi avistado na praia, acompanhado da também desaparecida, porém não tão notória, Moira Black, os nobres exaltaram em felicidade. Sua alegria duplicou quando o jovem casal anunciou seu noivado; inesperada, a notícia trouxe euforia aos cidadãos. Um baile para o anúncio formal foi ordenado e o sequestro do pobre casal, realizado pelos horrendos piratas, foi esquecido – curiosamente, Moira e Armand não sabiam o paradeiro de seus algozes. O Comodoro ficou absolutamente insatisfeito com a notícia, e Moira podia jurar que o vira exaltar brados de fúria enquanto corria até o porto, ordenando que seus navios zarpassem para os quatro cantos da bússola, inspirado a procurar pelo Espírito de Gelo. Mal sabia ele que tal navio jamais voltaria a ser visto.

Moira estava de volta ao quarto na enorme mansão do governador, o mesmo outrora usado por ela numa época tão mais simples, onde sua mente só se preocupava com o abandono de Stark.

Agora, ela o havia deixado para trás.

Devaneios inundavam sua mente enquanto as servas, entre elas Mary, por quem Moira nutria grande carinho, apertavam e enlaçavam-na dentro de um lindo vestido de cor perolada. Desacostumada depois de tantas semanas, Moira ofegou quando o espartilho apertou seu tronco, arrancando-lhe o ar num só puxão.

- Está belíssima, senhorita. – Mary elogiou. – Seu noivo tem muita sorte.

Moira agradeceu com um sorriso falso. Ergueu os olhos acinzentados para uma das grandes janelas e observou o pôr-do-sol no horizonte. O céu, riscado por cores alaranjadas e vibrantes, derramava esse caleidoscópio sobre o mar. Assim que ficou sozinha, Moira debruçou-se na sacada do quarto, deixando que a brisa marítima viesse acariciar sua pele.

Durante muito tempo, acreditou não ser capaz de se acostumar com o oceano e sua instabilidade, mas chegou à conclusão de que ambos compartilhavam disso, oscilando entre calma e tempestade. Perigosos quando perturbados,

atraentes quando conhecidos. Moira fechou os olhos, sentindo falta da familiaridade que criara com o mar.

Batidas na porta a trouxeram de volta a realidade. Voltou-se para Armand, que se vestia impecavelmente em seu uniforme, exibindo no rosto aquela suavidade que sempre acalmava Moira, e arregalou os olhos para a figura emotiva ao lado dele. A senhora Lucy, a mulher que criara e cuidara e batalhara tanto para fazer de Moira uma grande mulher, muito mais a sua mãe do que Arabella jamais seria, adentrou o espaço do quarto aos berros e risos desconexos, fazendo Moira sorrir junto a ela. Esmagada debaixo do abraço caloroso da velha educadora, a menina de olhos acinzentados relaxou, lembrando-se do seu passado e da calma presente nele.

– Minha menina! – Lucy a afastou, segurando o seu rosto. Havia tanta euforia na mulher que Moira quase brincou com o fato, lembrando-se de quando Lucy a mandava retrair-se e guardar as emoções para si.

As servas passaram por Armand, sendo Mary a última delas. A jovem dirigiu um sorriso tímido para Armand, e o teve retribuído com genuína simpatia. Moira arqueou a sobrancelha para a cena, seu olhar mesclando curiosidade e ciúme.

– Eu tive tanto medo. Rezei tanto para que estivesse bem. – Lucy continuou a dizer, atraindo a atenção da garota uma vez mais. – O mar é uma imensidão tão perigosa, e você sobreviveu a ela!

O mar era agora parte dela, uma parte que jamais deixaria de existir, e Moira viu-se anuindo tristemente ao comentário da educadora. Lucy jamais suspeitaria de tudo que o oceano havia dado e tirado de Moira, jamais entenderia como aquela viagem fizera dela uma mulher e uma pirata e uma sonhadora ainda mais apaixonada pelas aventuras que havia lá fora.

– Moira... – diferente da maneira com que Sebastian pronunciava seu nome, todo paixão e avidez, Armand o fazia com carinho. No momento, também havia receio. – Tem certeza de que fez a escolha certa?

Lucy acariciou o cabelo da menina protetoramente.

– Claro que fez, jovem Aragon. Você e Moira estavam destinados a isso. – ambos se encararam, certos de que havia mais verdades na fala da mulher do que ela podia imaginar.

Moira tocou a mão de Lucy e se afastou, caminhando na direção de Armand. Abraçou-o fortemente, com a mesma intensidade com que o havia feito outras vezes. Recordou-se do dia em que haviam se conhecido, quando tudo não passara de um encontro inesperado. Quando o jovem rapaz com olhos da cor do mar entrou em sua vida, fugindo das responsabilidades.

Como o destino era curioso.

Agora, depois de tantos anos, os laços se fortaleceram. Não os laços criados

por Iolanda, por meio de magia. Isso apenas fortalecera aquele que já existia entre Moira e Armand. Eles eram unidos pela eternidade, e nem mesmo os deuses negariam isso. Eram almas entrelaçadas.

Agora, ela recebia de Armand um ultimato final antes de lançar-se rumo a uma decisão inesperada. Mas Moira estava certa. Depois das semanas que se passaram, onde pesou suas incertezas, cair nas graças do desconhecido era o que podia lhe acontecer de melhor. O sentimento era bom, ela percebeu com alegria. E Armand estava ali para apoiá-la.

– Sim. – ela sorriu para o rapaz, apertando sua mão. Virou-se para Lucy, prometendo-lhe estar certa do que dizia. – Eu tomei a minha decisão.

Armand a puxou para um forte abraço, orgulhoso pela força nos olhos dela. Beijou a testa da garota demoradamente, depois seus lábios de maneira rápida. Moira aproveitou o gosto dele, de canela e delicadeza, e embrenhou os dedos em seu cabelo arrumado, deliciando-se com a maciez dos fios claros. Lucy pigarreou para afastá-los, e Moira o encarou com gratidão.

– Promete que ficaremos bem? – Indagou num sussurro, os lábios próximos ao queixo dele. Armand suspirou longamente, mantendo as mãos ao redor dos ombros dela. O toque sempre protetor, não importava o quanto Moira se provasse forte.

– Aye. – ele respondeu com um sorriso bem humorado. Moira sentiu a tensão em seu âmago desaparecer. – Está na hora do nosso noivado. – Piscou um olho. Guiou-a para fora do quarto, mantendo a mão trêmula de Moira entre a sua.

x x x

Começou como qualquer baile começaria: danças pomposas, bom vinho e conversas exaltadas. Moira caminhou entre os convidados, cumprimentando e recebendo cumprimentos, o olhar perdido em algo que consumia seus pensamentos. Armand, por outro lado, era recepcionado com glória pelos presentes, recebendo abraços apertados e até mesmo algumas lágrimas.

Moira observou a cena com ligeira descrença. *Como eram falsos aqueles nobres.* Metade deles nunca havia visto Armand em toda a vida e a outra só o conhecia o suficiente para saber que demonstrar alegria ao vê-lo retornar, noivo de uma moça de boa índole, os colocaria em bons panos aos olhos do Comodoro.

O mesmo que se encontrava próximo ao governador no momento, discursando sobre política, a garota imaginava.

Quando uma nova valsa teve início, Moira entrou para a dança.

Os pares trocavam conforme a música tinha sequência, e em determinado momento, a jovem caiu nos braços de um elegante cavalheiro vestido com os

mais finos tecidos, exibindo uma máscara de malícia. Os olhos eram elétricos como os raios de uma tempestade.

– Está mortalmente bela, *cariad*. Mas prefiro quando não está usando vestidos. Na verdade, quando não está usando *nada*. – Ele lhe sussurrou. Moira arqueou as sobrancelhas, mas os pares trocaram antes que dissesse alguma coisa. Deixou-se levar pelo resto da música.

Armand, afastado, estreitou o olhar. No mesmo instante, um louro alto e atraente esbarrou no rapaz, lançando um olhar de falsa desculpa. O desconhecido mancava um pouco e tinha uma das mãos apoiada na lateral do corpo, como se algum machucado antigo o debilitasse. Armand acenou discretamente e se afastou, rumando até o pai, exibindo na expressão uma mescla de desconfiança e seriedade.

Um tumulto teve início, se espalhando quando alguém empurrou mordomos ao chão. Um tiro cortou o ar do lado de fora do salão e os guardas para lá rumaram. O cenário ficou caótico de repente. Moira foi empurrada pela multidão em direção à saída. Ela sorriu com a recordação de uma cena semelhante a aquela, ocorrida no que parecia tanto tempo atrás. No momento, adrenalina pura corria por suas veias.

Seu corpo estacou contra o do Comodoro, que estava parado na porta, ajudando os convidados a fugirem. Ele a segurou, exibindo um olhar preocupado.

– A senhorita está bem?

– Ei, companheiro. Tire as mãos dela. – O sotaque galês imperou naquelas palavras. Os olhos de Aragon se arregalaram quando a frase foi proferida. Um soco cortou o ar, acertando em cheio o nariz do homem. Moira teve o braço agarrado e viu-se arrastada para longe. Não conteve a gargalhada alta que escapou por seus lábios ao mirar em Sebastian um olhar de diversão.

– Sebastian Stark está aqui! – ouviram o grito colérico do Comodoro. – Peguem-no!

– Senhor! Estão roubando o navio!

– O Rainha Vitória está zarpando!

Moira trombou com James, que vinha correndo a frente, e, juntos, os três dispararam pela rua deserta. Às suas costas, um batalhão de soldados corria para alcançá-los.

Quando um guarda os interceptou, Moira lançou uma adaga perfeitamente escondida no decote de seu vestido contra a garganta do homem. James jogou a própria espada para a garota, que a usou para derrubar outros homens que se puseram em seu caminho. Depois dos duelos, a garota viu-se correndo na direção de antes, alcançando Stark e James no exato momento em que foram

cercados.

O trio se entreolhou, mas não foi necessário lutarem. Dos becos escuros, os marujos do Tormenta das Águas saíram. Cada um derrubou um soldado, deixando o caminho livre. O porto foi alcançado com facilidade, ainda que o eco dos gritos do Comodoro e de seus subordinados os alcançasse.

O Rainha Vitória estava distante, mas dois escaleres aguardavam seus futuros tripulantes. Não havia qualquer outra embarcação disponível no momento – o Comodoro, afinal, havia ordenado que elas saíssem à caça de Sebastian Stark – portanto, não havia meio de que fossem alcançados ao chegar ao alto mar.

Moira liderou os fugitivos, disparando com a pistola quando o Comodoro apontou em sua mira. O tiro certo deixou de atingir o homem por alguns centímetros, cravando-se no chão a sua frente. Ele ergueu o olhar irado para a garota, que agora soprava a fumaça do cano da arma, exibindo uma máscara de desafio.

– Moira Black, a coroa vai caçá-la por isso!

– Vai ser um prazer fugir de vocês! – Ela gritou de volta, reverenciando-o, sorrindo mordaz.

Armand, ao fundo, observou a garota se afastando com um brilho de encantamento nos olhos. Moira voltou-se para ele e houve uma última troca de olhares. Ela fez um aceno de agradecimento com a cabeça e o jovem retribuiu com orgulho.

No futuro, quando questionado, Armand negaria ter ajudado uma pirata. Diria que aquilo era insano, um ultraje. Armand Aragon não havia ordenado que os grupos de patrulha deixassem o porto mais cedo, não havia sinalizado para os piratas entrarem em sua festa de noivado, e definitivamente não havia erguido a perna quando o pai tentara correr para alcançar Sebastian Stark. Armand não aceitava a pirataria, a condenava e detestava, tinha dias turbulentos por suas irregularidades em todo o oceano. Ele tinha passado a noite ultrajado pela escolha de Moira, tal como a senhora Lucy – ainda que ambos tenham trocado um olhar compreensivo, quase como se o eco do sorriso de Moira garantisse-lhes que ela ficaria bem.

Quando lhe perguntassem sobre seu sequestro, Armand diria se lembrar de pouco da viagem. Não dividiria sua aventura com qualquer um. Poucas seriam as pessoas que conheceriam sobre o lugar onde deuses e sereias ainda habitavam, onde mortos-vivos vagavam por ilhas assombradas e onde uma fonte da juventude trouxera uma grande mulher de volta à vida.

Mas Armand jamais negaria que seu o primeiro amor viria a se tornar uma aventureira. Armand contaria histórias sobre ela, longe dos olhos de seus superiores. Falaria aos seus filhos sobre a jornada que travara ao lado de Moira,

e das histórias seguintes construídas por ela, espalhadas como lendas em alto mar. Contaria a quem confiasse que Moira Black, sua destemida amiga, se tornara uma das mais gloriosas piratas de todos os tempos.

x x x

– Nenhuma movimentação. – Tamina avisou, fechando a luneta. Amanhecia, e os raios dourados do sol riscavam o céu com lentidão. Moira estava parada em frente ao timão, conduzindo o navio com a destreza que lhe fora ensinada. Cada palavra de Sebastian, cada comando que cabia ao capitão ordenador, tudo isso revoava pela mente ansiosa de Moira. As aulas dele seriam muito úteis quando enfim comandasse uma tripulação.

– Tamina... – ela encarou Moira com curiosidade. – O que é isso em seu pescoço? – O sorrisinho irônico da garota causou um rebuliço irado na mulher. Tamina escondeu a marca arroxeadada com o cabelo, ligeiramente surpresa, mas manteve as feições moldadas em fúria.

– Nada demais.

– Não parece “nada demais”.

– Isso é a consequência de muita liberdade dada a piratas abusados. – fez uma pausa, mirando o seu olhar colérico na figura que se aproximava. – Piratas que vão acordar amarrados ao mastro do navio. – Afastou-se com brusquidão, rumando para a popa da embarcação.

James arqueou as sobrancelhas pelo afastamento repentino, virando o rosto para acompanhar os passos de Tamina, e isso deu a Moira a chance de observar os contornos avermelhados de um belo tapa estalado contra o seu rosto.

Ela pigarreou.

– Tudo certo entre vocês? – James massageou a bochecha, parecendo recordar o que causara aqueles cinco dedos estampados em sua pele, e sorriu para Moira da maneira mais maliciosa possível.

– Mais certo impossível.

Moira caiu na gargalhada, balançando a cabeça para ele. Seus olhos recaíram sobre a figura quieta em seu convés, aguardando o momento de sua separação. O Rainha Vitória, que logo passaria por uma renomeação, se aproximava do Tormenta das Águas, como prometido a Stark.

Fora o pirata quem os ajudara a roubar o navio da marinha. Ele também sugerira a Moira participar de algum baile ou evento, de modo a marcar seu rosto para um alto figurão do governo. A menina havia pensado no noivado porque a súbita quebra dele mostraria que não só havia deixado seu passado para trás, como deixara o que se esperava dela. Se havia algo de que um bom pirata se

orgulhava era de sua fama. E Moira começara a sua com o pé direito.

Doera se separar de Armand, mais do que qualquer outra dor que Moira acreditava ser capaz de sentir. O rapaz, no entanto, a havia compreendido. Havia visto a determinação em seus olhos de tempestade, e aceitado que seus caminhos se separavam ali.

Moira pediu que James cuidasse do timão enquanto se adiantava para dar uma última palavrinha com Sebastian. Ela já construía planos sobre o que faria a seguir; arranjar uma boa tripulação, buscar por um bom tesouro, aventurar-se em mares desconhecidos... Buscar por jornadas que *ela* queria, como quando fantasiava em sua infância. Seria sua própria heroína, dali para frente.

Sebastian ergueu um olhar genuinamente orgulhoso para Moira.

Os dois ficaram lado a lado, observando enquanto o Rainha se aproximava do Tormenta. A tripulação de Stark passou ao outro navio, enquanto seu capitão demorava-se um pouco mais. Ele segurou o rosto de Moira com uma das mãos e, como sempre, espalhou labaredas pela pele dela.

– Aquela cena no porto foi ótima. – ele comentou casualmente. – Mas ainda tem muito a aprender.

– Algo me diz que eu tive um ótimo professor na arte da pirataria. – Moira ergueu o sorriso malicioso, causando risos nele. Stark arqueou uma sobrancelha.

– Sabe que piratas não costumam dizer adeus, não sabe? O oceano é muito grande, há muito a ser descoberto, mas, vez ou outra, nossos caminhos voltam a se cruzar. – Ele abraçou sua cintura, arrebatando Moira uma última vez. A garota afastou o rosto antes que Sebastian a beijasse, deslizando os lábios pelo queixo dele, fazendo-o estremecer.

– Se algum dia receber a notícia de que está sendo caçado, talvez seja eu a sua procura. – Ela brincou.

– Não me tente, Black. Posso ser um alvo perigoso.

– Eu gosto do perigo, Stark.

Compartilharam um sorriso e então um beijo profundo. Moira deliciou-se com o gosto dele. Quando se afastou, no entanto, não houve pesar ou melancolia. Houve um piscar de olhos e cumplicidade maliciosa.

– Já sabe que nome dar a esse navio? – Moira olhou em volta, para o mar brando que balançava suavemente ao seu redor. Lembrou-se das tormentas enfrentadas pelo Espírito de Gelo e de como gostava da maneira com que as tempestades surgiam inesperadas, arrebatando quem estivesse em seu caminho.

– Tempestade. – Disse ao pirata. Sebastian abriu o mais largo de seus sorrisos.

– Boa pilhagem, *cariad*. E cuidado por onde navega. Há mais perigos entre o céu e o inferno do que supõe levianamente o marujo despreparado.

– Acontece que eu não sou um marujo despreparado, *savvy*?

– Aye. – ele roubou um último beijo. – Você é uma capitã.

Stark agarrou-se a uma corda e saltou na direção do Tormenta das Águas. Tamina parou ao lado de Moira com os braços cruzados, encarando-o com diversão.

– Aquele velho lobo do mar nunca gostou de despedidas.

– Quem disse que isso é uma despedida? – Moira riu para ela, sendo acompanhada com satisfação. – Tamina... Tem certeza de que quer viajar comigo? Quero dizer, você e Stark se separarem... Está tudo bem?

– Fui eu quem me apresentei para o cargo de primeira imediata, capitã. – a pirata sorriu suavemente. – Além do mais, Sebastian Stark sabe se cuidar sozinho.

– O que sugere então, primeira imediata?

Tamina deu de ombros. – Uma tripulação viria bem a calhar.

– Ah, eu conheço um lugar excelente para se arranjar ótimos piratas. – James exclamou lá de cima. As duas voltaram-se para ele, Tamina exibindo desconfiança. – Mas vamos precisar passar por alguns obstáculos. Ciclopes e um horrendo kraken. Garanto que, depois dali, só haverá homens corajosos.

– Por que mesmo eu o deixei vir a bordo? – Tamina exaltou abismada.

– Porque você me acha irresistível. – Moira caiu na gargalhada. Subiu até o tombadilho e assumiu o timão, encarando o horizonte como um novo desafio.

– Sabe, James... Uma vez Stark me disse que para ser um grande pirata, precisa-se de um coração partido e um navio roubado. Para minha sorte, eu agora tenho os dois. – a morena vestiu o chapéu que havia roubado de Arabella Snow, sombreando seu rosto no que, futuramente, seria uma marca de sua lenda. – Hora de buscar novos horizontes.

– Aye, capitã.

Fim...



Gostou do livro? Não deixe de enviar a sua opinião à autora: deniseflaibam@hotmail.com

Conheça outras obras dela através do link:
<http://www.skoob.com.br/autor/8552-denise-flaibam>

[1] Reforço na proa de um navio usado para danificar o casco da embarcação inimiga.

[2] Sim.

[3] Olá.

[4] *Cariad (galês): amor.*

[5] *Bachgen (galês): menino*

[6] Um [navio de guerra](#) de grande poder militar